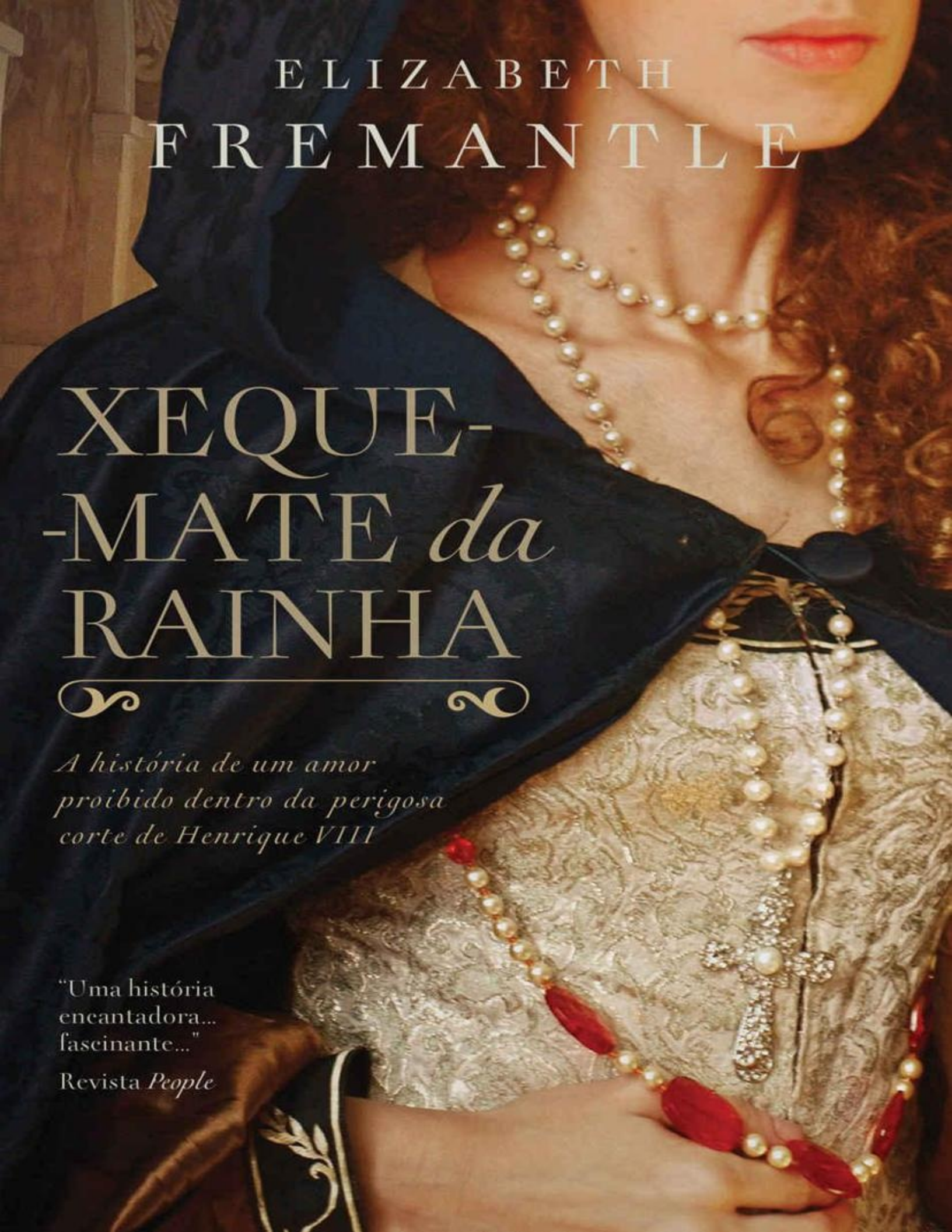

ELIZABETH
FREMANTLE
XEQUE-
-MATE da
RAINHA
A história de um amor
proibido dentro da perigosa
corte de Henrique VIII
"Uma história
encantadora...
fascinante..."
Revista People

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ELIZABETH
FREMANTLE

XEQUE-MATE *da* RAINHA

A história de um amor proibido dentro da perigosa corte de Henrique VIII

Tradução
MARIA ALICE STOCK

pa ra le la

Para Alice e Raffi

Prólogo

Charterhouse, Londres, fevereiro de 1543

O notário cheira a poeira e tinta. Latymer se pergunta por que, quando um sentido embota, outro fica mais aguçado. Consegue detectar o cheiro de tudo, o forte odor de cerveja no hálito do sujeito, o aroma fermentado do pão assado na cozinha ali embaixo, o fedor de cachorro molhado do spaniel enrolado em frente à lareira. Mas enxerga pouco, o quarto gira e o homem é um vulto escuro inclinado sobre a cama com um sorriso que mais parece uma careta.

"Ponha sua assinatura aqui, senhor", diz ele, como se falasse com uma criança ou um idiota.

Um sopro de violetas o envolve. É Katherine — sua querida, querida Kit.

"Deixe-me ajudá-lo a se levantar, John", diz ela, enquanto puxa seu corpo para a frente e coloca um travesseiro atrás.

Ela o levanta facilmente. Deve ter definhado um bocado nos últimos meses. Não é nenhuma surpresa, dado o caroço em suas entranhas, duro e redondo como uma toranja. O movimento desencadeia algo, uma onda insuportável que sobe por seu corpo forçando-o a dar um grunhido desumano.

"Meu amor." Katherine acaricia sua testa.

Seu toque é sereno. A dor o aferroa mais fundo. Consegue ouvir o tilintar de Katherine preparando uma tintura. A colher brilha em contato com a luz. O frio do metal toca seus lábios, e um fio líquido faz uma poça em sua boca. O odor argiloso traz de volta a lembrança distante de cavalgadas na floresta e com isso uma tristeza, pois seus dias de cavalgada acabaram. Sua garganta está inchada demais para engolir e ele tem medo de sentir dor novamente. A dor diminuiu, mas permanece, como o notário que se apoia alternadamente em um pé depois no outro, envergonhado. Latymer se pergunta por que o homem não está mais acostumado a esse tipo de coisa, uma vez que testamentos são seu meio de vida. Katherine alisa sua garganta e a tintura desce. Logo vai fazer efeito. Sua esposa tem um dom para remédios. Ele pensou em que tipo de poção ela poderia preparar para libertá-lo daquela carcaça inútil. Ela saberia exatamente o que funcionaria. Afinal, qualquer uma das plantas que usa para amortecer sua dor poderia matar um homem com a dose certa — um pouco mais disso ou daquilo e

estaria resolvido.

Mas como pedir isso a ela?

Uma pena é colocada entre seus dedos e sua mão é levada aos papéis para que possa assinar. Seu rabisco fará de Katherine uma mulher de posses consideráveis. Ele espera que não traga a maldição dos caçadores de fortuna a sua porta. Ela ainda é bem jovem, com pouco mais de trinta anos, e o carisma que o fez se apaixonar tão profundamente — já um velho viúvo — paira em volta dela como um halo. Nunca teve a beleza ordinária das esposas dos outros homens. Não, seus atrativos complexos floresceram com a idade. Mas Katherine é astuta demais para se deixar levar por um sedutor eloquente de olho na fortuna de uma viúva. Ele deve demais a ela. Quando pensa em como ela sofreu em seu nome, tem vontade de chorar, mas seu corpo é incapaz disso.

Não lhe deixou o castelo de Snape, sua sede em Yorkshire; ela não ia querê-lo. Ficaria feliz, dissera muitas vezes, se nunca mais tivesse que pisar lá. Snape irá para o jovem John. O filho de Latymer não se tornou bem o homem que se esperava e ele se perguntara com frequência que tipo de filho poderia ter com Katherine. Mas esse pensamento é sempre obscurecido pela memória do bebê morto, a criança maldita que fora concebida quando os rebeldes católicos saquearam Snape. Ele não suporta imaginar como aquele bebê veio a existir, produzido por ninguém menos que Murgatroyd, que costumava levar para caçar lebres quando criança. Era um doce rapaz, não mostrava nenhum sinal do bruto que se tornaria. Latymer amaldiçoa o dia em que deixou sua jovem esposa sozinha com seus filhos para ir à corte pedir perdão ao rei, amaldiçoa antes de tudo a fraqueza que o fez se envolver com os rebeldes. Seis anos se passaram desde então, mas os eventos daquela época estão gravados em sua família como palavras em uma lápide.

Katherine ajeita as cobertas, cantarolando; é uma cantiga que ele não reconhece, ou não lembra. Um repente de amor o invade. Seu casamento foi por amor — para ele, ao menos. Mas ele não fez o que maridos devem fazer: não a protegeu. Katherine nunca falou a respeito. Queria que ela tivesse gritado e brigado com ele — que o tivesse odiado, culpado. Mas ela permaneceu equilibrada e contida, como se nada tivesse mudado. E sua barriga cresceu, insultando-o. Somente quando o bebê chegou e morreu dentro de uma hora, ele viu lágrimas marcarem seu rosto. Mesmo então, entretanto, nada foi dito.

Esse tumor, devorando-o devagar, é sua punição, e tudo que ele pode fazer em reparação é deixá-la rica. Como pode lhe pedir algo mais? Se ela pudesse habitar seu corpo arruinado por um instante sequer, faria seu desejo sem questionar.

Seria um ato de misericórdia, e certamente não há pecado nisso.

Ela está à porta, despedindo-se do notário, depois flutua de volta para sentar-se ao lado dele, tira a touca e deixa-a ao pé da cama, massageando as têmporas com as pontas dos dedos e sacudindo o cabelo como numa tela de Ticiano. Seu perfume de flores secas chega até ele, que deseja afundar a cabeça nesses cabelos como costumava fazer. Pegando um livro, ela começa a ler em voz baixa, o latim deslizando facilmente pela língua. É Erasmo. O latim dele está enferrujado demais para que compreenda; devia se lembrar do livro, mas não consegue. Ela sempre fora mais educada que ele, embora fingisse o contrário, nunca fora de se gabar.

Uma batida tímida na porta os interrompe. É Meg, de mãos dadas com aquela criada desengonçada, cujo nome lhe escapa. Pobre pequenina, desde que Murgatroyd e seus homens vieram, ficou agitada como um potro, o que o fez pensar no que fora feito a ela também. O pequeno spaniel desperta, abana o rabo e agita-se freneticamente aos pés das mulheres.

“Pai”, murmura Meg, dando um beijo primaveril em sua testa. “Como está?”

Ele levanta a mão, um grande amontoado de gravetos mortos, e coloca-a sobre a mão jovem e macia dela, tentando sorrir.

Meg se dirige a Katherine, dizendo: “Mãe, Huicke está aqui”.

“Dot”, Katherine diz à criada, “faça o doutor entrar.”

“Sim, senhora.” Ela vai em direção à porta, as saias roçando.

“E Dot…”, completa Katherine.

A criada para à porta.

“… Peça a um dos rapazes para trazer mais lenha para a lareira. Estamos queimando o último tronco.”

A garota assente, fazendo uma reverência.

“Hoje é aniversário de Meg, John”, diz Katherine. “Ela faz dezessete anos.”

Ele se sente impedido, quer vê-la direito, ler a expressão em seus olhos castanhos, mas os detalhes estão borrados. “Minha pequena Margaret Neville, uma mulher… dezessete anos.” Sua voz é um grunhido. “Alguém vai querer se casar com você. Um belo jovem.” A noção de que nunca conhecerá o marido da filha atinge-o como um tapa na cara.

Meg enxuga os olhos com as mãos.

Huicke entra no quarto. Tem vindo todos os dias esta semana. Latymer se pergunta por que o rei manda um de seus próprios médicos cuidar de um lorde desgraçado do norte como ele. Katherine acha que é um sinal de que foi mesmo perdoado. Mas não faz sentido, e ele conhece o rei o suficiente para suspeitar

que haja segundas intenções no gesto, embora não tenha certeza de quais sejam.

O médico é uma sombra preta esguia aproximando-se da cama. Meg se retira com outro beijo. Huicke afasta as cobertas, fazendo escapar um fedor rançoso, e começa a apalpar o caroço com dedos de borboleta. Latymer detesta aquelas mãos infantis. Nunca viu Huicke tirar as luvas, que são macias e aveludadas como pele humana. Usa por cima delas um anel incrustado com uma granada do tamanho de um olho. Latymer odeia o homem por causa das luvas, a fraude delas passando-se por mãos, e o modo como o fazem se sentir impuro.

Repentes de dor aguda o consomem, tornando sua respiração rápida e superficial. Huicke fareja um frasco de alguma coisa — sua urina, supõe —, erguendo-o contra a luz enquanto conversa em voz baixa com Katherine. Ela se anima com a companhia do jovem médico. Pelo menos ele é tolo e efeminado demais para ser uma ameaça, mas Latymer odeia-o com força por sua juventude e sua esperança, não só por suas mãos enluvadas. Deve ser brilhante para estar a serviço do rei ainda tão jovem. O futuro de Huicke está diante dele como um banquete, enquanto o seu está esgotado. Latymer devaneia, vozes sussurradas o preenchem.

“Dei-lhe uma coisa nova para a dor”, ela diz. “Casca de salgueiro-branco e agripalma.”

“A senhora tem o toque de um médico”, Huicke responde. “Eu não teria pensado em usá-las juntas.”

“Eu me interesso por ervas. Tenho minha própria horta medicinal…” Ela para. “Gosto de ver coisas crescerem. E tenho o livro de Bankes.”

“*Herbário de Bankes*, é o melhor de todos. Bem, eu acho, mas é bastante desprezado pelos acadêmicos.”

“Imagino que considerem um livro para mulheres.”

“É verdade”, diz ele. “E é precisamente isso que o torna interessante para mim. Em minha opinião, as mulheres sabem mais sobre cura que todos os acadêmicos em Oxford e Cambridge juntos, mas geralmente guardo isso para mim.”

Latymer sente uma dor súbita atravessá-lo, mais aguda desta vez, dobrando-o ao meio. Ouve um grito e mal reconhece como seu. Está morrendo de culpa. O espasmo torna-se afinal uma dor persistente. Huicke se foi e ele supõe que estivera dormindo. É acometido então de um repentino senso de urgência. Precisa pedir a ela antes que a voz o abandone, mas como dizê-lo?

Segura o punho de Katherine, surpreso com sua própria força, e ordena: “Dê-me mais tintura”.

“Não posso, John”, ela responde. “Já lhe dei o máximo possível. Mais poderia…” As palavras ficam suspensas.

Ele a agarra com mais força, grunhindo. “É o que quero, Kit.”

Ela olha para ele, diretamente, sem dizer nada.

Ele pensa poder ver seus pensamentos como as engrenagens de um relógio, perguntando-se, ele imagina, onde na Bíblia encontrar justificativa para aquilo; como reconciliar sua alma com tal ato; aquilo poderia levá-la à prisão; fosse ele um faisão atacado por um cão, não haveria problema em torcer seu pescoço por piedade.

“O que você está me pedindo condenará nós dois”, ela sussurra.

“Eu sei”, ele responde.

1

Palácio de Whitehall, Londres, março de 1543

Uma neve tardia caiu e as torres cobertas de branco do Palácio de Whitehall desaparecem contra o céu. O pátio está forrado de neve suja semiderretida até a altura dos calcanhares e, apesar da serragem que foi espalhada, formando uma trilha improvisada sobre as pedras, Katherine sente o frio úmido encharcar os sapatos, a barra molhada de suas saias batendo gelada nos tornozelos. Ela está tiritando; joga a capa espessa em volta do corpo enquanto o cavalariço ajuda Meg a descer.

"Aqui estamos", diz alegremente, estendendo a mão para Meg, embora alegria seja a última coisa que sinta.

O rosto de sua enteada está vermelho. A cor realça seus olhos castanhos, dando-lhes uma aparência fresca e límpida. Ela tem o olhar doce e ligeiramente assustado de um animal silvestre, mas Katherine consegue perceber o esforço que faz para segurar mais lágrimas. Reagiu mal à morte do pai.

"Venha", diz Katherine, "vamos para dentro."

Dois cavalariços desselam os cavalos e escovam-nos energicamente com punhados de palha, trocando gracejos. O cavalo cinza de Katherine, Pewter, mexe a cabeça, fazendo tilintar o arreio, e relincha, lançando nuvens de vapor no ar como um dragão.

"Calma, garoto", diz Katherine, que segura a rédea e acaricia o focinho aveludado, deixando-o fungar em seu pescoço. "Ele precisa beber alguma coisa", diz ao cavalariço, entregando-lhe as rédeas. "Seu nome é Rafe, não é?"

"Sim, senhora", ele responde. "Lembro-me de Pewter. Fiz uma compressa nele uma vez." Seu rosto fica vermelho de vergonha.

"Sim, ele estava mancando. Você fez um ótimo trabalho."

O rosto do rapaz se abre em um sorriso. "Obrigado, senhora."

"Sou *eu* quem deveria agradecer", diz ela, enquanto Rafe leva Pewter para o estábulo. Ela segura a mão da enteada e dirige-se à porta principal.

Está entorpecida de tristeza há semanas e preferiria não ter que ir à corte tão pouco tempo depois da morte do marido, mas foi convocada — Meg também —, e uma ordem vinda da filha do rei não é algo que se possa recusar. Além disso,

Katherine gosta de Lady Mary, conheceram-se quando crianças, até tiveram o mesmo tutor quando a mãe de Katherine servia a mãe de Mary — a rainha Catherine de Aragón —, antes de o rei mandá-la embora. As coisas eram mais simples naquela época, antes do cisma, quando tudo ficou de ponta-cabeça, o país fendido em dois. Mas não vão ordenar que fique na corte ainda. Mary respeitará seu período de luto.

Quando pensa em Latymer e no que fez para ajudá-lo a partir, um turbilhão se ergue dentro dela como uma panela de leite fervendo. Precisa se lembrar do horror de tudo aquilo para se reconciliar com suas ações: os gritos angustiados, a forma como seu próprio corpo tinha se voltado contra ele, seu pedido desesperado. Procurou na Bíblia desde então um precedente, mas não há histórias de morte por misericórdia ali, nada para dar esperança a sua alma desonrada, e não há como escapar. Ela matou o marido.

Katherine e Meg entram no grande salão, ainda de mãos dadas. Cheira a lã molhada e madeira queimada e está fervilhando de gente, movimentado como uma praça de mercado. As pessoas circulam pelas alcovas e pavoneiam-se nas galerias, exibindo suas roupas finas. Nos cantos, algumas jogam jogos de tabuleiro, cartas ou dados, apostando. Ocasionalmente fazem uma algazarra quando alguém ganha ou perde. Katherine observa Meg, espantada diante de tudo aquilo. A menina nunca esteve na corte, mal esteve fora de casa, e depois da tranquilidade mortal de Charterhouse, toda coberta de preto, aquilo deve ser um rude despertar. Formam um par sóbrio com seus trajes de luto entre os bandos de damas com roupas vistosas que passam por elas, conversando animadamente, os vestidos elegantes balançando conforme se movem, como se estivessem dançando, sempre olhando em volta procurando quem notou quão bem-vestidas estão, ou para reparar, com inveja, nas que estão trajadas melhor. Gostam de pequenos cachorros, que ficam aninhados em seus braços como regalos ou trotam a seus pés. Até Meg consegue rir ao ver um que pegou carona na cauda da dona.

Pajens e arautos vão de um lado para o outro e pares de serviçais passam entre as pessoas, carregando cestos de lenha destinados a alimentar as lareiras nas salas públicas. Mesas compridas estão sendo dispostas para o jantar no grande salão por um exército de rapazes da cozinha, que tagarelam e fazem barulho, cada um equilibrando uma braçada de pratos. Um grupo de músicos afina os instrumentos, as cordas dissonantes finalmente transformam-se em algo como uma melodia. Música enfim, pensa Katherine, imaginando-se carregada pelo som, rodopiando e girando até mal poder respirar de alegria. Ela interrompe o

pensamento. Não pode dançar ainda.

Param diante de um bando de guardas que passa marchando e ela se pergunta se vão prender alguém, lembrando-se de quão pouco quer estar naquele lugar. Mas uma ordem é uma ordem. Leva um susto quando duas mãos chegam do nada e cobrem seus olhos, fazendo seu coração subir para a garganta.

“Will Parr”, ela exclama, rindo.

“Como você sabia?”, pergunta Will, abaixando as mãos.

“Reconheceria seu cheiro em qualquer lugar, irmão”, ela diz com sarcasmo, tampando o nariz como se estivesse com nojo e virando-se de frente para ele, que está no meio de um grupo de homens e sorri como um menininho, o cabelo acobreado espetado onde antes estava o chapéu, os olhos de cores diferentes — um cor de água, outro caramelo — brilhando a sua maneira irreverente.

“Lady Latymer. Mal posso me lembrar da última vez que a vi.” Um homem dá um passo adiante. Tudo nele é comprido: nariz comprido, rosto comprido, pernas compridas e olhos que têm algo de cão de caça. Mas de algum modo a natureza conspirou para deixá-lo bastante atraente apesar da estranheza. Talvez tenha algo a ver com a confiança inabalável que vem de ser o mais velho dos irmãos Howard e o próximo duque de Norfolk.

“Surrey!” Um sorriso invade seu rosto. Talvez não seja tão ruim na corte, com todos esses rostos conhecidos por perto. “Ainda faz versos?”

“Sim. Vai gostar de saber que melhorei muito.”

Uma vez ele escrevera um soneto para ela, quando eram pouco mais que criancinhas, e riam daquilo com frequência desde então — “virtude” rimava com “amiúde”. A lembrança lhe dá vontade de rir. Uma de suas “vergonhas juvenis”, como ele dizia.

“Sinto muito por vê-la de luto”, continua ele, agora sério. “Mas ouvi dizer quanto seu marido sofreu. Talvez seja uma bênção que tenha falecido afinal.”

Ela assente com a cabeça, o sorriso se desfaz, é incapaz de encontrar palavras para responder; pergunta-se se ele suspeita dela, esquadrinha seu rosto em busca de sinais de acusação. As circunstâncias da morte de Latymer foram descobertas? Estão falando disso nos corredores do palácio? Talvez os embalsamadores tenham visto alguma coisa — seu pecado escrito nas entranhas do marido. Ela desconsidera essa ideia. O que deu a ele não deixa rastro e não há acusação no tom de Surrey, é certo. Caso apareça no rosto dela, vão pensar que está perturbada de tristeza, mas mesmo assim seu coração está batendo forte.

“Deixe-me apresentar minha enteada, Margaret Neville”, ela diz, recompondo-se.

Meg está logo atrás com um olhar mal disfarçado de horror frente à ideia de ter que ser apresentada a esses homens, mesmo que um deles seja Will, que é praticamente seu tio. O desconforto está estampado nela. Desde aqueles acontecimentos malditos em Snape, Katherine a tem mantido afastada da companhia de homens tanto quanto pode, mas agora não há escolha. Além do mais, ela terá que se casar em algum momento. Katherine deverá cuidar disso mas, Deus sabe, a garota ainda não está pronta.

"Margaret", diz Surrey, tomando a mão de Meg. "Conheci seu pai. Era um homem notável."

"Era, sim", ela murmura com um sorriso vago.

"Você não vai *me* apresentar a sua irmã?" Um homem se levanta, alto, quase tanto quanto Surrey. Tira a boina de veludo adornada por uma pena de avestruz enorme que balança e dança com o floreio desnecessário da mesura.

Katherine suprime uma risada que surge do nada. Ele está vestido de forma espetacular, um gibão de veludo preto com seda vermelha saindo pelas fendas e uma gola de zibelina. Parece se dar conta de que ela reparou na zibelina, pois levanta a mão para acariciá-la, como para enfatizar sua posição. Katherine se esforça para lembrar a lei suntuária e quem tem direito de usar zibelina, tentando identificar onde ele se encaixa. As mãos dele estão carregadas de anéis, além do bom gosto, mas seus dedos são belos e finos e passeiam entre a zibelina e a boca. Ele põe o dedo do meio sobre o lábio inferior deliberadamente devagar, sem sorrir. Mas seus olhos, azuis — obscenamente azuis — e seu olhar direto, desarmador, fazem Katherine corar. Ela o olha nos olhos só por um instante e nota uma ligeira agitação, mas em seguida encara o chão.

Ele piscou para ela? Que insolência. Piscou para ela. Não, deve ter sido sua imaginação. Mas então por que está imaginando esse tolo empertigado piscando?

"Thomas Seymour, esta é minha irmã, Lady Latymer", anuncia Will, que parece estar se divertindo com o que quer que tenha acabado de acontecer.

Ela deveria ter percebido. Thomas Seymour é publicamente conhecido pelo dúbio título de "homem mais perfeito da corte", objeto incessante de fofocas, paixões juvenis, corações partidos, discórdia entre casais. Admite para si mesma seus atrativos; é uma beldade, isso é inegável, mas ela não será enfeitiçada por seus encantos, já viveu demais para isso.

"É uma honra, senhora", diz ele com uma voz macia como manteiga batida, "finalmente conhecê-la afinal."

Surrey revira os olhos.

Então não estou perdendo nada, ela pensa. “Finalmente *e* afinal!” Escapa de sua boca antes que consiga impedir; não consegue suprimir a vontade de pôr aquele homem em seu lugar. “Meu Deus!” Põe a mão sobre o peito fingindo estar exageradamente surpresa.

“De fato, senhora, ouvi falar de sua beleza”, ele continua calmamente, “e ver-me diante dela me deixa sem fala.”

Ela se pergunta se, por beleza, ele se refere a sua recém-adquirida fortuna. Notícias de sua herança devem ter circulado. Will, por exemplo, não consegue manter a boca fechada. Sente um repente de raiva pelo irmão e seu falatório.

“Sem fala?” Este é um galanteador, pensa, procurando uma resposta mordaz. Mantém o olhar firme em sua boca, sem ousar olhá-lo nos olhos novamente, mas sua língua rosada e úmida aparece, perturbadora. “Surrey, o que acha? Seymour mordeu a língua.” Surrey e William começam a rir, e ela quebra a cabeça buscando uma resposta, então enuncia: “E pode ser sua ruína”.

Os três homem caem juntos na gargalhada. Katherine sente-se triunfante; sua inteligência não a abandonou, nem mesmo frente a essa criatura perturbadora.

Meg olha espantada para a madrasta. Não teve muitas oportunidades de ver essa Katherine, a dama da corte perspicaz. Katherine sorri para Meg, tranquilizando-a, enquanto Will a apresenta a Seymour, que olha para ela como se fosse comestível.

Katherine pega sua mão, dizendo: “Venha, Meg, vamos nos atrasar para ver Lady Mary”.

“Tão breve e ainda assim tão doce.” Seymour sorri, afetado.

Katherine o ignora, dá um beijo no rosto de Surrey e, ao se afastar, dá meia-volta e abaixa a cabeça na direção de Seymour, por polidez.

“Vou acompanhá-las”, diz Will, deslizando entre as duas e dando um braço a cada uma.

“Eu gostaria que você não discutisse minha herança com seus amigos”, Katherine diz sibilante, quando estão nas escadarias, fora do alcance dos outros.

“Você acusa rápido demais, irmã. Eu não disse nada. A notícia acabou se espalhando, era inevitável, mas…”

Ela o interrompe. “Então o que era tudo aquilo sobre minha famosa beleza?”

“Kit”, ele ri, “realmente acho que ele estava se referindo a sua beleza.”

Ela bufa.

“Você precisa ser sempre a irmã mais velha mal-humorada?”

“Desculpe, Will. Você tem razão, não é sua culpa que as pessoas estejam comentando.”

“Não, sou *eu* quem tem que pedir desculpas. As coisas têm sido difíceis para você.” Ele segura a seda preta do vestido dela entre os dedos. “Você está de luto. Eu deveria ter tomado mais cuidado.”

Caminham em silêncio pela longa galeria em direção aos aposentos de Lady Mary. Will parece cismado e Katherine suspeita que esteja pensando que gostaria que fosse ele de luto pela esposa. Os dois se odeiam desde que se conheceram. Anne Bourchier, a única herdeira do idoso conde de Essex, era o prêmio que sua mãe havia conquistado quase implorando para seu único filho. Com Anne Bourchier vieram grandes expectativas, entre elas o título de Essex para levar os Parr um ou dois degraus acima. Mas o casamento não trouxera nada ao pobre Will, nenhum filho, nenhum título, nenhuma felicidade; nada além de desgraça, pois o rei deu o condado a Cromwell e Anne fugiu com um clérigo do interior. Will não conseguia se livrar do escândalo, era sempre assediado com piadas sobre “enganos clericais”, “esconderijos de padre” e “mitra”. Não via graça nenhuma e, não importa quanto tentasse, não conseguia fazer o rei sancionar seu divórcio.

“Está pensando em sua esposa?”, ela pergunta.

“Como você sabe?”

“Conheço você mais do que imagina, Will Parr.”

“Ela teve outro fedelho com aquele maldito padre.”

“Ah, Will, o rei vai acabar mudando de ideia e você poderá fazer de Lizzie Brooke uma mulher honesta.”

“Lizzie está perdendo a paciência”, Will resmunga. “Quando penso nas esperanças que mamãe tinha nesse casamento, em tudo que fez para arranjá-lo…”

“Bem, ela não viveu para ver dar errado. Talvez isso tenha sido bom.”

“Era seu maior desejo ver os Parr novamente em ascensão.”

“Nosso sangue é bom o bastante, Will. Nosso pai serviu o velho rei e seu pai serviu Edward IV, nossa mãe serviu a rainha Catherine.” Ela conta os familiares nos dedos. “Você quer mais?”

“Isso é história”, Will diz num grunhido. “Nem me lembro de meu pai.”

“Só tenho vagas lembranças dele”, ela diz, embora lembre-se claramente do dia em que foi enterrado; quão indigna ela se sentira por ser considerada jovem demais, aos seis anos, para ir ao funeral. “Além do mais, nossa irmã Anne serviu todas as cinco rainhas e agora serve a filha do rei. E é provável que eu a sirva também.” Ela fica irritada com a ambição do irmão, tem vontade de dizer que, se ele se importa tanto com a ascensão dos Parr, deveria buscar favores junto às

pessoas certas em vez daquele sujeito. Seymour pode ser tio do príncipe Edward, mas é seu irmão Hertford que tem voz com o rei.

Will começa sua ladainha novamente, mas parece pensar melhor. Os dois continuam a caminhar em silêncio, serpenteando entre a multidão que circula em frente aos aposentos do rei.

Então ele aperta seu braço, dizendo: “O que acha de Seymour?”.

“Seymour?”

“Sim, Seymour…”

“Nada de mais.” Sua voz sai entrecortada.

“Você não o acha esplêndido?”

“Não especialmente.”

“Achei que poderíamos tentar arranjar um casamento com Meg.”

“Com Meg?”, ela diz bruscamente. “Você perdeu a cabeça?”

A cor sumiu do rosto da garota.

Ele comeria a pobrezinha viva, pensa Katherine. “Meg não vai casar com ninguém por enquanto. Não quando o corpo de seu pai mal esfriou.”

“Foi só…”

“Uma ideia ridícula”, ela vocifera.

“Ele não é o que você pensa, Kit. É um de nós.”

Com isso ela imagina que Will quer dizer que Seymour é a favor da nova religião. Ela não gosta de ser agrupada com os reformadores da corte, prefere guardar seus pensamentos sobre o assunto. Aprendeu ao longo dos anos que é mais seguro cultivar certa opacidade ali.

“Surrey não gosta dele”, ela diz.

“Ah, é só uma coisa de família, nem é sobre religião. Os Howard acham os Seymour arrogantes. Não afeta Thomas.”

Katherine bufa.

Will as deixa admirar a nova pintura do rei que está exposta na galeria. É tão nova que ela consegue sentir o cheiro de tinta; as cores são vívidas, com os detalhes em dourado.

“Essa é a última rainha?”, pergunta Meg, apontando para a mulher sóbria com uma touca triangular ao lado do rei.

“Não, Meg”, Katherine sussurra, colocando um dedo sobre seus lábios, “é melhor não mencionar a última rainha. Essa é a rainha Jane, a irmã de Thomas Seymour, que você acabou de conhecer.”

“Mas por que a rainha Jane é retratada, se já houve duas rainhas depois dela?”

“A rainha Jane é a que deu ao rei o herdeiro.” Katherine omite o comentário

de que Jane Seymour morreu antes que o rei se cansasse dela.

“Então este é o príncipe Edward.” Meg aponta para o garoto, uma versão em miniatura do pai, imitando sua pose.

“Sim, e estas são Lady Mary e Lady Elizabeth”, Katherine diz, apontando para as duas garotas pairando na borda da tela como borboletas sem lugar para pousar.

“Vejo que está admirando meu retrato”, diz uma voz atrás delas.

Katherine e Meg se viram.

“Will Sommers!”, gorjeia Katherine. “*Seu* retrato?”

“Você não me vê?”

Ela olha novamente, encontra-o no fundo da imagem.

“Ali está você. Não tinha notado.” Ela vira para a enteada. “Meg, este é Will Sommers, o bufão do rei, o homem mais honesto da corte.”

Ele estica a mão e tira uma moeda de cobre de detrás da orelha de Meg, provocando nela uma rara risada descontraída.

“Como fez isso?”, ela pergunta com uma voz aguda.

“Mágica”, responde ele.

“Não acredito em mágica”, diz Katherine. “Mas reconheço um bom truque quando vejo.”

Ainda estão rindo quando chegam aos aposentos de Lady Mary, onde a favorita de Mary, Susan Clarencieux, surge imponente diante da porta, vestida de amarelo-gema, silenciando-os como uma víbora.

“Ela está com uma daquelas dores de cabeça”, diz Susan com um sorriso forçado. “Então não façam barulho.” Olhando Katherine de cima a baixo, como se calculando o valor do vestido e achando-o barato demais, ela diz: “Tão sério e escuro, Lady Mary não vai gostar”. Em seguida, cobre a boca com a mão. “Perdoe-me, esqueci que estava de luto.”

“Está esquecido”, responde Katherine.

“Sua irmã está na câmara privada. Com licença, preciso cuidar de…” Ela não termina a frase e desliza de volta para dentro do quarto, fechando a porta silenciosamente.

Elas andam pela câmara onde algumas damas cuidam de seus trabalhos manuais. Katherine as cumprimenta acenando com a cabeça até encontrar sua irmã Anne no nicho de uma janela.

“Kit”, diz Anne. “Que prazer vê-la finalmente.” Ela se levanta e dá um abraço na irmã. “E Meg.” Anne dá um beijo em cada bochecha dela.

A garota relaxou visivelmente agora que estão num aposento de mulheres.

“Meg, por que não vai olhar as tapeçarias? Acho que seu pai está retratado em uma delas. Veja se consegue encontrá-lo.”

Ela vai até a outra ponta do cômodo e as duas irmãs se sentam em um banco ao lado da janela.

“Então, o que está acontecendo? Por que acha que fui chamada?” Katherine não consegue afastar os olhos da irmã, seu sorriso tranquilo, o brilho translúcido de sua pele, as mechas pálidas que escapam da touca, seu rosto perfeitamente oval.

“Lady Mary vai ser madrinha. Muitas pessoas foram chamadas para ver.”

“Não fui só eu, então… fico contente de saber. Quem vai ser batizado?”

“Um bebê Wriothesley. Uma menina chamada…”

“Mary”, elas dizem ao mesmo tempo, rindo.

“Ah, Anne, como é bom ver você. Minha casa é sombria demais.”

“Vou visitá-la em Charterhouse quando a prin…” Ela põe as duas mãos sobre a boca e suspira. “Quando Lady Mary permitir.” Ela chega perto da orelha de Katherine e sussurra: “Lady Hussey foi mandada para a Torre por chamá-la de princesa”.

“Eu lembro”, diz Katherine. “Mas faz anos, e ela estava fazendo birra. Era diferente. Um deslize assim não seria punido.”

“Ah, Kit, você passou tempo demais longe deste lugar. Esqueceu-se de como é?”

“Um ninho de cobras”, murmura Katherine.

“Ouvi dizer que o rei mandou Huicke cuidar de seu marido”, diz Anne.

“Mandou. Não sei por quê.”

“Latymer certamente foi perdoado então.”

“Suponho que sim.”

Katherine nunca tinha entendido completamente o papel de Latymer no levante que foi chamado de Peregrinação da Graça, quando todo o norte, quarenta mil homens católicos, diziam, ergueu-se contra as reformas de Cromwell. Alguns dos líderes foram a Snape armados até o pescoço. Houve discussões acaloradas no salão e bastante gritaria, mas ela não conseguiu captar os pontos principais do que estava sendo dito. Quando viu, Latymer estava se preparando para partir, relutante, mas disse a ela que precisavam de homens como ele para liderá-los. Katherine se perguntava que tipo de ameaças haviam feito, pois Latymer não era facilmente coagido, embora achasse a causa deles justificada, pois os monastérios estavam sendo arrasados, os monges eram enforcados em árvores e um modo de vida era destruído — sem esquecer a

amada rainha, jogada de lado, e a garota Boleyn que manipulava o grande rei como um brinquedo. Foi assim que Latymer descreveu a revolta. Mas pegar em armas contra o rei — aquele não era o marido que ela conhecia.

“Você nunca falou a respeito”, diz Anne. “Do levante, quero dizer. Do que aconteceu em Snape.”

“É algo que preferiria esquecer”, diz Katherine, encerrando a conversa.

Uma versão dos acontecimentos tinha se espalhado pela corte na época. Era de conhecimento geral que, quando o exército real pôs os rebeldes na defensiva, Latymer partiu para Westminster para pedir perdão ao rei e os rebeldes acharam que ele tinha mudado de lado, então mandaram Murgatroyd e seus homens fazerem Katherine e Meg de reféns e saquearem Snape — o que foi uma boa fonte de boatos. Mas nem mesmo sua irmã sabia sobre o bebê morto, o filho bastardo de Murgatroyd. Nem que ela se entregara àquele bruto em desespero, o segredo mais sombrio de todos. Salvara as garotas, mas nunca deixou de imaginar o que Deus pensaria daquilo, pois adultério não tem perdão de acordo com a Igreja. Katherine se perguntou muitas vezes por que é que todos os líderes haviam ido para a forca, incluindo Murgatroyd — duzentos e cinquenta condenados à morte em nome do rei quando o levante falhou —, e Latymer não. Talvez ele os tivesse traído de fato. Murgatroyd certamente presumiu que sim. Ela prefere acreditar que Latymer fora leal, como ele sustentava, do contrário para que tinha servido tudo aquilo? Mas Katherine nunca saberia a verdade.

“Você ouviu alguma coisa, Anne, sobre Latymer e por que foi perdoado? Houve rumores na corte?”

“Não chegou nada aos meus ouvidos, irmã”, diz Anne, tocando a manga de Katherine, pousando a mão ali por um instante. “Não fique pensando nisso. O passado é passado.”

“Sim.” Mas ela não consegue evitar pensar em como o passado erode o presente, como a podridão em uma maçã.

Katherine olha para Meg no outro lado da sala, procurando atentamente a figura do pai na tapeçaria. Ao menos a imagem dele não foi apagada como a dos outros. Olha de novo para Anne — a doce, leal, descomplicada Anne. Há algo nela, um frescor, como se tivesse mais vida em si do que pudesse abrigar. Katherine percebe de repente o porquê. Seu coração se entristece e, inclinando-se para a frente, põe a mão no corpete de Anne e pergunta: “Você está escondendo algo de mim?”. Imagina se seu sorriso esconde o rompante de ciúme que surge diante da fertilidade da irmã. Está estampado nela, o rubor e a resplandecência da gravidez que Katherine quis tanto para si mesma.

Anne fica vermelha. “Como é que você sabe tudo, Kit?”

“Que notícia maravilhosa.” As palavras ficam presas em sua garganta; sua viuvez é um fato duro irrefutável, a possibilidade de um bebê não passa de uma fantasia distante em sua idade; ela não tem nenhum filho, somente o bebê morto de que nunca se fala.

Seus pensamentos devem ter se infiltrado até a superfície, pois Anne põe uma mão reconfortante sobre a sua e diz: “Ainda há uma chance para você, irmã. Certamente se casará outra vez”.

“Acho que dois maridos são o suficiente”, responde Katherine, encerrando o assunto com firmeza, embora complete num sussurro, “mas estou feliz por você. Sei que *este* não será um pequeno católico com Lady Mary como madrinha.”

Anne põe um dedo sobre os lábios fazendo “shhh” e as irmãs partilham um sorriso secreto. Ela estende a mão para a cruz pendurada no pescoço de Katherine. “O crucifixo de diamantes de mamãe”, diz, segurando-o sob a luz. “Na minha lembrança, era maior.”

“Você que era menor.”

“Faz muito tempo que mamãe se foi.”

“Sim”, Katherine diz, mas só consegue pensar em por quanto tempo a mãe foi viúva.

“E essas pérolas”, diz Anne, ainda manuseando o crucifixo, “são quase cor-de-rosa. Tinha esquecido. Um dos elos está solto.” Ela chega mais perto. “Deixe-me ver se consigo consertar.” A ponta da língua escapa para fora enquanto ela se concentra apertando o elo aberto entre o polegar e o indicador.

Katherine gosta que a irmã esteja perto. Consegue sentir seu perfume, doce e reconfortante, como maçãs maduras. Ela vira um pouco para que Anne alcance melhor seu pescoço. Na madeira da parede, pode ver claramente onde rasparam as iniciais CH. Pobre Catherine Howard, a última rainha. Deviam ser os aposentos dela. É claro, são os melhores do palácio, depois dos aposentos do rei.

“Pronto”, diz Anne, soltando o crucifixo, que caiu de volta sobre o vestido de Katherine. “Você não ia querer perder uma das pérolas de mamãe.”

“Como foi com a última rainha, Anne? Você não falou muito sobre o assunto.” A voz de Katherine se reduz a um sussurro e seus dedos acariciam distraidamente o lugar arranhado no painel.

“Catherine Howard?”, ela gesticula.

Katherine faz que sim.

“Kit, ela era tão jovem; mais jovem que Meg até.”

Ambas olham para Meg, que parece mal ter saído da infância.

“Não tinha sido criada para ter uma posição alta. Norfolk arrancou-a dos Howard para servir suas próprias necessidades. Seus modos, Kit, você não pode imaginar como era grosseira e fútil. Mas era uma coisinha bonitinha, e o rei ficou completamente descontrolado diante de seus…” Ela para, procurando a palavra certa. “… Atrativos. O apetite dela foi sua ruína.”

“Por homens?”, pergunta Katherine, baixando ainda mais o sussurro.

As irmãs estão bem perto agora e com o rosto meio virado em direção à janela, de modo a não serem ouvidas.

“Quase uma compulsão.”

“Você gostava dela, Anne?”

“Não… acho que não. Era insuportavelmente frívola. Mas não teria desejado *aquele* destino a ninguém. Ser decapitada daquela forma e tão jovem. Kit, foi aterrorizador. Suas damas foram questionadas uma a uma. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Algumas deviam saber o que ela andava fazendo, encontrando-se daquele jeito com Culpepper, debaixo do nariz do rei.”

“Ela era só uma menina. Nunca deveria ter sido posta na cama de um homem velho, rei ou não.”

As duas ficam em silêncio por um tempo. Pela janela, Katherine observa um bando de gansos voando sobre o lago à distância. “Quem interrogou você?”, pergunta finalmente.

“Foi o bispo Gardiner.”

“Você teve medo?”

“Fiquei petrificada, Kit. Ele é um sujeito maldoso. Não é um homem para ser contrariado. Uma vez o vi deslocar o dedo de um garoto do coral por errar uma nota. Eu não sabia de nada, então não havia muito que pudesse fazer comigo. Mas todas nos lembrávamos da história da garota Boleyn.”

“É claro, Anne Boleyn. Foi a mesma coisa.”

“Exatamente a mesma coisa. O rei se afastou, recusou-se a ver Catherine, como fez com Anne. A pobre garota ficou louca de medo. Correu gritando pela galeria só de camisola. Ainda me lembro dos gritos. A galeria estava cheia de gente, mas ninguém sequer olhou para ela, nem mesmo seu tio Norfolk. Você consegue imaginar?” Ela olha para o vestido, puxando um fio solto. “Graças aos céus não fui escolhida para servi-la na Torre. Não acho que teria aguentado, Kit. Estar ali, vê-la subir no patíbulo. Soltar a touca. Tirar os adereços do pescoço.” Ela estremece.

“Pobre criança”, murmura Katherine.

“E dizem por aí que o rei está em busca de uma sexta esposa.”

“De quem estão falando?”

“Os rumores variam, como sempre. Toda mulher não casada teve o nome cogitado, até você, Kit.”

“Absurdo”, balbucia Katherine.

“É em Anne Bassett que as pessoas estão apostando”, continua Anne. “Mas ela é só uma menina, mais jovem ainda que a última. Não consigo imaginá-lo casando com outra jovem assim. Catherine Howard o abalou profundamente. Mas a família da pequena Anne está promovendo a garota mesmo assim. Ela tem um guarda-roupa novo completo para exibir.”

“Este lugar”, diz Katherine com um suspiro. “Você sabia que Will sugeriu um casamento entre Meg e aquele Seymour?”

“Não me surpreende nem um pouco.” Anne revira os olhos. “São unha e carne, aqueles dois.”

“Não vai acontecer”, dispara Katherine.

“Então você não cedeu aos encantos do galanteador do palácio?”

“Nem um pouco. Achei-o…” Ela não consegue encontrar as palavras, está distraída pelo fato de Seymour ter rondado sua mente na última hora. “Ah, você sabe.”

“Estas aqui não concordariam com você”, diz Anne, acenando em direção ao grupo de damas mais jovens espalhadas diante da lareira, conversando e fingindo costurar. “Você precisa ver como elas flutuam quando ele passa, como borboletas numa rede.”

Katherine dá de ombros, dizendo a si mesma que não é uma daquelas borboletas. “Ele nunca se casou? Deve ter quantos anos, vinte e nove?”

“Trinta e quatro!”

“Não aparenta a idade que tem”, ela diz, surpresa. Mas a ideia que domina sua mente é que Thomas Seymour é mais velho que ela.

“Não aparenta, de fato…” Anne faz uma pausa, depois completa: “Acho que me lembro de boatos sobre ele e a duquesa de Richmond uma vez”.

“Quem, Mary Howard?”, pergunta Katherine. “Pensei que os Howard e os Seymour fossem…”

“Pouco amigáveis… sim, é provavelmente por isso que nunca deu em nada. Pessoalmente, acho que ele está em busca de uma esposa ainda mais ilustre.”

“Bem, então Meg não seria apropriada.”

“Ela está *cheia* de sangue Plantageneta”, diz Anne.

“Pode até ser, mas eu a consideraria uma boa esposa, não uma esposa ilustre.”

“Verdade”, diz Anne.

Meg se afasta das tapeçarias e vai sentar ao lado delas. O grupo de damas a observa de cima a baixo quando passa, sussurrando.

“Viu seu pai, Meg?”, pergunta Anne.

“Vi. Tenho certeza de que era ele, no campo de batalha ao lado do rei.”

Susan Clarencieux causa um alvoroço ao sair do quarto de Mary, anunciando em seu tom particular, mandão mas ainda assim calmo: “Ela vai se vestir agora”. Virando-se para Katherine, diz: “Pediu que *você* escolha os trajes dela”.

Katherine, percebendo o tom contrariado, responde: “O que recomenda, Susan? Algo sóbrio?”.

Ela parece mais calma. “Ah, não, acho que algo para alegrá-la.”

“Tem razão, é claro. Alguma coisa colorida então.”

O rosto de Susan se contorce em um sorriso desconfortável. Katherine sabe como lidar com damas da corte arredias e suas inseguranças. Aprendeu com a mãe.

“E outra coisa”, continua Susan, enquanto Katherine alisa o vestido e ajeita a touca, “ela quer que lhe apresentem a menina.”

Katherine assente. “Venha, Meg. Não podemos deixá-la esperando.”

“Eu preciso ir?”, sussurra Meg.

“Precisa, sim.” Katherine apanha o braço de Meg de forma bem mais brusca do que pretendia, desejando que a garota fosse menos gauche, em seguida se repreende internamente por sua falta de amabilidade e acrescenta: “Ela pode ser a filha do rei, mas não deve temê-la. Você verá”. Passando a mão pelas costas de Meg, nota quão magra ela ficou, os ossos dos ombros protuberantes como pontas de asas.

Lady Mary está no quarto afundada em um vestido de seda. Tem uma aparência frágil e inchada no rosto; a juventude parece tê-la desertado completamente. Katherine faz as contas mentalmente, tentando lembrar quão mais nova Mary é do que ela. São só uns quatro anos, pensa, mas Mary parece murcha e tem um brilho febril nos olhos — o legado do tratamento que recebeu do pai, sem dúvida. Agora pelo menos ela vive na corte, onde pertence, e não está mais presa em um palácio distante, úmido e frio, escondida do mundo. Sua situação permanece delicada, entretanto, e, desde que seu pai despedaçou o país para provar que nunca tinha realmente sido casado com sua mãe, a pobre Mary tem a mancha da ilegitimidade pairando sobre si. Não surpreende que se atenha à antiga fé, sua única esperança de legitimidade e de um bom casamento.

Sua boca fina se transforma em um sorriso de saudação. “Katherine Parr”, ela diz. “Como estou alegre em tê-la de volta.”

“É de fato um privilégio estar aqui, senhora”, Katherine responde. “Mas só vim para o batismo de hoje. Disseram-me que será madrinha do novo bebê Wriothesley.”

“Só hoje? Que decepção.”

“Devo respeitar um período de luto por meu marido falecido.”

“Sim”, Mary diz em voz baixa, então levanta a mão, fecha os olhos e aperta o espaço entre as sobrancelhas por um instante.

“Está sentindo dor? Posso preparar alguma coisa”, diz Katherine, inclinando-se para passar a mão na testa de Mary.

“Não, não, tenho tinturas mais que suficiente”, responde ela, sentando-se ereta e respirando fundo.

“Se eu massagear suas têmporas, pode aliviar a dor.”

Mary faz que sim, então Katherine fica de pé atrás dela e pressiona as polpas dos dedos nas laterais de sua cabeça, movendo-as em círculos. A pele ali é fina como pergaminho, revelando um istmo de veias azuis. Mary fecha os olhos e apoia a cabeça na barriga de Katherine.

“Senti muito ao saber de Lorde Latymer”, Mary diz. “Muito mesmo.”

“É bondoso de sua parte, senhora.”

“Mas, Katherine, você vai voltar logo para servir em meus aposentos… preciso de amigos. Há somente sua irmã e Susan em quem posso realmente confiar. Quero estar cercada de mulheres que conheço. Há tantas damas aqui que nem sei quem são. Você e eu partilhamos um tutor quando crianças, Katherine, sua mãe serviu minha mãe. Sinto como se fôssemos quase parentes.”

“Fico honrada que a senhora pense em mim dessa maneira”, Katherine responde, somente então percebendo quão solitária a vida deve ser para uma mulher como Mary. Ela deveria ter se casado muito tempo atrás com algum magnífico príncipe estrangeiro, dado a ele um bando de principezinhos e aliado a Inglaterra a alguma terra grandiosa, mas foi empurrada de um lado para o outro, ora nas graças do rei, ora não, legítima, ilegítima. Ninguém sabe o que fazer com ela, menos ainda seu pai.

“Você ainda é da verdadeira fé, Katherine?”, Mary pergunta, baixando a voz para um sussurro embora não haja ninguém mais no quarto além de Meg, sem jeito atrás da madrasta. “Sei que seu irmão está comprometido com a Reforma, sua irmã e o marido também. Mas você, Katherine, você foi casada muito tempo com um lorde do norte e a antiga fé ainda se mantém forte por lá.”

“Sigo a fé do rei”, Katherine responde, esperando que nada seja depreendido de sua inexatidão. Sabe muito bem como as coisas são no norte no que diz

respeito a fé. Não consegue pensar nisso sem sentir as mãos ásperas de Murgatroyd sobre si, seu mau cheiro. Tenta afastar esse pensamento, mas ele persiste.

"A fé de meu pai", Mary diz. "Ele ainda é católico de coração, embora tenha rompido com Roma. Não é mesmo, Katherine?"

Katherine mal a escuta, não consegue evitar a lembrança de seu bebê morto, os olhos pretos abertos, o olhar inquietante lembrando-a de onde viera. Mas se recompõe, respondendo: "É verdade, senhora. Questões de fé não são mais diretas como costumavam ser".

Ela odeia a própria ambiguidade, não se sente nem um pouco melhor do que todos os pérfidos membros da corte, mas não encontra coragem para dizer a que ponto abraçou a nova fé. Não poderia encarar o desapontamento de Mary. Esta é uma mulher cuja vida foi uma série de grandes desapontamentos, e Katherine não suportaria provocar mais um, mesmo que pequeno, dizendo a verdade.

"Hummm", Mary murmura. "Quem dera fossem. Quem dera fossem." Ela manuseia distraidamente um rosário, suas contas tilintando conforme desliza os dedos pelo cordão de seda. "E esta é sua enteada?"

"Sim, senhora. Deixe-me apresentar-lhe Margaret Neville."

Meg dá um passo hesitante à frente e se abaixa fazendo uma reverência profunda, como lhe ensinaram.

"Chegue mais perto, Margaret", Mary ordena, "e sente-se, sente-se." Ela aponta para uma banqueta a seu lado. "Agora, diga-me sua idade."

"Tenho dezessete anos, senhora."

"Dezessete. E está prometida para alguém, imagino."

"Sim, senhora, mas ele faleceu."

Katherine a instruíra a dizer isso. Não seria adequado tornar público que seu noivo era um dos enforcados por traição após a Peregrinação da Graça.

"Bem, teremos que encontrar um substituto, não é?"

Só Katherine parece notar a cor se esvair do rosto de Meg.

"Você pode ajudar sua madrasta a me vestir."

A missa não tem fim. Meg está impaciente e a mente de Katherine vagueia lembrando Seymour e seu olhar desconcertante, aqueles olhos azuis. Só de pensar nele já fica perturbada, contrai-se por dentro. Ela se força a lembrar a pena ridícula balançando e a ostentação, tudo exagerado, e concentra-se de novo na cerimônia.

Lady Mary parece tão frágil que é espantoso que consiga carregar o bebê, redondo e robusto. O bispo Gardiner, que tem o rosto polpudo, como se fosse feito de cera derretida, preside a cerimônia. Ele demora, e sua voz, lenta e interminável, deixa o latim feio. Katherine só consegue pensar nele interrogando sua irmã, aterrorizando-a — nisso e no dedo do pobre rapaz do coral. Dizem que Gardiner tramou nos últimos anos para ficar mais e mais perto do rei, que procura seus conselhos tanto quanto os do arcebispo. A criança berra, com o rosto vermelho, sem descanso, até a água benta ser derramada sobre sua cabeça. Então fica completamente quieta, como se Satã tivesse sido expulso, e Gardiner adota uma expressão presunçosa, como se fosse feito seu, e não de Deus.

O rei não está presente. E Wriothesley, o pai da criança, parece perturbado. É um homem com cara de doninha, um ar permanente de desculpas e uma tendência a fungar; é lorde do selo privado e alguns dizem que tem as rédeas da Inglaterra nas mãos junto com Gardiner, mas não se imaginaria aquilo olhando para ele. Katherine repara em seus olhos cor de barro que vão com frequência até a porta, ansiosos, enquanto estala os dedos distraidamente, de modo que um leve claque cartilaginoso pontua a fala monótona de Gardiner. Uma desfeita como aquela poderia significar qualquer coisa em um rei cujos desejos mudam de uma hora para outra; o lorde do selo privado pode ter as rédeas da Inglaterra nas mãos, mas isso não significa nada sem a proteção dele. Wriothesley deveria saber tudo sobre os caprichos do rei: afinal de contas, foi um dos homens de Cromwell — outro em quem não se pode confiar —, mas conseguiu escapar e se desvencilhar de sua companhia assim que a maré virou.

Ao final, todos formam uma fila atrás de Lady Mary, que segura firme no braço de Susan Clarencieux, como se fosse desabar. Suas damas a seguem pela longa galeria, passando diante de uma multidão de cortesãos que se abre conforme ela se aproxima. Seymour está entre eles, e duas das garotas mais jovens dão risadinhas tolas quando ele sorri e levanta o chapéu com aquela pena ridícula na direção delas. Katherine desvia os olhos, fingindo estar fascinada com o comentário da velha Lady Butte sobre o modo de se vestir dos jovens, a interpretação livre da lei suntuária e o que foi que aconteceu com a cortesia. Em seu tempo as coisas eram diferentes, a mulher continua, e ninguém mais sabe mostrar respeito pelos mais velhos? Katherine ouve de leve Seymour dizer seu nome com algum galanteio sobre suas joias, sem dúvida insincero. Ela olha brevemente em sua direção fazendo um aceno rígido com a cabeça antes de se voltar para o desfile de comentários tediosos de Lady Butte.

Uma vez de volta à calma relativa dos aposentos de Lady Mary, Susan

Clarencieux empurra-as todas para as salas externas e ajuda Mary, que parece à beira do colapso, a entrar no quarto. As garotas mais jovens, agora que estão em particular, começam a tirar suas toucas elaboradas e a soltar os vestidos, conversando e rindo. As mulheres circulam em pequenos grupos, entregando-se enfim à leitura ou à costura, e distribui-se vinho com especiarias. Katherine está prestes a partir quando um tumulto começa do lado de fora, tambores e canto acompanhados por um alaúde e um forte ruído de passos. As garotas todas pegam suas toucas, vestem-nas apressadamente outra vez, ajudando umas às outras a amarrá-las, enfiando mechas soltas para dentro, enquanto beliscam a bochecha e mordem os lábios.

As portas se abrem e um bando de menestréis mascarados entra dançando na sala em meio a uma cacofonia de aplausos e assovios. Eles saltitam em uma dança complicada, girando em grupos de oito, empurrando as damas para os cantos. Katherine sobe em um banco, levando Meg junto, a fim de enxergar por cima das pessoas. Pode sentir a atmosfera no cômodo elevar-se para um frenesi contido, como estática antes da tempestade.

Sua irmã Anne segura uma das garotas e diz: “Chame Susan. Diga-lhe que há uma visita e Lady Mary precisa se apresentar”.

Katherine agora vê o motivo de toda a agitação e mal contém o espanto — ali no meio dos menestréis rodopiantes, mancando e equilibrando sua enorme forma, está o rei, vestido absurdamente, com uma perna preta e a outra branca. Ela se lembra dele fazendo isso anos atrás, acreditando-se completamente disfarçado, e a corte toda cúmplice na pantomima, tão desesperado estava por descobrir se as pessoas estavam tão encantadas com o homem quanto com o rei. Irrompia no salão como agora, cercado de seus cortesãos mais elevados, e ele, uma cabeça mais alto que todos os outros, ágil, forte, vigoroso, era de fato uma figura impressionante; o efeito era completamente desarmador, especialmente para Katherine, que naquela época era só uma menina. Mas pandegar daquele jeito, mal sendo capaz de ficar de pé sem o apoio de um homem de cada lado, o gibão de menestrel esticado sobre a cintura cilíndrica, com os fechos esturricados — tem ar de desespero. E estar cercado de tão bem formados espécimes, seus belos arautos e camareiros, jovens e cheios de vida, musculosos pela caça, torna a brincadeira toda pior ainda.

Meg está de pé, boquiaberta.

“É o rei”, sussurra Katherine. “Quando ele tirar a máscara, você deve fingir estar surpresa.”

“Mas por quê?” Seu rosto é a imagem do desconcerto.

Katherine dá de ombros. O que poderia dizer? A corte toda deve ser conivente com uma ilusão que faz o rei se sentir jovem e amado por si mesmo, quando na realidade tudo que ele inspira atualmente é medo. “É a corte, Meg”, ela diz. “As coisas aqui com frequência são difíceis de explicar.”

Os homens agora estão saltitando em um círculo e no centro está a pequena Anne Basset, posando timidamente. Sua mãe, Lady Lisle, observa, praticamente salivando, enquanto a filha madura de dezesseis anos gira entre os homens sob o olhar ganancioso do rei.

“Temo que a história esteja se repetindo”, murmura Anne. Ela não precisa dizer de que modo, a sala toda está pensando em Catherine Howard, exceto talvez Lady Lisle, cuja razão está sem dúvida encoberta pela ambição. Mas o círculo se desfaz e Anne Basset é levada em rodopios para um canto; a música para e o rei remove a máscara diante de grandes exclamações de falsa surpresa.

A sala toda se ajoelha, os vestidos das damas amarfalham-se no chão num mar de seda.

“Quem teria adivinhado? O rei!”, grita alguém.

Katherine mantém os olhos no chão, inspeciona os detalhes das tábuas de madeira, resistindo à tentação de cutucar a irmã por medo de cair na risada. Aquilo tudo é mais caricato que uma comédia italiana.

“Vamos”, diz o rei. “É uma visita informal. Levantem-se, levantem-se. Agora deixem-nos ver quem está entre vocês. Onde está nossa filha?”

A multidão se move, abrindo espaço para Lady Mary. Um raro sorriso se espalha em seu rosto e os anos parecem desaparecer como se uma migalha da atenção de seu pai tivesse parado o tempo.

Outros homens chegaram e estão andando pela sala.

“Will está aqui”, diz Anne. “Com sua turma.”

Katherine avista aquela pena subindo e descendo pela sala. Seu estômago revira e ela puxa Meg para o outro lado, mas então se vê diante do rei.

“Ah, é Lady Latymer que vemos se escondendo? Por que se esconde, senhora?”

Uma lufada de hálito fétido a engolfa e ela se esforça ao extremo para não apanhar o saché de ervas aromáticas que leva pendurado no cinto. “Não estou me escondendo, majestade, só impressionada.” Ela mantém o olhar no peito dele. Seu gibão branco e preto intricadamente bordado, que de perto se nota ser incrustado de pérolas, parece mantê-lo unido, as dobras nas beiradas dando a impressão de que se ele o despisse perderia completamente a forma.

“Oferecemos nossas condolências pelo falecimento de seu marido”, ele diz,

estendendo a mão para ela beijar o anel, que está encravado na carne de seu dedo do meio.

“É muita bondade, majestade.” Katherine ousa olhar de relance para o rosto do rei, redondo e massudo, os olhos de passas afundados no meio, e pergunta-se o que aconteceu com o homem magnífico que foi um dia.

“Disseram-me que cuidou bem dele. Todos conhecem sua habilidade para cuidar de enfermos. Um homem velho precisa de cuidados.” Em seguida, antes que tivesse chance de responder, ele se inclina para perto de sua orelha, próximo o suficiente para ela ouvir o chiado de sua respiração e sentir uma lufada de colônia. “É bom vê-la de volta à corte. Parece apetitosa mesmo vestida de luto.”

Katherine sente o rubor subindo e procura uma resposta, mas só consegue murmurar algumas palavras de gratidão.

“E quem é esta?”, ele diz com estrondo, felizmente pondo fim ao momento de intimidade. Está acenando na direção de Meg, que se abaixa fazendo uma profunda cortesia.

“É minha enteada, Margaret Neville”, anuncia Katherine.

“Levante-se, garota”, diz o rei. “Queremos vê-la direito.”

Meg obedece. Katherine percebe o tremor em suas mãos.

“E dê uma volta”, ordena ele. Depois de Meg girar para ele como uma égua em leilão, o rei grita “BU!”, fazendo-a saltar para trás, aterrorizada. “Coisinha nervosa, não é?”, ele ri.

“Ela não está acostumada com a corte, majestade”, Katherine responde.

“Precisa de um companheiro que quebre sua resistência”, ele afirma, depois pergunta a Meg: “Alguém aqui atrai você?”.

Seymour está por perto e Meg olha brevemente em sua direção.

“Ah! Vemos que está de olho em Seymour”, exclama o rei. “Um belo tipo, não acha?”

“N-n-não”, gagueja Meg.

Katherine lhe dá um chute na canela. “Acho que o que ela está querendo dizer é que Seymour não é nada quando comparado a vossa majestade”, intervém, a voz lisa como óleo, mal acreditando que tais coisas possam sair tão facilmente de sua boca.

“Mas falam dele como o homem mais bonito da corte”, responde o rei.

“Hummm”, diz Katherine, a cabeça pendendo para um lado, pensando na melhor maneira de responder. “É uma questão de opinião. Alguns preferem a maturidade.”

O rei emite uma gargalhada ruidosa e diz: “Acho que vamos arranjar um

casamento entre sua Margaret Neville e Thomas Seymour. Meu cunhado com sua enteada… soa bem".

Segurando ambas pelo cotovelo, ele as dirige para uma mesa de jogos na outra ponta da sala. Katherine não consegue pensar em uma maneira de desencorajar o casamento educadamente, então permanece calada. Duas cadeiras são trazidas às pressas pelos criados e o rei se senta com esforço em uma delas, fazendo sinal para Katherine se sentar na outra. Um tabuleiro de xadrez aparece magicamente do nada e o rei pede a Seymour que disponha as peças. Katherine não ousa sequer olhar de relance na direção dele, por medo de que a confusão de sentimentos que se contorce dentro dela chegue à superfície.

Está ciente do olhar afiado de Lady Lisle, ao lado da filha; quase pode ouvir os pensamentos da mulher maquinando como promover sua garota, educá-la, treiná-la, para apanhar os maiores peixes no mar. Deve estar feliz com o fato de Katherine, duas vezes viúva e com mais de trinta anos, não ter como competir com Anne no completo vigor da juventude. Se ele quer filhos vai escolher Anne Bassett ou uma menina como ela. E ele quer filhos, todo mundo sabe. Katherine faz sua jogada.

"Gambito de dama aceito", diz o rei, apanhando o peão branco e rolando-o entre os dedos gordos. "Você quer me atrair para o meio do tabuleiro." Ele olha para ela, os olhos encovados dardejando, a respiração chiando como se não houvesse espaço para ar dentro dele.

Movimentam-se para a frente e para trás, rapidamente e em silêncio.

O rei pega uma guloseima de um prato, coloca-a na boca, estala os lábios, depois apanha uma torre, movimenta-a, bloqueando a jogada de Katherine com um "A-ha!". Então inclina-se e diz: "*Você* vai precisar de um marido tanto quanto sua enteada".

Ela rola o pequeno cavalo branco sobre o lábio inferior. É macio como manteiga. "Em algum momento, talvez eu possa me casar novamente."

"Eu poderia torná-la rainha", ele declara.

Katherine sente gotículas de saliva perto da orelha. "Está brincando, majestade", diz, forçando uma pequena gargalhada.

"Talvez", ele grunhe. "Talvez não."

Ele quer filhos. Todo mundo sabe que ele quer filhos. Anne Bassett lhe daria muitos bebês — ou uma garota dos Talbot, dos Percy ou dos Howard. Não, não uma Howard, ele teve duas rainhas Howard e mandou ambas para o patíbulo. Ele quer filhos e Katherine não teve nada em dois casamentos a não ser um bebê morto secreto. A ideia cai sobre ela como uma bala de canhão: a ideia de fazer

um filho com Seymour, o belo Seymour, um homem no auge da vida. Seria um pecado que tal homem não procriasse. Katherine se repreende silenciosamente por alimentar um pensamento tão ridículo. Mas ele se recusa a ser reprimido e fica germinando ali no fundo.

Ela precisa de toda sua força de vontade para manter os olhos afastados de Seymour, para se concentrar no jogo e agradar ao rei.

Katherine vence.

O pequeno grupo de espectadores recua um pouco, como uma multidão prevendo uma grande explosão, quando ela exclama: “Xeque-mate”.

“É disso que gostamos em você, Katherine Parr”, diz o rei, rindo.

Os observadores relaxam.

“Você não nos diverte perdendo, como todos os outros que pensam que nos agrada sempre vencer.” Ele segura sua mão. “Você é honesta”, completa, puxando-a para perto, acariciando seu rosto com dedos encerados. A sala observa e Katherine está ciente do sorriso irreverente do irmão quando o rei faz uma concha com as mãos, aperta sua boca úmida na orelha dela e murmura: “Venha nos ver em particular mais tarde”.

Katherine se debate em busca de resposta. “Majestade, fico honrada”, diz. “Profundamente honrada que queira passar tempo sozinho comigo. Mas com meu marido falecido tão recentemente, eu…”

Ele põe um dedo sobre os lábios dela para silenciá-la, dizendo: “Não precisa explicar. Sua lealdade brilha. Admiramos isso. Você precisa de tempo. E terá para ficar de luto por seu marido”. Nisso faz sinal para que um de seus arautos o ajude a se içar da cadeira e, apoiando todo o peso nele, manca em direção à porta, seguido por sua comitiva.

Katherine vê o arauto tropeçar no pé do rei. O braço do rei voa, dando-lhe um forte tapa no rosto, como a língua de um sapo apanha uma mosca. O barulho de conversa para.

“Saia da minha frente, idiota. Quer que lhe cortem o pé por ser desastrado?”, diz o rei num rugido, fazendo o pobre arauto fugir às pressas assustado. Outro toma seu lugar e tudo continua como antes. É como se nada tivesse acontecido — ninguém comenta.

Enquanto procura a irmã, Katherine pode sentir que a atmosfera da sala mudou, voltou-se para ela. As pessoas abrem espaço para ela passar, lançando elogios como flores, mas Anne Bassett e sua mãe olham de soslaio do outro lado

da sala. Sua irmã é como uma ilha nesse mar dissimulado.

“Preciso sair deste lugar, Anne”, ela diz.

“Lady Mary se retirou, ninguém vai se importar se você for”, a irmã responde. “Além do mais”, ela completa com uma cotovelada descontraída, “parece que nada que você fizer vai estar errado.”

“Irmã, isso não é brincadeira. Há um preço para esse tipo de vantagem.”

“Você está certa”, diz Anne, de repente séria. Estão ambas pensando em todas aquelas rainhas infelizes.

“Ele só estava flertando. Ele é o rei… tem o direito de fazer isso, imagino… não é nada sério…”, Katherine diz atropelando as palavras. “Mas é melhor eu ficar longe da corte por algum tempo.”

Anne assente com a cabeça. “Vou acompanhá-la até a porta.”

Está quase escuro no pátio e finos flocos de neve brilham na luz das tochas debaixo das arcadas. Boa parte da neve suja está novamente congelada e os criados pisam com cuidado sobre as pedras. Um grande grupo chega, desce dos cavalos fazendo barulho, e a quantidade de pajens e arautos que aparecem para recebê-los sugere que devem ter certa importância. Katherine nota os olhos arregalados e o sorriso de desprezo de Anne Stanhope, que ela conhece desde a infância, uma menina vingativa e arrogante com quem partilhou por vezes a sala de aula real tantos anos atrás. Stanhope desliza diante delas, de nariz empinado, empurrando o vestido de Anne com o ombro ao passar, como se não a tivesse visto, sem cumprimentar nenhuma das irmãs Parr.

“Vejo que algumas coisas nunca mudam”, Katherine diz, bufando.

“Ela está insuportável desde que casou com Edward Seymour e se tornou condessa de Hertford”, diz Anne. “Você poderia pensar que ela é a rainha, do jeito que anda por aí.”

“Mas ela é descendente direta de Edward III”, diz Katherine, revirando os olhos.

“Como se não soubéssemos”, Anne diz com um grunhido.

“Como se nos deixasse esquecer.”

Um pajem traz suas peles, Katherine e a enteada se embrulham para se proteger do frio e despedem-se de Anne, que desaparece na escadaria de pedra. Katherine vai sentir falta da intimidade descomplicada que tem com ela, a melancolia de Charterhouse não a atrai, embora esteja contente de ir embora dali.

Elas esperam pelos cavalos sentadas num banco. Meg parece exausta. Katherine fecha os olhos, deixando a cabeça cair para trás e se apoia na parede de pedra, pensando na agonia prolongada de Latymer, em quão difícil deve ter sido para a garota.

“Lady Latymer”, diz uma voz, trazendo-a de volta.

Ela abre os olhos e encontra Seymour de pé a sua frente. Sente um frio no estômago.

“Margaret”, ele diz a Meg, sorrindo como um homem que sempre consegue o que quer. “Teria a bondade de pedir desculpas por mim a seu tio? Ele está me esperando no grande salão e tenho alguns assuntos a discutir com Lady Latymer antes que ela vá embora.”

“Assuntos?”, pergunta Katherine quando Meg desaparece escada acima. “Se tem a intenção de pedir a mão de Margaret…”, ela começa a dizer, mas ele a interrompe.

“De maneira alguma. Não… embora ela seja uma garota adorável… e com sangue Plantageneta para completar”, balbucia como se ligeiramente desarmado.

Isso surpreende Katherine, porque ela também se sente assim, abordada por esse homem a sós. Ele está um pouco perto demais, mais perto do que seria correto. Os elementos de seu rosto parecem todos em harmonia, a mandíbula definida, as maçãs do rosto altas, a testa nobre com uma ponta de cabelo no centro, como uma flecha dizendo “Olhe para mim”.

“Oh”, exclama Katherine. Ele tem um cheiro masculino e almiscarado e está novamente olhando para ela com aqueles olhos azuis, azuis. Sua barriga parece líquida e, se pudesse, ela correria, mas é preciso respeitar as boas maneiras, encurralada por aqueles olhos paralisantes.

“Não, era isso.” Ele mostra alguma coisa na palma da mão esticada. “É seu, acredito.”

Ela olha. É uma pérola.

“Acho que não.” Enquanto fala, põe a mão no crucifixo da mãe, sentindo só um vazio onde a pérola central deveria estar, e as pontas do elo partido.

Como foi parar na mão desse homem?

Está desconcertada, como se ele tivesse feito algum truque de mágica, como a moeda que Will Sommers tirou da orelha de Meg. Katherine olha espantada para a pérola por alguns instantes, com raiva dele, como se a tivesse arrancado de seu pescoço de propósito.

“Como a encontrou?” Sua voz sai entrecortada e zangada, e ela se irrita por revelar demais no tom da fala. Sente os olhos dele atravessando-a. Sua

respiração faz barulho no silêncio.

“Vi cair de seu colar na galeria e tentei chamar sua atenção. E depois de novo nos aposentos de Lady Mary, mas o rei…” Ele para.

“O rei”, repete ela. Não teria como esquecer a atenção do rei.

“Estou tão contente por tê-la encontrado antes que fosse embora.” O rosto dele se abre num sorriso largo, sedutor, com os olhos enrugados nos cantos, e de repente não são mais ameaçadores, e sim brilhantes e cativantes.

Ela não sorri de volta, tampouco pega a pérola, que ainda está na palma da mão dele, esperando ser recolhida. Não consegue se recuperar da sensação de que foi enganada.

Ele se senta no banco de pedra ao lado dela: “Pegue”.

Mas ela não se move.

“Ou, melhor ainda”, continua ele, “dê-me o colar, vou pedir a meu ourives que conserte.”

Ela se vira para olhar para ele, tenta encontrar sinais de culpa. Tudo está tão perfeitamente no lugar, as pregas da camisa de seda, a barba cuidadosamente aparada, o modo como o chapéu se apoia firme sobre uma orelha, e aquela pena infernal, tão vistosa. O cetim vermelho saindo pelas fendas do gibão a faz pensar em bocas ensanguentadas. Ela quer esticar o braço e bagunçá-lo um pouco. A neve se acumulou em seus ombros e a ponta do nariz está vermelha. Ela sorri e vira de costas, surpresa consigo mesma, então levanta a lapela da touca para deixar a nuca à mostra. Ele põe a pérola solta em sua mão e abre o fecho do colar com dedos mornos. Ela não tinha a intenção de fazer isso, mas alguma coisa no sorriso aberto desse homem e a pontinha rosada de seu nariz a fazem sentir, a contragosto, que o julgou mal.

Ele pega o colar, beija-o de leve antes de guardá-lo no bolso. Uma sensação de derretimento a atravessa, como se sua garganta tivesse sido beijada em vez do colar.

“Cuide dele. Era da minha mãe e é muito valioso para mim.” Ela conseguiu juntar seus pedacinhos e injetar a força de costume na voz.

“Posso assegurar, senhora, que o farei”, ele responde. Depois de uma pausa, continua: “Sinto sinceramente pelo falecimento de seu marido. Will me disse que ele sofreu muito”.

Katherine não gosta da ideia do irmão discutindo sobre ela ou o marido com esse homem e pergunta-se o que mais pode ter sido dito. “Ele sofreu, de fato.”

“Deve ter sido insuportável vê-lo assim.”

“Sim.” Ela ainda está olhando para ele, seu rosto parece mostrar verdadeira

preocupação. Um cacho escapou da orelha e ela mal consegue resistir à vontade de esticar a mão e ajeitá-lo. “Insuportável.”

“Era um homem de sorte por ter você tomando conta dele.”

“Você acha que ele teve sorte?”, ela responde bruscamente. “Ele não teve. Não teve sorte ao ser atacado pela doença daquela forma.” Sua voz está afiada. Não consegue evitar.

Seymour parece arrependido ao dizer: “Não tive a intenção de…”.

“Sei que não quis ofender”, ela interrompe, vendo Meg descer as escadas. “Meg voltou, é hora de ir.”

Ela se levanta e percebe que Rafe está ali, esperando com os cavalos. Meg se dirige diretamente a ele e Katherine se pergunta se está evitando Seymour depois de toda aquela conversa sobre casamento.

“E a pérola”, diz Seymour.

Momentaneamente confusa, ela abre a mão e encontra a pérola aninhada ali. Sente-se enganada, novamente, não se lembra de tê-la tirado das mãos dele. “Ah, sim, a pérola.” Entrega-a para ele.

“Sabe como uma pérola se forma?”, ele pergunta.

“Claro que sei”, ela diz rispidamente, de repente com raiva de si por ser arrebatada por esse homem com fala amável e platitudes, imaginando todas aquelas donzelas dando risadinhas, atentas a cada palavra conforme ele descreve a formação de uma pérola, torcendo e contorcendo a metáfora até que revelem na cama suas próprias ostras. “E *você* é um grão de areia na minha concha”, ela arremata, virando-se para ir embora.

Seymour não aceita ser rejeitado tão facilmente e segura sua mão, planta nela um beijo molhado e diz, antes de subir os degraus dois de cada vez, a capa balançando em seus ombros largos: “Mas talvez com o tempo me torne uma pérola”.

Ela limpa as costas da mão no vestido e dá uma ligeira bufada, soltando uma nuvem de condensação que poderia ser fumaça. Queria ter deixado claro que, se ele pretende se embolar com uma viúva, não seria com ela nem por mil moedas de ouro. Tem uma sensação repentina de solidão, sente-se desancorada sem o marido, uma saudade desesperada, deseja estar voltando para ele.

Ouve-se uma confusão nas escadas, um ruído e uma onda de risadas. Ela olha para cima e vê um dos jovens pajens no chão com uma bandeja de tortas caídas que se espalharam por todo lado. As pessoas passam, chutando as tortas, pisoteando-as, dirigindo palavras sarcásticas ao garoto. Ela vê a humilhação em seu rosto de menino. Adianta-se para ajudá-lo, mas, ao fazê-lo, vê Seymour se

ajoelhar sobre suas roupas de seda e começar a juntar as tortas. Isso silencia os gracejadores, pois sabem que Seymour é cunhado do rei e que deviam recolhê-las por ele. Pela expressão que têm no rosto, seria de pensar que Seymour virou o mundo de ponta-cabeça ao se apoiar em seus joelhos vestidos de branco para ajudar um joão-ninguém.

Ele dá um tapinha nas costas do garoto, o que o faz sorrir. Ficam ali um instante, conversando alegremente, depois Seymour o ajuda a se levantar e Katherine o escuta dizer: “Não se preocupe. Vou falar com o cozinheiro”.

Enquanto cavalgam, Katherine distraidamente tateia procurando o crucifixo da mãe, e encontra somente um espaço vazio onde a joia deveria estar, então pensa se deveria tê-lo entregado a Seymour tão facilmente quando mal o conhece. É amigo de Will, com certeza isso é suficiente para garantir sua honestidade, e foi bondoso com o pajem que derrubou as tortas. Talvez tenha passado a desconfiar de todos os homens desde que Murgatroyd fizera seu estrago.

“Mamãe”, diz Meg. “Veja o que tio Will me deu.” Ela tira um livro de dentro da capa e o passa para Katherine.

Ela fica repentinamente zangada com o irmão outra vez, pensando ser um dos livros banidos, Zwingli ou Calvino, com medo de que esteja tentando atrair Meg para algo que ela é ingênua demais para entender. A intriga de facções religiosas na corte é realmente perigosa. Mas ela olha para o título e percebe que é somente *Le Morte d’Arthur*.

“Encantador, Meg”, Katherine diz, devolvendo o livro, pensando em quão desconfiada se tornou. Toca Pewter para fazê-lo trotar, sente a segurança da força dele, deseja estar de volta a Charterhouse o mais rápido possível. Pode ser uma casa melancólica, mas ao menos ela sabe o que acontece entre suas paredes.

“Mal posso esperar para mostrar para Dot”, diz Meg, referindo-se a sua criada. As duas ficaram próximas como irmãs desde os acontecimentos em Snape, e Katherine sente-se agradecida por isso. “Dot gosta que eu leia romances para ela.”

2

Charterhouse, Londres, março de 1543

“Então me conte”, diz Dot, que está penteando o cabelo molhado de Meg em frente à lareira do quarto. “Como é lá na corte? Você viu o rei?”

“Vi”, responde Meg. “Nunca fiquei tão assustada em toda a minha vida.”

“Ele é mesmo tão grande quanto dizem?”

“Maior ainda, Dot.” Ela estica os braços para mostrar o tamanho da cintura do rei e ambas riem. “Estava disfarçado de menestrel, e, embora todos soubessem que era o rei, fingiram que não.”

“Isso é estranho”, diz Dot, pensativa. “Não imaginava que o rei era dado a brincadeiras assim. Achava que ele fosse mais…” Ela procura a palavra certa. Mas na verdade Dot não considerou muito a ideia de que o rei fosse um homem real. Para ela, era como algum monstro de uma história antiga, que corta a cabeça de suas esposas. “Pensava que ele fosse mais sério.”

O pente pega um nó.

“Ai!”, grita Meg.

“Fique parada”, diz Dot, “você só está piorando… Pronto.” Ela joga um pequeno nó de cabelo no fogo.

“Tudo na corte é estranho”, diz Meg. “Ninguém diz o que quer dizer, mesmo mamãe fala por enigmas. E o único assunto que tinham comigo era quando me casarei e com quem.” Ela faz uma careta. O filhote de spaniel Rig pula em seu colo e ela o abraça, dizendo: “Se pudesse escolher, nunca me casaria”.

“Vai ter que casar, querendo ou não. E você sabe.”

“Queria ser você, Dot.”

“Você não duraria uma hora com todos os serviços que tenho que fazer”, brinca a criada. “Veja suas lindas mãos brancas.” Ela coloca suas próprias mãos calejadas ao lado das de Meg. “Suas mãos não foram feitas para esfregar e coisas assim.” Beija Meg na testa, depois começa a trançar seu longo cabelo, enrolando as mechas com destreza e prendendo-as no lugar antes de colocar a touca de dormir.

“Mas *você* pode se casar com quem quiser”, diz Meg.

“Que bela escolha eu tenho. Você já *viu* os meninos da cozinha…”

“Tem aquele novo rapaz na copa.”

“Quem, Jethro? Dá mais trabalho que uma dor de dente, esse aí.” Dot não diz nada sobre as esfregadas com Jethro no estábulo. Ela nunca fala dessas coisas com Meg.

“Tio Will queria que eu me casasse com seu amigo Thomas Seymour”, diz Meg.

“E como ele é, esse Thomas Seymour?”

Ela aperta a mão de Dot, tão forte que os nós de seus dedos ficam brancos. “Ele me lembra…” Sua respiração se torna curta e superficial de repente, como se sufocasse com a palavra, e seus olhos ficam sombrios. Dot faz com que se levante, derrubando Rig no chão, e lhe dá um abraço forte. Meg aninha a cabeça no ombro dela.

“Murgatroyd”, diz Dot. “Você não deve ter medo de dizer em voz alta, Meg. Desse jeito sai, e é melhor fora do que dentro, apodrecendo.”

Meg sente-se tão magra nos braços de Dot, como se não fosse nada. Dot vê quão pouco ela come, como se pudesse voltar à infância assim. Talvez essa seja mesmo a intenção.

Embora somente um ano as separe, Dot se sente muito mais velha, apesar da inteligência de Meg: as leituras, o latim, o francês. Meg tem um tutor, um homem pálido vestido de preto que lhe transmite todo aquele conhecimento. A cabeça de Dot se enche de lembranças indesejadas, ela sentada no corredor de pedra do lado de fora da câmara na torre em Snape, tapando as orelhas com as mãos para bloquear os grunhidos de Murgatroyd e os gritos abafados de Meg. Ele havia trancado a porta e Dot não podia fazer nada. A pobre criança, pois ela era uma criança naquela época, ficou lacerada lá embaixo. Não surpreende que não queira se casar. Esse é o segredo que liga Dot a Meg, e é de fato pesado. Nem mesmo Lady Latymer sabe o que realmente aconteceu. Meg fez Dot jurar segredo — e uma coisa que Dot sabe fazer bem é guardar segredos.

“Minha mãe estava arranjando o casamento”, Meg continua, mordendo a unha do polegar. “Tenho certeza. Ela teve uma conversa em particular com Seymour.”

“Você pode adiar. Diga que não está preparada.”

“Mas tenho dezessete anos. A maioria das garotas bem-nascidas da minha idade está casada há dois anos e já prepara o segundo filho.” Ela se solta do abraço de Dot e vai se sentar na cama.

“Seu pai acabou de falecer”, Dot diz. “Tenho certeza de que Lady Latymer não vai fazer você se casar enquanto está de luto.”

“Mas então…” A voz de Meg silencia e ela se deita, suspirando.

Dot deseja poder dizer a ela que não há motivo para se preocupar, que pode continuar solteira, e que sempre estará ali para ela. Mas não vai mentir para Meg, e só Deus sabe para onde será mandada em seguida. Todos os criados estão se perguntando o que será deles agora que Lorde Latymer se foi e tudo está mudando.

"E o que é isto?", pergunta Dot, tentando mudar de assunto, segurando o livro que Meg trouxe da corte.

O livro foi encapado com velino castanho-escuro e gravado com um motivo marfim. Ela o aproxima do nariz, inspirando o aroma do couro. É o cheiro de casa, o lugarejo em Stanstead Abbotts onde cresceu. O chalé ficava ao lado de um curtidor e aquele cheiro impregnava até as paredes. Ela se lembra de como, no verão, os couros eram esticados sob o sol, tingidos com cores brilhantes, grandes manchas coloridas, era o cheiro mais intenso. É um cheiro reconfortante. Dot se pergunta o que sua mãe está fazendo agora, imagina-a varrendo a neve da entrada, cria uma imagem dela na cabeça: as mangas enroladas, as mãos hábeis segurando a vassoura. Sua irmã Min a ajuda, espalhando cascalho na trilha aberta, e seu irmão Robbie, com restinhos de palha no cabelo como seu pai sempre teve, está quebrando o gelo na cisterna. Mas ela sabe que essa imagem está toda errada, que a Min não é mais uma criança e que o rosto da mãe é um mapa cheio de linhas. Sente o aperto da saudade no coração, mas faz tanto tempo, e ela cresceu de um jeito incompatível com aquela vida, não conseguiria se encaixar de novo ali.

Tinha doze anos quando partiu para o Castelo de Snape em Yorkshire, para trabalhar para Lady Latymer, de quem a mãe de sua mãe tinha sido ama de leite. A família Parr em Rye House empregava mais ou menos o vilarejo inteiro de Stanstead Abbotts naquela época, quando a mãe de sua mãe ainda era viva, ou pelo menos era o que diziam. Dot foi embora na época em que seu pai caiu de um telhado que estava cobrindo de palha e quebrou o pescoço. Sua mãe começou a pegar roupa para lavar, mas nunca havia dinheiro suficiente, nem com Robbie assumindo o trabalho nos telhados. Dot se lembra da fome corroendo sua barriga à noite, quando tudo que havia era meia concha de sopa para cada garota e uma inteira para Robbie, que precisava de força para subir nos telhados e carregar grandes fardos de palha. Deviam agradecer a sorte de haver um emprego para Dot em Snape, pois isso significava uma boca a menos para alimentar em casa.

Sua mãe lhe dera uma moeda de prata de recordação, que ainda está costurada na barra de seu vestido para dar sorte. Ela se lembra de dizer adeus a suas

melhores amigas, Letty e Binny, que pareciam não perceber que Yorkshire era quase tão longe quanto a lua, porque ficavam falando do que fariam quando Dot fosse visitar. Houve um momento de lágrimas com Harry Dent também, um garoto irrequieto de quem ela gostava, com quem presumiam que se casaria no final. Ele disse que esperaria por ela para sempre. Dot se espanta com a dor que sentiu por Harry Dent quando mal consegue visualizar seu rosto agora. Achava que poderia nunca mais voltar, mas não disse nada porque eles já pareciam tão tristes com tudo aquilo. Ela voltou a Santstead Abbotts, entretanto, na viagem de Snape para Londres. Lady Latymer lhe dera alguns dias de folga para passar com a família. Mas Letty havia morrido de doença do suor e Binny tinha se casado com um fazendeiro de Ware. Harry Dent tinha engravidado uma garota e dado no pé — ela podia esquecê-lo. Robbie estava bebendo mais do que devia e todo mundo achava que cairia de um telhado igual a seu pai, embora ninguém dissesse.

Tudo estava diferente, mas acima de tudo era ela quem tinha mudado. Sentia-se deslocada no chalé, ficava batendo a cabeça nas vigas. Tinha se acostumado com um tipo de vida diferente.

"É um livro que tio Will me deu, *Le Morte d'Arthur*", diz Meg, trazendo Dot de volta ao presente num sobressalto.

"Isso não é inglês", diz Dot. "Que língua é?"

"O título é em francês, Dot", Meg responde, "mas o resto está em inglês."

"Vamos ler?", sugere Dot, na verdade querendo dizer que Meg vai ler e ela vai escutar. Passa os dedos sobre as letras do título em relevo, murmurando "*Le Morte d'Arthur*" e tentando fazer a língua pronunciar os sons estranhos. Queria poder entender como as linhas e floreios se transformam em palavras, achando tudo aquilo uma espécie de alquimia.

"Vamos", responde Meg, seu humor felizmente parecendo melhorar diante da ideia. Dot se dá conta de que ela — a simples Dorothy Fownten, filha de um trabalhador de Stanstead Abbotts — ouve a filha de um grande lorde lendo romances para ela. Foi a tal ponto que mudou.

Dot junta todas as velas que consegue encontrar para que Meg tenha luz o suficiente e empilha algumas almofadas e peles ao lado da lareira, onde se aconchegam com o livro. A criada fecha os olhos, deixando-se envolver, desenhando na cabeça Arthur, Lancelote e o guerreiro gigante Gawain, imaginando-se uma das lindas donzelas, esquecendo por um momento as mãos calejadas, grandes demais, sua falta de jeito e seus cabelos cor de carvão, a pele amarelada que a faz parecer mais uma cigana do que uma das damas de Camelot

com pele branca como lírio e cabelos loiros.

Duas das velas começam a apagar e Dot se levanta para procurar novas na caixa.

“O que você mais quer no mundo, Dot?”, pergunta Meg.

“Você diz primeiro”, ela responde.

“Quero uma espada como Excalibur”, diz Meg, os olhos brilhando. “Imagine como você nunca sentiria medo.” Ela estica o braço fino no ar, segurando o punho da espada imaginária. “Agora você, Dot — qual é seu desejo?”

Sem nem mesmo precisar pensar a respeito Dot exclama: “Gostaria de um marido que soubesse ler”, e depois ri, porque parece tão bobo quando diz em voz alta, e ainda mais impossível do que Meg conseguir uma espada mágica. Sente como se tivesse quebrado o encanto da história ao dizer aquilo.

Meg não diz nada, parece perdida em seus próprios pensamentos.

Dot se inclina para procurar uma vela na caixa. “Não sobrou nenhuma”, diz. “Devo descer para pegar algumas?”

“Está tarde. É melhor irmos dormir”, responde Meg, espreguiçando-se ao levantar. Ela apanha uma das peles e leva consigo para a cama.

Dot puxa a cama embutida debaixo da cama de dossel.

“Durma aqui comigo”, diz Meg, alisando o espaço da cama a seu lado. “É mais quente.”

Dot limpa a lareira, apaga as brasas com o atiçador e coloca a tela de proteção cuidadosamente por cima, depois vai para a cama e puxa as cortinas bem fechadas, criando um pequeno lugar seguro para elas. Rig dá um jeito de subir também, cavando, fazendo barulho e girando em círculos antes de se ajeitar numa bolinha, fazendo-as rir. Dot entra debaixo das cobertas, esfregando os pés para gerar algum calor.

“Você é como Rig”, diz Meg.

“Algumas pessoas não têm aquecedor de cama.”

Dot sente uma mão de pluma segurá-la e se aproxima de Meg, atravessando a cama fria. Meg a segura firme, como se soltá-la a desancorasse completamente. Sua camisola cheira a fumaça de madeira por causa da lareira e Dot se lembra de se aconchegar em Min na cama embutida que dividiam. Parece que está vivendo a vida de outra pessoa.

“Se pudéssemos mudar de aparência como Morgana”, sussurra Meg, “você poderia se transformar em mim, Dot, e casar com Thomas Seymour. Ele leria para você até o sol nascer.”

“E o que seria de você?”, pergunta Dot.

“Eu seria você, é claro…”

“Você teria que esvaziar os penicos todas as manhãs”, provoca Dot. “E o que eu faria com um belo nobre como Seymour? Não acho que ele gostaria do meu jeito de dançar, porque tenho dois pés esquerdos, para dizer o mínimo.”

Ambas riem ao pensar nisso e se apertam mais juntas, como duas colheres, para se aquecer.

“Graças a Deus por você, Dorothy Fownten”, murmura Meg.

Charterhouse, Londres, abril de 1543

Katherine ouve o barulho dos cascos no pátio. Olha pela janela do quarto, esperando ver um dos pajens do rei. Tinha a esperança de que sua ausência da corte a afastasse da mente dele, mas não foi o caso, pois cada dia veio uma entrega: um broche com dois diamantes e quatro rubis, uma gola de pele de marta com luvas combinando, uma saia de fios de ouro, um casal de passarinhos, uma peça de carne de veado, que ela dividiu entre os pobres da paróquia, pois sua casa tinha tão poucas pessoas (já que o irmão de Meg e sua esposa, os novos Lorde e Lady Latymer, tinham partido para gerenciar as propriedades em Yorkshire e levado a maior parte da criadagem junto) que teriam dificuldade para acabar com a carne antes que os vermes a atacassem. Esses são presentes de um homem que quer alguma coisa, mas a ideia de se tornar amante do rei é insuportável. Além do mais, não há espaço para ela, pois a parte de sua mente que não está cheia de tristeza por seu marido está cheia de Thomas Seymour.

Ele entra em seu pensamento sem ser convidado e Katherine não consegue evitar a esperança de ver um pajem vestido de vermelho e dourado, as cores de Seymour, no pátio lá embaixo, com uma carta, uma lembrança, seu colar de volta. Mas só há, diariamente, o verde e branco dos Tudor com mais ofertas, aparentemente infindáveis. Ela tentou mandá-las de volta, mas o pajem lhe disse com uma voz educada, vacilante, que o rei o puniria por não a ter persuadido a aceitar. Então ela aceitou, relutante, mas cada uma a faz sentir um pouco mais vazia, como se fosse uma ampulheta e quase toda a areia tivesse escorrido.

Trocaria tudo aquilo pela menor coisa trazida por um pajem de Seymour — um dente-de-leão, um pouco de cerveja, uma conta de vidro. Não consegue controlar seus sentimentos. Por que está esperando como uma garota apaixonada por uma pequena lembrança daquele homem fútil? Mas ele se infiltrou profundamente nela, e não é possível extraí-lo através da razão. Ela diz a si mesma que é o crucifixo da mãe que deseja, mas sabe que está se enganando. É

ele que ela quer. Ele passeia por seus pensamentos com aquela infernal pena saltitante, e ela não consegue removê-lo.

Abre a janela e estica o pescoço para ver quem está apeando. É o dr. Huicke, o médico que cuidou de seu marido, que voltou de Antuérpia. Se não é um pajem Seymour, então Huicke é a melhor opção. Tem vontade de gritar para ele da janela, percebe quão sozinha está durante o luto. Ansiava por companhia e aqui está Huicke, um dos poucos, além da família, com quem se sente ela mesma. Sentiu uma afinidade inexplicável com Huicke desde o início, ele viera todos os dias para atender Latymer e se aproximaram ao longo dos meses. Foi um apoio para ela. Não é toda hora na vida, pensa Katherine, que se encontra um amigo verdadeiro — uma vez a cada década, talvez.

Ela desce as escadas correndo, excitada como uma menina, chega ao saguão bem no momento em que abrem a porta para ele. Quer se jogar em seus braços, mas Cousins, o mordomo, está presente e o decoro não permite.

“Estou tão feliz em vê-lo”, diz.

Huicke olha para ela e seu rosto se abre num sorriso. Com os olhos escuros brilhando como duas grandes gotas de melaço e os cachos grossos cor de alcatrão, parece ter saído de uma pintura italiana. “O mundo é de fato monótono sem a senhora.”

“Acho que nos conhecemos bem o suficiente agora para dispensar as formalidades”, ela diz. “Pode me chamar de Kit, assim posso fazer de conta que somos irmãos.”

“Kit”, ele diz, parecendo degustar a palavra como faria com um vinho francês.

“Mas continuarei a chamá-lo de Huicke”, ela completa, “porque conheço muitos Roberts.”

Ele assente com outro sorriso.

“Então, conte-me sobre Antuérpia.” Ela o leva para sentar ao lado da janela por onde entra o sol de abril. “Aprendeu alguma coisa?”

“Antuérpia. Há tantas coisas acontecendo lá. Toda a conversa é sobre a Reforma. As prensas estão imprimindo livros em série. É uma cidade de grandes ideias, Kit.”

“A Reforma se tornou uma luta em defesa da razão”, diz Katherine. “Quando você pensa em todos os horrores que foram feitos em nome da antiga Igreja.” Ela não consegue evitar a lembrança de tudo que foi feito, a Katherine e a sua família em particular, em nome do catolicismo, embora nunca fosse contar, nem mesmo a Huicke. Além do mais, a ideia da Reforma a agrada, parece tão razoável. “E você conheceu aquele sujeito, Lusitanus?”

“Sim. Ele tem umas ideias, Kit, sobre como o sangue circula. Algumas vezes acho que nossa geração, mais que qualquer outra até agora, está à beira da mudança. Nossa ciência, nossas crenças, estão em estado de perpétua mudança. É excitante.”

Katherine o observa ao falar, animado, imitando com as mãos enluvadas Lusitanus abrindo um cadáver ou uma veia morta para explicar seu funcionamento intricado, falando fervorosamente o tempo todo. Ela nunca viu Huicke sem luvas, nem quando ele vinha examinar seu marido. Estende a mão, apanhando os dedos dele no ar.

“Por que nunca tira as luvas?”

Huicke não diz nada, mas começa a puxar a ponta da luva, expondo uma tira de pele que está coberta de vergões vermelhos, inchados, depois olha para ela, observando, esperando que ela vire o rosto com nojo. Mas Katherine não o faz. Segura sua mão e acaricia a pele deformada com a ponta do dedo.

“O que é isso?”, pergunta.

“Não tem nome. Não é contagioso, mas todos que veem sentem nojo. Acham que sou leproso.”

“Pobrezinho”, ela diz, dando um beijo leve como uma pluma na pele devastada.

Ele sente lágrimas ardendo nos olhos. Não é que nunca tenha sido tocado. Amantes o tocaram de todas as maneiras, mas consegue ver ojeriza mesmo nos apaixonados, na expressão que têm na boca e nos olhos bem fechados. O que vê em Katherine é algo diferente, uma simpatia.

“É tudo assim, exceto meu rosto.”

Ela segura suas duas mãos e se levanta, levando-o junto.

“Vamos para a destilaria. Podemos preparar um bálsamo.” Há uma faísca em seus olhos. “Deve haver alguma coisa que possa curá-lo.”

“Não descobri nada ainda. Mas acalma com alguns unguentos.”

Andam juntos pelos corredores revestidos de madeira que serpenteiam até os fundos da casa.

“Quem imaginaria que uma amizade poderia vir de tanta adversidade”, ela diz.

“Amizades verdadeiras são raras de fato”, ele concorda, mas sente-se insincero, porque há um segredo que está escondendo dela, um subterfúgio que teme poder quebrar o laço entre eles. Passou a vê-la como mais que uma amiga, não suportaria perdê-la; importa-se com ela como imagina que se importaria com uma irmã, embora como filho único não tenha a medida do que isso seja.

Sua dissimulação o incomoda. “Especialmente”, continua, “quando se passa a maior parte do tempo na corte.”

É verdade que não existe amizade na corte, com todos competindo por vantagens. Mesmo os médicos do rei brincam constantemente de passar os outros para trás. Sabe que não gostam muito dele, pois é uns dez anos mais novo e melhor que a maioria.

Caminham de braços dados.

Huicke quer deixá-los quites, dar a ela algo para compensar sua falsidade. “Em Antuérpia…”, ele começa, mas para abruptamente.

“O que tem em Antuérpia?”

“Eu fiquei…” Ele não sabe como dizer. “Co-conheci…” Ele gagueja. “Eu me apaixonei.” Mas isso é só metade da verdade.

“Huicke.” Ela segura sua mão, parece gostar da confissão. “Quem é a dama?”

“Não é uma dama.”

Pronto, ele disse, e ela não está chocada.

“Ah!”, diz ela. “Eu bem que suspeitei.”

“Como?”

“Já conheci homens antes que preferem a intimidade de…” Ela para, baixando a voz. “… Seus semelhantes.”

Ele lhe deu uma coisa para uni-los. Essa informação na orelha errada poderia levá-lo à forca. Sente conforto por ter nivelado a situação.

“Meu primeiro marido”, ela continua, “Edward Borough. Éramos ambos tão jovens, não passávamos de crianças, na verdade.”

Um jovem criado passa com uma braçada de frésias. O perfume primaveril permanece no ar.

“São para meu quarto, Jethro?”, ela pergunta.

“Sim, senhora.”

“Entregue para Dot, ela vai arrumá-las.”

Ele faz uma pequena reverência e segue adiante.

“Edward Borough era completamente indiferente a mim.” Katherine continua de onde tinha parado. “Achei que fosse inexperiência. Nenhum de nós estava preparado, na verdade. Mas havia um tutor em casa, um jovem sério, Eustace Ives. Tinha uma bela boca. Lembro-me da boca, virada para cima nos cantos como uma espécie de sorriso solene perpétuo. Foi quando vi como Edward corava ao conversar com Eustace Ives que comecei a me dar conta… Quão pouco eu sabia naquela época.”

“O que aconteceu com Edward Borough?”, pergunta Huicke, fascinado com

esse fragmento do passado da amiga.

“Foi levado pela doença do suor. Escapuliu da vida em uma tarde. Pobre Edward. Era uma alma tão bondosa.” Ela tem um ar distante ao falar do passado como se tivesse ido até lá e deixado apenas seu fantasma no presente. “Depois me casei com John Latymer.” Um ligeiro arrepio parece trazê-la de volta. “Então me diga. Essa pessoa é da Antuérpia?”

“Não, é um inglês. Escritor, pensador. Ele é extraordinário, Kit.” Huicke sente um tremor dentro de si só de falar de Nicholas Udall. “E temerário…” Ele para. “Extremamente temerário.”

“Temerário…”, ela repete. “Parece perigoso.”

Ele ri. “Só do jeito bom.”

“E sua esposa?”, Katherine pergunta. “Ela é compreensiva?”

“Estamos completamente afastados.” Ele reluta em falar da esposa, sente-se culpado demais. Em vez disso, muda de assunto. “Há bastante amor no ar ultimamente. E muita conversa sobre o rei e certa pessoa.”

O rosto dela fica sério. “Suponho que essa pessoa seja eu.” Param de andar e ela se vira para ele, os olhos grandes, tomada de preocupação. “Por que eu, Huicke? Há muitas mulheres bonitas disponíveis na corte. É um lugar cheio delas. E não sou mais tão jovem. Ele não quer mais filhos?”

“Talvez seja sua própria relutância que o estimule.” Huicke sabe bem demais como a indiferença pode ser estímulo para o desejo. Todos aqueles lindos jovens por quem se apaixonou, que ficavam com nojo de sua pele. “O rei está acostumado a conseguir o que quer. Você é diferente nesse aspecto, Kit.”

“Diferente, pff.” Ela dá um suspiro. “O que me aconselha a fazer? Devo me jogar nos braços dele? Isso acalmaria seu ardor?” Ela marcha pelo corredor.

“Ele fala de sua bondade também, Kit.” Huicke recua. “E de quanta ternura mostrou cuidando de seu marido.”

Huicke não conseguia nem começar a contar como o rei o questionara em busca de informação. Como ela era com o marido? Cuidava dele com bondade? Misturava os próprios remédios?

“E como é que ele saberia disso?”, Katherine devolve, dando meia-volta.

Caminham num silêncio meditativo, ele ligeiramente atrás. Ela abre a porta da destilaria. Um cheiro resinoso os envolve, e finalmente sua frustração parece amainar. Katherine começa a puxar frascos, abre, cheira o conteúdo, despeja algumas ervas em um pilão e esmaga. “Hidraste”, ela diz, depois pega vários outros frascos em uma prateleira e põe sobre a bancada. Seleciona um, lendo o rótulo, retira a rolha e ergue-o ao nariz dando um pequeno suspiro de satisfação,

e oferece para que Huicke possa cheirar também.

“Mirra”, ele diz. Pungente e eclesiástica, lembrando Huicke de um clérigo por quem uma vez se apaixonou.

Katherine tritura um pouco de mirra com o hidraste, depois acende um bico sob um prato de cobre e despeja em cima um pedaço de cera dura, que deixa para derreter enquanto continua macerando. Adiciona um pouco de óleo de amêndoa, depois derrama a cera quente por cima, mexendo até endurecer.

“Pronto”, diz finalmente, levantando o pilão até a altura do nariz para avaliar se o cheiro está bom. “Agora, dê-me suas mãos.”

Ele tira as luvas, sentindo-se completamente nu sem elas, e ela massageia o bálsamo sobre sua pobre pele irritada. Sente-se bastante confuso ao ser tocado dessa forma novamente.

“Você vê, Kit”, ele diz depois de um tempo. “É por isso que as pessoas a consideram bondosa.”

“Não sou mais do que a maioria”, ela diz. “O hidraste funciona como mágica.”

“Você tem um dom com ervas. Suas tinturas para Lorde Latymer eram praticamente milagrosas.”

Katherine olha para ele de um modo estranho e Huicke acredita ver uma sugestão fugaz de medo, ou algo parecido.

“Você notou alguma coisa”, ela diz, “em meu marido depois que faleceu?”

Lá está novamente, o olhar de uma fera aprisionada.

Ele se pergunta o que é que a preocupa. “Somente que o tumor havia devorado suas entranhas. Foi uma surpresa ter sobrevivido por tanto tempo. Eu não deveria dizer isso, mas teria sido melhor se tivesse morrido antes.”

O olhar se dissolve por completo.

“A vontade de Deus não é sempre fácil de entender”, ela diz.

“Como está Meg?”, ele pergunta. “Como reagiu à morte do pai?”

“Não muito bem, na verdade. Estou preocupada com ela.”

“Você tentou lhe dar algumas gotas de erva-de-são-joão?”

“Não tinha pensado nisso. Vou tentar.”

“O rei está irredutível, quer que ela se case com Thomas Seymour”, Huicke diz. “É um bom par para ela, eu diria.”

“Seymour, não”, ela diz rispidamente. “Meg nunca vai se casar com ele.”

“*Você* gosta de Seymour?”, Huicke diz, espantado.

“Eu não disse isso.”

“Não, mas está escrito na sua cara.”

Está mesmo — está tecido nela como a estampa num tapete. De todas as pessoas, Seymour. O rei nunca aprovaria. Não vale a pena nem cogitar.

"Não quero gostar dele. Estou tão confusa com tudo isso, Huicke."

"Você precisa esquecê-lo."

"Sei que preciso. E você…" Eles estão conversando aos sussurros agora. "Não vai falar nada?"

"Nada", ele repete. "Você tem minha palavra."

Huicke pode ver que ela não confia plenamente nele. Está avaliando sua honestidade. É o médico do rei, afinal. Foi ele que o colocou em sua casa.

"Por que o rei mandou você cuidar de meu marido?", ela pergunta, como se pudesse ler seus pensamentos.

"Não posso esconder a verdade de você, senh… humm… Kit", ele diz, erguendo as mãos para cobrir o rosto e sua vergonha. "O rei me pediu informações. Está interessado em você há muito tempo, desde que esteve na corte um ano atrás para servir Lady Mary. Ele *ordenou*, Kit."

Aí está. Sua vergonha exposta para ela ver.

"Você, Huicke, um espião?"

Ele sente Katherine se afastar, retirar a amizade. "Talvez fosse, mas não agora. Estou às *suas* ordens agora."

Huicke não consegue olhar para Katherine, mirando em vez disso as fileiras de frascos rotulados e potes nas prateleiras atrás dela, que se vira de costas. Ele lê nomes mentalmente: ficária, rainha-dos-prados, *Euphorbia amygdaloides*, erva-leiteira, *Xantium*, ênula, bardana… O silêncio entre os dois é insuportavelmente pesado, sufocante.

"Kit", ele diz, finalmente, "você *pode* confiar em mim." Sua voz tem um tom de súplica.

"Como?"

"Não conhecia você naquela época… conheço agora."

"Sim", murmura ela, "e eu conheço você."

Ele se pergunta se ela está pensando nas confidências que os unem, sentindo-se melhor.

Ela pega as luvas e devolve para ele, perguntando: "Suas mãos melhoraram?".

"Sim. A coceira diminuiu."

"Venha." Katherine caminha em direção à porta. "Minha irmã está chegando. Peço para trazerem seu cavalo?" Ela o está mandando embora.

Huicke se sente vazio, quer se prostrar no chão de pedra e implorar perdão. Mas a frieza educada dela o impede. Segue-a pelas passagens escuras até o

saguão, onde ela chama o mordomo.

“O dr. Huicke está indo embora, Cousins, queira informar o estribeiro e acompanhá-lo até a saída.” Katherine estende a mão para o médico beijar.

“Amigos?”, ele pergunta.

“Amigos”, responde ela com um sorriso ligeiro mas inescrutável.

Katherine caminha pelos jardins de Charterhouse com a irmã. A pele normalmente luminosa de Anne está acinzentada e o branco vigoroso de um mês atrás se foi. Ela perdeu o bebê, mas está otimista. “Virão outros”, disse, quando Katherine expressou suas condolências.

Tinha chovido mais cedo, uma rápida chuvinha fina, deixando as folhas novas brilhantes. O céu agora está completamente sem nuvens, daquele azul intenso de depois da chuva, quase cobalto, e o sol da primavera cintila, um arauto adiantado do verão.

“Não recebi visitas a não ser advogados durante um mês, e agora duas pessoas queridas no mesmo dia”, diz Katherine.

“Sinto muito por ter ficado longe por tanto tempo, irmã”, responde Anne. “Fiquei abalada com esse aborto espontâneo, passei duas semanas de cama.” Contra a luz, as mechas de cabelo claro que escaparam de sua touca se iluminam como um halo.

O sol bate, fazendo o pátio parecer tocado por Deus. As pedras do chão brilham e as janelas lançam reflexos que vão e vêm conforme caminham. Katherine abre o portão do jardim de plantas medicinais e segue na frente. As pereiras no pomar ali adiante estão em plena floração, ondas brancas contra o céu azul, e as cercas vivas parecem impossivelmente verdes. Há uma lagoa circular no centro, onde carpas prateadas nadam agitadas logo abaixo da superfície.

“Você fez um pequeno Éden aqui”, diz Anne. “Ninguém imaginaria que o caos de Smithfield está logo ali.”

“Sim”, diz Katherine. “Às vezes esqueço completamente que estou em Londres.”

Os canteiros de ervas dispostos ao redor da lagoa foram trabalhados recentemente, a terra tem um tom vermelho fresco, e as promissoras jovens plantas estão cuidadosamente identificadas com placas redondas de madeira gravadas e presas com estacas. As irmãs sentam-se em um banco de pedra à sombra, mas esticam os pés úmidos para o sol morno.

“Você vai ficar aqui?”, pergunta Anne.

“Não sei. Não sei o que é melhor. Estou tentando ficar longe da corte. Toda essa história com o rei.”

“Ele parece mesmo estar atacado.”

“Não entendo, Anne. Ele mal me conhece e…”

“Conhecer nunca foi necessário para se casar”, interrompe Anne.

“*Casar!* Você não acha que é realmente *casamento* que ele quer de mim?”

“É de conhecimento geral que ele procura uma nova rainha. E, depois do debacle de Anne de Cleeves, não vai procurar no estrangeiro.”

O sino de São Bartolomeu soa três vezes, com ecos de sinos de igrejas mais distantes ao fundo.

“Por que não você, Kit?”, Anne continua. “Você é perfeita. Nunca saiu da linha.”

“Rá”, bufa Katherine, sentindo o peso de seus segredos. “Eu não teria tanta certeza. Huicke acha que o rei só me deseja porque não estou interessada e ele está acostumado a conseguir tudo o que quer. Sou novidade.” Uma risada ácida escapa dela. “Pense em todas aquelas jovens donzelas que ele poderia ter, cheias de energia.”

“Você não percebe, Kit? Isso foi o que ele teve da última vez, e veja o que aconteceu. Seu atrativo é precisamente *não ser* como Catherine Howard. Você é o oposto disso. O rei não suportaria ser traído novamente.”

“Como posso evitá-lo?”

“Não sei, irmã. Se ficar longe, corre o risco de atiçar a brasa. E, além do mais, Lady Mary vai chamá-la logo. Ela quer você lá.”

“Oh, Anne”, Katherine murmura, apoiando a testa na mão, os olhos fechados, imaginando galopar com Pewter para longe, encontrar uma nova vida para si, ser outra pessoa.

“Pense em quão feliz nossa mãe ficaria se ainda estivesse viva… você sendo cortejada pelo próprio rei.”

“Nossa ambiciosa mãe! Por que não posso fazer como você, Anne, e casar por amor?”

“Mas ser rainha, Kit… Você realmente não gostaria?”

“Pensei que você, entre todas as pessoas, saberia o que significa ser rainha *dele*. Você estava lá. Viu o que aconteceu com todas elas. Catherine de Aragón banida para acabar num castelo úmido no meio do nada, afastada até mesmo da filha. Anne Boleyn — preciso mesmo dizer? Jane Seymour não recebeu os devidos cuidados no parto…”

“Muitas mulheres sucumbem à febre puerperal, Kit. Não pode culpar o rei por isso”, interrompe Anne. É verdade que a morte espreita mulheres grávidas.

“Bem, talvez não, mas olhe para Anne de Cleeves, que só escapou de perder a cabeça porque concordou com a anulação, e o que dizer da pequena Catherine Howard…?” Ela faz uma pausa. “Você estava lá, o tempo todo, todas elas, viu tudo.” Katherine tem uma forte vontade de dar um tapa na irmã.

“Você não é como *elas*, Kit. Você é sensível e bondosa.”

Katherine tenta imaginar o que Anne pensaria se soubesse que sua irmã sensível fora possuída por um rebelde católico e administrara uma tintura letal ao marido. “Sensível”, ela diz. “Hunf.”

“O que quero dizer é que você não é governada por suas paixões.”

“Não, de fato”, Katherine responde, mas sua cabeça está cheia de Seymour.

“Você lembra, Kit”, diz Anne, “quando brincávamos de rainha em Rye?”

“Ah”, diz Katherine, e a raiva se dispersa diante da doçura desarmadora da irmã. “Sim. Eu toda embrulhada num lençol, casando com o cachorro.”

“E as coroas de papel que não paravam no lugar… Qual era o nome daquele cachorro? Dulcie?”

“Não, não me lembro de Dulcie. Deve ter sido depois que fui embora para casar com Edward Borough. Devia ser Leo.”

“Você tem razão. Leo, o que mordeu o filho do barbeiro. Tinha me esquecido disso… Leo era do Will.”

“Não me surpreende que aquele cachorro mordesse”, diz Katherine. “Tenho certeza de que Will provocava o pobrezinho.”

“Você se lembra de Will naquele fino adamascado vermelho da mamãe recheado com um travesseiro, imitando o cardeal, quando derrubou a cruz de prata da capela?” Anne ri. “Ela nunca ficou igual depois daquilo, estava sempre um pouco torta. Eu não ousava olhar durante a oração para não cair na gargalhada.”

“E quando você tropeçou na minha cauda de lençol, esbarrou no criado e um jarro de vinho saiu voando?”

O bom humor de Anne é contagioso. Elas estavam sempre rindo antigamente, quando não tinham que estar na corte e se comportar com perfeição.

“Esqueci”, diz Anne. “Tenho uma coisa para você, Kit, da parte de Will.” Ela vasculha as dobras da roupa, extrai uma pequena bolsa de couro, que coloca na mão de Katherine.

Ela sabe o que é sem nem mesmo olhar: o crucifixo de sua mãe. Sua garganta fica bloqueada como se tivesse engolido uma pedra.

“Por que estava com Will?”, Anne pergunta.

“Estava consertando.” Katherine se levanta e anda devagar em direção ao canteiro de ervas com o rosto escondido para não revelar nada.

Por que Thomas Seymour não entregara pessoalmente? Ele estava simplesmente brincando, então. Flertando com a ideia de ir para a cama com uma viúva. Recomponha-se, Katherine ordena a si mesma. Você mal o conhece.

“E tem uma carta”, diz Anne, entregando a Katherine um papel dobrado lacrado. “Por que tem o selo dos Seymour?”

“Não faço a menor ideia, Anne”, ela diz, guardando a carta na manga.

“Não vai abrir?”

“Não é importante, só uma fatura de ourives, imagino.” Ela sente como se a carta fosse abrir um buraco em sua roupa. “Venha, vou mostrar o que plantei. Aqui é mandrágora para dor de ouvido e gota. Veja, rotulei todas elas.” Katherine imagina as raízes de mandrágora como pequenos corpos enterrados estendendo tentáculos pela terra escura. “Dizem que as bruxas usam para fazer poções de amor”, completa.

“Faz *qualquer um* se apaixonar?”, pergunta Anne com os olhos arregalados.

“É conversa fiada, claro”, diz Katherine abruptamente.

“E *digitalis*?” Anne aponta para uma das placas. “O que é isso?”

“Dedaleira”, diz Katherine, sentindo repentinamente uma pressão em volta do pescoço como se o fantasma de seu marido lhe estivesse roubando o ar. “Para dor no fígado e no baço”, completa, abruptamente.

“Chamam de sino da morte, não é?”

“Sim.” A impaciência de Katherine com o interrogatório infernal da irmã aumenta.

“Por quê?”

“Porque pode matar se a dose for grande o suficiente”, ela responde asperamente. “É veneno! São todas venenosas, Anne. Veja esta… meimendro cura dor de dente se você queimá-lo e inalar a fumaça.” Katherine está quase gritando agora e não consegue parar. “E esta aqui, cicuta.” Ela quebra um pequeno galho e balança na cara de Anne. “Acalma o surto de um homem maluco se misturada a betônica e semente de funcho. Uma gota a mais de qualquer uma das duas é capaz de mandar um homem adulto para o cemitério…”

“Kit, o que foi?”

Katherine sente a mão da irmã sobre o ombro, acariciando, acalmando-a.

“Não sei, Anne, não sei.” Ela sente a carta na manga do vestido encostada na

pele, tem a impressão de que pode causar uma alergia, queimar ou deixar uma espécie de mancha indelével como uma marca de bruxaria. “Não me sinto eu mesma.”

“Você está de luto… não é nenhuma surpresa. E toda essa história do rei…” Anne deixa a frase no ar.

Katherine não diz nada.

Depois que a irmã vai embora, Katherine pega a carta, segurando com a ponta dos dedos como se com medo de o papel estar impregnado de um ou mais dos venenos que ela conhece tão bem. Há italianos que sabem fazer essas coisas. Está tentada a jogar a carta no fogo, nunca saber seu conteúdo, fingir que desconhece Thomas Seymour, não sentir essa palpitação que é desencadeada só por pensar nele. É um sentimento que pode levá-la a fazer qualquer coisa, à loucura. Passa os dedos pelo selo, as asas dos Seymour, com medo de que contenha só um bilhete educado, mas igualmente com medo de algo mais.

Quebra a cera, espalhando fragmentos vermelhos ressecados, e desdobra o papel. A respiração ofegante preenche seus ouvidos. A letra dele é um rabisco desordenado, não combina com a maneira como o vê, sem nada fora do lugar. Isso a faz se perguntar se ele é alguma coisa do homem que parece ser. Mas o que parece ser? Por que é que ela, que geralmente sabe exatamente o que pensar, fica tão desconcertada com esse homem? A palavra “amor” salta do texto emaranhado, avistá-la faz seu coração palpitar como se um passarinho estivesse preso em seu peito.

> *Minha Lady Latymer,*
>
> *Primeiramente ofereço minhas mais sinceras desculpas pelo tempo que levou até que eu lhe devolvesse isto. Ponderei se deveria levá-lo pessoalmente, mas não ousei fazê-lo por medo de que me considerasse demasiadamente direto. Sentia carregar um pedacinho seu comigo, mas que pequeno conforto me dava. Deus sabe que eu queria uma desculpa para vê-la, porém temia, ao ver seu rosto adorável, não encontrar maneira de controlar os sentimentos de amor que se enraizaram em mim, crescendo e florescendo sob a superfície. Temia que me rejeitasse. Ainda temo.*
>
> *Não há coisa mais angustiante para mim do que saber dos planos do rei: ele fala comigo com frequência sobre seu desejo de que me case com sua querida Margaret. Se me ordenar que o faça, serei um homem perdido. As intenções dele com relação a você, sobre as quais passeiam*

rumores pelo palácio ruidosos como um bando de estorninhos, deixam-me profundamente devastado e rezo somente para que o desejo dele desperte em outro lugar sem demora.

Nunca me deu motivo para acreditar que meus sentimentos fossem recíprocos, mas precisava me declarar, pois não fazê-lo seria viver minha vida sabendo não ter sido honesto com a única mulher que alguma vez tocou meu coração. Preciso vê-la ou temo desvanecer-me. Imploro que me conceda esse único desejo.

Espero sua resposta.

Para sempre seu humilde servo,

Thomas Seymour

Ela expira profundamente, imóvel a não ser pelas marteladas do coração, seu ritmo frenético chega às extremidades do corpo — as pontas dos dedos parecem cheias de vida, sua barriga borbulha, os joelhos amolecem. Outro suspiro escapa. Ela mal se reconhece. Há passos no corredor e, quase antes de se dar conta, ela amassa a carta e atira ao fogo. Observa o papel arder, depois se enrolar e escurecer antes dos últimos pedacinhos em brasa flutuarem para o alto e partirem.

"O que é isso?", pergunta Cook, quando Jethro pousa uma caixa sobre a mesa da cozinha.

"Do palácio, para Lady Latymer. Tem cheiro de peixe", ele diz.

"Abra, então", diz Dot, que estava derretendo restos de velas e despejando a cera quente em formas, mas parou. Quando ela se levanta a panela de cera escapa, derramando gotas brancas no chão. Entredentes, Dot amaldiçoa a própria falta de jeito.

"Dot", vocifera Cook. "De novo, não. Limpe tudo."

A criada pega uma faca e se abaixa, raspa a cera quente tentando ignorar dois rapazes que estão rindo dela.

"Dedos de manteiga", diz um deles, olhando com escárnio. Tem um ganso morto na mão, pendurado pelo pescoço.

Ela mostra a língua para ele. A cera sai facilmente com a faca, em belas ondas. Dot coloca tudo de volta na panela e deixa sobre a prateleira para o fabricante de velas levar.

Destampam a caixa, revelando um grande número de ostras embaladas em

serragem e gelo. Há um odor forte, salgado, feminino, que Dot imagina ser o cheiro do mar. Ela nunca viu o mar, mas desde que ouviu a história de Tristão e Isolda, de como se apaixonaram a bordo de um navio, aquela ideia se fixou em sua mente. Passou um tempo na margem do Tâmisa ouvindo o barulho das gaivotas e tentando imaginar como deve ser toda aquela água se estendendo até o horizonte em todas as direções, mas não consegue formar uma imagem.

"Em nome de Deus, o que vou fazer com tudo isso?", diz Cook.

"Ela vai querer doá-las para St. Bart's, para serem distribuídas aos pobres, imagino", diz Cousins, o mordomo. "Deu-me um monte de unguentos para levar até lá. Estão com escorbuto, aparentemente. Vou levar as ostras também, depois que você separar o que vai precisar para a casa, Cook. Jethro, você pode me ajudar."

"Vou usar algumas num ensopado na sexta-feira, o resto vocês podem levar." Cook começa a tirar as ostras da caixa e colocá-las em uma tigela.

Dot pega uma delas. É áspera e fria.

"Devolva", ordena Cook. "Não queremos ver todas espalhadas."

Ela solta a ostra na tigela.

"E esses presentes todos do palácio, Cousins?", diz Cook, baixando a voz ligeiramente. "Você acha que o rei realmente quer…"

"Não cabe a nós especular", interrompe Cousins.

"Mas temos que pensar em nossa sobrevivência. Ela não vai manter esta casa se casar com o rei."

"Lady Latymer nunca nos deixaria passar fome", responde Cousins. "Ela vai pensar em nós. Não é do tipo que deixa as pessoas passando necessidade."

"Verdade", diz Cook.

"Espalhei por aí que estou procurando um novo trabalho mesmo assim", diz o copeiro, que começou a depenar o ganso e agora está em meio a uma nuvem de plumas. "O responsável pela cozinha em Bermondsey Court disse que precisam de um lavador de pratos. Preferiria isso a terminar na fila por esmolas com aqueles doentes em frente à St. Bart's…"

"Ela não vai casar com o rei", interrompe Dot. "Não passa de um boato. Ele dá presentes para todo mundo o tempo todo." Dot sabe muito bem que pessoas, nem mesmo grandes damas como Lady Latymer, não se tornam rainhas. Isso só acontece nas histórias.

"E como *você* saberia, Dorothy Fownten? Londres inteira está falando nisso, então por que todos estariam errados e você certa? Aposto que é verdade", diz o copeiro, cuspindo penas.

“Falam de outras, por exemplo, daquela Anne Bassett”, retruca Dot. “O que eu *sei* é que ela vai casar com algum lorde daqui a um ou dois anos e eles irão embora para outro castelo no meio do nada…” Ela faz uma pausa e vira, indo em direção à porta. “Mas, vejam, qualquer lugar é melhor que Snape.”

Dot vai para o pátio ter um momento sozinha, senta-se sobre um balde emborcado ao sol, fecha os olhos e apoia-se contra a parede morna de tijolos. Está surpresa ao ver que nenhum dos criados parece ter ouvido falar no casamento que está sendo planejado para Meg. Estão ocupados demais insistindo na ideia de Lady Latymer se tornar rainha, como se estivesse tudo assinado e acertado.

Certamente algo está sendo preparado. O pajem de Seymour parece estar ali constantemente, cartas passando para lá e para cá, algumas vezes três ou quatro em um dia — preparativos, Dot imagina, mas quantos preparativos se podem fazer para um casamento? E o próprio Seymour veio hoje, ou Dot supõe que seja ele, pois seu pajem — que, se ela abrir ligeiramente os olhos, podem avistar esperando fora do estábulo, bebericando uma caneca de cerveja — é o mesmo que entrega as cartas. Ela viu de relance o próprio homem apeando de um lindo cavalo marrom-avermelhado e brilhante como uma castanha-da-índia, com uma longa crina ondulada e cascos untados para brilhar. Não viu o rosto dele, mas estava vestido com veludo e peles suficientes para afundar um dos grandes navios de guerra do rei, e suas calças eram mais brancas do que a neve pura, o que a fez pensar na pobre criada que tinha que mantê-las assim.

“Dot, estava procurando você!” É Meg, que atravessa o pátio na sua direção com Rig nos braços. “Você vai arruinar sua pele sentando ao sol assim.”

“Ah! Quem se importa em ter uma pele branca como lírio quando o sol é tão bom?”

“Mas você tem sardas no nariz.” Meg parece horrorizada. “Vão achá-la grosseira.”

“Desde quando me importa o que alguém pensa? Além do mais, eu *sou* grosseira”, ri Dot.

“Não acho, Dot.”

“Bem, ninguém nunca vai me confundir com uma dama.”

“Você anda comigo, Dot? Quero fugir da visita de minha mãe.” Ela baixa a voz. “É *ele*.”

“Só alguns minutos. Tenho tanta coisa para fazer.”

Dot levanta as saias e corre em direção ao portão do pomar, gritando: “A última a chegar paga uma prenda”.

O cachorrinho pula dos braços de Meg e, contagiado pela animação, dispara na frente. Meg vai atrás, atrapalhada pelo vestido que é de bordado pesado e não foi feito para correr.

Está fresco e faz sombra no fundo do pomar, onde as plantas cobriram o chão com tufos espessos. Dot tira a touca e joga para o lado. Arranca um punhado de flores, joga para o alto de modo que caem sobre ela e observa as pétalas claras girando e flutuando sob os feixes de luz que salpicam o chão. Ela sacode a cabeça, espalhando o cabelo.

“Você nunca vai conseguir tirar tudo isso do cabelo”, diz Meg.

“Quer ver?”, diz Dot rindo, então puxa a touca de Meg, arrancando-a para libertar seus cabelos castanhos.

Ela apanha pétalas e segura acima da cabeça de Meg, depois solta devagar até o cabelo da garota ficar coberto de branco. Logo estão jogando grandes punhados uma na outra, uma tempestade de pétalas, e rindo tanto que mal conseguem respirar. Há pétalas em toda parte, presas nas saias, nas dobras das mangas, grudadas na pele, nas orelhas, sobre os aventais. As duas caem no chão num acesso de riso e ficam deitadas, olhando para o céu através dos galhos da macieira.

“Às vezes me pergunto se meu pai está me observando”, diz Meg. “E quando me divirto demais fico com medo de que ele pense que o esqueci.”

“Ah, Meg, você se preocupa tanto. Se seu pai pensasse em você passando a vida ajoelhada rezando pela alma dele não tenho dúvida de que isso o deixaria mais triste do que qualquer outra coisa. Ele ficaria feliz de saber que está contente.”

Dot às vezes se pergunta o que acontece quando as pessoas morrem, mas é como se esse pensamento fosse grande demais para caber em sua cabeça. Onde fica o paraíso e por que não é possível ver os anjos e querubins sentados nas nuvens? Como é difícil acreditar quando não há provas. É isso que querem dizer com fé, ela imagina. Se ela for boa, o que tenta ser, vai descobrir o paraíso quando for a hora. E se ela não for boa… Dot pensa no inferno. Se é como um lago de fogo, como dizem, como é que queima com toda a água? Quanto é que dói? Será que você não se acostuma com a dor? Ela queimou o dedo muito feio uma vez e doeu bastante. Dot decide ser boa — embora seja difícil dizer o que é bom quando alguns dizem uma coisa e outros dizem outra, e ambos acham estar certos.

Quando ela era muito pequena, antes das grandes mudanças, tudo parecia mais claro. Se você fizesse algo ruim, pensasse maldades ou surrupiasse um figo

seco da carroça de um comerciante quando ele não estava olhando, teria que confessar. Seria uma sequência de rezas e ave-marias e pronto, o pecado iria embora. Se você fosse rico e cometesse um grande pecado, podia comprar um indulto com o papa e até mesmo aquele pecado muito grande iria embora. Dot sabia que nunca pecaria tão gravemente porque ficaria com ela para sempre, nunca poderia pagar por um indulto. Como quando o irmão de seu vizinho em Stanstead Abbots, Ted Eldrich, matou um homem durante uma briga: ele sabia que estava destinado ao inferno e pronto. Alguns ainda acreditam nisso, mas muitos não. Muitos pensam que terão que carregar cada um de seus pecados consigo até serem julgados. Isso é o que Lady Latymer e Meg pensam, embora não falem a respeito. Se Lorde Latymer era da fé antiga, isso significa que foi para o inferno? Dot não fala nada, porque pensar nisso só deixaria Meg mais preocupada.

"A vida parece tão cheia de preocupações", diz Meg.

"Mas se você passar muito tempo pensando nisso tudo, vai deixar a vida ainda mais difícil." Uma pétala solitária gruda no rosto de Meg e Dot estica a mão para tirá-la.

"Você tem razão, Dot. Eu só queria…" A frase de Meg se desfaz no silêncio.

Dot não sabe o que pensa sobre religião, não dá a mínima se o evangelho está em latim ou inglês; não sabe ler mesmo e nunca se dá ao trabalho de ouvir realmente o que o padre está falando de forma monótona na capela. Lembra-se de ter aprendido sobre a transubstanciação, quando dizem que o vinho literalmente se transforma no sangue de Cristo. E o pão literalmente torna-se seu corpo. Essa ideia é bem nojenta, pensando bem. Uma vez Dot cuspiu a hóstia durante a missa, quando ninguém estava olhando, mas não havia nada além de uma gosma de baba e migalhas na palma de sua mão, que ela limpou embaixo do banco. Não tinha absolutamente nada de carne. Fazer aquilo deve ter sido pecado, imagina. A nova religião não acredita nisso. Dizem que é simbólico e que se você acreditar o suficiente tem o perdão de Deus apenas pela intenção. Os reformadores também não acham que está certo isso dos indultos do papa, discutem a questão também, e sempre tem alguém encarapitado numa caixa discursando a respeito em Smithfield.

Dot acha que os reformadores têm razão. Além do mais, Murgatroyd e seu bando de linchadores estavam lutando em nome dos costumes antigos e não pode ser obra de Deus quando brutalizam e estupram garotinhas. Mas ela não faz ideia se discordar da religião antiga a torna uma reformadora. Nada daquilo faz sentido. Para dizer a verdade, Dot não se importa tanto, porque Deus não tem

muito tempo para pessoas como ela, e além do mais, a vida é para viver, não para desperdiçar preocupando-se com o que vai acontecer quando você morrer.

"O que você preferiria", pergunta Dot, querendo mudar de assunto com uma brincadeira conhecida, "se alimentar só de nabo ou de repolho?"

"Eca para os dois", Meg ri. "Repolho, acho. E o que *você* preferiria ser, um homem pobre ou uma mulher rica?"

"Essa é difícil…"

Elas são interrompidas pelo som de vozes para lá da cerca viva da horta medicinal.

"Shhh", sussurra Dot, colocando o dedo sobre os lábios de Meg. "Escute, é sua mãe com Seymour. Devem estar arranjando seu casamento."

Meg faz uma careta. "Você consegue escutar alguma coisa? Não consigo ouvir nada", ela cochicha.

"Venha." Dot vai engatinhando até uma abertura na base da cerca. "Traga Rig, senão ele vai nos entregar."

Meg pega o cachorrinho e se espreme ao lado de Dot onde enxergam a horta medicinal sem serem vistas. Lady Latymer e Seymour estão parados ao lado do lago dos peixes, entretidos numa conversa, a uns bons vinte metros de distância, longe demais para que possam distinguir o que estão dizendo.

"Pelo menos ele é bonito, Meg", Dot diz baixinho, porque ele tem braços e pernas compridos e é esbelto, a cabeça cheia de cachos, e mesmo de longe ela pode ver que seu rosto é perfeitamente harmônico.

Meg não diz nada.

As duas observam num silêncio confuso quando ele levanta a mão para acariciar o rosto de Lady Latymer. Ela sorri, segurando a mão dele, beijando-a. Por quê? Então, num impulso ele arranca a touca dela de modo que fica pendurada nas costas, ainda presa pelo laço no pescoço, e pega uma mecha de seu cabelo, enrolando-a na mão. Meg perde o fôlego. Seus olhos estão arregalados de choque e sua boca está escancarada como a de um passarinho esperando comida. Seymour empurrou Lady Latymer contra o relógio solar de pedra, uma mão ainda agarrando seus cabelos, a outra remexendo debaixo das saias.

"Não", grita Meg, alto demais, mas eles não ouvem: estão completamente enfeitiçados um pelo outro. "Ele a está machucando. Temos que impedi-lo…"

Dot coloca a mão sobre a boca de Meg. "Vão nos ouvir", ela sussurra.

A criada sabe que deveria parar de olhar, mas não consegue desviar os olhos. Ele a beija agora, na boca, no pescoço, no peito. Pode ver como ele passa as

mãos e se joga sobre ela. Dot olha para Meg. Lágrimas escorrem por suas bochechas, brilhando na luz.

“E o meu pai?”, ela diz soluçando.

O tempo parou.

Katherine está derretendo. Sua mente se esvazia e sobra somente o toque dele, seu cheiro, um odor masculino amadeirado, almiscarado. Não consegue se conter diante dele, seu sorriso, o brilho de seus olhos a faz abandonar completamente o decoro. Está indefesa, faria qualquer coisa que ele pedisse.

O dente afiado de Seymour agarra seu lábio, morde, enchendo sua boca com gosto de cobre. A barba áspera arranha sua pele. Faz tanto tempo que ela não sente um homem. Ele a deixou transbordando de desejo, quer devorá-lo vivo, digeri-lo, torná-lo parte dela. Todos aqueles pensamentos e a ansiedade a respeito de suas intenções se dissolveram — se ela era só uma conquista, a conveniência da experiência de uma viúva, a sedução de sua riqueza. Ela é Eva e ele é Adão, e abandonam-se deliciosamente ao pecado.

A Katherine Parr sensível se foi.

As mãos dele procuram entre as dobras de seu vestido. Vem um gemido, ela não sabe dizer da boca de quem. Chupa o sal na pele do pescoço dele, explodindo devagar. Passaria a eternidade no inferno por um instante daquilo. Descobre seus próprios dedos trêmulos remexendo no cordão da calça dele, encontrando o nó, desatando-o.

Ele a levanta de leve sobre o relógio de sol e está dentro, pressionando contra seu âmago, perdido nela.

Ela também está perdida.

Barca dos Seymour, Londres, maio de 1543

Katherine está leve como o ar. Ela é uma das lanternas de papel que são acesas em comemorações e sobem para o céu, levitando até ficarem indistinguíveis das estrelas.

“Thomas.” Seu nome é como mel na boca dela.

“Querida”, ele responde, abraçando-a de modo que o rosto dela fica apertado contra o cetim de seu gibão.

A barriga de Katherine se desmancha, como se uma cobra se esticasse dentro

dela. Nas últimas semanas, seis semanas de momentos secretos roubados, ela mal foi capaz de pensar em outra coisa a não ser nele. Ficou submersa no desejo. Mas isso é mais que desejo, é algo irreconhecível. Pensou na primeira impressão que teve dele, no desdém que sentiu, e em quão rápido mudou. Isso é amor? Se sim, o amor não tem nenhuma lógica; pode surgir da animosidade como uma flor milagrosamente brota por uma rachadura em um tijolo. Seu irmão estava certo — *ele não é o que você pensa*. Mas, em certo sentido, ele é *exatamente* o que ela pensava. Ele é extravagante. Ele é cheio de si. Mas Katherine descobriu que as coisas que achou tão odiáveis são aquelas que agora acha atrativas. A extravagância não indica uma natureza artística, uma originalidade de espírito? E ser cheio de si não é uma confiança efervescente, um acreditar em si mesmo? Ela tinha interpretado sua leveza erroneamente como superficialidade.

Ele diz novamente. “Querida.” A palavra a liquefaz.

“Como é que palavras têm tanto poder de nos afetar?”, ela diz.

“O que somos senão palavras?”

A barca balança e os embala. As cortinas estão fechadas para dar privacidade, protegendo-os do mundo. Ele entrelaça os dedos nos dela, que se aconchega em seu pescoço, inspirando o cheiro dele. Tudo o mais ficou para trás; ela não se sente bloqueada com culpa pela morte de Latymer, nem cercada de preocupações com Meg. Snape não é nada além de uma história que alguém contou um dia e está esquecida; o rei, os rumores, os presentes, tudo se dissolveu no ar. Com Thomas essas coisas foram para os recantos de sua mente, e não há passado, nem futuro, somente um agora glorioso, infinito. Ela estava acostumada ao afeto que cresce devagar em um casamento arranjado. Mas isto é… o que é isto? É outra coisa, algo inexplicável, como uma olhadela para uma borboleta, mais deslumbrante ainda por não ter sido vista totalmente.

Ela leu a poesia de Surrey. Ele tentou descrever isso. Lembra-se dele lendo nos aposentos de Lady Mary. Seu rosto longo, sério, e seus olhos escuros, escondidos. “Descrição dos afetos inconstantes, tormentos e desconsiderações do amor” era o título, e quando ele o pronunciou a sala toda suspirou em aprovação. Só agora ela entende.

Os sinos da St. Paul’s repicam quando eles passam como se para anunciá-los. Ela esqueceu que o marido está enterrado ali. Os ruídos do rio são uma serenata: o ronco dos ursos em Lambeth, o murmúrio das gaivotas, os gritos dos barqueiros, o chamado das prostitutas de Southwark procurando trabalho, o barulho oco do leme, o roçar úmido dos remos e o timoneiro contando o tempo como a batida de um coração.

Ele se inclina para um beijo. A umidade escorregadia de sua língua a desestabiliza, faz com que o deseje desesperadamente. Seus dentes se encostam. Ele se afasta levemente, ainda perto, tão perto que seus dois olhos se tornam um só.

“Ciclope”, ela diz, rindo e se afastando mais para vê-lo melhor. A imagem dele a deixa absorta como uma boa história.

“Seu monstro de um olho só.”

“A linguagem do amor não faz sentido”, ela diz.

Ele assopra o rosto dela. Seu hálito cheira a anis.

“Guinada para bombordo”, anuncia um dos remadores.

O barco vira e desvia para o lado. Ela espia pela janela. A água está suja, cheia de destroços, e solta um fedor rançoso. Uma flotilha de pequenos barcos cerca alguma coisa branca e inchada na água. Os homens se levantam para ver melhor, equilibrando-se nas pequenas embarcações que ondulam com a água e balançam.

“Que diabos é isso?”, grita um deles.

“Afogado”, responde outro.

“Pobre alma”, lamenta o primeiro, tirando o chapéu.

“Não olhe”, diz Seymour, afastando cuidadosamente o rosto dela com um leve toque.

Mas ela viu de relance o corpo saturado, o rosto mutilado, as entranhas derramando. Suas preocupações reaparecem, preenchem sua cabeça. O que aconteceria se o rei descobrisse aquilo? Não foram cuidadosos o suficiente. Aquela primeira vez no jardim foi imprudente — qualquer um poderia ter visto. Mas têm sido tão cuidadosos desde então. Ela se sente pressionada por um medo súbito das consequências.

Ele tira a luva dela e beija cada um de seus dedos. “Isso é o que se sente no amor, Kit?”

Ela tenta ignorar a pressão do medo que está se aninhando dentro dela. “Como eu ia saber?”, ela diz, tentando manter a voz leve, livre de preocupações.

“Você foi quem se casou duas vezes”, ele diz gracejando.

“E o que o casamento tem a ver com amor?” Ela força uma pequena risada, mas a pressão vai mais fundo. “É *você*, sr. Seymour, quem tem toda a experiência do amor, a julgar pelos boatos da corte.” Ela o cutuca delicadamente. “Todas aquelas donzelas de coração partido.”

“Tudo aquilo”, ele diz, agora sério e olhando bem para ela, olhando para dentro dela, “não passou de uma tolice juvenil. E elas eram só garotas. *Você* é uma mulher. Uma mulher de verdade, Kit.”

“E por que isso me tornaria mais amável?” Ela quer perguntar se ele não está preocupado também, mas não tem coragem de acabar com o momento.

“Não é por você ser uma mulher. É que você é você”, ele diz. “Não consigo explicar. Nem mesmo os poetas conseguem explicar o amor. Mas você, Kit…” Ele faz uma pausa, parece constrangido, baixa os olhos. “Você dá sentido a meu mundo.”

Como isso é possível, ela se pergunta, quando *ela* não consegue encontrar sentido em lugar algum? Katherine quer a sensação de alguns minutos antes, ver de relance aquela borboleta novamente. Foi convocada para ir à corte no dia seguinte a serviço de Lady Mary. Uma borboleta, ela lembra a si mesma, só pode ser realmente observada quando está morta, presa em uma tela. Treme, de repente consciente de quanto o frio do rio infiltrou-se nela.

“Fui chamada na corte”, diz, detestando matar a borboleta dele também.

As mandíbulas dele se contraem, dando-lhe o ar de um menino petulante, e ela quer segurá-lo e deixar tudo perfeito novamente.

“O rei ordenou?”, ele diz abruptamente.

Katherine se pergunta se Thomas falou sobre isso com seu irmão. “Essa é a melhor oportunidade na história dos Parr”, Will dissera. “*A família real*, Kit. Teríamos nosso lugar na história.”

“Sua ambição é demasiada, Will”, ela devolveu.

“Foi para isso que fui criado”, ele relembrou, “todos nós fomos.”

É verdade. A classe deles era criada para elevar a família o máximo que pudesse — um perpétuo jogo de xadrez, tão complexo que é impossível saber se você está prestes a vencer ou a perder.

“E, além do mais, quem falou em casamento?” Ela continuou. “O rei provavelmente está só brincando comigo até se cansar. Sua atenção irá embora. Espere para ver.”

O que seu irmão pensaria se soubesse que seu amigo Seymour atrapalhava sua tacada de sorte?

Se Katherine se casasse com Seymour não estaria disponível para o rei. Ela se repreende por sequer pensar a respeito — casar-se com Seymour. Mas pensa nisso o tempo todo. É uma ideia maluca, realmente. Mas por que não? Por que não poderia ter um casamento por amor? Há muitas razões, a menos importante delas sendo o fato de Seymour, como cunhado do rei, precisar de permissão real para casar; sem o consentimento do rei, o casamento seria considerado traição. Qualquer coisa pode ser interpretada como traição hoje, qualquer coisa que perturbe a ordem das coisas. E o rei dita a ordem das coisas. A ideia é como um

nó em sua cabeça, impossível de desatar, apertando constantemente; ela *não pode* pensar nisso.

“Não, foi Lady Mary quem me chamou”, diz, tentando manter a voz calma, como se não houvesse uma grande confusão de pensamentos se amontoando nela.

“Aposto que o rei está por trás disso”, ele diz rispidamente, soltando sua mão da dela.

“Você está de mau humor, Thomas Seymour?”

Ele olha para ela zangado.

“Você está com ciúme”, Katherine ri. Seu coração dá um pulo de alegria diante dessa prova de amor, e todos aqueles pensamentos sobre o rei se afastam, desaparecem, como mágica.

Thomas não ri com ela, entretanto; mal consegue dar um sorriso.

“Tempo, Thomas”, ela diz para acalmá-lo. “Dê tempo ao tempo. Quando o rei tiver se cansado de…”

“Não quero falar do rei”, ele responde, interrompendo-a.

“Mas, Thomas”, Katherine murmura, “você não tem nada com que se preocupar. Ele vai se casar com aquela menina Bassett. Todo mundo está dizendo. Você vai ver.” Mas ela não consegue convencer nem a si mesma.

“Quero você, Kit. Quero você só para mim.”

“Um pouco de tempo. Só isso. Seja paciente.”

“Você tem que ir para a corte?”

“Sim. Você sabe disso.”

“E vai levar sua enteada?”

“Ela foi chamada.”

“As pessoas estão falando em casamento entre mim e ela. Não quero que esse rumor seja alimentado.” Seus olhos vão de um lado ao outro.

“Mais tolices. Meg não vai se casar com ninguém sem minha palavra.”

“Mas e se o rei quiser?”

“Thomas, o rei tem coisas mais importantes em que pensar, tenho certeza, do que o casamento de Margareth Neville. Foi só uma fantasia momentânea que virou boato.”

Ele bufa ligeiramente. Seu rosto é enrugado e delicado, como um cachorrinho desgrenhado. O coração dela pula. A influência que Seymour exerce sobre ela tornou-se incontrolável.

3

Palácio de Whitehall, Londres, junho de 1543

Dot tinha tentado imaginar como seria Whitehall. Viu a Torre envolta pelo Tâmisa, com suas janelas estreitas para arqueiros, o fosso fétido, sua cor cinza-ferro. É um lugar antigo, fortificado, voltado para dentro de si mesmo, mostrando somente os ombros de pedra para o mundo. As pessoas baixam a voz quando falam daquele lugar, pois é para onde traidores são levados e coisas indizíveis acontecem nas masmorras. Mas Whitehall não se parece em nada com a Torre; suas torres podem ser vistas a quilômetros, erguendo-se sobre as ruas desordenadas de Westminster, brancas e novas brilhando sob o sol, os estandartes ondulando com a brisa. Não há fendas para arqueiros, nem fosso, nada que faça pensar nos inimigos, mesmo os sentinelas que montam guarda frente aos portões parecem ter sido postos ali como decoração, com seus librés vermelhos e dourados que parecem elaborados o bastante para o próprio rei usar. Para Dot, não é nada menos do que a Camelot de sua imaginação.

O lugar é imenso; caberiam cem castelos como Snape dentro dos muros. É como uma cidade completa e movimentado como o mercado em Smithfield, com pessoas passando apressadas para lá e para cá fazendo o que quer que fazem. Há um pátio principal com largos degraus de pedra que levam ao grande salão e à capela, e em algum lugar ali dentro ficam os aposentos do rei — no entanto, esses lugares são proibidos para Dot. Para lá de um arco ficam os estábulos, e mais adiante se encontram os anexos: a lavanderia e o campo atrás dela, onde as roupas são penduradas para secar; os celeiros; os armazéns; o matadouro; o canil, onde os cães de caça uivam e geralmente fazem um barulho terrível, não muito diferente da algazarra que vem da briga de galos à noite, ou das quadras de tênis quando um jogo animado está acontecendo. O palácio continua infinitamente, acaba somente no rio e nas latrinas, onde em um dia sem muita brisa paira o fedor mais infernal.

Na outra direção, no sentido de Scotland Yard e dos alojamentos dos cortesãos, que é onde ficam os aposentos de Lady Latymer, há o campo de justa e o gramado de boliche com jardins até onde a vista alcança, distribuídos em quadrados com cercas vivas altas, cada um como um cômodo, e dentro deles há

fontes ornamentais e viveiros de aves e todo tipo de flores, onde os cortesãos passeiam como se não tivessem nada melhor a fazer além de perambular e admirar as flores. Há um jardim geométrico, um jardim aromático de lavanda com abelhas zunindo e um labirinto onde Dot não ousou entrar por medo de se perder. Não é para ser usado pelos criados, de qualquer maneira. Há acres de horta cheios de mulheres capinando, plantando e desenraizando vegetais. Se você atravessá-lo, depois das fileiras de alfaces que parecem chapéus e dos tufos de erva-doce e das ervilhas e feijões enrolando-se para cima, tudo que consegue ouvir é o tilintar das pás remexendo a terra. Às vezes, quando não está sendo observada, Dot apanha uma vagem, corre os dedos pela abertura para colher as ervilhas aninhadas nos bolsões brancos e aveludados e coloca-as na boca, saboreando o doce crocante.

As dependências da cozinha formam um mundo à parte. Criados apressados passam invisíveis para todo lado carregando lenha, empurrando barris, acendendo pavios, limpando o chão, girando assados, depenando aves, assando pão, cortando, fatiando, misturando, sovando e esfregando. Refeições para setecentas pessoas surgem no grande salão, servidas por um exército de criados invisíveis como se não tivesse dado nenhum trabalho preparar. O palácio todo parece, na superfície, funcionar por conta própria: lençóis limpos chegam às camas num piscar de olhos; o barro parece se limpar sozinho do chão; roupas se consertam; penicos brilham; a poeira desaparece.

Dot passeia por ali num estupor perplexo, sem saber onde se encaixar em meio àquilo tudo. Estritamente falando, ela não deveria sequer estar ali. Além dos criados do palácio, só criados nobres são permitidos, e mesmo isso o camareiro-mor vê com maus olhos, pois, apesar do tamanho do palácio, não há espaço para acomodar todo mundo. Mas Lady Latymer insistiu em trazê-la. “Você é da família e não tenho a intenção de deixá-la para trás”, disse. Dot ficou aliviada, porque tinha andado muito preocupada com a ideia de voltar para Stanstead Abbotts e se adaptar de novo à antiga vida.

Os aposentos delas ficam no meio de um tal amontoado de construções que nos primeiros três dias Dot se perdia toda vez que saía. O quarto é modesto, o que surpreendeu Dot, que havia imaginado um aposento com janelas altas de vidro e uma grande cama como aquela famosa em Ware em que podem dormir dez homens sem um encostar no outro. Lady Latymer explicou que eram só os duques e os favoritos e afins que tinham aposentos grandes no próprio palácio, e que até alguns dos condes e condessas ficavam espremidos em quartos tão pequenos quanto o delas. Ela tem sorte de possuir esse quarto, ao que parece,

porque muitos precisam encontrar lugar para dormir para lá dos portões. Na verdade, Lady Latymer parece bem feliz com essa solução. Dot a ouviu dizer a Meg que é um indicativo de que as atenções do rei pousaram em outro lugar, pois se ela fosse uma favorita estaria sem dúvida hospedada no palácio.

Mas Dot tem certeza de que o principal motivo pelo qual Lady Latymer gosta de estar longe do palácio é porque de vez em quando consegue roubar um momento secreto com Thomas Seymour. Aquilo é paixão verdadeira. Dot não consegue apagar a lembrança dos dois juntos na horta medicinal em Charterhouse. Só de pensar sente um calor lá embaixo, e imagina como deve ser ter um homem sobre ela daquele jeito. Não consegue imaginar por nada neste mundo um garoto como Harry Dent ou Jethro fazendo aquilo como um cachorro com uma cadela do jeito que Thomas Seymour fez com Lady Latymer. Ela pensa nisso, no entanto, à noite, tocando-se até a barriga se contrair e ela sentir o fluxo de líquido quente, sem se importar com o pecado. Por que Deus faria ser tão bom, ela pensa, se é tão mau? Meg não disse nada sobre o que viram na horta e Dot não ousou trazer o assunto à tona por medo de chateá-la, mas pelo menos não se falou mais em casamento para Meg.

Meg deveria dormir no quarto das damas nos aposentos de Lady Mary, mas geralmente escapa para a cama da madrasta. Dot não consegue imaginá-la em um dormitório com uma multidão de outras garotas que, ela imagina, devem passar a noite conversando sobre garotos: de quem elas gostam, quem já beijaram, e tudo isso. Meg passa a maior parte do tempo rezando ultimamente, ou roendo as unhas, ou sentada à mesa do jantar fingindo comer.

Dot tem um colchão de palha em uma alcova, que é até bem confortável, e uma pequena cortina que pode fechar para ter privacidade. Estão muito bem assim, elas três, embora seja bem solitário durante os longos dias, quando Lady Latymer e Meg estão fazendo o que quer que seja que fazem com Lady Mary — passeando pelos jardins e bordando bastante e indo um bom tanto à missa. Ela sente falta da atmosfera alegre da cozinha de Charterhouse, onde sentava-se em frente à lareira e se divertia com os outros quando tinha acabado suas tarefas. Não há muito que fazer, além de arrumar o pequeno quarto, limpar bem as coisas e cuidar das roupas delicadas; o resto vai para as lavadeiras, que ficam em uma sala abafada pelo vapor mexendo enormes tinas de roupa e depois penduram tudo para secar nas cercas no pátio, como bandeiras brancas. Ela cuida dos consertos também, costura fechos e colchetes que se soltaram ou remenda algum buraco. Não toma muito tempo.

Dot explora de vez em quando, quando todo mundo está na missa e ela

precisa polir o chão, quando está tão vazio que faz eco, então Dot tira os sapatos e desliza pelos longos corredores encerados, fingindo estar patinando no gelo. Tem um rapaz que entrega lenha todas as manhãs, Braydon, um ajudante de cozinha que foi bem gentil e mostrou o funcionamento das coisas, onde encontrar material para acender o fogo, onde esvaziar os penicos, onde achar ervas aromáticas, onde fazer as refeições, esse tipo de coisa. Ele até mostrou-lhe um cesto de gatinhos aninhados uns nos outros no fundo do depósito de madeira, o que foi simpático, e depois tentou beijá-la, o que não o foi, porque embora seja gentil Braydon é cheio de espinhas, tem o rosto vermelho e estava atrás de uma só coisa. Ele ficou de mau humor desde então, ignorando-a, e deve ter dito alguma coisa para os rapazes da cozinha, porque todos olham estranho para ela e dão risadinhas quando passa.

De vez em quando Meg consegue escapar sem ser vista ou finge estar com dor de cabeça, e elas vão deitar na grama do pomar, onde as flores do campo crescem — papoulas e cerefólios selvagens e pequeninos miosótis — e não há nenhum som além do zunido e do bater de asas dos insetos e do gorjeio dos passarinhos que se reúnem nos galhos das árvores frutíferas. Se elas deitarem completamente rente ao chão não são vistas à distância e podem fingir que estão completamente sós no mundo. Ali imitam o canto dos pássaros e olham para as nuvens, imaginando formas: um galeão, um cavalo alado, uma coroa. Meg conta como é nos aposentos de Lady Mary, quão maldosas as garotas são umas com as outras e como ninguém diz o que quer dizer. Todos distorcem as palavras. Meg não gosta. Mas ela não é uma pessoa que se acomoda facilmente em outra vida.

“E Lady Elizabeth, como ela é?”, Dot perguntou uma vez.

“Nunca a vi. Mora em outro lugar e nunca falam dela”, Meg respondeu.

“Mas por quê?” Dot não conseguia entender por que a filha mais nova do rei não estaria no palácio.

“O rei não gosta de se lembrar da mãe dela. É o que dizem.” Meg faz um gesto como se cortasse o pescoço.

“Nan Bullen”, murmurou Dot, como se o simples fato de dizer em voz alta pudesse transformá-la em pedra.

“Sim, Anne Boleyn”, Meg sussurrou em resposta, a boca semicoberta pela mão.

“E o príncipe Edward. Conte sobre ele.”

“Também não o vi. Ele é mantido longe de Londres por medo de doença. Mas falam dele o tempo todo. Todo tipo de informação circula: o que ele comeu, o que está vestindo, a cor de suas fezes, o cheiro de seus puns…”

“Margaret Neville!”, exclamou Dot. “O que estão ensinando para você lá em cima?”

“São bem desbocadas, aquelas garotas nobres”, Meg disse rindo, e Dot ficou secretamente satisfeita que estivesse mostrando um pouco de bom humor.

À noite, depois de jantar, Dot senta sobre um muro baixo de onde pode ver as janelas do palácio brilhando amarelas e as silhuetas das pessoas dançando e bebendo no andar de cima, aonde ela nunca foi, e consegue ouvir a música que escapa para o jardim. Tenta imaginar a aparência do rei, pensa se ele tem um halo como uma pintura na igreja.

Nem um mês depois de terem se instalado, Dot ficou sabendo que a corte ia se mudar — inteira — no verão. Se ela achava que todos estavam ocupados antes, não podia ter imaginado como ficariam. Tudo tinha que ser preparado para a mudança: tapeçarias foram levadas para o pátio para bater, levantando grandes nuvens de poeira, antes de serem dobradas e postas dentro de sacos de tecido em baús. Vestidos foram cuidadosamente dobrados em camadas de musselina com cânfora para espantar as traças, baixelas foram guardadas em caixas e móveis foram desmontados. Quase tudo que era móvel foi levado.

Elas iriam por barca, diz Lady Latymer, para um palácio ainda maior que aquele, chamado Hampton Court. Dot iria aquela tarde, em uma carroça com a bagagem e o cão. Seguiriam os homens do mordomo-mor e suas carroças com equipamentos, os sentinelas e os encarregados do guarda-roupa real com todas as vestimentas do rei, tapeçarias, almofadas e tapetes, e o mestre da cavalaria e os criados dos estábulos, que levariam os cães de caça favoritos. Diziam que Hampton Court era muito bom para caçar e que iam comer carne de veado quase todos os dias. Os mensageiros foram pela manhã, para preparar as coisas e arrumar a cozinha. Quando o rei e sua comitiva chegassem no dia seguinte haveria um banquete pronto. Lady Latymer e Meg viajariam com Lady Mary em uma das barcas junto com o rei. Chegariam deslizando sobre a água, como se nenhum esforço fosse necessário para levá-las. Tudo deveria parecer acontecer por mágica.

Meg está irritada e tensa com a mudança. “Mais mudanças, Dot”, ela diz. “É demais.”

Dot a leva para o pomar onde ficam deitadas uma ao lado da outra, escondidas do mundo.

“Sinto sua falta, Dot”, diz Meg. “Elas nunca falam de nada além de casamento lá.”

“Meg”, Dot diz, segurando seu pulso, notando que está ainda mais magra do

que um mês antes e pensando que, mesmo com toda a conversa sobre casamento, ninguém conseguiria engravidá-la naquele estado de qualquer maneira; Meg nem menstrua mais. “Há algumas coisas na vida que não podem ser mudadas.”

Meg se aconchega tão perto que Dot consegue sentir sua respiração no rosto. “Queria que ainda pudéssemos dividir a cama, Dot, como fazíamos.”

A corte está em alvoroço com os preparativos da viagem. Katherine está diante de uma janela no corredor oeste e observa o guarda-roupa de Lady Mary ser colocado em uma carroça lá embaixo — uma dúzia de baús, cujo empacotamento ela mesma supervisionou. É um dia bonito e está ansiosa para deixar o agito e a pressão da cidade. Um fedor pútrido começa a emanar das latrinas, a horta está quase vazia e o rumor de peste paira no ar — é hora de seguir adiante. Ela deveria estar na missa, mas queria um momento a sós e espera que Lady Mary não fique aborrecida com sua ausência, mas ela estará sem dúvida tão concentrada nas preces que não perceberá quem está lá ou não. Alguém lhe dirá — Susan Clarencieux com seus olhos atentos ou a vingativa Anne Stanhope, provavelmente —, mas Katherine pode dizer que precisava ter certeza de que os baús seriam carregados corretamente.

Apesar das incertezas, ela gostou de estar na corte, onde algo está sempre acontecendo, banquetes ou mascaradas, e ela pode esquecer um pouco o passado. Mesmo as fofocas e intrigas têm seu fascínio próprio. E há o prazer de estar junto de velhos amigos e sob o mesmo teto que a irmã. Cat Brandon está lá também, uma amiga íntima com quem dividiu a sala de aula real tantos anos atrás, e que agora é duquesa de Suffolk. Livros com ideias novas circulam discretamente e elas conversam sobre as inconstâncias da religião, sobre como o vento parece estar mudando novamente. Os reformadores estão sendo multados por comer carne nos dias de jejum, a Bíblia em inglês foi proibida e só pode ser lida pela nobreza.

Gardiner está na origem de tudo isso. Colocaria a Inglaterra de volta nas mãos do papa se pudesse, mas o rei, apesar do apego crescente aos antigos costumes conforme a idade avança, nunca sancionaria a perda do cargo de chefe da Igreja. A presença de Gardiner pesa sobre o palácio, mas pouco pode fazer para controlar o burburinho da Reforma, pois alguns dos homens mais próximos do rei, e com mais influência sobre ele, são a favor da nova religião — como o irmão de Thomas, o conde de Hertford. Então fazem vista grossa para os livros

que circulam, mas nem por um minuto pode-se pensar que não sabem o que está acontecendo.

Apesar disso, a corte é um bom refúgio da melancolia de Charterhouse e da culpa. Katherine, apesar de todas as diferenças de fé, gosta de Lady Mary. Elas leem uma para a outra na câmara privada, ou bordam juntas, conversando alegremente sobre todos os assuntos. Mary é atormentada com frequência por dores de cabeça excruciantes e Katherine preparou uma tintura, uma mistura de matricária e carrapicho, e faz compressas de repolho em sua testa. Como resultado, Mary está um pouco menos enrugada e frágil, e o rei parece gostar mais dela, pois é um homem, ao que parece, que não tem paciência com as doenças dos outros.

Mas a maior atração que a corte tem a oferecer é Thomas. Só tiveram alguns poucos momentos roubados sozinhos — um beijo rápido de vez em quando, atrás de seus aposentos — e uma vez no jardim depois de escurecer, quando ficaram à beira do rio observando-o brilhar silenciosamente à luz da lua, sem ousar se tocar por medo de serem vistos de uma das janelas do palácio. Uma vez, atrás do estábulo, agarraram-se avidamente, o que deixou sua boca machucada e sua cabeça girando. Veem-se em público, no entanto, inúmeras vezes ao dia, fingindo não serem mais do que conhecidos.

“Bom dia, senhora”, ele diz para ela, tirando o chapéu e piscando quase imperceptivelmente.

“Bom dia, senhor”, ela responde, com um aceno formal, dando-lhe as costas como se não se importasse.

Katherine não é tão ingênua, entretanto, a ponto de pensar que ninguém percebe. Não é possível fazer coisa alguma por ali sem que todo mundo fique sabendo de um jeito ou de outro, e os olhos esbugalhados de Anne Stanhope observam todo mundo constantemente para fornecer informações ao marido, Hertford: quem é aliado de quem, quem discutiu com quem, quais damas estão usando joias novas, esse tipo de coisa. Conhecimento é poder nesse lugar e o conde de Hertford está por cima de tudo.

O rei visita os aposentos de Lady Mary diariamente, de vez em quando duas vezes ao dia, mas não demonstrou nenhum tipo de preferência por Katherine. Somente fez a ela os mesmos elogios que distribui para todas as mulheres e certamente não lhe deu aposentos de uma favorita. Ele a chama geralmente para um jogo de cartas ou de xadrez, diz que ela é a única que o desafia realmente. “O resto tem medo demais de mim para jogar bem”, ele disse uma vez, o que a fez pensar em como deve ser não ter nada além de insinceridade a sua volta

constantemente. Deve ter sido sempre assim para ele, ou talvez não quando era criança, pois não fora criado para ser rei. Se seu irmão, o príncipe Arthur, não tivesse morrido, o mundo teria sido completamente diferente. A Inglaterra certamente ainda seria aliada de Roma.

Katherine toma cuidado, mede seu comportamento, não faz nada que o encoraje. Ele deu a Anne Bassett um lindo pônei recentemente, o que faz sua família pensar que ela tem chance, e andam presunçosos que se vê no rosto. Têm a impressão de que Katherine é uma adversária: não fazem ideia de que ela daria tudo para que eles ganhassem. Ela aferroou-se resoluta aos trajes pretos de luto e nenhuma joia além do crucifixo da mãe, que é seu único adorno.

Seymour, entretanto, disse que o preto só serve para fazer sua pele parecer ainda mais brilhante — "como alabastro", disse, e "como o luar". "Para que enfeitar algo que já é belo?"

Katherine geralmente responde algo como "Vamos, Thomas, sabe que não sou do tipo que se comove com palavras". Mas ela se comove. Não consegue evitar. Ele só precisa olhar em sua direção e ela se sente queimar, corando. Os galanteios não soam vazios nos lábios dele mesmo se parecessem nos dos outros.

Katherine escuta o barulho de passos no corredor, sente uma mão sobre o ombro, identifica uma lufada de cedro e almíscar, o perfume dele. Fecha os olhos.

"Thomas, aqui não", sussurra.

"Estamos seguros, não há ninguém por perto. Todo mundo está na missa."

Ela pode ouvir o cântico ritmado da eucaristia emanando da capela lá embaixo. Na janela o sol está se pondo, colorindo o céu com mil tons de rosa como se o paraíso se revelasse. Mas ele a vira de costas para a vista. O rosto de Thomas está arrasado, cheio de alguma coisa — raiva, preocupação, medo, ela não sabe ao certo o quê —, e Katherine procura afeto, mas não consegue encontrá-lo.

"Meu irmão me deu a pior notícia", ele diz. Seus olhos vão de um lado ao outro como moscas.

Ela põe uma mão em volta de seu pescoço morno, puxando a boca dele para a dela, mas Seymour se afasta com um "Não" estrangulado.

"O que foi, Thomas?"

"O rei quer você como esposa." Sua voz fraqueja ligeiramente na palavra final, mas seu rosto revela pouco. Não é um homem de deixar as fraquezas à vista, mas ela percebe que está abatido quando seus olhares se cruzam. "Eu temia isso", ele completa.

“Imagine. O rei mal olhou para mim este mês. É só um boato.”

Ela ri, mas o rosto dele está sério e frio.

“Boato.” Ele parece desamparado.

“O rei não me disse nada. Teria dito alguma coisa. Você não precisa se preocupar”, ela balbucia.

“Não, Kit”, ele grunhe, “não são rumores. Ele me mandou embora.” Seymour evita o olhar dela.

Katherine não consegue suportar, quer agarrar seus braços, envolver-se neles, grudar em seu amante como um caracol. “Olhe para mim, Thomas…” Mas ele não consegue afastar os olhos da janela. “Querido.”

“Devo partir para os Países Baixos por tempo indefinido.”

“Países Baixos? Como embaixador?”

Ele faz que sim.

“Mas não entendo”, ela diz, segurando a mão dele e beijando-o com os lábios secos. “Não é uma honra representar o rei no estrangeiro?”

Ele segura a mão dela entre as suas, apertadas, o anel dele se afunda nela com tanta força que Katherine imagina o brasão dos Seymour para sempre gravado em sua palma. As mãos dele estão quentes, as dela, frias. “Para longe da corte. Para me tirar de vista, da mente, Kit. Ele está se livrando de mim.”

“Não…” Ela está confusa, não consegue ordenar os pensamentos. “Não é uma honra?”

“Você não entende.” Agora a voz dele está alterada e furiosa. “Longe da corte não terei influência. Não serei nada. E…” Ele tropeça nas palavras, cuspindo-as como dentes podres. “E *ele* vai ficar com você.”

“Ele não vai ficar comigo. Você está imaginando, Thomas.”

“Você não o conhece tão bem quanto eu.”

“Você irá, fará seu dever em nome do rei e em alguns meses voltará coberto de glória e nós…”

Ela espera que ele diga “vamos nos casar”, mas ele não o faz.

“Conheço os homens, Kit. Sei o que alguém como ele faria para conseguir o que quer.”

“Você não tem provas, Thomas. Não passa de um rumor”, ela diz, mas um fragmento de dúvida se aloja por baixo da pele.

“Ele *vai* ficar com você”, Seymour diz cheio de raiva.

As palavras dele finalmente a atingem como um tiro nas entranhas. Como tem tanta certeza? Ela se sente prestes a desmoronar. Aquelas palavras destroem a história que tem contado a si mesma. Se ao menos pudesse sair correndo,

escapar deste lugar.

“Venha comigo”, Seymour sussurra, como se pudesse ler seus pensamentos.

A respiração dele esquenta a orelha dela, a barba pinica seu pescoço.

“Vamos para algum lugar distante no exterior…”

Mas ambos sabem que isso é tão impossível quanto ir às estrelas.

“Shhh”, ela diz, apertando um dedo contra os lábios dele, sentindo congelar um lugar no fundo de si.

Katherine tinha tecido imagens deles dois, grandes tapeçarias retratando sua vida juntos longe da bisbilhotice e da bajulação da corte, mas elas se dissolveram num instante. Sabe tanto quanto ele que a ira do rei se infiltraria até mesmo nesses imaginários secretos e aniquilaria tudo. E não pode imaginar a cabeça decapitada de seu querido Thomas espetada na Tower Bridge para todos verem. Ela sente um calafrio. Seymour é um homem ambicioso; não ficaria satisfeito escondido de tudo aquilo, mesmo que fosse possível. Ela o conhece bem o bastante. Outro pedaço em sua história se desmancha.

“É a vontade de Deus”, diz.

“A vontade do rei”, ele rebate, a mandíbula rígida, um pequena veia saltitando em sua têmpora.

Ela põe o dedão sobre a veia, sente seu pulso, sente a vida dentro dele, dá um longo suspiro e murmura um “Sim” derrotado, observa-o se afastar abruptamente sem nem um beijo ou um olhar carinhoso, a capa fazendo um floreio extravagante em seu rastro. “É a mesma coisa”, ela diz, mas ele está longe demais para ouvir.

Os passos dele ecoam conforme se afasta, sua espada vai brandindo e suas esporas tilintando como acompanhamento. Katherine não consegue recolher os pedaços de si, partes estão faltando, viraram poeira. Seymour dobra o corredor e sai de vista, deixando-a com um vazio escancarado, do qual vem o pensamento traiçoeiro de que talvez Deus logo chamasse o rei Henry para perto de si. Apoia-se na janela, agarra o parapeito, como se fosse ajudar a manter seus pedaços no lugar. Escuta o burburinho das pessoas saindo da capela, subindo as escadas, passam por ela como se nada tivesse mudado, sem notá-la, pálida como osso, emoldurada pelo batente.

“Se não é a viúva Lady Latymer. E onde estava durante a missa?” É Anne Stanhope, abanando um ramalhete de flores diante do rosto como se o mau cheiro da aristocracia pequena fosse mais forte do que pudesse suportar. “Ouvi dizer que está procurando um marido na escória da minha família.”

Katherine não diz nada, só bufa ligeiramente.

“Eu pensava que você poderia conseguir coisa melhor do que um irmão mais novo, *meu* cunhado ainda por cima.” Os olhos dela giram como os de um réptil.

“Acho que está enganada”, Katherine diz. “Há muitos boatos por aqui e poucos são verdadeiros.”

“Todo mundo sabe”, diz Stanhope com a voz sibilante, os olhos brilhando. “O rei sabe.” Isso ela diz como se acompanhado de vários pontos de exclamação. “É por isso que Thomas está sendo mandado embora.”

“Ele está indo embora?”, Katherine diz, como se não passasse de um boato, controlando-se para manter a calma. Então é verdade. Stanhope saberia, o marido sendo tão próximo do rei.

“O rei não gosta desse tipo de comportamento”, ela diz asperamente.

“Não sei do que está falando”, Katherine responde, tentando ler seu rosto para ver se ela sabe mais, algo sobre as intenções do próprio rei.

Mas ela não entrega nada. Com certeza, Katherine pensa, Stanhope estaria tentando ser simpática se tivesse algum indício de que o rei desejava Katherine como amante. Ela, de todas as pessoas, sabe como jogar o jogo da corte, como conseguir favor nos lugares certos.

“A astuciosa Katherine Parr se fazendo de tola”, Stanhope diz como um sorriso torto. “Não combina.”

Katherine sente a raiva crescendo. Põe de novo o sorriso bondoso no rosto e pergunta: “Vai viajar na barca de Lady Mary amanhã?”.

Ela sabe muito bem que não, porque ela mesma ajudou a preparar a lista de quem irá com Lady Mary. Katherine se odeia um pouco por se rebaixar ao nível de Stanhope, mas sabendo quão rigorosa a mulher é com hierarquia não consegue resistir.

“Talvez”, diz Stanhope.

“Nós nos veremos, então”, Katherine diz.

“Mas… talvez eu viaje um dia depois… negócios.”

Katherine acena com a cabeça, dizendo “Condessa” antes de se afastar calmamente, resistindo ao impulso irresistível de correr.

Um pé após o outro ela atravessa a galeria, um passo de cada vez, escada abaixo, então cruza o pátio até chegar a seus aposentos, que felizmente estão vazios. Joga-se na cama, permitindo finalmente às lágrimas que venham, com grandes soluços. A ideia da ausência de Thomas tomou conta dela, como se um veneno tivesse entrado em seu sangue, e ela se pergunta se algum dia será a mesma pessoa novamente.

Palácio de Hampton Court, Middlessex, junho de 1543

Dot segue um ajudante do mordomo-mor pela escada de pedra, atravessa o grande salão e a antecâmara, percorre a galeria, vira a esquina, passa pela capela do rei e entra em uma sequência de quartos que são tão maravilhosos que ela até perde o fôlego. Os painéis de madeira são entalhados com desenhos tão delicados que Dot quer tocá-los só para ter certeza de que são realmente madeira e não tecido, o gesso intricado no teto está pintado de um azul tão brilhante que seria de imaginar a cor do céu no paraíso, e tudo tem detalhes em ouro e é salpicado de rosas vermelhas e brancas dos Tudor — para o caso de você se esquecer de quem é o palácio. A lareira é como um enorme portal de mármore, alta o bastante para um homem ficar de pé dentro dela, com um trasfogueiro tão lindamente trabalhado que parece o brinco de uma giganta. Há mais janelas do que Dot já viu em qualquer outro lugar, inundando o quarto de luz. Ela supõe que sejam os aposentos de Lady Mary, e que o quarto delas estará no labirinto de corredores que imagina adiante.

Mas o ajudante do mordomo-mor diz “Chegamos” e o pequeno exército que se amontoou atrás com todos os pertences de Lady Latymer começa a despejá-los fazendo uma grande pilha no chão.

“Estes são os aposentos de Lady Latymer?”, ela pergunta.

“Correto”, diz o ajudante do mordomo-mor.

“Tem certeza?”

“Veja você mesma.” Ele estende um pedaço de papel. “Está escrito aqui: quatro quartos na ala a leste da galeria: antecâmara, câmara privada, quarto de dormir, guarda-roupas, veja.” Ele aponta para uma linha escrita.

Mas Dot, não sabendo ler, não tem como entender. Ela acena com a cabeça, dizendo: “Sim”.

O homem vai embora. Dois dos carregadores começam a pendurar uma série de tapeçarias nas paredes e outros dois montam uma grande cama de dossel no cômodo adiante. Dot perambula de um cômodo para o outro, respondendo perguntas sobre onde quer que as coisas sejam postas, esperando que o ajudante volte e diga que houve um engano, que não são os aposentos de Lady Latymer afinal de contas, e leve-os para um sótão apertado em algum lugar. Mas o homem não volta.

Se ela tinha ficado impressionada com o palácio de Whitehall, está de queixo completamente caído com Hampton Court. Não acreditaria se não tivesse visto

com os próprios olhos. Tinham chegado por London Road em um longo comboio, ela perto do fim, empoleirada em um carro velho que chacoalhava muito, segurando-se para não cair e com o pequeno Rig debaixo do braço. Alguém gritou que o palácio estava à vista e ela ficou de pé, apoiando-se na bagagem para poder ver.

Lá estava ele, aparecendo de relance entre as árvores, as elaboradas chaminés de tijolo e as torres guarnecidas de ameias, erguendo-se para o céu. Ela não conseguia parar de olhar enquanto entravam no primeiro pátio, as janelas refletindo o sol, os tijolos avermelhados lançando um brilho rosado sobre tudo e a fonte no centro uma explosão de diamantes. Pensou que deveria estar sonhando, tinha de algum jeito ido parar no castelo de marzipã que vira sendo preparado na cozinha de Whitehall como enfeite para um dos banquetes do rei.

Ela seguiu o ajudante do mordomo-mor num torpor, passando pelas estátuas e murais e tapeçarias tecidas com fios dourados que brilhavam como se fossem imagens do próprio paraíso. Queria parar, ter tempo de admirar tudo aquilo, olhar para o teto entalhado acima e pelas janelas para os jardins e lagoas que via de relance conforme avançavam, mas o homem seguia apressado adiante como se estivesse atrasado para um compromisso e ela ia tropeçando atrás dele, fazendo o possível para acompanhar. Com todo o esplendor do palácio, entretanto, os aposentos de Lady Latymer são o melhor de tudo, porque Dot vai dormir ali também, ou foi o que disseram.

Mostram-lhe a cozinha, aonde se chega por uma série de escadas para lá da grande antecâmara. Ela mal consegue contar os cozinheiros, lavadores de prato, ajudantes e outros, indo e vindo depressa, carregando carcaças de animais ou mexendo tinas de um líquido de odor adocicado, ou sovando enormes bolas de massa, preparando a chegada do rei. Está quente como deve ser no inferno, com o fogo aceso e os espetos girando e panelas borbulhantes soltando fumaça.

Enquanto ela absorve tudo aquilo, sentindo-se totalmente perdida, uma garota se aproxima. Isso não é comum, pois não há muitas garotas por ali, além das que trabalham na lavanderia. Ela tem o rosto redondo, bochechas rosadas, um sorriso maroto e é robusta, com um par de seios generosos.

“Sou Betty”, diz, sorrindo. “Betty Melcher. Tem bem poucas meninas por aqui e precisamos ficar unidas. Qual é o seu nome?”

“Sou Dorothy Fownten. Mas geralmente me chamam de Dot.”

“Então chamarei você de Dot, se não se importa. Está a serviço de quem?”

“Lady Latymer.”

“Ooooh”, exclama Betty. “É dela que todo mundo está falando, não é?”

Dot não sabe o que ela quer dizer com isso, então só faz que sim com a cabeça, e diz: “E você está a serviço de quem, Betty?”.

A garota se lança em um discurso sobre como serve a “todas as malditas almas da cozinha”, mas Dot finalmente descobre que ela trabalha na copa lavando panelas e pratos, o que explica suas mãos vermelhas e esfoladas.

“Betty”, Dot pergunta, quando a menina finalmente termina de enumerar suas tarefas, pontuando a fala com praguejamentos. “Estava pensando, você se importaria de me mostrar como funciona a cozinha? Estou totalmente perdida.”

Então Betty lhe mostra o depósito de grãos, as caldeiras, a peixaria, a adega, a despensa, o defumador, a destilaria, o açougue e o lugar onde se pode pegar água para o banho, e elas vão até as latrinas comunais que dão no fosso abaixo, onde há espaço para vinte e oito pessoas se aliviarem ao mesmo tempo.

Acabam na copa onde há alguns escreventes de cozinha à escrivaninha analisando papéis, mergulhando penas na tinta e escrevendo coisas. Um em especial chamou a atenção de Dot. Tem dedos manchados de tinta e olhos verde-escuros semicerrados que dão a Dot a impressão de estar olhando para dentro de um poço, quando você quase consegue ver o brilho da água no fundo. Seu cabelo é cor de castanha-da-índia, e seu queixo tem uma pequena cova onde ela gostaria de colocar o dedo para ver se cabe. Ele levanta a cabeça, olha direto para Dot, mas não parece vê-la, e sim olhar através dela, dando a impressão de estar pensando atentamente em alguma coisa, depois começa a contar com os dedos pintados antes de mergulhar a pena e escrever alguma coisa. O coração de Dot dá um pulo e ela sente um aperto na barriga.

Do lado de fora, no corredor, ela pergunta a Betty quem ele é.

“Quem, aquele escrevente? Não sei seu nome. Eles não falam com a gente. Humildes demais”, ela ri ruidosamente. “Por quê?”

“Não sei, só estava pensando.”

“Você gostou dele, Dorothy Fownten, dá para ver a um quilômetro de distância.” Betty dá risadinhas, cutucando a nova amiga. “Não sei por que você escolheria um desses escreventes mal-humorados quando existem quase cem rapazes bonitos por aqui. Não sei o que você vê nele comparado com alguns dos meninos do estábulo. Aaah, tinha um…” Ela conta a Dot sobre tudo que acontece na cozinha depois que escurece, onde todos dormem em colchões de palha diante do fogo. “Mas não os escreventes, é claro”, ela diz. “Eles têm quartos de verdade em outro lugar.”

É bom ter uma amiga com quem conversar, pensa Dot, achando que vai gostar dali.

Mais tarde, no andar de cima, exausta da viagem e do trabalho de desfazer pacotes e preparar tudo para a chegada de Lady Latymer no dia seguinte, Dot deita sozinha na cama de dossel, estica os braços e pernas até onde consegue alcançar, como uma estrela, pensando em seu escrevente sem nome com dedos borrados de tinta e olhos esverdeados. Ela devaneia até cair no sono com a ideia de que existe um homem que sabe ler, sem estragar seus sonhos com o fato de que está tão acima dela na escala das coisas que provavelmente nem notaria sua existência se ela passasse diante dele nua como no dia em que nasceu.

"Tem certeza de que não houve um engano?", Katherine pergunta.

"Não, senhora, está escrito no livro. O ajudante do mordomo-mor me mostrou ele mesmo", responde Dot.

Katherine sente uma apreensão crescente, pois sabe muito bem que esses são os aposentos da rainha desde o tempo de Jane Seymour. Ela sabe o que isso deve significar. Está sufocada de saudades de Thomas e às vezes parece impossível estampar um sorriso e sair por aí como se tudo estivesse igual, como se o eixo de seu mundo não tivesse se deslocado. Dot sai e deixa Katherine sentada na cama sozinha. A mão busca o crucifixo de sua mãe, o que traz a imagem da pérola na palma da mão dele. Uma batida na porta a traz de volta, e seu irmão entra com um sorriso da largura do Tâmisa.

"Will", ela exclama, correndo para seus braços. "Pensei que estivesse lutando contra os escoceses."

"Tinha alguns assuntos para resolver aqui e pensei em visitar minha irmã, que parece estar em ascensão." Ele faz um movimento em arco com o braço e diz "Nada mau…", olhando em volta com seus olhos de cores diferentes, reparando em tudo — calculando o valor de tudo, provavelmente.

"Humm", ela murmura, "imagino quanto isso vai me custar."

"Não seja assim, Kit. Graças a você os Parr estão em alta. E *eu* tenho boas notícias."

"Bem, desembuche, claramente você está louco para me contar."

"Vou me tornar duque de Essex. Não recebi a notícia oficialmente, mas fiquei sabendo por uma boa fonte."

"Ah, Will", ela diz. "Isso estava para acontecer há tempos. Estou contente por você."

Ela quer estar *verdadeiramente* contente por ele, mas perdeu Thomas para conseguir isso. Pensar a respeito é como se um prego fosse martelado nela. Mas

não é culpa de Will que o rei a tenha escolhido. Nem é culpa dele que queira ver os Parr em ascensão. Foi criado para isso, todos eles foram. Todos os nobres que se pavoneiam pela corte têm os olhos nas estrelas.

"E o seu divórcio?", ela pergunta.

Ambos sabem que se ele não conseguir um divórcio não terá herdeiros a quem transmitir seu tão esperado ducado.

"Achei melhor esperar antes de abordar esse assunto de novo."

Esperar o quê?, ela pensa. Esperar que eu vá para a cama do rei para agradá-lo? Embora não diga nada, sente uma admiração secreta pela esposa perseguida de Will, que teve a coragem de fugir com o amante e ignorar a corte.

"Imagino que o rei simpatize com seu pedido", ela diz. "Ele sabe como é um divórcio, afinal de contas."

"Você pode até achar, Kit, mas como aquele miserável bispo Gardiner gosta de lembrar, os casamentos do rei foram anulados. Ele nunca se divorciou. E Gardiner é tão *católico* que mal pode dizer a palavra 'divórcio' sem engasgar. Ele está de olho em mim, Kit, tenho certeza."

"Duvido, Will." Katherine sabe que seu irmão é dado ao melodrama.

"Não gosta de nenhum de nós Parr. Somos favoráveis demais à Reforma para ele."

"Tenho certeza de que Gardiner tem outras coisas em mente além dos Parr e de nossas crenças."

"Sim", diz Will abruptamente, "como limpar o traseiro do rei… *e* levar todos nós de volta para a antiga fé."

"Seja como for, chega disso. Venha ver a vista daqui." Ela o leva até a janela que dá para o pátio da fonte. "Veja que bonito. Vou poder espiar os amantes roubando beijos no claustro", ela ri.

Mas por dentro está pensando nos beijos de Thomas, nos apertos e abraços dele, no brilho de seus olhos como um céu de verão. Outro prego afunda nela. Queria que sua irmã estivesse ali. Poderia ser sua confidente. Mas Anne tem que ir à residência dos Herbert entrevistar um novo tutor para o filho. Pensar na fertilidade de sua irmã, em seus filhos, afunda outro prego. Até mesmo pensamentos que parecem inocentes são traiçoeiros.

"Então", diz Will. "E o rei?"

"O que você quer dizer?" Ela finge não saber.

"Ele se declarou?"

"Não disse nada. Na verdade, até eu me ver hospedada aqui", ela abre os braços, indicando os apartamentos suntuosos, "não fazia ideia de suas

intenções.”

“Ele vai dizer alguma coisa logo, tenho certeza.” Os olhos de Will estão brilhando.

“Vai me pegar como amante e vou fingir que é a coisa que mais quero no mundo. Vamos receber algumas terras e vão nos dar títulos e depois ele vai se cansar de mim. É assim que vai ser.”

“Ele quer uma *esposa*, não uma amante.” Seu tom de voz é conspiratório. “Pense nisso, Kit, rainha da Inglaterra. Pense na sua influência. Você poderia persuadir o rei a retornar à nova fé. Nossa fé. Ele está voltando atrás, Kit, aos costumes antigos.” Will está quase fervendo. “*Você* poderia fazê-lo mudar de ideia.”

“Hum”, ela bufa. “Acha que sou tão persuasiva? E o que o faz pensar que ele me escolheria como esposa?”

“Hertford disse.”

“Ah, Hertford.” Sua voz falha. Não é um boato à toa, então. Thomas estava certo. Lembranças do amante tomam conta de sua mente outra vez. Ela põe a mão na testa. “E Thomas? Encontrou com ele, Will?”

“Thomas foi embora. Você deve esquecê-lo, Kit. Como se tivesse morrido.”

Esse veio impiedoso em seu irmão é novo para ela. A ambição tomou conta dele. Não é mais o filhotinho mal-humorado de sua juventude. É claro que não, ela repreende a própria estupidez, vinte anos se passaram desde então.

“Mas você o viu antes de ele partir?”

“Não, Kit. Acabei de chegar da fronteira. Você sabe.”

Não há nenhum vestígio de ternura nele. Sua mandíbula está apertada; ele agarrou sua recompensa e não vai mudar de ideia. Só agora ela começa a se dar verdadeiramente conta de que vai se casar com o rei e não terá nenhuma escolha. Todos esses homens — o rei, seu irmão, Hertford — selaram seu destino. Ela não tem mais liberdade do que quando era criança.

“Kit”, diz Will, segurando seus ombros e sacudindo-a. “É do rei que estamos falando. *Você será rainha*. Não poderia subir mais.”

“Nem cair mais do alto”, ela murmura.

Não há escapatória. No entanto, Katherine raciocina, se não pode ser a esposa de Seymour, seria um consolo tão pequeno ser rainha da Inglaterra e elevar os Parr mais do que jamais esperaram? Mas então pensa naquelas grandes patas tocando seu corpo, e no cheiro fétido, e no terror que ele desperta, e em estar amarrada a ele para sempre pelo casamento, e no dever desesperado de produzir um herdeiro em sua idade, todo mês esperando, rezando para não sangrar. É um

trabalho de prostituta, esse de ser mulher.

Ela abre o fecho do crucifixo, embrulha-o em um lenço, guarda-o numa caixa de recordações. Não aguenta mais senti-lo contra a pele; faz se lembrar demais do que teve que abrir mão. Aquelas rainhas mortas pairam em volta dela. Como vai sobreviver a isso? Deus a está punindo, ele viu seus pecados. Fora sua participação na morte de Latymer obra do Diabo? Assassinato, piedade ou ambos? Está confusa com aquilo tudo, apavorada, e sua alma parece quebradiça e insubstancial como uma flor morta.

Huicke está sentado num canto longínquo do grande salão. Os restos devastados do banquete se amontoam sobre a mesa. Um porco entalhado jaz aberto, lembrando Huicke das dissecações de que participou como estudante. Uma grande travessa de cotovias mal foi tocada, as pequenas carcaças endurecem, e derrubaram um vidro de enguias em conserva, que escorregam da mesa para o chão. Sob a lateral de um prato, escondido nas sombras, respira um pequeno sapo. Mais cedo, serviram uma torta na mesa principal, que o rei cortou com a espada. Anne Stanhope, sentada ao lado dele, soltou um grito de congelar o sangue, seguido de um guincho de Lady Mary que então se tornou uma cacofonia de mulheres gritando de todos os lados.

Huicke, sentado tão longe na ponta da mesa, só percebeu que a torta estava cheia de sapos vivos quando as pobres criaturas começaram a saltar desesperadamente pelo salão para escapar das mãos dos pajens que tentavam apanhá-las. Devem ter oferecido algum tipo de recompensa para o que apanhasse mais, porque eles se empurravam e pulavam uns sobre os outros sem piedade para alcançar os bichos. Foi o caos completo e o rei observava com um sorriso satisfeito, ocasionalmente berrando para encorajar um ou outro dos pajens. O propósito da torta eram os gritos aterrorizados das damas.

Huicke conhece bem o rei; um médico vê coisas que os outros não veem. Já o viu brincar maldosamente com as pessoas, mesmo as mais próximas, como um menino que chuta um cachorro velho só para ouvi-lo uivar, e o viu reduzido a lágrimas de angústia quando a dor na perna fica forte demais para aguentar, viu-o perambular pelo quarto com a respiração curta de pânico ao receber notícias de uma epidemia de peste na vizinhança. E ainda assim, a maior parte das pessoas o vê destemido, insensível, cheio de coragem.

Huicke viu o rei se esfregar como um filhote naquela pequena cabeça de vento Catherine Howard, subjugado por ela, mas depois o viu assinar o papel que

mandava a garota para o patíbulo, mal tirando os olhos de seu jogo de cartas, como se tivesse acabado de dar seu consentimento para o menu do jantar. E viu o rei explodir com um dos pajens que cometeu um pequeno erro, gritando com o rosto arroxeado até o pobre rapaz molhar as próprias calças. Mas já viu o rei confortar um homem também, não um que fosse importante, só um homem desolado que tinha perdido o filho; o rei abraçou-o e embalou-o como uma mãe faz com seu bebê. O sapo coaxa em seu esconderijo e Huicke se pergunta o que acontecerá com ele.

O salão está barulhento demais e seu estômago dói de tanto comer. Udall, que estava sentado em algum lugar perto do meio do salão, levanta-se para ir embora. Precisa cuidar dos preparativos para a mascarada que idealizou para a noite do solstício de verão, que vai acontecer mais tarde, se alguém conseguir ficar acordado depois de toda a comida. Cinco ou seis de suas atrizes se levantam também, jovens garotas que estarão vestidas com as fantasias diáfanas que foram criadas para cobrir, mas ainda assim revelar, seus seios empinados de menina. Huicke estivera presente na prova das fantasias. Seios não mexem nada com ele, mas um olhar de Udall pode levá-lo a um estado de cega excitação, então, quando seu amante passa saindo do salão, ele mantém os olhos firmemente colados na mesa e naquela travessa de cotovias massacradas. Udall passa um dedo escaldante em suas costas “sem querer querendo” e Huicke mal consegue se conter. A mulher sentada a sua frente continua tagarelando, alguma coisa sobre a rainha da Escócia, Mary… se vai ser prometida em casamento ao príncipe Edward… como o rei está “sendo rude ao cortejá-la”… mas ele não consegue ouvir direito em meio ao barulho, então sorri e faz que sim com a cabeça, e ela parece satisfeita. Não tem como não pensar que a rainha infante vai ser manipulada como uma peça de xadrez em nome da Escócia.

Katherine está sentada bem longe, ele só consegue vê-la ao se inclinar para trás. Tem um sorriso sereno, aquele que engana todos menos ele; Huicke sabe da agitação que a perturba por trás da fachada. Está conversando animadamente com a amante de seu irmão, Lizzie Brooke, que embora seja considerada uma beldade não consegue eclipsar Katherine. Aqueles vívidos olhos castanhos e sua risada exuberante poderiam trazer a Lua do céu. Seu irmão Will, que está sentado perto delas, tem algo da irmã, o estranho nariz feminino arrebitado, os cabelos acobreados chamativos, quase da mesma cor que os dela, mas onde Katherine tem suavidade Will Parr é anguloso e seus olhos — um castanho vívido como os de Katherine, mas o outro pálido como água — dão a ele o ar de um cão com heterocromia. Ele defende uma ideia, golpeia o ar com movimentos

em staccato. Katherine lança um olhar severo em sua direção e os braços dele se abaixam. Huicke já a viu colocar o irmão arrogante no lugar mais de uma vez. Não há dúvida sobre quem é a autoridade na família Parr.

Ele a observava quando o caos irrompeu por causa dos sapos, as mulheres guinchando como porcos e pulando sobre os bancos. Katherine parecia completamente imperturbada e quando um sapo parou bem a seu lado ela o segurou como se fosse beijá-lo, provocando uma grande risada no rei, depois chamou um dos pajens, entregou-lhe o anfíbio e disse alguma coisa que Huicke não conseguiu ouvir.

“O que ela disse?”, a mulher em frente a Huicke perguntou aos que estavam mais para lá na mesa.

“Ela pediu que o sapo fosse repatriado à lagoa no jardim”, alguém respondeu.

Vendo a satisfação presunçosa do rei ao observar o desenrolar daquele pequeno evento, Huicke se deu conta de que simplesmente sendo ela mesma, confiante, despreocupada, Katherine estava fazendo exatamente o jogo do rei. Se tivesse gritado e tido um chilique como as outras, a atenção dele talvez se deslocasse para outro lugar. O teste era para ela, que tinha passado com dignidade. Huicke sentiu um pequeno nó de medo pela amiga se apertar em sua barriga.

Ao menos Katherine não está na mesma mesa que o rei; deve estar contente por isso. Os criados começam a limpar tudo, alguém oferece uma tigela com água para Huicke enxaguar as mãos, murmura um pedido de desculpas e recua ao perceber que ele não tirou as luvas. O rapaz está claramente embaraçado com quão inapropriado é usar luvas à mesa. Huicke gostaria de ver sua reação caso tirasse as luvas e o deixasse ver o que há por baixo. Provavelmente sairia gritando. Usa o bálsamo de Katherine todos os dias, mas teve pouco efeito além de acalmar a coceira, o que já é uma bênção.

Katherine o chamou à tarde, através da enteada. Era a primeira vez desde a conversa na destilaria de Charterhouse que ela pedia para vê-lo a sós. Em Whitehall tinham se cruzado com frequência, mas faltava a intimidade agradável que caracterizava a amizade antes. Ela não tinha sido hostil, talvez somente um pouco fria com ele e um pouco educada demais. Huicke teve que enfrentar o fato de que tinha perdido a confiança dela, e ressentia-se disso profundamente; era como se um buraco tivesse sido aberto nele e nem mesmo as incansáveis atenções amorosas de Udall preenchiam completamente o vazio. Chegando aos aposentos dela — os aposentos da rainha, nada menos —, encontrou-a cercada de papéis.

Estava falando com o mordomo sobre uma disputa de fronteiras, rabiscava uma carta e dizia: “Fique firme, Cousins. Não vão passar por cima de nós. Recebi aquela terra do meu marido e tenho os documentos para provar”. Ela dobrou o papel, passando o indicador e o polegar pelo vinco, pingou cera vermelha sobre a junta e apertou seu selo por cima. “Estão aqui em algum lugar”, dizia enquanto procurava em meio aos papéis. “Aqui!”, disse finalmente, tirando um documento da pilha. “Veja, Cousins, aqui está, claro como o sol. A fronteira Hammerton passa a oeste do bosque, não a leste. Aquele bosque é meu, não é?”

“É seu realmente, senhora”, ele disse.

“Leve isto ao notário e aproveite para pedir que libere fundos para Nun Monkton. Estão precisando de um novo estábulo. E o homem que morreu, a viúva dele vai precisar de alguma coisa. Algumas libras, acho — por enquanto ela precisa de alguma coisa para viver —, e encontre trabalho para ela na casa, ou na lavanderia ou na confeitaria, se ela souber cozinhar. Vou deixar você cuidar disso, Cousins.”

Huicke observava, impressionado com o tom eficiente dela, seu senso calmo de autoridade. Depois que Cousins se retirou, sentaram-se lado a lado e ela pegou sua mão.

“Senti saudades suas, Huicke.”

Nada poderia deixá-lo mais feliz, e ele sentiu a proximidade voltar, envolvendo-os novamente.

“Esse pobre homem”, ela disse, “foi esmagado quando uma parede desabou em minha propriedade. É triste, Huicke, ter que estar aqui e não poder oferecer conforto à viúva. Deveria estar lá, mas sou obrigada a ficar. Pense, Huicke, eu poderia estar fazendo conservas na cozinha, preparando geleias com as frutas do verão, secando ervas, fazendo remédios, saindo para visitar meus arrendatários, cuidando de coisas, mas estou aqui cercada de tudo isso.” Ela abriu os braços com um olhar de sofrimento. “Os aposentos da rainha, Huicke.”

“Kit”, disse ele, usando seu apelido cautelosamente, sem saber se tinha esse direito, dada a ruptura na amizade. Ela apertou sua mão e ele continuou. “Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para…”

“Há sim, Huicke”, ela disse antes que ele tivesse a chance de terminar. “Você precisa me contar sobre as intenções do rei. Meu irmão diz que ele quer casamento. Não quero acreditar, mas veja onde me hospedaram… e aparentemente Will vai receber um ducado. Tenho um péssimo pressentimento.” Sua mão ia continuamente ao pescoço como se para tocar algo que não estivesse

ali.

“Eu o ouvi falar nisso, Kit”, Huicke respondeu. “E Anne Bassett voltou para Calais.”

O rosto de Katherine estava cinzento e tenso quando ela assentiu com a cabeça em resposta. “E Huicke”, ela disse, baixando a voz. “Mais uma coisa.”

“Sim?”

“Você viu Thomas Seymour antes de partir? Ele disse alguma coisa, mandou algum recado?”

“Kit, eu gostaria de poder dizer que sim, mas ele não disse nada.”

O rosto dela se desmanchou.

“Mas ele não teria dito nada. Não para mim, nem para ninguém. Teria sido arriscado demais.” Ele acrescentou aquilo para fazê-la se sentir melhor — e provavelmente era verdade. Huicke não consegue criar coragem para dizer-lhe o que realmente pensa de Thomas Seymour, que está agradecido pelo sujeito ter ido embora; seria cruel.

Então ela deve estar contente de se sentar onde está e não no estrado do rei. Os criados começaram a trazer os doces — geleias, cremes e confeitos —, desfilam com eles pelo salão e finalmente trazem uma enorme travessa. Sobre ela há um cervo em tamanho real, inteiramente branco, feito de marzipã, com aparência tão verossímil que poderia ter sido esculpido pelo próprio Michelângelo, os chifres feitos de açúcar, o coração atravessado por uma flecha. Quatro homens o carregam pela sala, que caiu no silêncio a não ser pelos suspiros de admiração. Eles param à cabeceira da mesa e todos estão esperando para ver como vão conseguir erguer aquela coisa enorme sobre o estrado. Mas os homens ficam onde estão. As pessoas se levantam de seus assentos para ver melhor quem foi presenteado com a criatura. Huicke sai da cadeira e caminha para a frente, esperando não ser quem ele está pensando.

Mas é ela, é claro.

O cervo significa amor e a flecha não precisa de explicações. O rei está se declarando. Katherine fica de pé, seu rosto brilhando de deleite fingido. Ela olha de relance para o rei, timidamente, e ele faz um aceno de cabeça, com um sorriso triunfante, e joga-lhe um beijo. A sala irrompe em aplausos. Stanhope não consegue esconder seu olhar amargo e Huicke não pode evitar uma sensação de satisfação ao vê-la perdendo espaço. Katherine consegue manter a alegria forjada, mas Huicke sabe em que ela está pensando. Naquelas mãos gordas agarrando-a, provavelmente.

“Puxe a flecha”, grita o rei.

No momento em que ela o faz, sangue, ou uma substância que se parece com isso escorre do animal branco — vinho aromático, talvez —, manchando seu peito de escarlate. Uma taça é colocada embaixo para coletar o líquido vermelho, e depois servida ao rei.

Ele levanta a taça em direção a Katherine, exclamando “Ao amor!” antes de virar tudo de uma vez. Atira a taça para longe e a sala permanece silenciosa a não ser pelo ruído do metal batendo no chão.

Em seguida o salão explode em aplausos novamente.

Com aquele único gesto o destino de Katherine é publicamente selado.

É Hertford quem vai buscá-la. Katherine o segue pela longa galeria. De costas, o jeito de seus ombros e seu andar ritmado são tão parecidos com os de seu irmão que causam uma saudade aflita nela. O rei está esperando em sua câmara privada, de pé, as pernas grossas separadas, cobertas por meias brancas, as mãos na cintura, uma paródia do grande Holbein que está pendurado em Whitehall — a imagem do rei. Mas é uma paródia grotesca essa diante dela. Não seria de pensar que é o mesmo homem a não ser pelas joias e roupas elaboradas com dourado.

Sua estatura e sua circunferência gigantescas dentro do pequeno quarto a fazem sentir-se como uma boneca numa casa de bonecas onde uma criança descuidada largou um fantoche grande demais para caber ali. Ele olha para ela com um sorriso de queixo duplo, segura o queixo dela entre o polegar e o indicador e vira seu rosto para si. Hertford sai do quarto e fecha a porta. Embora ela não goste muito do sujeito, tem vontade de gritar pedindo-lhe que fique, que não a deixe sozinha com o rei. Nunca esteve sozinha com ele antes e sente o pânico aumentar, pois sabe o que está por vir e procura mentalmente alguma maneira de impedir.

Mas a voz dele, quando finalmente termina de avaliá-la, surpreende-a pela suavidade. Ele pede que se sente para que ele mostre um livro de horas que pertenceu a seu pai. É uma maravilha, tão fino, as cores tão vívidas, os bordados tão intricados, que ela esquece completamente que esse afetuoso velho a seu lado, que vira cuidadosamente as antigas páginas de pergaminho, apontando os detalhes onde alguém um dia guardou uma flor entre as páginas, uma primavera, amassada e desbotada, é o próprio rei Henry. Ele põe a flor fantasma na palma dela, uma coisa levíssima e frágil.

“Foi minha mãe quem pôs essa flor aí, quando eu era menino”, ele diz, e de

repente aquilo parece um enorme peso em suas mãos, como se toda a história estivesse sobre ela.

"Por favor, tome, tenho medo de estragá-la", ela sussurra, temendo que o menor sopro possa destruir o fragmento da herança Tudor.

Ele a compara a uma flor, uma rosa, num elogio vazio. Mostra, também, o lugar onde seu pai escreveu na margem ao lado de uma imagem de Cristo crucificado, decifrando para ela as palavras em letras emaranhadas: *Arthur, descanse em paz*, traduzindo do latim. Embora seu latim seja no mínimo tão bom quanto o dele, ela se vê fingindo não saber.

"Isso foi meu irmão", ele diz.

Ela faz que sim com a cabeça e põe o dedo de leve sobre as palavras secas. "Príncipe Arthur."

"Eu sei o que é a perda", ele completa.

"Sim", ela sussurra.

"Seu marido sofreu muito, mas agora está com Deus, e *você* precisa viver."

Ela se pergunta se Latymer está mesmo com Deus, ou naquele outro lugar, lembra novamente as circunstâncias de sua morte, sua participação nela. Pensar naquilo a bloqueia, deixa-a sem voz. O rei parece pensar que ela está muda em reverência a ele, e talvez ela esteja, um pouco. Katherine acha impossível saber exatamente *o que* está pensando aqui e agora, com a história vindo a seu encontro, tendo que tomar parte nela.

"Escolhi você para ser minha rainha", ele diz.

Não é uma pergunta, que ela poderia ao menos se sentir autorizada à pretensão de recusar. Ela imagina se já recusaram alguma vez alguma coisa ao rei, então se lembra de Anne Boleyn, que, dizem, recusou-o por anos e deixou-o completamente louco de desejo — louco o suficiente para mandá-la ao patíbulo afinal. Katherine está imóvel. Partes de Seymour passam por sua mente: a boca rosada, os longos dedos, seu cheiro, sua risada alegre. Pensar no que terá que fazer com o rei, sendo sua esposa, é um desgosto. Ela não precisa responder. Não é uma pergunta, afinal de contas. Já foi decidido.

"Vamos nos casar aqui em Hampton Court", ele continua, apertando sua cintura. "Em julho." Ele continua enumerando os detalhes, o que comerão no banquete, que salmos serão cantados, quem vai comparecer.

Ela não escuta nada, imagina as grandes patas dele sobre seu corpo e tenta manter o pensamento em outras coisas: joias, terras, honrarias, os Parr em ascensão. Mas nada disso consegue apagar seu desgosto.

"Mas majestade…"

“Você me chamará de Harry”, ele diz. “Quando estivermos sozinhos. Agora que estamos noivos teremos tempo para nos conhecer.”

Ela não sabe como, mas consegue dar um sorriso.

O rei ri, suas bochechas massudas tremendo, e diz: “Vamos beber para festejar”.

Hertford aparece como que por mágica com um jarro de vinho, e serve taças de vidro, o que a faz pensar se haviam combinado previamente em quanto tempo deveria voltar. Afinal de contas, todo o resto foi previamente arranjado, como uma das mascaradas de Udall. Ela percebe que as mãos de Hertford são como as do irmão e naquele momento deseja Thomas desesperadamente. Mas então pensa na esposa venenosa de Hertford e consegue se animar um pouco com a ideia de Stanhope tendo que se abaixar e ajoelhar diante dela quando for rainha. Repreende a si mesma por entreter tal pequenez, mas sabe que está lutando para encontrar motivos para comemorar.

Os copos são venezianos e têm belas gravuras estampando videiras. Ela nunca bebeu em um copo de vidro antes. É uma sensação boa, o frio do vidro em seus lábios, mas o vinho, que ela imagina ser de boa qualidade, tem sabor penetrante. O rei engole o seu e joga o copo na grade da lareira onde ele se estilhaça, fazendo-a dar um pulo.

“Você também, Katherine”, ele diz, segurando seu braço e dando um impulso. O copo voa de seus dedos, quebrando-se contra a pedra da chaminé. “Venha, Ned, beba conosco”, ele diz num vozeirão para Hertford. “E Katherine”, ele exclama, seus olhos como duas passas brilhando, “pode dizer a seu irmão que ele receberá seu título.”

Ela queria ter coragem para perguntar sobre o divórcio do irmão também, para tirar o maior proveito possível. Não é disso que se trata? Mas continua quieta.

Não conseguiria falar se quisesse.

4

Palácio de Hampton Court, Middlessex, julho de 1543

Dot está na copa, fingindo esfregar a grande bacia de cobre usada para o banho, que está mais limpa do que nunca. Na verdade, nem estava suja de início, mas enxaguar e esfregar significa que ela pode espiar William Savage. Esse é o nome do escrevente de cozinha que entrou na cabeça dela e não quer sair. Betty tinha simplesmente perguntado o nome dele; Dot nunca teria ousado, mas talvez pudesse até tentar se não sentisse um frio na barriga só de olhar para ele.

Ela finge esfregar para ficar um pouco mais na presença dele, observa de soslaio enquanto ele anota coisas no registro, embora não pareça notar sua presença de maneira nenhuma. Seu cabelo fica caindo para a frente e ele tem um jeito de arrumá-lo com o braço. Dot supõe que seja para não encostar os dedos sujos na testa. Ela imagina passar seus próprios dedos por aquele cabelo; seria macio e suave como uma das camisolas de Katherine. Ele passaria um braço em volta dela, puxando-a para tão perto que poderia sentir sua respiração na pele e diria… o que ele diria? Ela não consegue imaginar que ele teria alguma coisa a dizer *para ela*. É um sonho tolo, e, além do mais, suas mãos estão vermelhas de tanto esfregar uma bacia limpa, então ela desiste e vai para o pátio encontrar Betty, que está trabalhando no sótão do estábulo.

“Estava espiando William Savage de novo?”, pergunta Betty, cutucando Dot quando ela se senta na palha a seu lado. “Não sei por que você não oferece um aperto para ele. É isso que você quer, não é?”

“Não posso”, responde Dot, desejando que as coisas em seu mundo fossem tão diretas quanto no de Betty.

“Você poderia tropeçar na frente da escrivaninha e deixar uma de suas tetas sair por engano”, diz Betty com uma risadinha.

“Ops… desculpe, meu senhor”, murmura Dot, rindo também. “Escorreguei na manteiga.”

“Deixe-me ajudar a colocar essa teta de volta no vestido”, grunhe Betty, baixando a voz em uma oitava, o que as faz rir até ficarem completamente sem fôlego.

“Por que um homem educado estaria interessado numa pessoa insignificante

como eu?”, Dot diz quando as risadas acalmam.

“Mas você serve a dama que vai se tornar rainha”, Betty responde. “Conseguiria qualquer palhaço da cozinha se quisesse. Tudo que você quer é uma apalpada, não é que queira que *se case* com você.”

“Verdade”, diz Dot, mas é isso que ela quer, não importa quão inverossímil, e embora William Savage não tenha dito uma palavra sequer para ela, não consegue evitar pensar nessa ideia. Dot sabe muito bem que as pessoas casam com seus semelhantes, mas não suporta a ideia de se amarrar a um dos garotos do estábulo ou dos entregadores.

“Você poderia até ficar com aquele ali”, continua Betty, apontando pela janela para o homem dissimulado responsável pela adega, que é conhecido por andar furtivamente por aí e espiar as garotas no banheiro.

“Argh!”, grita Dot. “E *você* pode ficar com o Grande Barney.”

Isso faz com que comecem a rir novamente, pois Grande Barney é o idiota que limpa as latrinas.

“Eu queria poder servir uma grande dama em vez de esfregar essas malditas panelas dia e noite”, diz Betty, fingindo estar zangada com Dot.

Mas ambas sabem que Betty não daria uma boa criada no andar de cima, pois tem uma boca suja e não consegue mantê-la fechada por um minuto. Em segredo, no entanto, Dot tem um pouco de inveja de Betty, que está feliz em dormir diante da lareira da copa e troca carícias noturnas com os rapazes da cozinha. Ela gostaria de experimentar, só uma vez, para saber como é de verdade, não como a agarração que teve com Jethro ou os beijos inocentes que Harry Dent costumava lhe dar. Dot tem que se contentar com pensamentos castos sobre William Savage. Não é tão inverossímil imaginar que ele possa, um dia, erguer os olhos de seus papéis e sorrir para ela, e então ela sorriria de volta. Só de pensar nisso fica mole por dentro.

“Lady Latymer deve estar pensando onde estou”, ela diz, levantando-se e tirando a palha do vestido. “Tem alguma coisa no meu cabelo?”

Betty tira alguns fios que se alojaram em sua touca. Dot desce a escada e dá uma última limpada com as mãos antes de apanhar a bacia de cobre para levar de volta aos aposentos de Katherine. Encontra Meg na antecâmara, separando sedas bordadas.

“Aí está você, Dot. Por onde andou? Mamãe quer que acendam a lareira.”

“Em julho?”

“O rei pediu.”

“O rei?”

“Ele está aí dentro com ela.”

“Aí dentro?” Dot aponta para a porta, boquiaberta. “Eu não…”

Dot se sente encolher. Não há muitas coisas de que Dot tenha medo, mas a ideia de encontrar o rei a deixa ligeiramente nauseada. Meg enrola uma meada de linha verde nos dedos, amarra cuidadosamente no meio e coloca-a no cesto de costura. Dot pega um pedaço de tecido da pilha ao lado dela. Está pronto para bordar, esticado em uma moldura redonda com um desenho feito a tinta. Mesmo sem saber ler ela pode ver que são as iniciais H e K entrelaçadas.

Meg dá um pequeno suspiro.

“Queria que pudéssemos voltar no tempo, Dot.”

Ao dizer isso, é como se uma sombra passasse sobre ela. Dot se pergunta se ela está pensando em quão longe teria que voltar no tempo para chegar a uma época em que as coisas eram realmente fáceis.

“Não é tão ruim, Meg”, Dot diz. “Todo esse luxo e sua mãe vai virar rainha.” Mas ela está pensando nas outras duas rainhas que se chamavam Katherine, pensando em todas as inicias gravadas para elas e no que foi feito delas.

Meg bufa. “Não é bom.”

Dot se lembra de Katherine dizendo a ela que Meg é uma das pessimistas do mundo. A criada teve que perguntar o que essa palavra queria dizer. É uma maldição, ela acha, ser pessimista; deseja que Meg pudesse simplesmente se livrar daquilo. Mas se o mundo, ou Deus, conspira para fazer o que foi feito com Meg, então a pessoa certamente se torna um pessimista, querendo ou não.

“É melhor você ir cuidar da lareira”, diz Meg, esticando o braço e tirando um fio de palha do avental de Dot, levantando a sobrancelha.

“Não é o que você está pensando”, diz Dot.

“Não é da minha conta”, murmura Meg. “Tem uma caixa de carvão que o ajudante trouxe ali.” Ela aponta para uma espécie de balde incrementado no canto.

“Carvão?”, Dot pergunta.

“O rei prefere. O calor é bom para a perna dele, aparentemente.” O nervosismo de Dot deve estar estampado em seu rosto, porque Meg diz: “Não se preocupe. Só faça uma reverência, bem profunda, e não diga nada. Ele de certo vai ignorar você completamente”.

Dot não consegue imaginar como o rei é, nunca o viu sequer à distância, apesar do tempo que passou no palácio. Há um retrato em sua mente — aquele que se vê nas xilogravuras em que ele está magnífico, de pé, olhando à distância como se nada pudesse tocá-lo. Ela pega o balde e o acendedor, e coloca a

vassoura da lareira debaixo do braço.

“É melhor você se acostumar, Dot. Ela será a esposa dele em poucos dias.”

Dot respira fundo para acalmar seus nervos antes de bater na porta da câmara interna.

“Entre.” É a voz suave de Katherine.

Dot levanta o trinco e empurra a porta pesada com o ombro, batendo o balde contra ela, murmura desculpas ao entrar com o rosto vermelho e ajoelha-se. Estão sentados ao lado da janela, Katherine em uma banqueta e o rei em uma cadeira de madeira com a perna apoiada no colo dela. Para o alívio de Dot, ele não olha para ela nem sequer para de falar. É como se não existisse. Katherine faz um aceno silencioso com um sorriso e faz sinal para ela se levantar. Dot não consegue evitar olhar de relance para eles enquanto começa a preparar o fogo. Ele está com aquela mão que parece um presunto na perna dela, e não se parece nada com o rei. É um homem velho, gordo e massudo, nem um tiquinho magnífico. Katherine parece ser sua filha ou uma sobrinha.

Dot nunca acendeu fogo com carvão antes e queria ter alguém a quem pedir ajuda. Mas ela coloca bastante combustível e torce para funcionar. Limpa as mãos no avental, deixando manchas pretas e esperando que não haja nenhuma em seu rosto, depois pega o acendedor.

O rei fala em voz baixa continuamente. “Kit”, ele diz, “às vezes me pergunto como seria uma vida normal…”

Dot dá uma olhada e vê Katherine passar os dedos pela barba dele. Uma centelha acende o fogo no acendedor; Dot assopra cuidadosamente, observando a pequena chama crescer, colocando-a na lareira, o tempo todo ouvindo a voz contínua do rei.

“Uma vida em que as pessoas não me dissessem simplesmente aquilo que acham que eu quero ouvir.”

“Harry…”, Katherine responde.

Dot nunca imaginou que alguém pudesse chamá-lo de Harry; é um nome tão comum para um rei.

“Talvez as pessoas tentem agradá-lo porque têm medo.”

Ele se ajeita na cadeira, que range alto sob seu peso. “Aquele florentino, não consigo me lembrar de seu nome… nomes parecem escapar da minha cabeça ultimamente, Kit. Ele disse que era melhor que os príncipes fossem temidos do que amados. Dá tanto trabalho ser constantemente temido. Fez com que eu fizesse coisas…” Ele não termina a frase.

“Nicolau Maquiavel”, diz Katherine.

Dot não consegue entender muito bem do que estão falando.

“Todos nós fazemos coisas que incomodam a consciência, Harry.”

“*Você* não fala coisas para me agradar, Kit. É a única com coragem para dizer a verdade. A primeira coisa que reparei em você foi isso.”

Dot assopra o fogo até o carvão se acender brilhante.

“Eu me esforço para ser honesta, Harry. É o que Deus pede de nós, não é?”

O rei leva a mão até o pescoço, esfregando como se tivesse algum desconforto. “Você sente uma corrente de ar, Kit?”

“Não, mas a janela está ligeiramente aberta. Deve ser isso.”

Ele está de pé em frente à janela para fechá-la. Está presa e ele puxa com tanta força que um dos painéis de vidro racha e o trinco sai em sua mão. “Coisa maldita”, ele exclama, batendo o trinco contra o parapeito repetidamente, cavando buracos na madeira — tum, tum, tum, farpas voando.

Dot se encolhe no canto, sem olhar, esperando não ser notada. Ela imagina o som de um martelo sobre osso.

“Venha, Harry”, consola Katherine, massageando seus ombros.

O rosto dele está roxo como um hematoma e gotas de suor surgiram em sua testa. Ele está totalmente à mercê de sua frustração — como um enorme bebê.

“Dê para mim.” Katherine tenta gentilmente tirar o trinco quebrado de seus dedos rígidos.

Mas de repente ele o atira com força em direção à lareira onde Dot está agachada. Ela abaixa a cabeça e o trinco passa por cima dela, chocando-se contra o balde com um grande estrondo. O coração de Dot está batendo como um martelo de forja e suas mãos tremem tanto que ela mal consegue segurar a vassoura. Não ousa levantar-se para ir embora por medo de chamar a atenção. O rei senta-se novamente com a cabeça entre as mãos, respirando com dificuldade enquanto Katherine emite sons para acalmá-lo e continua a massagear seus ombros.

Ela olha brevemente para Dot, erguendo a sobrancelha como que para perguntar, “tudo bem?”.

Dot faz que sim e Katherine leva um dedo aos lábios fazendo sinal de silêncio. O rei não diz nada, nem mesmo olha na direção dela para ver se sua cabeça ainda está presa aos ombros.

Quando ele ergue o rosto, murmura: “Tenho medo de mim mesmo, às vezes, Kit”. Parece arrasado e desamparado, os olhos caídos. “Esses acessos de raiva tomam conta de mim. É como se eu fosse outra pessoa. Como se estivesse possuído.”

Katherine acaricia sua manga e sussurra alguma coisa.

“Às vezes me sinto como se estivesse perdendo a cabeça. O peso da Inglaterra me derruba.” Ele para e fica em silêncio por algum tempo, mexendo em uma joia no gibão. Quando fala novamente é pouco mais que um sussurro. “Eu me pergunto o que fiz ao romper com Roma. Acho… que a Inglaterra está fraturada no coração.”

Dot nunca pensou que o rei pudesse ter dúvidas como qualquer outro homem. Não é Deus quem diz a ele o que fazer?

“O passado deve ser aceito…”, diz Katherine.

Dot a ouve dizer isso com frequência, especialmente para Meg.

“… é preciso coragem, Harry, para mudar as coisas como você fez.”

Quando ela diz isso, é como se o rei parecesse maior, mais alegre, os olhos mais brilhantes.

“E eu acredito firmemente que Deus está do seu lado.”

“Ele me deu um filho”, diz o rei. “Isso certamente é um indicativo de sua satisfação.”

“E um belo filho.”

“Você me dará um filho, Kit?”, ele pergunta, como um menininho pedindo confeitos.

“Se Deus desejar”, ela responde com um sorriso.

Mas ao sair do quarto Dot vê uma nuvem negra passar pelo rosto de Katherine.

“Recebemos a abadia em Wilton”, diz Anne. Está sentada ao lado de Katherine no banco em frente à janela na antecâmara. Seguram um vestido no colo e estão inspecionando as pérolas bordadas nele. Será o vestido de casamento de Katherine.

“Vocês vão morar lá?” Katherine não consegue suportar imaginar a irmã enfurnada no interior de Wiltshire.

“Não gosto da ideia”, diz Anne, “depois do que aconteceu nas abadias. Os massacres.”

“Wilton não sofreu violência”, diz Katherine. “A madre-abadessa entregou-a de boa vontade, acredito, e foi recompensada.”

Katherine não consegue evitar a lembrança de todas as outras grandes abadias, reduzidas a ruínas, os monges torturados e aterrorizados, a completa devastação — feitos de Cromwell. Em nome do rei, ela relembra. Ela se lembra de Latymer

contando-lhe dos homens de fé que viu — uns vinte, pelo menos, ele dissera — pendurados nas árvores, as entranhas para fora, perto da abadia de Fountains.

“Fico contente de saber. Mas mesmo assim, quero ficar na corte. Meu marido gosta de me ter por perto. E, além do mais, quero ficar perto de você.”

“Deus sabe como preciso de você.” Katherine olha em volta do quarto onde grupos de damas estão espalhados, mulheres que ela mal conhece.

Ela não faz ideia de quais são suas aliadas. Abanam leques apaticamente numa tentativa de aplacar o calor de julho. Um trio de moscas pretas circula pelo quarto e de vez em quando alguém bate numa delas com um leque. Katherine estica o braço, abre a janela para deixar entrar uma sugestão de brisa. Tem chegado gente o dia todo — para o casamento. Ela se pergunta se será uma bênção ou uma maldição, esse seu casamento. Queria fazer confidências à irmã. Mas há tanto para dizer: Murgatroyd; Latymer e seus pecados terríveis; Seymour, que ela ainda guarda no coração; seu desgosto pelo rei. Em sua cabeça essas coisas estão inextricavelmente ligadas, um evento levando ao outro como se houvesse uma espécie de princípio guiando-os, divino ou maldito — ela não sabe. Não consegue traduzir em palavras, dizer em voz alta. Tem medo. Medo de quê, não sabe ao certo. É um medo amorfo que paira no ar.

“Eu poderia dar ordens para você ficar”, ela diz ironicamente, cutucando a irmã. Se fingir que não está com medo talvez consiga convencer até a si mesma.

“Kit, você será rainha”, espanta-se Anne, como se fosse a primeira vez que realmente considerasse o que está acontecendo.

Nas últimas semanas Katherine tem escolhido seus criados e acompanhantes. Insistiu em que Dot ficasse, apesar das damas ressentidas que tentaram tanto colocar as filhas de berço nobre a seu serviço. Ela se esquivou dos elogios e presentes com um sorriso benigno e assistiu desfilar um bando de garotas tímidas, desajeitadas com a adolescência, que ela tinha certeza prefeririam ficar em casa com seus irmãos e irmãs a vir servir a rainha.

Mandou chamar sua querida prima e sua amiga de infância, Elizabeth Cheyney e a mandona Lizzie Tyrwhitt, e a prima Maud e a antiga amiga de sua mãe Mary Wootten, que é idosa e já estava na corte numa época antes que qualquer uma delas pudesse se lembrar. Trouxe de Snape a esposa de seu enteado, Lucy, pelo menos para dar-lhe uma folga do marido; o jovem John não é dos homens mais bondosos. Ofereceu a cada uma delas um vestido de bom veludo preto — o que desapontou o rei, que as chama de revoada de corvos. Ela imagina que ele gostaria que as damas de sua rainha fossem mais como os belos passarinhos que ele poderia ter assado numa torta se assim desejasse. Mantém o

querido Huicke por perto, também, indicou-o como seu médico. O rei ficou contente com isso — acha que é feito seu e é, ela imagina. Talvez ele pense que Huicke vai continuar sua espionagem. Mas Huicke é homem *dela*, ela sente profundamente que ele nunca a trairá. E, de qualquer forma, não há nada para entregar ainda, embora isso não necessariamente signifique alguma coisa naquele lugar.

Ela está se acostumando com isso: os bajuladores da corte que sempre querem alguma coisa; os artistas e artesãos; os encadernadores, negociantes, padres; as grandes damas e condessas que mal tinham pensado nela até então. Huicke apresentou-a a seu enamorado, Nicolas Udall, um acadêmico com olhos sagazes, um senso de humor perverso e um ar de escândalo. No momento em que ele arregalou os olhos e deu um sorriso imitando Stanhope, ela soube que gostaria dele.

Ele escreve teatro e filosofia e dirige mascaradas elaboradas, mas acima de tudo gosta de conversar sobre as coisas em profundidade. Ela decidiu que, se não pode ter Seymour, e tem que enfrentar esse casamento indesejado, então vai ao menos aproveitar sua nova posição e cercar-se de pessoas inspiradoras. E, para ser útil, vai tentar usar seu status da forma correta, sem deixar com que tome conta dela.

Anunciam Lady Mary, que entra devagar, vestida da cabeça aos pés com fios de ouro e usando uma coleção de joias elaboradas demais no pescoço. Susan Clarencieux está de braços dados de um lado e sua irmã Lady Elizabeth do outro. Elizabeth não deve ter nem dez anos, ainda assim é alta, quase tanto quanto Mary, e se porta de um modo que a faz parecer mais velha do que é. Uma cascata de cabelos vermelho-fogo está solta até sua cintura, emoldurando olhos vívidos escuros e lábios perfeitos. Seu vestido é de tafetá azul escuro, cuja simplicidade serve para acentuar sua beleza impressionante, e carrega um livro entre os dedos magros. O porte dela é o de uma princesa — cabeça erguida, meio sorriso, inescrutável — e enquanto o status de bastarda de Mary é visível na ligeira curvatura em sua postura e nos olhos cheios de suspeita, Elizabeth parece completamente intocada pela rejeição do pai. Katherine pensa no rei quando jovem; ele inequivocamente habita Elizabeth e Katherine se pergunta se isso será a salvação da garota.

As três param diante de Katherine para dar-lhe os parabéns.

“Você será minha madrasta amanhã”, diz Lady Mary com um sorriso irônico, como se achasse a ideia engraçada, completando, “minha última madrasta era dez anos mais nova que eu.”

Um curto acesso de risadas ácidas escapa dela. Mary nunca falou do casamento — certamente não para Katherine, que imagina ser um assunto doloroso para ela. A própria Mary deveria ter se casado há muito tempo.

“Pelo menos você é mais velha, mesmo que só quatro anos…” Ela faz uma pausa. “E somos amigas.”

“Nós *somos* amigas”, diz Katherine.

Katherine segura a mão de Mary, puxando-a para dar um beijo em sua bochecha. Ela parece perder o tom azedo.

“E eu farei o que puder…”, Katherine procura o modo delicado de dizer a Mary que espera tentar remover a mancha de ilegitimidade dela, “… para defender sua causa.”

Um raro sorriso natural surge como uma onda no rosto de Mary e ela empurra ligeiramente a irmã para a frente.

Elizabeth dá um passo adiante dizendo: “Ficarei orgulhosa de chamá-la de mãe”, e começa a recitar um poema em latim, as palavras saem tão fáceis de sua boca como se fosse a língua que ela falasse no dia a dia.

As damas, que parecem incapazes de tirar os olhos delas, estão claramente impressionadas, mas Mary não consegue esconder o ligeiro sorriso de desdém que se fixou em sua boca. Katherine se lembra de que foi a mãe de Elizabeth que causou a queda da de Mary e faz uma promessa silenciosa de conseguir aproximar as duas garotas não somente do pai, mas também uma da outra.

Mais damas chegam, incluindo duas das sobrinhas do rei. Margaret Douglas é a filha da irmã mais velha do rei, que se casou com o rei da Escócia. Está trajando um vestido de brocado verde com dourado e carrega um pequeno cão. Katherine percebe um brilho endiabrado em seus olhos, o que dá um pouco de crédito a sua reputação de desobediente. Com roupas completamente diferentes vem sua prima, Frances Brandon, que está enorme de grávida e se arrasta pesadamente, embora mantenha um ar dignificado, e insiste em falar francês para que ninguém se esqueça de que sua mãe, a irmã mais nova do rei, Mary, foi rainha da França.

Katherine se diverte por um momento ao pensar nessas grandes damas, as maiores do país, cortejando-a, a velha e sem graça Katherine Parr, que deveria por direito estar muito abaixo na hierarquia. Stanhope sorri rigidamente, seus adornos tentam eclipsá-las todas — camadas de tecido adamascado vermelho com cetim branco nas bordas, e uma touca pesada de joias. Quem está apto a estar ali e a hierarquia entre elas é uma fixação para Stanhope; mesmo na sala de aula ela costumava usar seu ranque para rebaixar Katherine. Dá alguma

satisfação observá-la lutando para manter aquele sorriso fixo no rosto. Com elas, vestida num brocado azul-celeste que ressalta seus olhos escuros, está Cat Brandon, que não liga a mínima se é a duquesa de Suffolk, nem para seu devido lugar na ordem das coisas. Meg está flutuando, prostrada pelo calor de julho, com mechas úmidas do cabelo castanho coladas na testa e um olhar de ansiedade preocupada. Cat segura sua mão e a traz para a frente.

"O que foi, Meg?", Katherine pergunta.

Ela não é uma garota que se anima quando cercada por pessoas, e Katherine sabe que ela preferiria estar na antecâmara com Dot a estar ali.

"Quando você for rainha, do que vou chamá-la? De majestade?" Há um tremor em sua voz; ela vem perguntando coisas assim há dias.

"Majestade é só para o rei, Meg. É madame, ou alteza, eu acho. Vamos perguntar para sua tia Anne, pois ela é uma fonte de conhecimento sobre protocolo…"

"É madame, geralmente, e alteza formalmente", interrompe Stanhope, que deve ter ouvido do outro lado da sala. "Embora tenha havido uma rainha que preferia alteza o tempo todo." Todas sabem que ela está falando da mãe de Elizabeth, cujo nome não deve ser mencionado em público.

"Seja como for, Meg", continua Katherine, "em particular seremos exatamente como sempre fomos, e ainda serei 'mamãe' para você."

Um sorriso abatido preenche o rosto de Meg.

"E também você ainda pode se casar com um marquês, então teremos que chamar *você* de Lady", diz Katherine, piscando para ela.

O sorriso de Meg se esvai, e Katherine percebe seu erro.

"Não a provoque", diz Anne.

"Não vou me casar, mamãe, nem mesmo com um duque", diz Meg. "Quero ficar com você para sempre."

"Um dia, um homem vai roubar seu coração", diz Cat Brandon.

Katherine não consegue evitar, com um aperto doloroso no peito, a imagem de Thomas em alguma corte estrangeira, causando fascínio nas damas, carregando farrapos de seu coração no bolso.

"Não vai acontecer", diz Meg, os olhos brilhando de lágrimas.

"Só estava querendo alegrá-la, Meg", diz Cat. "Vamos, lembre-se do texto." Ela entrega um maço de papéis para Meg.

"O que é isso?", pergunta Katherine.

"Ah, é uma coisa que Lady Suffolk pediu que eu lesse para você", murmura Meg. Ela conseguiu se recompor.

As mulheres se aproximam como um bando de pássaros ornamentais com seus enfeites. O rei certamente aprovaria, vendo quão esplêndidas parecem todas juntas. Elizabeth está à frente do grupo e Meg parece hipnotizada por ela, incapaz de desviar os olhos.

“Ela pediu”, continua Meg, um rubor se espalhando por seu peito e suas bochechas, “que eu lesse isto em celebração ao casamento.”

Katherine, vendo o desconforto de Meg, segura sua mão para dar-lhe confiança e percebe que suas unhas, horrivelmente roídas algumas semanas atrás, começaram a crescer novamente. Tem a esperança de que a garota esteja finalmente se livrando do passado.

As mulheres se reúnem, sentadas em bancos, as mais jovens ajoelhadas no tapete turco, um presente do embaixador imperial. Meg, ainda de pé, respira fundo. Cat Brandon não consegue conter uma gargalhada, e risadinhas irrompem entre as fileiras de mulheres.

“*Arrêtez*”, diz Frances Brandon.

As risadas param e Meg limpa a garganta. “O prólogo do conto ‘A esposa de Bath’”, ela diz.

“Cat Brandon”, interrompe Katherine, com uma gargalhada, “sua megera.”

“Foi Udall quem me convenceu”, diz Cat. “Achamos que seria apropriado, dado que a senhora de Bath ficou quatro vezes viúva e casou cinco vezes.”

Todas as mulheres riem disso, até Stanhope, que não é muito dada à alegria. É pouco provável que muitas delas tenham lido Chaucer; Cat deve ter contado a essência da história.

“Nicolas Udall”, diz Katherine, ainda rindo. “Ele é muito astuto… e onde conseguiu isso? Com ele, imagino.”

“Na verdade”, diz Cat, “peguei emprestado da biblioteca de meu marido.”

“Bem, cuide para ele não descobrir, ou pode achar que você também é corrompida”, diz Katherine, “e tentar se divorciar. Seja como for”, ela continua, fingindo superioridade, “sabe que eu só enterrei dois maridos e ainda estou no terceiro.”

O grupo explode de riso ao ouvir isso, até finalmente se reduzir a risadinhas silenciosas, que se extinguem completamente quando começa um tumulto no pátio abaixo.

“Lady Latymer”, vem um grito. Depois, novamente, mais alto: “Lady Latymer!”.

O grito é acompanhado do alvoroço de cavalos e do inconfundível brandir de armas. O sorriso some momentaneamente do rosto de Katherine. Não consegue

ouvir aquele som sem se lembrar de Snape. Meg, ao lado dela, fica visivelmente pálida e começa a roer a unha do polegar.

“É o rei”, grita Margaret Douglas. Até *ela* parece animada, embora o rei seja seu tio.

Katherine se levanta e caminha até a janela aberta, compondo-se perfeitamente, agradável, dócil, alegre, como se interpretasse a rainha em uma das mascaradas de Udall, mas se sente longe dessas coisas.

“Majestade”, ela responde. “A que devo essa honra?”

O rei está montado em uma grande égua malhada cujo tamanho combina com o dele. Está vestido em metros de tecido dourado salpicado de lama e cercado de pelo menos uma dúzia de homens, a maioria maridos das mulheres em volta dela. Suffolk está a seu lado, grisalho, e, pela aparência, velho o suficiente para ser avô de Cat. O marido de Stanhope, Hertford, está do outro lado do rei, tentando controlar seu cavalo irrequieto. Seu irmão Will não está lá, voltou para a fronteira, para ficar de olho nos escoceses, e não estará presente para festejar seu casamento. Seu amigo Surrey está entre os cavaleiros, no entanto, e dá um sorriso simpático.

Seis cães de caça pretos deitaram no chão, com a língua de fora no calor brutal. Um coelho saltita pela grama ali perto e somente um dos cães se dá o trabalho de se levantar e ir atrás dele desanimado, desistindo quando o coelho pula no mato. O cachorro rola de costas na grama comprida e fresca, contorcendo-se comicamente.

“Chegamos da caçada”, diz o rei, “e queríamos ver nossa bela esposa na véspera do casamento.”

Katherine se abaixa fazendo uma cortesia e acena, imaginando se o plural significava ele e Deus, ou ele e seu duplo, pois o rei era conhecido, afinal de contas, por ter duas caras. Vai falar assim até no quarto? A ideia do quarto a deixa enjoada. Confidenciou seu medo a Huicke, que sugeriu queimar óleos adocicados para ao menos mascarar o fedor, manter os olhos firmemente fechados e pensar em outra pessoa. Riram juntos dessa sugestão, mas fica menos engraçada conforme o momento se aproxima.

É meu dever, ela se lembra em silêncio, repetindo de novo e de novo, como uma oração. “Sinto-me honrada, majestade.”

Dois homens entram no pátio, carregando um pequeno cervo com pintas brancas pendurado em um cabo, a cabeça pendendo pateticamente, os grandes olhos arregalados. Katherine, que não se abala normalmente, não consegue olhar, porque o animal está morto.

“Leve-o para a cozinha particular da rainha”, grita o rei. “É um presente para nossa futura esposa.”

Palavras são desnecessárias quando Katherine levanta um braço de cada vez para vestir as mangas do vestido. As duas mulheres realizam esse ritual quase diariamente há algum tempo, e embora tenha quatro novas criadas para ajudá-la a se vestir, Katherine se mantém fiel a Dot.

Dot conhece cada canto do corpo de sua senhora. Já arrumou os cachos rebeldes em seu cabelo; cortou suas unhas e limpou a sujeira debaixo delas; aparou os pelos ásperos na parte de baixo; lixou a pele seca de seus pés com uma pedra; cobriu sua pele de unguentos; escovou seu cabelo, cem escovadas de manhã e à noite, tirou os piolhos, passou óleo com lavanda, trançou-os, prendeu-os; limpou as remelas de seus olhos; aplicou compressas em suas bolhas; banhou seus pés em água fria para combater o calor do verão; vestiu-a com aventais e toucas, amarrou o cordão de seus chinelos e camisolas. Conhece o corpo de Katherine como se fosse o seu.

Hoje ela passa ruge em suas bochechas, faz os olhos parecem mais brilhantes. Esses olhos fazem Dot pensar no rio ao pôr do sol, quando o sol parece entrar em suas profundezas. Dot gosta de escapulir e sentar-se sozinha ao lado do Tâmisa para observar os barcos, imaginando para onde vão. Ela sabe que o rio encontra o mar em algum lugar distante, e que os grandes navios podem viajar por semanas sem avistar nada de terra — é uma ideia impressionante. Há uma tela pendurada na grande galeria, com galeões altos como catedrais, jogados de um lado para o outro no oceano agitado. Tendo em vista de onde veio e que está no Palácio de Hampton Court servindo a próxima rainha da Inglaterra (o que a faz se beliscar todos os dias para acreditar que não é tudo um sonho), ela pensa que talvez tenha a chance de um dia ver o mar — quase qualquer coisa parece possível. Quer dizer, qualquer coisa menos um sorriso de William Savage, que ainda não tomou conhecimento dela, apesar de suas visitas frequentes à copa com uma ou outra desculpa.

Observa Katherine, que foi se ajoelhar no altar de madeira no canto do quarto. Ela recita silenciosamente uma oração e Dot se pergunta para quê está rezando — para não perder a cabeça como as outras rainhas, talvez. Quando pensa muito nisso, sente-se enjoada. O vestido de cetim preto de Katherine brilha como melaço; seu cabelo, solto nas costas, é da cor da geleia que fazem na cozinha, que tem um gosto amargo e doce ao mesmo tempo. Vê-la assim faz Dot se

lembrar de Guinevere ou Isolda, que podiam enlouquecer um homem de desejo com um simples olhar.

Ela tira o pó da penteadeira, levantando os objetos: o pente de marfim, a escova com o dorso de prata, o vidro de óleo perfumado que tem cheiro de especiarias estranhas, a pesada gargantilha usada na noite anterior que deixou uma leve marca no pescoço de Katherine. É decorada com pedras do tamanho da unha de um polegar e de cor avermelhada. Devolve-a para a caixa, onde a gargantilha se encaixa perfeitamente em sulcos de veludo, como feijões se encaixam na vagem. Seu cotovelo esbarra em um frasco de água de rosas, e Dot leva um susto quando o frasco cai no chão fazendo barulho. O vidro não quebra, mas a tampa sai voando e a água derrama, escorrendo entre as tábuas de madeira. O cheiro de rosas se espalha. Ela se abaixa para recolher o vidro e se dá conta de que suas meias não combinam, pergunta-se nesse instante como vai fazer tudo que precisa se nem é capaz de se arrumar direito.

“O que foi?”, pergunta Katherine, interrompendo a oração.

“Desculpe, senhora, é a água de rosas.”

“Teremos rios de água de rosas, Dot, não se preocupe.”

Ambas dão risada. Dot tem a impressão de que Katherine acabou de perceber o que significa ser rainha; que tudo estará a seu alcance, não importa o preço. O vestido, seu vestido de casamento, está em cima da cama. É uma maravilha, vermelho e dourado, incrustado de pérolas e joias, e é tão pesado que foi preciso duas pessoas para tirá-lo do guarda-roupa na véspera.

“Ajude-me a vestir minha bata primeiro, e depois chamamos minha irmã Anne e Meg para o resto.”

Dot segura a bata para sua senhora vestir, depois amarra-a, apertando bem nas costas; o tafetá rígido farfalha como as asas de um pássaro, e tem o cheiro do ferro de passar. Em seguida, prende um par de mangas bordadas, amarrando-as cuidadosamente nos ombros, tomando cuidado extra para que os laços fiquem bonitos embora não apareçam debaixo do vestido.

“Você sabe, Dot, o que o astrólogo disse de mim quando eu era bebê?”, pergunta Katherine.

Dot tenta formular uma resposta, mas sua boca está cheia de alfinetes.

“Que um dia eu seria rainha. Disse que estava escrito nas estrelas. Virou uma espécie de piada na nossa família e todos me provocavam e me chamavam de majestade quando eu agia como superior. Nós ríamos, porque era a coisa mais improvável que podíamos imaginar.”

Katherine para de falar, parece estar pensando em alguma coisa. Talvez

naquele belo Thomas Seymour que desapareceu sem dizer uma palavra.

“As coisas têm um jeito estranho de acontecer quando você menos espera na vida. Às vezes eu me pergunto se Deus tem senso de humor.”

Dot não entende o que ela quer dizer, porque não é motivo de piada estar se casando com um rei — especialmente com este. Ela vai buscar Anne e Meg, e juntas elas levantam o vestido por cima de Katherine, que fica parada como se não pesasse nada, leve como plumas, em vez de ser tecido com fios de ouro e tantos brilhantes e pérolas bordados quanto estrelas no céu. Katherine deixa entrar algumas das garotas mais jovens que estão espiando pela porta, conversando excitadas. Elas fingem que Dot não está ali. Não sabem como tratá-la, não sabem como falar com uma garota que não passa de uma criada mas é tão próxima quanto uma filha da mulher que será rainha dali a algumas horas.

Dot não se importa; está acostumada e conhece seu lugar. Mas ela sabe, também, que há pessoas que conseguem pôr um pé na corte e acabam subindo mais e mais alto. Cromwell era filho de um cervejeiro ou de um ferreiro, ou algo do tipo, e Wolsey, de quem ela ouviu falar vagamente, mas sabe que foi um cardeal, que é a coisa mais importante que você pode ser na Igreja — a não ser pelo papa, é claro —, bem, seu pai era açougueiro. Ela sabe que tanto Wolsey quanto Cromwell acabaram mal, mas tenta não pensar nessa parte da história.

O vestido está posto. Dot não consegue imaginar como Katherine parece tão calma e composta no calor de julho, que fica pior pelo fato de a cozinha ser embaixo de seu quarto. Um cheiro de repolho cozido sobe pelo espaço entre as tábuas de madeira, apagando os restos do perfume de rosa. Dot pega um maço de lavanda e espalha pelo quarto. Meg trança o cabelo de Katherine e enrola-o atrás da cabeça, prendendo com laços, e Anne tira a touca de casamento da caixa. As garotas se aglomeram em volta, e Dot fica longe, deixando o assunto para elas. Já viu a touca de perto antes, com diamantes e fios dourados, e até experimentou-a quando não havia ninguém no quarto, sentindo seu peso morto pressionando as têmporas.

Katherine sorri, mas sua mão esquerda está tão apertada que os nós dos dedos parecem castanhas. “Estou pronta”, ela diz, pegando o livro de orações.

Meg parece estar se afogando.

“Obrigada, senhoras.”

Ela desliza quarto afora em seu vestido-prisão, a mão ainda fechada, com Meg e Anne atrás. Nenhuma das criadas estará na cerimônia, que será numa sala íntima da rainha com somente trinta convidados. Não é como você imaginaria um casamento real, com multidões e uma procissão pelas ruas depois.

Dot se pergunta de novo se Katherine está pensando em Seymour. O rei pode ser o rei, mas Dot sabe que ele não passa de um homem todo enfeitado — e gordo, com um cheiro pútrido e um temperamento ruim. Katherine vai ter que dividir a cama com ele. Isso faz sua pele se arrepiar.

A sala está abafada. O bispo Gardiner entoa monotonamente a cerimônia. Seu sorriso parece bondoso, mas os olhos têm uma expressão astuta que desmente a do rosto, e Katherine não pode deixar de pensar no menino do coral com o dedo quebrado.

Ele diz: "*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*".

A assembleia responde: "Amém".

Uma fileira de coristas vestidos de branco se amontoa a sua direita. Ela só consegue enxergá-los se olhar para o lado. Mal há espaço para os convidados — Katherine percebe o aperto das pessoas aglomeradas atrás dela. Seus pensamentos vagueiam. Não consegue se concentrar na cerimônia; sente-se puxada para baixo pelo peso do vestido, como um dos hipócritas de Dante com uma capa tecida de chumbo. Não é hipocrisia se casar com alguém quando seu coração é de outra pessoa? Ela não seria a primeira a fazer isso. Não ousa virar para olhar o rei a seu lado. A respiração dele apita e chia, seu perfume a deixa enjoada, competindo com a névoa que se levanta do incensário, e congestiona o quarto abafado.

Gardiner diz: "*Hoc est autuem verbum Domini*".

A sala responde "*Deo gratias*", palavras que todos eles já pronunciaram milhares de vezes.

Ela pensa nos votos que está prestes a fazer, em Deus lá em cima inspecionando sua alma manchada, e se pergunta — não pela primeira vez — se este é seu castigo disfarçado de prêmio. Seu corpete está apertado demais, o que deixa sua respiração curta, e seus joelhos doem apesar da almofada de veludo; ela tem medo de se levantar e desmaiar, arruinando este fragmento da história sobre o qual escreverão no futuro, e que será lembrado para sempre.

Ela fecha os olhos, pensa em Thomas, em como ele poderia estar ali a seu lado, se o destino tivesse ditado um caminho diferente. Esse pensamento se aloja dentro dela. A parte de Katherine que abriga a memória de Thomas está adormecida, tão acostumada aos repuxos e à dor que não sente nada. Ela esperou, nas semanas depois de ele partir, por uma carta, alguma coisa, qualquer coisa que indicasse que não tinha sido esquecida, mas não chegou nada. Quer

pensar que ele tem medo da ira do rei, mas uma parte dela teme o pior. Não tem direito de prender o coração dele. Imagina-o cercado de damas, mulheres bonitas, oferecendo-se a elas.

Katherine detém o pensamento antes que tome conta dela, concentra-se em vez disso nas outras vezes em que ajoelhou diante de Deus e pronunciou votos de casamento. Era mais nova do que Meg quando viajou de Rye House para Lincolnshire para se casar com Edward Borough. Não se opôs, sua vida toda fora uma preparação para o casamento, e ao viajar para o norte ela não tinha apreensões nem medo de se casar com um estranho. Edward era um garoto bonito, magro como uma vara e amável como um cachorro. Tinham se encontrado somente uma vez, breve e formalmente, mas ele mandara um desenho, que ela guardava debaixo do travesseiro.

"*… hoc est autem verbum Domini*."

"*Deo gratias*."

Ela pensa em como era inocente e sem ambição. As circunstâncias a forçam agora a se tornar ambiciosa. Fez aqueles primeiros votos sem pensar duas vezes. Mas Edward Borough estaria enterrado dali a dois anos, e sua mãe também. Perder a mãe e o marido com meses de diferença, solta no mundo aos dezenove anos — pensava que a vida não podia ser mais difícil do que isso. Como estava enganada. Latymer veio em seguida. Parecia tão seguro, tão fácil de amar. Katherine o amava como a um pai. Mas foi o amor dele por ela que motivou sua união. Quando ele fez os votos na capela de Snape, seus olhos se encheram de lágrimas. Ela nunca tinha visto um homem chorar antes, pensava que fossem incapazes disso. Seus pensamentos dão voltas, como corvos em uma árvore.

Garner interrompe seu monólogo, e um garoto começa a cantar o "Kyrie eleison"; sua voz é como diamantes e reverbera no pequeno espaço, elevando-a para longe de seus pensamentos. A mão do rei procura a dela e Katherine abre os olhos para olhar para ele, vê que também foi transportado pela canção. Ele dá um pequeno sorriso e por um momento não é o rei, somente um velho mal compreendido.

Poderia amá-lo como um pai?, pensa. Às vezes acha que sim. Mas e naqueles momentos em que ele é como um bebê crescido tendo um chilique? E aquele outro lado dele: o menino vaidoso e intempestivo com um veio de maldade? Ela não consegue conciliar todas as partes diferentes em uma única pessoa. Imagina se ele está pensando nos cinco votos de matrimônio que fez antes.

A toalha branca é disposta sobre o altar e as patenas de hóstias são colocadas em cima, depois o cálice. Um nó de pânico se aperta dentro dela. Percebe uma

pequena voz enterrada no fundo de sua cabeça gritando, como uma voz num sonho que não faz barulho. Gardiner levanta a hóstia. Seus olhos a acompanham. O sino toca, um som agudo e alto, a bênção murmurada.

"… *corpore Christi.*"

Um ruído de metal e de líquido quando o cálice se enche — o sino de novo. Levanta os olhos.

"… *sanguine Christi.*"

O rei acredita de verdade que neste momento o vinho se torna o sangue de Cristo? Ela não consegue aceitar que um homem de inteligência tão aguçada possa acreditar nisso.

De todas as coisas sobre as quais conversaram, nunca discutiram a fundo a fé. Presume-se que ela acredite no mesmo que ele. Mas *em que* ele acredita? A missa que recentemente era em inglês agora é novamente em latim. Não seria possível dizer, vendo a cerimônia, que houve dez anos de mudanças e lutas. O rei está se tornando conservador na idade avançada. O incensário balança, tilintando de leve na corrente, abafando o quarto com uma nuvem de incenso. Talvez, ela pondera, tenha medo de encontrar o criador sabendo das atrocidades que foram cometidas em nome da Igreja anglicana — a igreja dele. Dói pensar em quanto peso deve ser para ele, muito mais do que a capa hipócrita dela.

Abre os lábios e Gardiner coloca a hóstia em sua língua. Ela gruda no céu seco de sua boca, tem gosto de farinha. Quer alguma coisa para matar a sede, imagina arrancar o cálice das mãos suadas de Gardiner e beber tudo; mas então vem a ideia de que se trata de sangue. Força a imaginação a se acalmar — é só vinho, consagrado, talvez, mas vinho mesmo assim.

Ficam de pé. A cabeça de Katherine gira, tudo fica momentaneamente preto; ela agarra o genuflexório para evitar cair e consegue ouvir o rei fazendo os votos, distante, como se na outra ponta de um túnel. Antes de se dar conta, está repetindo as palavras de Gardiner como um papagaio… *ego tibi fidem*… o anel é colocado em seu dedo e o rei põe a boca úmida sobre a dela.

Katherine fecha os olhos com força. Acabou. Ela é a rainha.

Vira-se para olhar os convidados que estão todos sorrindo e olhando para ela. Imagina no que estão pensando por trás dos sorrisos, se na pequena Catherine Howard gritando pela longa galeria a nem quinze metros de distância de onde estão agora; ou no casamento com Cleeves e em como Henry mal conseguia dizer os votos; ou em Anne Boleyn esperando o carrasco chegar da França para decapitá-la.

Meg não está sorrindo, não está nem sequer olhando; ouve atentamente

alguma coisa que Elizabeth cochicha em seu ouvido. As duas estão sentadas de mãos dadas aparentemente encantadas uma com a outra, como acontece com as meninas. Não parece haver uma diferença de idade tão grande entre elas, porque Meg é uma coisinha magra e mal aparenta ter catorze anos enquanto Elizabeth é alta e tem um ar elegante que desmente sua pouca idade. É uma cena acalentadora para Katherine; afinal de contas, elas são mais ou menos irmãs agora e Meg precisa de alguém para tirá-la da depressão.

As mulheres se juntam em volta dela, fervilhando de excitação, para lhe dar os parabéns.

Henry segura seu braço. “Todas vão querer seus favores, Kit, agora que você é a rainha.”

Parece ser um aviso.

O banquete é um turbilhão de cor e som. Acrobatas circulam pelo salão, dobrando-se em contorcionismos impossíveis; um engolidor de fogo devora uma bola em chamas; um malabarista se equilibra sobre as mãos, controlando três bolas num círculo infinito com os pés; e músicos tocam alegremente sem parar. O rei aplaude ao lado de Katherine, oferecendo-lhe petiscos de vez em quando.

Surrey sobe no estrado e se posiciona diante deles para recitar:

O presente que vos deu a natureza
Amigos para vós sempre trazer
Na forma e no favor, dão a certeza
Que sois a ilustração de seu poder.

Ele olha para Katherine. Ver Surrey a faz pensar na ausência do irmão que voltou para a fronteira. Tanta ironia não poder estar ali para presenciar o maior triunfo dos Parr. É o único deles que realmente queria aquilo, mas ela está em parte contente que ele não esteja no banquete ao lado dela.

As virtudes desvelam-se então
Pois nota-se a certeza desde agora:
Onde a beleza semeou a perfeição
Mais graças vão florir, e sem demora.

Ela percebe um olhar no rosto de Hertford enquanto observa Surrey. Entrega

algo mais profundo que desgosto. É fácil esquecer quanto ódio circula neste lugar onde todo mundo toma tanto cuidado para ser educado. O ódio mútuo dos Howard e dos Seymour foi alimentado pela queda da prima de primeiro grau de Surrey, Anne Boleyn, e a ascensão de Jane Seymour. Competiram por status durante uma década e Hertford tem um trunfo em seu sobrinho, o príncipe Edward. Mas as veias Howard têm sangue real e Surrey será um dia o líder da família, quando herdar do pai o título de duque de Norfolk. É uma luta em que não se pode perder nem ganhar.

Portanto, senhora, sendo a verdade
Que vossas graças têm tal esplendor
Trocai-as jamais pela novidade,
Caprichos não diminuam seu ardor.
Tende, pois, piedade deste servo a vos louvar,
Que busca a todo tempo vossa honra preservar.

Henry aplaude calorosamente. “Bravo, Surrey!”, e virando para Hertford, pergunta: “Você não tem uma cantiga em homenagem a nossa nova rainha, Ned?”.

Hertford fica vermelho e força um sorriso antes de apresentar desculpas elaboradas, mas o rei arrancou a coxa de um pombo, está ocupado em sugar a carne e não escuta.

Prato após prato é colocado diante deles, cada um mais elaborado e rico que o anterior. Katherine belisca a comida, empurra-a de um lado para o outro do prato, tentando não pensar no que vem em seguida. Ela toma outro grande gole de vinho. Já está tonta.

Príncipe Edward desfila pela sala, seguido por um pequeno séquito. Todos ficam de pé, esticam o pescoço para conseguir enxergar este menininho que raramente aparece, vestido com um gibão cheio de joias como o pai, que substituirá um dia. O rei infla de orgulho quando o filho recita um trecho de Tito Lívio que conta o casamento das sabinas. Katherine se pergunta de quem foi a ideia e se querem dizer alguma coisa com aquilo: de qualquer ângulo que se observe, as sabinas não tiveram um caminho tranquilo até o matrimônio.

Quando ele acaba, o rei elogia o filho. “Nem seis anos e já é fluente em latim. Você é uma maravilha, meu garoto.”

Hertford dá um sorriso de desdém para Surrey, como se dissesse: “Um herdeiro do trono vence um poeta sem nem se mexer”.

“Venha, venha, dê parabéns a sua nova mãe”, o rei ordena.

Edward dá um passo à frente e faz uma reverência. É uma coisinha rígida com uma boca apertada que parece incapaz de sorrir.

Katherine se abaixa para ficar da altura dele, segura suas mãos e diz: “Estou feliz em ser sua mãe, Edward. Espero vê-lo mais na corte se seu pai permitir”.

“Farei como mandarem”, ele responde, com uma vozinha entrecortada.

Uma onda de aplausos irrompe quando entram com um galeão de açúcar flutuando sobre um mar de mercúrio. Os olhos de Edward se arregalam, mas esse é o único sinal de algo que pareça animação. Acendem um pavio e os canhões de açúcar disparam uma série de estalos fortes. Meg dá um pulo a cada um, pálida de medo. Katherine escuta Elizabeth dizendo que terá que aprender a esconder seus medos se quiser sobreviver ali — só nove anos, mas já tão perspicaz. Edward claramente não é a única criança Tudor inteligente. O príncipe é levado embora.

As mesas são afastadas e Lady Mary dá início à dança, acompanhada por Hertford. Eles se movem cuidadosamente pela sala numa coreografia cortês. Stanhope faz par com Wriothesley e não consegue esconder o desdém por ele. Anne, que carregou uma expressão tensa o dia todo, abandona as preocupações afinal para dançar com o marido. Eles conversam baixinho como recém-casados. Katherine suprime uma pontada de inveja.

O ritmo acelera. Elizabeth tira Meg da mesa e leva-a para o meio da multidão, onde dançam juntas sem que Meg pareça se importar com o fato de que todos estão olhando para elas. Duas mães animadas empurram os filhos adiante para dançar com qualquer uma delas, provocando olhares de censura de outras donzelas. Elizabeth saltita coquete a cada passo enquanto Meg parece um pouco desnorteada e completamente hipnotizada pela nova irmã adotiva, incapaz de afastar os olhos da garota enquanto rodopia de um garoto para o outro, depois de volta para Elizabeth, que toda vez cochicha alguma coisa em seu ouvido, antes de ser girada novamente. Katherine se dá conta de que Meg poderia juntar-se a Elizabeth no campo, em Ashridge. Isso a afastaria da corte.

A governanta de Elizabeth chega e leva a menina ao estrado para dar boa-noite ao pai. O rei mal olha para ela, mas Katherine se inclina por cima da mesa e beija seu rosto, dizendo: “Seu pai quer que você volte para Ashridge amanhã”.

Elizabeth não consegue esconder uma momentânea expressão de desapontamento.

“Ele teme por sua saúde na corte.”

É mentira. Ele só se preocupa com a saúde do príncipe Edward. Quase não

fala de Elizabeth.

“Vou mandar Meg para se juntar a você logo. Vai ficar contente com isso?”

Elizabeth faz que sim, sorrindo. “Muito contente, mamãe.”

No mínimo, pensa Katherine, tentará ser uma mãe para essas crianças perdidas.

Ela faz sinal para o copeiro, que enche novamente sua taça. É de ouro e quase do tamanho do cálice sagrado. Sente o peso do futuro. Dali a um instante o rei vai se levantar e se retirar, e ela será levada pelas damas, para ser preparada para o leito conjugal. Um criado oferece um prato de doces. Ela apanha um e morde. O gosto açucarado impregna sua boca, desagradavelmente doce. Gostaria de poder cuspi-lo discretamente no guardanapo, mas é a rainha e há muitos olhos sobre ela. Terá que se acostumar com isso; nada que fizer será livre de comentários daqui em diante.

Toma outro gole de vinho.

O rei se levanta para ir embora.

A porta do quarto da rainha abre de supetão e derrama uma multidão de damas excitadas, ruidosas e coloridas como os pássaros do aviário de Whitehall. Estão agitadas, competindo para conseguir favores da rainha. Até Stanhope dá um sorriso enquanto serve vinho no copo de Katherine. Condessa ou não, ela é tão duas caras quanto possível. Dot não confia nem um pouco nela. Mais cedo ouviu-a dizer, com uma voz azeda como casca de limão, que Katherine não passava de uma dona de casa do campo que subiu na vida.

Katherine diz a todas que se retirem, pede que só Meg e sua irmã Anne e Dot a acompanhem. Ela tira a própria touca, e estremece de dor com uma mecha de cabelo que ficou presa nas joias. Está enroscada e precisa ser cortada com a tesoura de costura. Dot pega a touca; é pesada como um saco de batatas. Há marcas vermelhas sobre as orelhas de Katherine onde os grampos apertaram. Ela fica de pé, os braços abertos, enquanto as três desmontam o vestido, camada por camada: capa, mangas, peitilho, bata.

Ela conversa, comenta sobre o banquete. “Ah, Dot”, diz, “queria que você pudesse ter visto o galeão de açúcar, era realmente magnífico.” E não reclama, nem do calor, nem das bolhas onde os sapatos apertaram, nem dos lugares onde o vestido cortou sua pele pálida. Tudo que pede é para ser lavada com água fria.

Dot sente como se estivessem preparando seu sacrifício. As bochechas de Katherine estão coradas e ela parece ligeiramente embriagada de vinho, pois está

rindo e de bom humor, fazendo brincadeiras. Deveriam ser elas a provocá-la, dado que está indo para o leito matrimonial, mas mal conseguem forçar uma risada.

“Por que essa cara?”, ela pergunta, acariciando as costas da irmã.

Anne murmura uma resposta com um sorriso fugaz.

“E pensar”, continua Katherine, “que posso logo estar carregando um príncipe real em meu ventre.”

Não é a ideia do bebê em seu ventre — que é um bom pensamento, Dot imagina —, mas a forma como ele chegaria ali. Dot pode não saber muito a respeito, mas sabe o suficiente para imaginar aquele homem fedorento e enorme, arfando e bufando sobre ela. E se não houver nenhum príncipe? Depois de dois casamentos e nenhum bebê — a não ser o secreto que morreu —, Katherine já com trinta e um anos… Dot afasta o pensamento. Tem certeza de que está na cabeça de Anne também, a julgar pela expressão infeliz que tem no rosto.

“Você parece gostar de sua nova irmã”, diz Katherine para Meg.

A garota fica vermelha e tenta esconder o rosto nas abas da touca.

“Fico contente. Ela é uma garota adorável, mas seu pai não lhe dá atenção. Terá que ir embora para o campo amanhã.”

Meg parece encolher um pouco ao ouvir aquilo.

“Mas pretendo fazê-lo mudar. Seria bom para ela ficar na corte com a família. E talvez você pudesse visitá-la.”

“Eu gostaria de ir”, diz Meg, reprimindo um bocejo.

“Cansada?”, Anne pergunta.

Ela faz que sim, perguntando: “Onde devo dormir?”.

“Com o resto das garotas, imagino”, responde Anne.

“Não”, diz Katherine, animada. “Deixe-a ficar aqui. Não vou usar essa cama, afinal.” Ela força uma risada.

“E eu?”, pergunta Dot. “Onde devo dormir?”

“Você vai dormir na antecâmara”, responde Anne. “É um pouco fria, mas há uma lareira e lenha. Assim você pode ouvir a rainha se ela chamar. Vou deixar isto”, ela completa, virando para a irmã e mostrando um pequeno sino de prata.

Soa como o sino que tocam na capela quando dizem que o pão se torna a carne de Cristo. Katherine apanhou Rig e o acaricia e fala baixinho com ele como se fosse um bebê. Elas vestem um roupão de cetim preto por cima de sua fina camisola de seda. É aquela na qual Meg passou dias bordando flores. A irmã lhe entrega um sachê de óleo de lavanda e laranja.

Katherine o aproxima do nariz, inala com um suspiro, depois diz “Estou

pronta” e vai em direção à porta.

Mas de repente ela pega o copo, vira os restos do vinho e atira-o longe. Ele bate no painel de madeira com um som forte. Ela sai do quarto com Anne e Meg atrás, parecendo tristes indo entregá-la à cama matrimonial como se fosse um enterro. Dot trocou os lençóis da grande cama de dossel, borrifou-os com água de cheiro e arrumou-a com cobertas de seda e almofadas, todos recém-bordados com as iniciais entrelaçadas do rei e da rainha.

Dot sente um calafrio e começa a limpar o quarto, apanhando o copo do canto onde foi jogado. Há um rastro de vinho tinto na tapeçaria da parede. O copo ficou bem amassado e uma das joias se partiu. Ela coloca as coisas para lavar em um cesto, junta os copos e pratos sujos e apaga as velas, respirando o cheiro de igreja da cera de abelha, tão melhor que o sebo que usam lá embaixo que crepita, solta fumaça e cheira mal ao queimar. Ela pega o cântaro de água suja, equilibrando os pratos no outro braço, e fecha a porta com um dos pés. Um dos pajens do rei está passando no corredor.

“Com licença”, ela murmura, e completa com “senhor”, porque, embora ele seja bem uns cinco anos mais novo que ela, deve ser no mínimo o filho de um cavaleiro, se está a serviço do rei.

“O que foi?” Ele não tenta esconder a impaciência e olha para ela como se fosse uma sujeira na sola do sapato.

“Não sei o que fazer com isto.” Dot mostra o cálice amassado.

“Você fez isso?” Ele o arranca de suas mãos, inspecionando-o.

“Não, senhor, foi um acidente. A rainha…”

“Então você quer que a rainha leve a culpa pela sua inépcia.” O garoto fala rispidamente e olha por cima dela como se pudesse pegar uma doença só de olhar em seus olhos.

“Não, eu não quis dizer…”

“Ouvi dizer que ela protege *você* acima de tudo. Pergunto-me por quê.” Ele acaricia a borda fina do cálice com a polpa do polegar. “Terei que levar isso ao camareiro-mor, e ele não vai gostar.” Em seguida ele se afasta, dizendo pelas costas: “Estou de olho em você”.

Dot faz uma anotação mental para evitá-lo no futuro. Ela é bem forte — como velhas botas, seu pai costumava dizer —, mas as pessoas na corte não se comportam de um jeito normal, e ela sabe que ali você pode ter inimigos sem nem mesmo saber.

A cozinha está escura, o cheiro e o calor são intensos, carne assada brigando com o odor pútrido do balde com sangue de porco e a sopa que sempre faz seu

estômago revirar. O que sobrou do galeão de açúcar jaz como um esqueleto sobre a mesa, e dois cavalariços estão beliscando. Alguns dos criados juntaram-se para beber e estão comendo um prato de restos, rindo e fazendo piadas. Betty está entre eles, mas Dot passa discretamente, esperando não ser vista. Ela não se sente bem ali, pois, embora seja uma criada como eles, não a tratam assim — a não ser Betty. Mas Betty gosta de qualquer um que esteja preparado a ouvir suas reclamações.

Dot empilha os pratos na mesa de louça suja e esvazia o cântaro no ralo, observando William Savage, ainda ali, escrevinhando com sua pena sob a luz de velas. Seu coração dispara.

"Você", ele chama.

Dot olha em volta para ver quem está atrás dela, mas não há ninguém. "Eu?", ela pergunta.

"Sim, você." Há um sorriso em seu rosto.

Dot pensa que ele deve estar rindo dela por algum motivo e imagina mortificada que está com fuligem no rosto, ou algo pior. Percebe que uma covinha se formou em uma das bochechas dele, o que lhe confere uma adorável assimetria. Ela quer olhar para ele, bebê-lo com os olhos, mas não ousa, e olha em vez disso para as próprias mãos, desejando que fossem pequenas e finas como as de uma dama, e não grandes e feias como são.

"Qual é seu nome?", ele pergunta.

"Dorothy Fownten", ela diz, com a voz falhando.

"Chegue mais perto, não consigo ouvir."

Ela dá um passo em direção a ele e diz seu nome novamente, um pouco mais alto.

"É um nome bonito. Como das donzelas nas histórias", ele diz. "Lady Dorothy espera seu cavaleiro."

Dot pensa que ele a está provocando, mas seu sorriso sumiu e foi substituído por um olhar que a faz sentir como se seu estômago tivesse virado do avesso.

"Mas nunca me chamam de outra coisa além de Dot."

Ele dá uma risada, o que a faz sentir-se pequena e boba, e diz: "Como um ponto".

Dot não sabe o que dizer em resposta, então continua a olhar para as mãos.

"Sou William Savage."

"William Savage", ela repete, como se fosse a primeira vez que ouvisse o nome.

"Você está a serviço da rainha, não é?"

“Estou”, ela responde, arriscando um breve olhar antes de voltar a inspecionar minuciosamente as próprias unhas.

“E imagino que vai me dizer que precisa voltar aos aposentos dela?”

Dot faz que sim.

“Então vá, ou ela dará por sua falta”, ele diz ao voltar a seus papéis.

Dot consegue ouvir a pena arranhando enquanto caminha. Flutua escada acima, uma palpitação no peito como se Cook tivesse batido ali com uma colher de pau. Junta suas coisas, leva-as para a antessala, que não é mais do que um corredor, na verdade, desenrola sua esteira e coloca-a onde está mais quente, perto do fogo. Ela se enrola, passa os braços em volta do corpo, incapaz de imaginar como seria ter os braços dele em volta de si. Cria imagens dele na cabeça, aquela covinha de um lado, a fenda no queixo, seus dedos de tinta… *Como um ponto*, ele mencionou. Ela se pergunta o que quis dizer com isso. Rig dá um ganido. Está deitado do lado de fora da porta do quarto de dormir, o nariz apertado contra a fresta rente ao chão.

Dot consegue ouvir grunhidos abafados e gemidos do outro lado, ruídos animalescos. O rei é um homem tanto quanto é rei, diz a si mesma. Como se pudesse esquecer. Os ruídos se tornam mais altos, mais urgentes, e ouve-se um estrondo. Ela se pergunta se deve entrar, se há algo de errado. Katherine com certeza tocaria o sino. Então vem uma risada e mais grunhidos. Ela cobre as orelhas com as mãos, mas o barulho não para. O cachorro começa a ganir.

“Quieto, Rig”, ela sussurra. Depois, vendo a cabeça triste do cão abaixada, dá uma batidinha a seu lado.

Ele se levanta e entra debaixo do cobertor, aninhando-se confortavelmente junto a ela.

“William Savage”, ela sussurra para o pelo do cachorro. “Will Savage. Bill Savage. Senhora Savage. Dorothy Savage.”

O sino toca cedo, um som metálico que entra no sonho de Dot. Ela se levanta, mas hesita diante da porta do quarto, apreensiva, lembrando-se dos sons da noite anterior. Não consegue se livrar do medo que sente do rei. Nunca foi medrosa, quando garotinha era sempre a primeira a montar o pônei não adestrado ou pegar o cão bravo, mesmo quando os meninos não tinham coragem, mas ela *tem* medo do rei. Nunca se sabe quando ele vai explodir de raiva, e todo mundo rasteja e se rebaixa diante dele. Ela está contente por não ser ninguém, pequena demais para ser vista. Escuta a voz de Katherine responder à batida suave, e entra devagar,

aliviada por encontrá-la sozinha. Saiu da cama e está de pé enrolada em uma manta, ao lado da janela, olhando para os jardins lá fora. É cedo e o sol ainda está baixo, brilhando atrás dela. Faz parecer que tem um halo como a Virgem.

"Dot", ela diz, "bom dia. Está uma bela manhã, não é?"

A criada ainda não consegue ver o rosto dela direito por causa da luz do sol, mas sua voz está calma e tem o som de um sorriso.

"Sim, madame", ela diz, atrapalhando-se com o novo título.

"Dot." Ela vai para o meio do quarto e toca seu braço. "Vai levar tempo para você se acostumar com tudo isso", diz, fazendo um gesto em direção à cama. "Vejo seu receio. Não se preocupe. Ele é só um homem por baixo de todo o ouro… e eu já tive dois maridos antes, sei como são os homens."

Dot não consegue evitar a lembrança de Murgatroyd. Ela se pergunta no que Katherine está pensando, mas é impossível saber.

"Preciso de algo para vestir", Katherine continua, entregando-lhe uma pilha amarrotada de tecido, sua camisola, que Dot não havia notado até então. Ela desdobra o tecido e o estende, vê que a fina camisola está rasgada de alto a baixo, cortada bem no meio do belo bordado de Meg. Dot dá um suspiro, incapaz de imaginar como algo assim poderia acontecer entre marido e mulher. Para ela é como se a própria rainha tivesse sido rasgada, e não só suas roupas, como se o tecido fosse sua própria pele. Mas Katherine parece não fazer caso.

Dot se lembra dos dias que levou para Meg bordar o motivo, com quanto cuidado ela o desenhou e o trabalho que teve para encontrar a linha do verde perfeito — verde Tudor para o rei. Seria impossível consertar; a seda cor de marfim é tão delicada. Ela mesma tinha cortado o pano — era espesso e cremoso, resistente às lâminas da tesoura —, costurara a parte da frente com a de trás, imaginando tolamente que seria uma camisola para uma união romântica perfeita. Acaricia o tecido e percebe uma gota de sangue na seda clara.

"O rei é um homem impetuoso", Katherine diz simplesmente, como se pudesse ler seus pensamentos. Há um pequeno sorriso sardônico em seus lábios. "Cuide para que ninguém fique sabendo. Os boatos se espalhariam."

Há segredos demais neste lugar, pensa Dot ao sair com seu amontoado de evidências. As pessoas cochicham nos cantos, trocando informação. Mas ninguém nota Dot, que se move como se fosse invisível. Se ela prestasse atenção no que dizem, poderia descobrir tudo sobre as intrigas da corte.

Ela retorna com uma camisola limpa de seda e um roupão preto. Entende que as coisas devem parecer perfeitas, pois há olhos e ouvidos em toda parte e até mesmo a rainha pode ser facilmente descartada.

“Obrigada, Dot”, diz Katherine. “Eu adoraria um banho quente.”

“Devo prepará-lo, majestade?”

“Acho que não há tempo. Tenho que encontrar algumas pessoas”, ela diz. “Incontáveis pessoas… Não há descanso, Dot.”

Dot se pergunta como nem mesmo a rainha pode tomar um banho se quiser.

Katherine estende a mão para pegar as roupas limpas. Há uma marca roxa em seu antebraço.

“Não quer que eu…?”

“Não, eu faço sozinha. Pode ir, Dot.”

Dot vira em direção à porta.

Katherine completa: “Fique de olho em Meg por mim”.

“Sim, madame”, ela diz. “Sempre estarei de olho. Meg é como uma…” Ela se contém, sentindo-se desconfortável em dizer em voz alta que Meg é como uma irmã. Agora que Katherine é rainha parece errado dizer uma coisa assim.

“Sei disso. Você sempre foi tão boa com ela, Dot…” Ela faz uma pausa, olhando por um instante pela janela para dois jardineiros que estão tentando espantar um veado da horta. “Às vezes eu me pergunto o que é que a aflige tanto. Sei que aconteceram coisas…” Ela deixa as palavras flutuarem sem serem ditas. “Achei que ela estaria… melhor agora.”

Dot sente o peso de seu segredo; quer contar a Katherine o que realmente aconteceu em Snape, mas vai ficar de boca fechada — como fez nos últimos seis anos. Vai manter a boca fechada sobre tudo; ela sabe guardar segredo.

Castelo de Ampthill, Bedfordshire, outubro de 1543

“Este lugar é horrivelmente úmido”, diz Anne, fazendo sinal para um dos pajens atiçar o fogo. “Meu vestido parece barro molhado. Você deu uma olhada atrás das tapeçarias, Kit? As paredes estão mofando.”

“Não foi Catherine de Aragón que foi mandada para cá quando foi destituída?”, Katherine pergunta.

“Foi sim, eu acho, pobre mulher.”

“Não deveríamos falar dela, imagino…”

Elas ficam em silêncio por algum tempo, observando o burburinho. Há grupos de pessoas espalhados pela câmara, algumas jogando cartas ou xadrez, algumas reunidas para falar de boatos, algumas para ler, algumas simplesmente matando o tempo. Duas garotas praticam passos de dança e Will Sommers imita seus

movimentos, fazendo-as rir.

“Sinto falta de um pouco de privacidade, Anne, de não ter que prestar atenção constantemente no que digo.”

Um escrivão se aproxima com alguns papéis para Katherine assinar. Ela pega e começa a ler. Ele espera com uma pena molhada que pinga, deixando uma marca brilhante no chão. Apoia-se em um pé depois no outro, incapaz de esconder a impaciência. “Posso garantir, madame, que tudo está correto”, ele diz.

“Não vou assinar sem ler”, ela responde, finalmente estendendo a mão para a pena. Assina e entrega-lhe de volta os papéis. Um dos arautos do rei entrou na sala e está esperando sua vez, dando um passo à frente quando o escrivão vai embora.

“Sim?”

“Venho transmitir as desculpas do rei, madame. Ele está indisposto e vai jantar sozinho hoje.”

“Muito obrigada. Por favor transmita ao rei meus votos de rápida melhora.”

Henry está incapacitado pela úlcera na perna há vários dias. É por isso que continuam em Ampthill quando deveriam ter seguido adiante há uma semana.

Depois de o arauto ir embora ela vira para a irmã e pisca. “Podemos jantar nos meus aposentos.”

Uma sensação de leveza toma conta dela. Quando Henry está doente, pode ficar mal-humorado, mas ela tem uma trégua bem-vinda do leito conjugal. Quando ele vem visitá-la à noite ela fecha os olhos e imagina que é Thomas — são as mãos dele pegando sua carne, seu corpo duro sobre o dela, seus gemidos — até lágrimas se formarem em seus olhos, as quais Henry toma por lágrimas de desejo. Seu deleite a deixa enjoada. Katherine fica aterrorizada, com medo de dizer o nome do amante, murmurá-lo enquanto dorme, então empurra todas as lembranças agradáveis para uma parte secreta de si. Mas Thomas ainda está marcado nela, tão indelével quanto a tinta no velino.

“Aquele escrivão parecia que ia urinar nas calças, de tanto que se mexia. Acho que estava atrasado para mandar aqueles papéis”, diz Anne.

“Nenhum deles suporta que eu insista em ler as coisas antes de assinar.”

“Você é tão parecida com mamãe, Kit. Lembro-me dela dizendo: ‘Nunca assine a não ser que…’.”

Katherine entra em coro: “… você saiba exatamente o que é e tenha lido duas vezes”. Ela suspira. “Às vezes sinto falta de uma vida comum, Anne. As horas na destilaria, preparando remédios. Tardes na cozinha, supervisionando o peixe salgado, as conservas de frutas… administrar a casa. Tem alguém para fazer tudo

para mim onde quer que eu esteja agora: um clérigo, um boticário, criados, arautos, escrivães, escreventes, copeiros, camareiros, médicos.” Ela conta nos dedos. “Graças a Deus, Huicke é meu médico.”

“Udall vai vir hoje?”

“Acho que sim.”

“Ah, fico feliz em saber”, diz Anne, os olhos brilhando.

“Sim, eu também.”

Todas gostam das visitas de Udall, quando só o círculo mais íntimo janta nos aposentos da rainha. Quando cansaram de dança e música, ficam à toa, abandonam completamente a etiqueta e as formalidades, esquecendo por algumas horas que ela é a rainha e deveria sentar-se acima deles. Então jogam cartas preguiçosamente e conversam sobre a nova fé. Katherine é cautelosa ao falar sobre sua opinião, mantém-se reservada para todos exceto alguns poucos em quem confia. Há uma linha finíssima entre o que é considerado admissível e o que é heresia, e essa linha muda para lá e para cá — nada é claro. Até recentemente havia uma Bíblia em inglês em cada igreja, para todos verem, mas agora elas se foram; Lutero é permitido, mas Calvino, não. Velas na igreja, orações pelos mortos, relíquias, água benta estão voltando — é quase impossível acompanhar.

Mas a afeição de Henry faz Katherine se sentir segura. Além do mais, há várias pessoas no círculo do rei que defendem a Reforma abertamente — entre eles, Hertford. O próprio Henry se recusa a comprometer-se com uma posição única, mas os católicos no Conselho Privado sempre o pressionam e tentam levá-lo para o lados deles — principalmente Gardiner e Wriothesley.

Katherine não consegue resistir à conversa sobre a Reforma, sente que sua mente está se abrindo. Ela quer abraçar tudo que é novo, pois para ela a velha religião é obscura e violenta, e tem Murgatroyd e sua laia. Ela acredita há muito tempo que o evangelho deveria ser lido em inglês, promoveu isso em sua própria casa, criou Meg assim, mas agora começa a ver que há muito mais a reformar do que havia imaginado. Sua mente zune e borbulha com novas ideias. Ao menos ela encontrou outra paixão, algo para afastar o pensamento do amor perdido.

A rainha se levanta para sair e a sala toda se move como uma onda, todos se abaixando conforme ela passa. Tem vontade de pedir para não fazerem isso, para fazer de conta pelo menos uma vez que ela não é a rainha.

“O príncipe Edward virá amanhã”, ela diz para a irmã enquanto caminham de braços dados. “Gostaria de levá-lo com os cães para caçar lebres. Você quer vir? Vou pedir ao rei.”

“Se quer minha opinião”, Anne abaixa a voz para um sussurro, “ele é mimado demais, aquele menino, e solene demais.”

“O rei tem medo de perdê-lo”, diz Katherine.

É verdade. Henry vive com medo de que o menino caia do pônei ou sucumba à peste.

“Ele não suportaria deixar a Inglaterra sem nada além de duas garotas como herdeiras, e garotas que considera bastardas.”

“É para isso que você está aqui”, Anne brinca.

“Não tem graça Anne, não tem graça.”

A irmã aperta seu braço. “Mas não é algo extraordinário, ser adorada pelo rei de toda a Inglaterra?”

“Ah, Anne, você é romântica demais.”

É verdade, Anne habita uma versão do mundo que é civilizada e brilhante.

“Mas ele ama você. Todo mundo vê…”

“Até certo ponto, Anne…” Ela não consegue explicar o frágil equilíbrio do temperamento de Henry e como precisa tomar cuidado como uma equilibrista.

Udall chega não muito depois, agitando como sempre. Senta-se entre elas no jantar entretendo-as com imitações e interpreta os dois lados de uma conversa entre Gardiner e Wriothesley que as faz cair na risada. Huicke parece renovado por estar com seu amado. Depois do jantar, Katherine dispensa as damas exceto sua irmã, Meg e Cat Brandon, e eles vão para diante da lareira, espalham-se nas almofadas e tiram suas toucas incômodas. Udall senta-se perto do fogo com as costas apoiadas na parede. Huicke se apoia nele, deixando a mão escapar para a coxa do amante. Com esta companhia, estão a salvo. Katherine põe um cobertor sobre os ombros, sentindo o frio de outubro.

Fazem um brinde.

“À mudança”, diz Udall.

“Ao futuro”, diz Cat.

Katherine encosta seu copo no de Huicke e toma o vinho adocicado e morno.

“Vocês ouviram falar do eclipse solar em janeiro passado nos Países Baixos?”, Udall pergunta.

“Ouvi alguma coisa de meu marido”, diz Anne.

“Acho que é sinal de que grandes mudanças estão se cristalizando”, Udall diz, gesticulando. “Por que Deus apagaria o dia tão dramaticamente, se não para lançar uma nova luz sobre a humanidade?”

Ele joga um tronco no fogo. Ficam em silêncio por um instante, observando como as chamas lambem a madeira, queimando a casca seca.

“E tem aquele astrônomo da Polônia”, Udall continua. “Copérnico diz que o Sol é o ponto fixo em torno do qual o universo gira.”

Katherine não consegue apreender completamente uma coisa assim, parece absurdo demais. “Por que não estamos tontos se a Terra gira em volta do Sol?”, ela diz, provocando risadas.

“Com certeza cairíamos todos”, completa Cat.

“Esse tal Copérnico”, diz Anne com uma risadinha, “ele gosta de vinho?” Estão todos sem fôlego de tanto rir.

“Vocês não veem o que isso significa?”, diz Udall, interrompendo a brincadeira. “Podem achar que é bobagem, mas eu vejo como um símbolo da nossa revolução silenciosa. Estivemos errados sobre a essência do universo durante séculos, e agora é a hora da mudança. Os céus foram novamente mapeados para a nossa Reforma.”

Katherine sente a excitação borbulhando dentro dela, como se um mundo completamente novo estivesse sendo criado e ela assistisse a seu nascimento.

“E devemos ver a palavra de Deus de outro jeito”, Udall continua, “como Copérnico vê o universo. Temos que olhar mais profundamente para as interpretações. Roma turvou a água durante séculos de acordo com seus próprios interesses. Pensem nisso: *hoc est corpus meum* — este é meu corpo. Todos ouviram isso incontáveis vezes. Sem dúvida aceitam que é simbólico, mas já pensaram nos detalhes da tradução?”

Katherine olha para Meg, cativada, o brilho do fogo passeando sobre seu rosto. Todos estão fascinados, ouvindo em silêncio.

“Zwingli interpreta *est* como ‘significa’, enquanto para Lutero quer dizer ‘é’. Você sempre precisa procurar mais a fundo o significado.”

Katherine sente nesse momento que nunca pensou realmente sobre o que significa reformar a religião, forjar novas crenças. O rompimento com Roma e toda a corrupção, o evangelho em inglês, isso é só uma pequena parte, só uma das cores de linha em uma tapeçaria que conta a história da humanidade. Udall está sugerindo coisas mais sutis, que desafiam a objetividade, forçando-a a questionar aquilo de que nunca pensou duvidar. Ela começa a ver a responsabilidade que existe por trás de um desejo de ler e pensar por si mesma e não receber dogmas em uma língua moribunda. Imagina a humanidade crescendo. Tudo precisa ser questionado, mesmo as coisas que são aceitas facilmente. É como se sua mente tivesse sido aberta para a natureza ilusória da

própria verdade.

Huicke se levanta, de repente, agitando-se como um cão molhado. “Venham, está uma noite limpa. Vamos para o telhado observar as estrelas.”

Katherine está encantada com a ideia de recuperar a espontaneidade perdida de sua juventude, os jogos de esconde-esconde em Rye House, quando descobria passagens desconhecidas e portas que levavam aos parapeitos proibidos.

Elas seguem Huicke e Udall por uma escada em caracol, tão estreita que suas saias roçam nas paredes úmidas. Katherine se pergunta como os dois conhecem aquele lugar. Uma porta se abre e elas se abaixam para chegar a uma grua de madeira que leva a uma torre com ameias. O ar está cortante e frio. Ela pede ajuda a Cat para soltar o peitilho e respirar melhor. O céu está repleto de estrelas e uma enorme lua os observa, seis figuras minúsculas ali embaixo. Todos olham para cima, ruminando seus próprios pensamentos, silenciados pela vastidão do céu.

“Vocês viram?”, grita Anne. “Uma estrela cadente.”

“Eu vi!” O rosto de Meg é a expressão do encanto.

Katherine sussurra: “É um sinal de que boas coisas virão para você, Meg”.

Eles apontam para as diferentes constelações: Andrômeda, o Cinturão de Óreon e a Ursa Maior… Katherine os deixa para trás, caminha até o outro lado da torre. Apoia as costas na parede fria e, com os olhos fechados, tenta imaginar a Terra girando em volta do Sol invisível. Acha que consegue sentir o movimento. Udall acendeu uma chama nela que está disparando ideias. *In principio erat Verbum… et Deus erat Verbum*. “No princípio era o Verbo… e o Verbo era Deus.” Ela consegue ver. Linguagem e significado são tudo; Deus reside na interpretação. Agradece à mãe por insistir que tivesse a mesma educação que um menino. Ter percorrido incansavelmente a gramática de latim de William Lily agora tem uma aplicação prática. Seus pensamentos estão concentrados nisso, mas Thomas se infiltra pela beirada como um fantasma. Ela o imagina lidando com as mesmas ideias sobre a Reforma em sua corte distante, mas é uma fantasia, pois é muito mais provável que passe suas noites indo atrás de mulheres estrangeiras do que ponderando sobre religião. Tem vergonha de seu próprio ciúme mas a ideia de que ele ame outra a despedaça. Ela se força a pensar de novo nas contorções teológicas, decidida a deixá-lo no passado e ficar em paz com isso.

“No que está pensando?” É Udall que deixou os outros para se juntar a ela.

“Minha cabeça está fervilhando”, ela responde, “não sei por onde começar.”

“Existem livros que podem ser de seu interesse, Katherine.”

Ela gosta de como ele usa seu nome sem cerimônia, embora não tenha esse direito.

“Posso mandar para você.”

“Livros?”, ela diz, sentindo uma pontada de medo ao pensar em tais ideias no papel. Falar só gera boatos, mas palavras em tinta… bem, constituem prova. Mas a atração pelo novo é irresistível. “Não acha arriscado demais, Udall?”

“Há livros proibidos em todos os cantos da corte. Mas a corte não é o mundo lá fora. As pessoas fazem vista grossa, não é nada incomum.”

“Ninguém pode saber.”

Ele faz que sim com a cabeça. “Confie em mim.”

Udall pode ser imprudente e estar sempre à beira de um escândalo, mas Katherine confia nele. Ele a trata como uma mulher e não como a rainha; há honestidade nisso.

Os livros que mencionou não saem de sua mente; ela se sente compelida a vê-los, sentir o papel entre os dedos, o cheiro da tinta, ler por si própria. Há uma parte escondida dentro dela, tão diferente da Katherine sensível que mostra para o mundo — um atrevimento que clama por excitação e não se deixa reprimir. É a mulher que poderia ter desafiado a corte e fugido com Thomas Seymour — embora não o tenha feito e toda aquela emoção tenha sido suprimida.

Além do mais, ela está protegida pelo amor do rei. E ele não adora ouvi-la falar sobre as coisas? Não fica fascinado com tudo aquilo, quando diz: “Adoro sua mente, Kit. Diga mais sobre o que você pensa”?

Eles conversam noite adentro com frequência, discutem os seis artigos da fé, a doutrina que está desfazendo todas as mudanças, que insiste na transubstanciação, que mandaria para a fogueira aqueles que a recusam. Ela nunca menciona Calvino ou Zwingli, mas falam livremente sobre Lutero. Henry, igualmente curioso, resgata seus conhecimentos de grego e hebraico, e aplica-os ao pensamento de Lutero. Ela sente as crenças dele vacilarem.

“O verdadeiro significado está no coração, Kit. Com certeza”, ele diz.

Ela secretamente se imagina sendo o catalisador que firmará as crenças do rei, o farol que o levará a abraçar inteiramente a nova fé. Pensa nisso como sua penitência, aquilo que vai absolver seus pecados.

Quando fica sozinha com o rei novamente, fala de Copérnico e do novo mapa do universo, do mundo girando em torno do Sol, o que o faz dar grandes gargalhadas, soltando penetrantes nuvens invisíveis de mau hálito.

“Ouvi falar disso”, ele diz. “É uma nova bobagem.”

Katherine se lembra de quão velho é seu marido. Ela deve ficar imóvel e sorrir.

“Você me lembra…” Mas ele não diz quem ela o lembra.

Katherine sente um medo apertado ao lembrar de Anne comentando uma vez sobre como o rei costumava falar sobre teologia noite adentro com Anne Boleyn. Mas eu sou diferente, ela pensa, não faço feitiços nem me comporto como uma prostituta.

Mas Anne Boleyn fazia mesmo tudo aquilo?

Ela morreu por isso, mas Katherine sabe tanto quanto todo mundo que não significa nada. Seus pensamentos se escondem na escuridão e o medo se instala nela apesar da adoração do marido em público, dos presentes, do carinho, do aparente fascínio que tem pela mente dela.

Ele não era fascinado por Anne Boleyn também?

As rainhas mortas estão em toda parte.

Eles vão embora no dia seguinte. Será uma viagem de um dia. Meg não irá junto; ela vai se juntar a Lady Elizabeth em Ashridge. Dot acha uma boa ideia. Isso vai afastá-la da corte, pelo menos. Ela está fazendo uma lista de cabeça de tudo que precisa ser feito: limpar a lama de dois trajes de montaria; buscar quatro vestidos na lavanderia, se estiverem limpos; fazer alguma coisa com o vestido púrpura, que está manchado de uma poeira espessa que não sai com escova. Precisa limpar os sapatos de Meg e encontrar a meia de seda que está faltando, que provavelmente foi mastigada e escondida por Rig; costurar o buraco na nova bata da rainha… ela arruma e separa, fazendo pilhas. Está se acostumando com tanta mudança — empacotar e desempacotar, ter uma ideia geral de uma casa nova a cada poucos dias.

William Savage viaja com eles; ele faz parte da comitiva da rainha agora, como Dot. Não quer dizer que fale com ela, entretanto, mas geralmente pode ser visto perto da cozinha, contando nos dedos sujos de tinta e escrevendo no registro. Só de pensar nele seu coração fica apertado. Uma vez ela o encontrou tarde da noite na sala de música em uma das residências — foram tantas que ela esqueceu qual — tocando virginal. Dot se escondeu atrás da porta para escutar, sem ser vista. De toda a música que já tinha ouvido na corte, e era muita, e pelos melhores músicos, nunca ouvira nada parecido. Fechou os olhos e imaginou que estava no próprio paraíso cercada de anjos. Nunca o ouviu tocar desde então,

embora às vezes procure tarde da noite outra sala de música — dizendo, se um dos arautos ou guardas a detêm, que está perdida.

Dot pega a grande bacia que Katherine usa para se lavar, faz força para carregá-la escada abaixo e esvaziá-la na copa, esperando como sempre encontrar William Savage. Sabe que ele deve estar lá. É o meio da manhã e é a hora em que ele faz os registros. Ela o vê inclinado sobre a escrivaninha e seu coração dá um pequeno salto.

"Dot", ele diz baixinho quando ela passa.

E Dot pensa ter imaginado, porque ele nunca diz nada para ela, nem uma vez. Desde o dia em que a rainha se casou, quando perguntou seu nome.

"Sim?", ela vira, agitada.

Ele se levanta, a cadeira raspa no chão, e faz sinal para que o siga. Ela coloca a bacia no chão e o segue até o armazém de grãos.

"Não diga nada", ele diz.

Este é o momento. Ela consegue sentir a batida rápida do coração, como um pica-pau. Não sabe ao certo o que esperar, um beijo, uma proposta, uma carícia, qualquer coisa serve. Seus lábios vibram com a ideia. Está escuro no armazém, e o cheiro lembra o de seu pai depois de um dia duro trabalhando com a palha — um cheiro seco, fermentado e estival. Quando seus olhos se acostumam com a pouca luz, ela consegue enxergar os sacos de grãos, como uma fileira de monges ajoelhados.

William está ajoelhado no canto, tirando alguma coisa de detrás de um saco. Ele se levanta e segura seu braço, inclinando-se em sua direção. Ela se prepara para o beijo que imaginou desde sempre, sentindo-se tonta só de pensar.

"Tenho uma coisa para você entregar à rainha", ele sussurra.

Sua boca está tão perto da orelha dela que Dot consegue sentir sua respiração.

"Você não deve dizer uma palavra sobre isso a ninguém", ele continua, colocando um pacote em suas mãos. "Esconda debaixo da saia."

"Mas o que é?"

"Um livro."

"Mas o quê…?"

"Você quer ser útil à rainha, não quer?"

Ela faz que sim.

Ele hesita, depois diz: "Isso pode ser perigoso, Dorothy Fownten. Está disposta a fazê-lo?".

"Farei qualquer coisa pela rainha", ela diz, pensando: Farei qualquer coisa por você também, William Savage.

“Como eu pensava.” Ele a observa levantar as saias e colocar o livro debaixo do vestido. “Isso”, ele diz. “Você é uma boa garota, Dot.”

E pronto.

Eles estão no corredor novamente, William Savage de volta a sua escrivaninha e Dot levantando a pesada bacia. Não houve nenhum beijo, nenhuma palavra de afeto. Mas, quando ela passa novamente, depois de esvaziar a bacia, ele olha para ela. E não é um olhar qualquer; é do tipo que vem de quem compartilhou um segredo.

Quando chegam a Whitehall, há mais livros, vários pacotes e sempre o mesmo subterfúgio. Mas ainda não há beijos. De algum jeito, no entanto, o sigilo daquilo parece muito, muito mais íntimo, e faz um círculo invisível em volta dela e de seu William Savage manchado de tinta com uma covinha.

Ela se pergunta por que é que esses livros precisam ser tão secretos. Às vezes, à noite, quando a rainha está dormindo, ela acende um toco de vela e abre um deles. São coisas lindas com capas ricamente decoradas, gravadas a ouro, mas são as palavras que a fascinam, negras, densas e misteriosas. Ela vira as páginas rígidas silenciosamente, sentindo a secura delas sob os dedos, aproxima-as do rosto para sentir seu cheiro de poeira, madeira e couro, como o do lugar onde guardam as selas. É o cheiro de casa, do chalé ao lado do pátio de curtir couro, e é o cheiro de Will — um cheiro de livro. Ela encontra as letras de seu nome, as letras que conhece, um “d” agachado aqui, um “o” surpreso ali, um “t” alto em outro lugar, tenta juntá-las, dar-lhes sentido.

5

Palácio de St. James, Londres, junho de 1544

É o casamento de Margaret Douglas — um grande assunto dinástico, todos usando suas insígnias, o clero presente, o palácio de St. James movimentado com embaixadores impressionados que vão escrever a seus respectivos potentados sobre o maravilhoso casamento que vai unir a Escócia e a Inglaterra. Não é o noivado entre o príncipe Edward e a infanta rainha da Escócia que Henry tanto desejava, mas é a segunda melhor opção. Sua sobrinha está se casando com Matthew Stuart, duque de Lennox, que está separado do trono da Escócia só pela bebê Mary e pelo vacilante regente Arran. Alguns escoceses vão ficar contrariados com isso, sem dúvida, especialmente tendo em vista que Hertford saqueou Edimburgo e queimou a cidade toda nem um mês atrás. Só se tem falado disso na Inglaterra — Arran fugiu e este casamento é a cereja do bolo de Henry.

Abrem espaço quando a noiva e o noivo se levantam para dançar e os irmãos Bassano, vestidos com trajes chamativos, se posicionam para tocar para eles. Foi Will quem apresentou os Bassano à corte; deram-se bem. Todos em volta da família Parr subiram na vida desde o casamento de Katherine, como se tivessem lhes dado fermento e deixado no forno para crescer.

O sorriso de Margaret brilha. Ela está claramente deslumbrada com o novo marido. Katherine nota como suas mãos mal se contêm, aproveitando qualquer oportunidade de tocá-lo, acariciar seu rosto liso, apertar sua coxa, segurar seu pulso. Margaret é uma criatura frívola, gosta demais de romance, mas Katherine aproximou-se dela apesar de sua teimosia e está feliz em vê-la casada. Margaret conheceu a Torre por dentro por sua relação não autorizada com um dos Howard. Uma garota tão próxima do trono precisa tomar cuidado com quem se apaixona. Mas este casamento é feliz, está claro, e Katherine está contente que sua amiga não tenha sido levada por um príncipe francês decadente para recuperar um pouco da amizade perdida com o rei François. Também significa que Margaret vai permanecer na corte.

Há algo em Lennox — a autoconfiança, a insolência, o modo como consome a esposa com os olhos, o jeito como põe as mãos na cintura dela como falcões à

espreita — que a lembra outra pessoa e, embora tente não pensar nela, não consegue evitar se imaginar no lugar de Margaret, sentindo aquelas mãos segurando-a. Um nó de tristeza se aperta nela. Olha para as próprias mãos — que, como as do rei, estão carregadas de anéis — e distraidamente puxa a aliança para a frente e para trás. Aperta o nó de seu dedo, causando dor.

Katherine observa seu marido sentado, relaxado, inclinado para um lado do trono, a canela sobre o joelho oposto, mal sendo capaz de esconder a satisfação presunçosa. Ele agita as mãos enquanto conversa com um dos embaixadores, e seus anéis brilham contra a luz. Está novamente bem de saúde e não precisa mais da engenhoca com rodas que fora criada para transportá-lo quando estava com dor demais para andar. Tinha sofrido muito. Ela e Huicke prepararam um emplastro para a úlcera na perna que ela aplicava diariamente e envolvia com curativos limpos, quase vomitando com o cheiro forte. A doença do rei drenara seu desejo, e a isso Katherine era secretamente grata. Espalhava-se na cama grande, deliciando-se em estar sozinha, ou dividia-a com a irmã ou uma das damas, conversando baixinho noite adentro.

Agora ele está melhor novamente, o que significa que a trégua acabou, e Katherine está uma vez mais sujeita aos ataques matrimoniais noturnos. Mas ainda não germina nenhuma criança nela, apesar de tudo. O rei continua a tratar-lhe com carinho, mal disse uma palavra rude neste ano de casamento, a não ser no quarto. Mas o que acontece ali não é regido pelas leis ordinárias. A relutância de seu corpo envelhecido provoca ataques de fúria desesperados dos quais ele se arrepende profundamente quando amanhece. A resiliência de Katherine é impenetrável; afinal de contas, Henry não é o primeiro homem bruto em sua cama. Ela quase não pensa em Murgatroyd, não se permite relembrar como os perigos que o cercavam acenderam vergonhosamente seu desejo.

Henry quer outro filho no berçário; essa é a fonte de sua raiva. Quando ele a fixa com seus olhos de pedra, perguntando “E então, mulher, que novidades?”, e tudo que ela pode fazer é baixar os olhos e sacudir a cabeça, uma tira de medo se aperta em volta de seu ventre vazio.

O rei está contando uma piada a Suffolk, que está desconfortavelmente agachado a seu lado. Eles observam as damas dançando, apontam para a pequena Mary Dudley, que tem treze anos e é nova na corte. Seus pés são leves como o ar, e ela se move sedutoramente ao longo da rígida coreografia, encantadora e atenta como um gato. Suffolk sussurra alguma coisa. Eles riem e Suffolk faz um gesto libidinoso com a mão direita, que parece mais grotesco ainda num homem velho como ele.

Katherine puxa as mangas para cima dos pulsos para cobrir as marcas roxas que aparecem debaixo dos braceletes, onde o rei a apertou na noite anterior, uma mão enorme sobre sua boca, enquanto gritava “Puta vadia” para ela e tentava encontrar um pouco de vida em seu pênis flácido. Ela fechou os olhos e pensou em Deus, implorando-lhe por um filho daquela vez, quando Henry finalmente conseguiu. Mas, depois de acabar, ele rolou para o lado dela cuidadosamente e devagar beijou cada hematoma, dizendo: “Katherine, você é meu amor”.

Depois eles acenderam uma vela e falaram sobre fé, comparando a doutrina de santo Agostinho com a de Lutero, dissecando ideias. Como sempre, ela evitou cuidadosamente qualquer menção a Calvino e sua ideia de autoconhecimento e conhecimento de Deus como coisas inseparáveis — algo em que tem pensado muito ultimamente. Quando conversam assim ela consegue sentir o fascínio de Henry por ela; é algo extraordinário ter toda a atenção de tal homem, e o aperto do medo em sua barriga vazia diminui. É uma bênção e uma maldição, esse casamento. Ela às vezes sente uma disposição nele para se afastar da antiga fé, voltar para a nova. Mas precisa ser astuta como um mágico, e na noite anterior avaliou mal.

“Você pensa, Harry, em deixar as leis mais flexíveis sobre a Bíblia em inglês?”, ela sugeriu, enquanto ele acariciava seu cabelo. “Seus súditos certamente se beneficiariam de ler as escrituras em sua própria língua…”

O rei retirou a mão abruptamente, afastou-se dela, seu fascínio se dissipando num instante. Ela soube imediatamente que tinha ido longe demais, e advertiu a si mesma em silêncio pela falta de cuidado.

“E arriscar que cometam heresias? Katherine, você se acha importante demais. É uma mulher; não poderia entender essas coisas. O que sabe sobre meus súditos e sua necessidade de orientação espiritual?”

Mas é claro que ela entende essas coisas, embora não ouse dizê-lo. Entende o medo do rei — de seguir seu coração com a Reforma —, entende que o imperador e os franceses estão mordendo seu calcanhar desde que rompeu com Roma, fazendo uma guerra santa para levar a Inglaterra de volta ao papa. O rei não consegue se obrigar a ir tão longe, mas tampouco consegue abraçar a nova fé, então a Inglaterra está em cima do muro e as pessoas se encontram em cantos escuros para tocar as coisas de um jeito ou de outro.

Dizem que foi Cromwell sozinho quem liderou a Reforma, e que desde que o rei condenou-o à morte, perdeu o fogo dentro de si para a mudança. Parece cansado de tudo aquilo, quer agradar todo mundo. E agora Henry uniu-se ao imperador para lutar contra os franceses. Estão planejando uma invasão dupla: a

Inglaterra pelo norte, o imperador pelo sul. Henry queria uma guerra havia algum tempo, gosta da ideia da glória marcial. O que *aquilo* significa para a nova religião?

Ela leu Calvino de novo e de novo; seu livro *Psychopannychia* chegou a suas mãos pelo trajeto usual dos livros ilegais. Udall cuidou de tudo. Seu amigo William Savage, que faz a contabilidade da cozinha, recebe-os na copa, bem embalados e escondidos. Savage os entrega a Dot e ela a Katherine. Sente Gardiner e seus seguidores observando-a minuciosamente, mas é cuidadosa demais para eles. E, além do mais, eles não podem tocá-la enquanto está nas graças do marido.

É sabido que alguns em seu séquito têm simpatia pela Reforma — um punhado de suas damas arrebatadas pela novidade abandonou as agulhas em favor dos livros. Há bastante desse fervor na corte em geral também, tanto que passa despercebido. Até o príncipe Edward tem tutores ferrenhamente luteranos, aprovados pelo rei. Cat Brandon é a mais descuidada das damas, perambula pelos corredores do palácio com um livro aberto. Uma vez até parou Wriothesley para perguntar se ele faria a gentileza de traduzir uma coisa do latim para ela, fazendo-o ler um trecho de Calvino em voz alta.

"Onde conseguiu isso?"

Ela descreveu como o rosto dele mudou de vermelho para roxo e para cinza, e a voz subiu uma oitava, como a de um menino no coral.

"Encontrei no nicho de uma janela", ela disse, sorrindo com falsa inocência. "E meu latim é tão ruim que não sei o que é."

Todo mundo sabe que, depois de Katherine e Lady Mary, Cat Brandon era a melhor conhecedora de latim entre as damas da corte. Ela descreveu, rindo, como ele ficou sem jeito e gaguejou.

"Este livro é… uma coisa perversa… infecta a mente como a peste… Preciso ficar com ele… só serve para queimar."

Sua imitação de Wriothesley com a boca seca tropeçando nas palavras fez todos rirem até doer. Mas, apesar de toda a graça, Katherine admira a coragem de Cat. Ela batizou de Gardiner o cachorro, e repreende-o em público. "Gardiner, comporte-se, cachorro mau", exclama, causando ataques de riso nas damas. Katherine cultiva uma ambiguidade pública sobre suas próprias crenças, no entanto, e toma cuidado para distribuir cargos para católicos também.

Lady Mary continua a circular agarrada ao rosário como se sua vida dependesse dele. Mas faz parte do círculo de Katherine como os outros. Além do mais, a rainha convenceu o rei a restaurar o direito das filhas à sucessão. Mary é

a próxima depois do pequeno Edward, e Elizabeth depois dela, embora seu pai ainda não tenha declarado as filhas legítimas nem autorizado que sejam chamadas de princesa. Esta é a vitória de Katherine; ela adulou o rei e insistiu com ele por meses, apelando a seu orgulho, lembrando-o sutilmente do sangue Tudor correndo nas veias delas, o sangue dele, dizendo que, embora sejam meras mulheres, têm a inteligência dele, seu carisma esplêndido. Ninguém acredita que nenhuma das duas algum dia chegará ao trono, menos ainda Henry, pois serão o príncipe Edward e seus herdeiros que continuarão a linhagem Tudor por séculos. Mas Katherine tem a satisfação de ter conseguido o que até a adorada Jane Seymour não foi capaz, e Mary começou a desabrochar cuidadosamente.

Elizabeth e Meg estão bem perto uma da outra, cochichando. Meg se levanta, dá o braço à outra, leva-a para a pista de dança. Os Bassano começam uma música campestre e as garotas se juntam a um círculo com outras pessoas. Meg saltita a cada passo com a cabeça erguida, atipicamente ousada. Ela dá um olhar coquete de relance para um arauto que está observando. Depois de dar uma volta e chegar novamente perto dele, chama-o para dançar fazendo um sinal e sorrindo. Ele entra no círculo ao lado dela alegremente, mas Meg vira para o outro lado como se o arauto não existisse. Katherine começa a fazer uma lista mental de possíveis pretendentes. Elizabeth diz alguma coisa para Meg e as duas riem, jogando a cabeça para trás. A tristeza parece tê-la deixado. Esse é o efeito de Elizabeth. Até Katherine sente ter caído no feitiço da garota. É uma pena que Henry não a deixe ficar e que seja mandada embora no dia seguinte. Mas, ao observá-las dançar, sua felicidade é contagiosa e Katherine sente que está tendo sucesso como madrasta. Esse pensamento a relembra da criança que *precisa* conceber — o filho que vai deixá-la segura. Mesmo com toda a ascensão, é fácil cair neste lugar.

Elizabeth começou a escrever cartas para a madrasta. Mandou-lhe um poema escrito em francês e inglês, com uma caligrafia perfeita, algo formidável para uma garota de dez anos. Não suportando ver a menina sofrer tal ostracismo, Katherine mandou um jovem pintor, novo na corte, fazer um retrato dela. Agora, quando Henry visita os aposentos da rainha, vê a filha na parede da antessala, suas mãos delicadas segurando um livro, com a aparência inequívoca de um Tudor. Só os olhos escuros da mãe entregam seu sangue Boleyn.

Will se aproxima; ele também estava dançando, e está vermelho e sem fôlego. O colarinho da camisa desamarrou. Ele se senta ao lado de Katherine e ela se inclina para amarrá-lo, ordenando que fique quieto como se fosse uma criança.

“Kit…” Ele diz com aquele jeito de menininho que quer um favor.

“O que quer, Will?”

“É sobre a petição do meu divórcio.”

“Will, isso de novo não. Falei com ele. Não vai mudar de ideia.”

“É uma lei para ele e outra para o resto de nós”, Will diz amargamente.

“Assim você tem do que reclamar. Sabe como gosta de se lamentar. E tem todo o resto que sempre quis. Você é cavaleiro, é duque de Essex, sua amante é uma das damas mais belas da corte.”

Ele vai de má vontade se juntar a Surrey do outro lado do salão.

O rei faz sinal para ela, que vai até ele, abrindo caminho entre os dançarinos, e senta-se na banqueta a seus pés. Ele tem um sorriso radiante no rosto gorducho e ignora o bispo Gardiner que está a seu lado, tentando atrair sua atenção com bajulações, e quase chega a puxar sua manga. O rei o afasta com um aceno do braço, como faria com uma mosca, e o bispo olha fixamente para Katherine. Um de seus olhos é caído e sua boca fica permanentemente virada para baixo, o que faz seu rosto parecer como se estivesse prestes a derreter. Quando ele se afasta, sua pele de raposa balança como o rabo de um diabo.

“Kit, temos uma coisa importante para dizer”, Henry diz no rosnado amigável que usa quando está de humor indulgente. Ele raramente usa o apelido dela em público.

“Harry”, ela diz, mantendo a voz baixa, intimista. Olha para ele, e seus olhos são contas de vidro parcialmente engolidas pela carne, mas tem rugas nos cantos e isso elimina a aparência de ameaça. Está realmente de bom humor.

“Decidimos que você vai ficar no nosso lugar como regente quando formos lutar contra os franceses, Kit.”

Uma emoção arrebatadora toma conta dela e junto vem uma sensação de peso, como se estivesse enraizada com mais firmeza. “Mas, Harry, isso é…” Ela começa a perceber o que significa. Terá as rédeas do reino. Desde Catherine de Aragón ele não entrega tanto poder. “É honra demais.”

“Kit, confiamos em você. Você é nossa esposa.”

Ela olha de relance para Gardiner, que está pálido como um fantasma, e de volta para Henry, a tempo de ver um resíduo de sorriso malicioso em seus lábios, revelando que o que era uma conversa íntima entre marido e mulher na realidade tinha sido cuidadosamente ensaiada para que o bispo ouvisse.

“O que foi?”, Henry diz rispidamente para Gardiner, que tenta dar um sorriso simpático, mais uma careta que qualquer outra coisa.

“Vossa majestade, se posso ter a ousadia…” Ele procura as palavras. “Há alguns assuntos de Estado…”

“Agora não”, vocifera o rei. “Não vê que estamos falando com nossa esposa?”

Gardiner começa a gaguejar alguma coisa — uma desculpa, talvez.

O rei o interrompe. “Estamos discutindo a regência”, ele acrescenta. “A rainha Katherine será regente enquanto estivermos na França. O que acha disso, bispo?”

Gardiner se ajoelha tão rápido que bate o cotovelo no braço do trono e solta um gemido de dor. Depois de se recuperar, consegue dizer mansamente: “Será uma honra servi-la, alteza”. Ele pega as duas mãos de Katherine. Suas próprias mãos são moles e grudentas, como banha de porco crua. Beija o anel de casamento da rainha. O veludo em seus ombros está coberto de flocos brancos oleosos.

“Somos gratos a vossa excelência”, ela diz.

“Agora, vá”, interrompe o rei.

Gardiner se levanta e vai embora.

“O conselho precisa aprovar. Alguns deles vão odiar a ideia.” Um brilho de maldade passa pelo rosto de Henry. “Mas isso é uma formalidade. Vamos montar um conselho para você, querida. E temos a intenção de escrever um novo testamento, caso algo aconteça enquanto…”

Ela segura seu braço. “Nada vai acontecer. Deus vai protegê-lo, Harry.”

Eles ficam em silêncio por algum tempo, observando os dançarinos. Os pensamentos de Katherine vão longe. Ela como regente da Inglaterra — nunca tinha sequer imaginado algo assim. A ideia do poder faz cócegas nela, e imagens de todos aqueles conselheiros católicos bajuladores sendo postos no lugar estouram em sua mente como bolhas. Sente novas raízes crescendo, cavando, fortes como as raízes de um grande carvalho que vão até o fundo da terra. O rosto do rei estampa satisfação e Katherine percebe seus olhos seguindo Elizabeth conforme ela dança pelo salão com um dos meninos Dudley. Ela vê como um pequeno sorriso se insinua nas extremidades dos lábios do rei.

“Elizabeth está ficando muito bonita”, ele diz.

“Ela se parece com o pai.”

“Você tem razão, Katherine, ela é uma Tudor da cabeça aos pés.” Ele parece animado, os olhos de vidro dançando, como uma criança com um novo brinquedo.

A rainha vê Gardiner, fervendo de raiva, do outro lado da sala, em uma roda com Wriothesley e outro de seus amigos conservadores, Richard Rich, falando em voz baixa enquanto olha na direção dela. Mas, com ou sem filho, não podem tocá-la agora. Sente um contentamento desconhecido, como um gato que se

estica sob o sol, algo que não sente há tanto tempo que mal consegue se lembrar.

“Estava pensando, Harry, se Lady Elizabeth poderia vir à corte quando você estiver lutando na França. Eu gostaria de ter nossa família por perto.”

“Se você não desejasse, querida, nós ordenaríamos”, ele responde num vozeirão.

As raízes de Katherine se aprofundam ainda mais.

O trio que estava cochichando se separa e Wriothesley olha para ela com seus olhos de doninha. Não passa de um breve olhar, mas tão cheio de desdém que a faz sentir um calafrio.

Hampton Court, agosto de 1544

Dot está limpando as janelas com um pano umedecido com vinagre. O vidro range com o atrito. O vapor faz seus olhos arderem. É aniversário da rainha e todos os filhos do rei estão reunidos na câmara privada enquanto Katherine lê uma carta de Henry, que está lutando na França. As coisas são diferentes quando ele está longe, com certeza; há um sentimento de descontração no palácio. O príncipe Edward, que é uma criaturinha de pedra, está no colo de Mary. Elizabeth também está presente, tendo chegado recentemente de Ashridge. Está grudada em Meg, cochichando. São unha e carne. Dot esfrega o vidro com mais força, tanta que tem medo de quebrá-lo.

Elizabeth é como um ímã, atrai todos. Até o cão Rig está sentado a seus pés, olhando para cima como se ela fosse a própria Virgem Maria. Meg e Elizabeth estão de mãos dadas. Mas Dot não se sente atraída por ela. Imagina que está apagando Elizabeth com seu pano de vinagre como se fosse uma sujeira na janela. Meg está ficando mais refinada e se afastando. Agora ela é amiga da filha do rei e elas se debruçam juntas sobre livros, revezam-se para ler em voz alta em línguas que Dot não entende. Ficam as duas com o tutor, escrevendo palavras no papel em silêncio enquanto Dot limpa a lareira, varre o chão, leva os travesseiros para o pátio para bater a poeira e ouve reprimendas se faz muito barulho. Meg está mais magra que nunca e pálida como um queijo de cabra, mas sorri alegremente, então ninguém percebe. E Katherine tem tantas outras coisas para fazer, correndo de um lugar para outro, comparecendo a reuniões do conselho, recebendo petições, ditando cartas…

“Veja como é a rainha”, Dot tinha escutado Elizabeth dizer para Meg. “Quem disse que mulheres não podem governar? Quem disse que devem se casar e ser

governadas por homens?”

Meg deu risada, como se Elizabeth estivesse brincando.

“Se eu um dia for rainha, não serei controlada por um homem.”

Mas todas sabem que ela nunca será rainha. Seu irmão será rei e seus filhos depois dele, e ela sem dúvida será dada em casamento a algum príncipe estrangeiro — e já irá tarde.

Dot deseja secretamente que o rei não volte da França, porque embora Katherine esteja ocupada, nunca a viu tão cheia de vida. A ruga que tinha na testa desapareceu e o sorriso forçado se foi. Uma chama se acendeu dentro dela. Escreveu uma oração pelos soldados que foram à guerra. Foi impressa e circulou pela corte, todas as damas mostraram admiração — até a amarga velha Stanhope pareceu impressionada.

Dot coloca o pano no balde e pega o espanador, passa-o pela janela e pelo oratório. Há uma cópia da oração de Katherine ali. Para Dot, não é mais que linhas e espirais, como fileiras de pontos numa roupa branca. Ela se odeia por não ser capaz de distinguir o texto. Antes, teria pedido a Meg que lesse para ela, mas não agora; agora Meg tem sua nova amiguinha. Não pode pedir a Katherine, pois ela está ocupada cuidando de toda a Inglaterra. Não pode pedir a Betty; ela é pior que Dot no que diz respeito à leitura e não sabe nem assinar o próprio nome. Ririam de Dot se ela pedisse a um dos cozinheiros, pois já acham que ela se considera acima de seus iguais. Ela sabe que Betty não conseguiu guardar seus segredos e que riem dela pelas costas, chamando-a de duquesa Dotty. Às vezes quando ela passa pela cozinha faz-se um silêncio repentino, desconfortável. Não confiam nela. Não sabem a que lugar pertence.

Mas há William Savage. E, por todos os pacotes que carregou escondidos e entregou à rainha, ele lhe deve um favor. Ela decide pedir quando for à cozinha da próxima vez, mas William está cada vez menos lá. Há um novo escrevente chamado Wilfred, que tem sardas e olha para Dot como se estivesse contaminada com a peste, enquanto William pode ser visto a maior parte das noites nos aposentos da rainha tocando virginal. Faz um ano agora que ele é o objeto de seus sonhos. Mas ela sente que ele se afasta com sua música, para fora da cozinha e para dentro do mundo refinado que só Dot habita invisível, como um fantasma — um fantasma com espanador. Às vezes observa seus dedos dançando sobre as teclas quando passa para acender a lareira ou trazer algo para a rainha. É um som verdadeiramente bonito, e ela se pergunta se é o som do paraíso.

Elizabeth escreveu um poema para o aniversário da rainha. Katherine parece

até mais encantada com isso do que com o presente do rei — um broche incrustado de rubis e esmeraldas que chegou de um ouvires de Londres pela manhã.

"Veja, Dot", ela disse quando abriu a caixa. "As esmeraldas são verde Tudor como o rei e os rubis me simbolizam. Veja como ficam bonitos juntos." E entregou a joia para Dot sem nem experimentá-la.

Sozinha no guarda-roupa, Dot prendeu o broche no próprio corpete e se olhou no espelho. A joia parecia estar no lugar errado, como um lírio num campo de ranúnculos, e seu rosto estava errado também, olhos afundados demais, a boca larga. Ao tirar o broche, espetou o dedo e ficou com uma marca de sangue na touca branca.

A rainha está lendo o poema de Elizabeth em voz alta e suspira como se lesse a carta de um amante. É verdade que o presente de Elizabeth é uma coisa bonita. Dot tinha visto no dia anterior quando o deixaram na sala de estudos. Ela pode não saber ler, mas consegue perceber que a caligrafia é perfeitamente harmoniosa. Parte de Dot quer sentir pena de Elizabeth, a pobre garota chamada de bastarda pelo pai e cuja mãe, Nan Bullen, foi considerada uma bruxa de seis dedos e condenada à morte por todo tipo de coisa inominável. Ela sentia *pena* da garota, enterrada no campo em Ashridge, a quilômetros de qualquer lugar, quando deveria estar morando em um palácio cercada de cortesãos, com o pai. No entanto Dot pensava em segredo que, se tivesse um pai tão aterrorizador quanto o rei, preferiria estar em qualquer lugar, mesmo que fosse sombrio e sem graça como Ashridge, a ficar debaixo da vista dele, que deixava pequenos de tanto medo até os grandes.

Quando voltou da visita, Meg descreveu Ashridge, pintando uma imagem de jardins pantanosos, malcuidados, salas frias enormes e úmidas onde se juntavam diante de lareiras fumegantes até as roupas ficarem fedendo a fumaça, corredores onde fazia vento e altos arcos de pedra infestados de morcegos que saíam voando e guinchavam à noite. Meg, que não era uma pessoa falante, falava dela o tempo todo — Elizabeth isso e Elizabeth aquilo. Dot não se importava; era tão bom vê-la se livrar do passado, encontrar um pouco de animação. Mas então Elizabeth chegou na corte algumas semanas atrás e tudo mudou.

No dia de sua chegada, apontou a mão branca na direção de Dot e perguntou: "*Quem é essa?*". Nem se deu o trabalho de perguntar em voz baixa.

Meg explicou que Dot era uma criada leal da rainha, que tinha cuidado dela própria quando criança, e que tinham todas estado juntas em Snape.

Então Elizabeth perguntou: "Como pode *a rainha* ser servida por uma garota

grosseira como aquela? Você viu o tamanho das mãos dela?”.

Mas aquilo não era o pior, pois Dot sabia seu lugar. E por que uma princesa — pois é isso que ela é, mesmo que ninguém esteja autorizado a dizer — sequer pensaria *nela*? Não, o pior é que essa Lady Elizabeth, com seus estudos e sua linhagem, teceu uma teia em volta de Meg. Elas dividem livros, aulas e a cama, andam lado a lado nos jardins do palácio, passeiam a cavalo juntas no parque. Lady Elizabeth só traz confusão; está escrito na cara dela e *isso* Dot consegue ler claramente.

Elizabeth não pensa em ninguém além de si mesma, e na rainha — ela gosta da rainha —, e Dot a viu chutar Rig discretamente quando Katherine não estava olhando, de tanto ciúme que tem da madrasta, mesmo por um cachorro. Ela precisa de uma mãe, Dot imagina, embora tenha sua ama, a sra. Astley, que é ainda pior que Elizabeth no jeito como olha para Dot. E foi assim que a simpatia da criada por Elizabeth se desgastou, e ela se recusa a ficar maravilhada com o poema como fazem os outros. Odeia que essa menina escreva poemas para todo mundo ficar admirando, enquanto ela própria nem sabe ler.

As duas garotas vêm se sentar à janela onde Dot está agora ajoelhada, passando um pano úmido pelas beiradas.

“O que você preferiria”, diz Elizabeth, “saber voar ou ser invisível?”

Dot mal consegue se conter para não gritar: *Esse é o nosso jogo, o jogo que eu inventei*.

“Ser invisível”, diz Meg.

“Você já domina a arte de ser invisível, Meg Neville. Eu preferiria voar. Imagine ser capaz de subir acima das árvores, acima das nuvens. Você poderia ver tudo lá embaixo, como Deus…” Ela faz uma pausa. “Mas se você fosse invisível poderia espionar Robert Dudley. É com ele que querem que se case, não é?”

“Não sei”, Meg responde.

Dot não ouviu nada sobre isso, mas viu Robert Dudley circulando por ali, com a mãe, que às vezes vem aos aposentos da rainha. Ele não passa de um menino, uns bons anos mais novo que Meg. Um menino bonito, talvez, mas um pouco exibido demais para o gosto de Dot.

“Não o acho tão feio”, diz Elizabeth. “Mas você não ia querer casar com ele.” Ela se inclina e cochicha algo na orelha de Meg.

Meg se afasta com uma expressão de nojo. “Isso é horrível.”

Katherine respira fundo e entra na sala do conselho. Todos ficam em silêncio. Wriothesley, sempre obsequioso, salta do banco para puxar uma cadeira para ela.

“Vou ficar de pé”, ela diz.

Nunca foi a uma reunião do conselho. Precisa de toda a altura que conseguir, para evitar sentir-se uma garotinha diante de uma multidão de homens adultos. Seu vestido é verde Tudor, para que o conselho não esqueça com quem é casada, mas é feito de um brocado pesado totalmente inapropriado àquele dia abafado de agosto. Wriothesley está ajoelhado agora e segura sua mão, plantando ali um beijo seco. Os conselheiros estão sentados à mesa, livremente divididos de acordo com suas alianças: Gardiner e seus companheiros conservadores estão de um lado, com Rich no meio deles, Hertford e o arcebispo, com os reformadores, do outro. Ela tem a maioria por um triz. Wriothesley se apressa em voltar para seu lugar.

Katherine limpa a mão discretamente no vestido. “Vamos começar pela peste”, ela anuncia, tomando cuidado para manter a voz firme, com autoridade. “Quero fazer uma proclamação. Ninguém cuja a casa tenha sido infectada poderá vir à corte.”

Alguns poucos, Hertford e o arcebispo entre eles, fazem sinal de aprovação com a cabeça, mas a maioria permanece taciturna em silêncio. Katherine pode sentir o suor se acumulando em sua testa, espera que não dê para ver. Todos concordam com a proclamação. A resistência que sentem em receber ordens de uma mulher, no entanto, deixa o ar pesado.

“Alguém é contra?” Ela aperta o maxilar e evita o olhar cortante de Gardiner — ele, entre todos, não pode ver nenhuma hesitação nela. “Decidiremos a redação depois desta reunião.” Ela faz sinal para o escrivão do conselho e continua abruptamente. “O rei está pedindo uma carga de chumbo.”

“Isso é da maior urgência”, diz Wriothesley. “Precisamos garantir que seja embarcada em Dover imediatamente.”

“Não lhe ocorreu, estimado conselheiro” — ela mal esconde o sarcasmo — “que nossos pescadores avistaram um navio francês ao largo da costa sul não faz nem uma semana? Com certeza há outros. Se mandarmos o chumbo agora é pouco provável que chegue em segurança.”

Wriothesley funga e não diz nada, o rosto de esquilo contraído.

“Eu digo que a carga deve partir. Não podemos deixar nossas tropas sem meios para se armar.” É Gardiner agora, olhando em volta da mesa em busca de apoio.

A rainha consegue sentir todos à espreita do menor sinal de fraqueza, um

movimento minúsculo do olho, uma falta de ar. “Acho que não, Gardiner”, ela interrompe. “A não ser que sua intenção seja oferecer um carregamento inteiro de chumbo e o navio que o leva, com tripulação e tudo, aos nossos inimigos.”

Alguns risos abafados escapam. Gardiner abre a boca para falar.

Mas Katherine bate com o punho na mesa duas vezes. “O carregamento permanecerá nas docas até encontrarmos uma passagem segura.”

Gardiner funga com raiva, levanta a mão para tocar seu crucifixo. Hertford sorri afetado, varrendo a mesa com os olhos. Às vezes parece tanto com o irmão que o coração dela dá um pulo. Mas Hertford é mais franzino, com uma configuração menos simétrica, como se Deus tivesse praticado com o irmão mais velho e encontrado a perfeição no mais jovem. Ela o observa atentamente, como faz com todos. Hertford é pálido como o trigo antes da colheita, os olhos penetrantes difíceis de ler. Mas Katherine ao menos sabe que, não importa o que pense dela, partilham as mesmas crenças e são unidos por inimigos em comum.

O inimigo de meu inimigo é meu amigo.

Ela pensa na frase, não se lembra de onde. Nunca se achou do tipo que cultiva inimigos, mas também nunca se imaginou segurando as rédeas da Inglaterra. Por enquanto, Hertford é seu amigo. Pergunta-se, entretanto, o que aconteceria se o rei não voltasse. Ele se voltaria contra ela, tentaria assumir a regência? É o tio mais velho do príncipe Edward, afinal de contas. E a história está cheia de tios ambiciosos.

“Alguém discorda?”, ela pergunta.

Só Gardiner levanta a mão sem convicção.

“Aprovado”, ela declara.

O escrivão molha a pena e anota.

Katherine segue para o próximo item na agenda. “O rei precisa de tropas para a campanha francesa. Quatro mil homens. Cuidem disso, Wriothesley, Hertford.” Ela faz um aceno firme de cabeça para cada um deles. “Decidiremos como transportá-las depois. Você irá à França em breve, não, Hertford?”

A atmosfera se descontraiu um pouco. Ela precisa se provar capaz de governar a cada reunião — tem que ficar firme, despir-se inteiramente de sua feminilidade, não pode deixar abertura. Nenhum homem sentado àquela mesa acredita que uma mulher seja capaz de governar. Mas ela pensa em Mary da Hungria, que administra três territórios com sucesso. Katherine se esforça para emular seu exemplo. Mas até o arcebispo, que é seu aliado mais firme, tem reservas. Ela teve conversas com ele em particular nestas últimas semanas, e falaram muito de religião. Leram os mesmos livros. Katherine olha em seus

olhos. Ele sorri. É reformador conhecido e tem até uma esposa escondida em algum lugar, dizem. Gardiner tentou destituí-lo há não muito tempo, armou um plano, tentou levá-lo para o patíbulo, mas o rei pôs fim naquilo. Henry tem apego por seu arcebispo luterano. Ela consegue ver como funciona agora, a encenação cuidadosamente balanceada que o rei tem mantido. Nunca permite que uma facção ganhe mais força que a outra, mantém todos sob controle.

"Agora, as fronteiras com a Escócia", ela diz. "Hertford, quais as novidades?"

Hertford dá detalhes do conflito ao longo da fronteira, que precisa ficar sob observação. Os conselheiros discutem como melhor resolver o problema quando tantas tropas são necessárias na França.

"Os escoceses estão fugindo desde que Edimburgo foi saqueada", relembra Rich.

"As tropas terão mais uso em Bolonha", Wriothesley completa fungando o nariz. Seu hábito de fungar é irritante. "Os escoceses não representam nenhuma ameaça."

"Estamos esquecendo as lições da história, conselheiros?" Suas mãos estão tremendo; ela as esconde, cruzando os braços com firmeza. "Lembrem-se de Flodden Field."

Da última vez que Henry esteve em campanha na França, trinta anos atrás, os escoceses tiveram a ideia de tirar vantagem. Catherine de Aragón era regente naquela época — a única outra rainha a quem Henry confiou esse papel. Katherine lembra-se de ouvir falar a respeito quando criança; falou-se daquilo por anos, deixou uma impressão duradoura. A rainha adotou uma linha dura, contra as expectativas, e James IV foi morto em Flodden Field. Ela mandou o casaco ensanguentado do rei escocês para Henry — um verdadeiro triunfo. "Recrutem mais tropas, mercenários, se preciso", Katherine ordena, sem deixar espaço para dissidências. "Vamos precisar liberar fundos."

O conselho concorda. Ela sente que a atmosfera na sala mudou para um respeito relutante.

Consegue ouvir alguém praticando virginal em seus aposentos, alguns compassos falhos de uma melodia repetida entram pela janela aberta. Provavelmente é Elizabeth. A garota parece fascinada com a regência de Katherine, implora para ir às reuniões do conselho, oferece ajuda para redigir cartas oficiais, para auxiliar com qualquer coisa. Isso é impossível, mas Katherine encoraja seu interesse. Elas falam sobre mulheres que governaram, sobre como a feminilidade precisa ser deixada de lado para ganhar a confiança dos homens. Elizabeth tem os traços de uma boa rainha, mas não será mais que

uma consorte.

A música para, vem uma risada distante. Meg deve estar por perto, aquelas duas são inseparáveis. Ela está completamente renovada, pronta para se casar. Katherine pensa nas mulheres em seus aposentos, debruçadas sobre bordados, um burburinho de conversa em voz baixa; deve haver um jogo de cartas, alguém lendo. Seus aposentos estão cheios de livros agora, muitos deles proibidos, sob capas inocentes, escondidos nos cantos, nas laterais dos móveis, tratados com cuidado. Todas sabem que aqueles livros podem causar problemas. Ela afasta seu pensamento disso por medo de enfraquecer — nenhuma abertura. Além do mais, diz a si mesma, ela é a regente; Henry a tornou intocável. Um gato se esgueira pela janela, pisando com cuidado no parapeito, distraído por um instante por um pombo, observando-o, agachado, esperando, antes de continuar.

A discussão se volta para os problemas da perseguição de residentes franceses em Londres. Fica acalorada. Vários conselheiros, com a voz alterada, clamam por deportação, alguns por prisão.

“Estamos em guerra com a França. Essas pessoas são nossas inimigas”, declara Wriothesley.

É uma pena que *ele* não pode ser mandado para lutar contra os franceses, pensa Katherine. O homem funga novamente e Hertford joga um lenço em sua direção. Wriothesley olha para aquilo como se nunca tivesse visto tal objeto antes.

“Assoe o nariz, homem”, vocifera Hertford.

Wriothesley obedece.

“O problema não está nos émigrés”, diz Katherine, em alto e bom som, por cima do barulho, “mas naqueles que os perseguem. Não sou a favor de deportações. Acredito que devemos ser duros com quem os persegue.”

“Com todo o respeito”, Hertford toma a palavra, “se formos lenientes demais podemos ter problemas.”

“A maior parte dessas pessoas está em Londres há gerações. Não podemos simplesmente nos livrar deles”, rebate o arcebispo.

Graças a Deus ele está do seu lado. Sem Hertford, no entanto, Katherine sabe que vai ser difícil impor sua opinião.

“Vou escrever para o rei sobre esse assunto”, ela diz com firmeza. “Por enquanto os émigrés ficam, e qualquer um que os perturbar será devidamente punido.”

Hertford irá embora dentro de alguns dias. Precisam dele na França. Ela terá que afiar seu poder de persuasão com o conselho. Imagina novamente o que

aconteceria se o rei não retornasse. Estaria sozinha no controle do governo, protetora de um rei criança; está escrito no testamento de Henry. Como poderia manter essa encenação cuidadosamente balanceada sem o marido por trás? Teria que descobrir um jeito, forjar alianças poderosas. Ela se pergunta se teria estômago para mandar alguém ao patíbulo… um inimigo, talvez… mas um amigo? A ideia flutua em sua mente, causando-lhe enjoo.

"Algum outro assunto?"

"Várias pequenas disputas de terra", diz o secretário, segurando um maço de papéis.

Examinam uma lista de pequenos assuntos e finalmente ela encerra a reunião. Mantém a postura ereta enquanto anda pela galeria. Assim que a porta da câmara privada se fecha atrás dela, no entanto, Katherine se joga contra ela, solta os laços do vestido, tira aquela coisa pesada, desamarra a touca, joga-a no chão enquanto desaba, a bata espalhada a sua volta.

Udall está diante da plateia sentado na antecâmara da rainha. Veste um gibão elaborado de brocado roxo, uma cor que não tem direito de usar. Huicke o desencorajou, disse que era falta de respeito. Mas Katherine aprecia o fato de ele não ser um bajulador. Ela não suporta os sicofantas. Até Stanhope ronrona em seus calcanhares ultimamente, sugerindo trechos de Lutero que podem ser de seu interesse ou dando pequenos presentes, como um par de luvas de brocado, um leque, um livro. É verdade que partilham certas opiniões, mas está claro como o dia para Huicke que Stanhope está buscando vantagens para si própria.

Udall faz uma reverência, levanta o chapéu, agita-o fazendo com o braço uma série de oitos decrescentes em tamanho. Algumas das damas dão risadinhas diante desse gesto exageradamente extravagante. Huicke troca um sorriso com Katherine. Ele vê seu contentamento, viu-a prosperar como regente nas últimas semanas, percebe que ela, afinal, acomodou-se ao papel. E se saiu bem. Até impressionou os céticos do conselho com sua força. Mas ele vê os inimigos à espreita. Achavam que essa nova rainha seria dócil com eles, ajudaria a trazer o rei de volta à antiga fé, mas encontraram-na mais difícil de controlar do que esperavam. E agora ela se tornou regente.

"Como foi a reunião?", ele pergunta em voz baixa.

"Estou conquistando o conselho."

"Se outros conseguem, você também, Kit."

Wriothesley, Gardiner e Rich circulam pelo palácio com uma expressão no

rosto que azedaria mel. Falam baixinho com amargor também sobre o novo testamento real, que torna a regência de Katherine permanente. Nenhum deles gosta da ideia, muito menos Hertford. Ele deveria estar do lado de Katherine, mas alianças são frágeis nesta corte onde tudo está em suspenso. Hertford está de olho na regência há tempos, e deve estar se perguntando quanto mais terá que lamber as botas do velho rei antes que seu sobrinho seja coroado. Mas agora essa mulher está no caminho, uma mulher que parece incapaz de errar aos olhos do rei.

Huicke não tem coragem de lembrar Katherine que seu poder só lhe pertence por procuração, que os Gardiner, Wriothesley e Hertford deste mundo só fazem sua vontade precisamente porque o rei *vai voltar*. Ela fala frequentemente de Mary da Hungria — seu maior exemplo como rainha regente —, uma soberana com seu direito respeitado. Mas Mary da Hungria tem por trás a força do irmão, o imperador. Quem ficaria em defesa de Katherine — seu próprio irmão, que acabou de virar duque de Essex e é tão impotente quanto todos os outros vaidosos da corte? Se o rei morresse, todos se voltariam contra ela num instante; Katherine estaria na Torre antes que pudesse fazer qualquer coisa. Mas Huicke não será aquele a interromper sua felicidade com esse tipo de lembrete. Deixe-a aproveitar enquanto dura, ele pensa, observando-a rir fácil dos gestos irônicos de Udall.

Desde que Huicke foi transferido para a comitiva da rainha como médico-chefe, nada menos, e com a bênção do rei, as pessoas começaram a provocá-lo sobre sua amizade com Katherine — chamam-no de oportunista, galanteador, sicofanta, bajulador. “A gralha e o corvo se entendem”, ele retruca, mas nunca revelaria sua afeição genuína por ela. O ar é rarefeito demais para amizades na corte, então essa é preciosa. Rainha ou não, ele se importa com ela, aprecia suas contradições, o desejo de ser boa, temperado pela vontade de vencer, mesmo num jogo de cartas. É uma adversária feroz, e, acima de tudo, é bondosa. Ele é testemunha, vendo o modo como trata os criados com respeito, tendo sempre uma palavra gentil para o estribeiro e até um sorriso para a garota que leva o balde de despejo. As pessoas no palácio estão ocupadas demais olhando para cima para ver o que há por baixo, mas não Katherine. E ele não se esquecerá do beijo que ela deu em sua mão deformada em Charterhouse. Parece eras atrás agora, embora mal faça um ano e meio.

Ela se inclina, sussurrando: “A cor fica bem nele, você não acha?”.

“Roxo — apropriado para uma rainha!”

Katherine segura a risada.

Nem mesmo Udall ousaria fazê-lo se o rei estivesse presente. Ninguém pode contar com o senso de humor dele. Huicke observa seu amante, tem um repente de desejo quando ele é o centro das atenções, pavoneando-se diante das damas da rainha, todos os olhos nele. A paixão dos dois é violenta, mas instável. Udall sabe ser cruel e recentemente recusou-se a tocar Huicke, dizendo "Você me dá nojo com sua pele de réptil", e foi procurar diversão em outro lugar. Mas voltou afinal, bêbado e choroso, implorando perdão. Aquelas palavras tinham machucado, mas, para dizer a verdade, o próprio Huicke tem nojo do seu corpo. Alguma coisa em Udall o fascina, no entanto; como parece haver nele uma tênue fronteira entre o amor e o ódio.

Enquanto Udall caminha pela sala, Huicke não consegue afastar a imagem dele sem roupa, sua masculinidade, a musculatura forte, a pele lisa e firme, tão diferente da dele. Nu, ele parece um camponês, mas sua mente é a mais refinada, afiada, sutil que Huicke já viu, e a mais irreverente. Como em Katherine, são as contradições que ele aprecia. Ela fala em se tornar homem e mulher ao mesmo tempo para governar. Huicke sabe como é.

"Vossa excelente alteza, graciosíssima rainha Katherine", Udall anuncia. "Humildemente apresento-lhe a primeira performance de minha comédia *Ralph Roister Doister*."

Lady Elizabeth está sentada ao lado de Katherine, de mãos dadas com Meg Neville. É um dos triunfos de Katherine, unir todas as crianças reais. Como o rei resistiu com relação a Elizabeth. Ela teve conversas sem fim a respeito com Huicke, e como sofria em pensar na garota sozinha em Ashridge.

Mas ali está ela. Ainda é jovem, mas demonstra o carisma do pai; ele está nela, indelével, no modo como sustenta a cabeça, no olhar direto, na posição determinada do queixo. Katherine se encarregou de sua educação e diz que ela tem o tipo de inteligência, uma curiosidade pelas coisas, que nunca se contentaria com o conhecimento mastigado que é transmitido a garotas. Gosta de lidar com o novo e, como o irmão, está crescendo mais ou menos na nova fé. Se Gardiner soubesse quanto estão imersos na Reforma, ficaria horrorizado e armaria algum esquema sórdido para pôr fim naquilo.

O cachorrinho de Katherine vai até Elizabeth, sobe em seu colo. Sem olhar, ela o empurra com a mão. Claramente a menina não se deixa seduzir por um par de olhos molhados. Katherine alisa seu próprio colo e ele pula, acomoda-se em sua saia.

A sala fica em silêncio quando Udall começa a recitar seu prólogo. Huicke ouviu parte da história antes, leu alguns dos rascunhos, os versos de sempre

sobre como a alegria eleva os espíritos, mas não conhece a peça. Udall foi particularmente sigiloso com esta. Um ator entra, descrevendo Ralph Roister Doister como um homem que se apaixona por todas as mulheres que conhece, o que leva a disputas entre as damas. Então entra o próprio Roister Doister, trajado com um brocado elaborado e uma pena de avestruz no chapéu do tamanho do rabo de um cavalo.

"É Thomas Seymour", exclama Anne, provocando uma onda de risadas nas garotas mais jovens.

"Veja o tamanho da pena", grita outra pessoa.

Huicke olha para Katherine, que tem um sorriso determinado no rosto, mas suas bochechas estão completamente vermelhas e seu maxilar está tenso. O ator se pavoneia e faz poses, agitando os braços, e então causa ruidosas risadas ao falar sobre fazer a corte a uma rica viúva, enquanto se admira diante do espelho. Então entra o objeto de seu afeto, a sra. Custance, um belo rapaz vestido de vermelho; peruca vermelha, vestido vermelho, bochechas redondas vermelhas. Claramente é para ser Katherine, pois vermelho é sua cor, todos os seus pajens se vestem de escarlate.

"Ele é desavergonhado, esse seu amante", sussurra Katherine, arregalando os olhos.

Apesar de Katherine parecer manter o bom humor, Huicke sente a raiva crescendo nele. Como Udall pôde fazer isso? Com certeza ele sabe das circunstâncias — mas talvez não. O caso nunca chegou ao conhecimento geral, foi só um boato e especulação. Só Huicke sabe realmente a extensão dos sentimentos de Katherine por aquele homem, até sua irmã Anne ignora. Eles assistem ao desenrolar da história da corte indesejada que Roister Doister faz à sra. Custance, que já está prometida a um rico comerciante, convenientemente de fora do país, chamado Gawyn Goodlucke.

Huicke olha para Katherine. Seu sorriso está rígido. Ela bate o pé nervosamente no chão. Ele tenta imaginar a sensação de ter sua vida secreta exposta para toda a corte examinar. A rainha deve estar pensando que foi ele quem abriu a boca, revelou sua vida privada ao amante. Huicke não suporta a ideia de perder a confiança dela novamente. Aperta sua mão.

"Eu não fazia ideia, Kit."

"Essas coisas acabam se espalhando. O rei sabia o bastante para mandá-lo para longe. Correram boatos. Ainda confio em você, Huicke."

Udall transformou a lembrança mais preciosa e dolorosa de Katherine em uma piada diante de toda a corte, e uma piada perigosa, pois se o rei ouvir falar…

Huicke se contorce de medo por dentro. Mas tem que admirar o descaramento de Udall. Se Thomas Seymour estivesse aqui, enforcaria seu amante. Mas ele não está aqui, nem seu irmão; foi para a França. E, graças a Deus, o rei tampouco está. Pois se Henry *estivesse* aqui ele não estaria rindo. Aquilo é o mesmo que retratá-lo como um corno. Mas nem Udall teria arriscado essa apresentação se ele estivesse presente.

A noite se arrasta insuportavelmente. Katherine está sentada a seu lado, imóvel, enquanto o arrogante Roister Doister abre o caminho da própria humilhação. “Sei que ela me ama, mas não pode falar”, ele brada.

Huicke se inclina e sussurra para ela: “Se eu soubesse, Kit, teria impedido”.

“Ele só quer nos fazer rir”, ela responde, ainda com um sorriso ambíguo. Sua resistência é notável.

“E é Seymour quem ele está ridicularizando, não você. Sempre odiou aquele homem. Eu nunca soube por quê. Uma antiga desfeita, imagino.”

O ator jovenzinho fica sozinho no palco, absurdo com suas bochechas de ruge e saias vermelhas, compridas demais para ele, que se arrastam, fazem-no tropeçar, seus gestos exagerados — uma mão grande e máscula sobre o peito, a boca aberta, os olhos arregalados, a voz cheia de desespero. Ele fala diretamente com a plateia, faz confidências, abaixa a voz de modo que precisam se aproximar e parar com as risadas para poder ouvi-lo.

“Quão inocente sou”, ele ceceia, “neste ato de pensar? No entanto vejam que desconfiança provocou.”

As risadas cessam, deixando a sala momentaneamente em silêncio. Há uma verdade desconfortável sob o humor — mesmo os inocentes podem sucumbir. Meg está dura como uma pedra, com uma mão sobre a boca. Anne esconde o rosto atrás do leque, mas seus olhos entregam os pensamentos. Se a irmã cair, sua família irá junto. Até Stanhope, que tinha feito mais barulho que todas, está calada, embora odeie o cunhado, que ficaria feliz em ver humilhado. Só Elizabeth ri com indiferença. É jovem demais para entender, ou tão insensível como dizem alguns?

A trama ridícula continua a se desenrolar. O momento sério passou e a alegria está de volta. Katherine continua sorrindo conforme a coisa avança para o final feliz.

“Seu Udall atira para todo lado, Huicke”, ela diz. “O que foi que Aristóteles disse? ‘Na comédia os bons acabam felizes e os maus infelizes.’ Pergunto-me qual será meu destino.”

Huicke não sabe como responder.

Katherine segura sua mão e chega mais perto, sussurrando: “Posso realmente confiar nele? Sabe muito sobre minhas leituras. Fale com ele, Huicke. Diga que se não tomar mais cuidado vou mandá-lo embora. Faça com que entenda que há limites para minha boa vontade.”

“Prometo que sim, Kit”, ele responde.

Os atores se curvam em agradecimento diante de alegres aplausos. Quando Udall entra, assoviam, e Katherine joga uma bolsa, que ele pega com destreza, o braço estendido. A raiva de Huicke está borbulhando, embora Katherine pareça completamente indiferente.

Ela exclama: “Magnífico, Udall! Você nos cativou profundamente”.

As pessoas se levantam, espalham-se pela sala, e copos de vinho são servidos. Huicke se afasta, deixa Katherine cumprimentar os atores e falar com suas damas. Sua postura segura o espanta; não há nada do lado de fora que revele seu mundo interior. Ela está sorrindo, conversa com Dudley e sua mãe. Pega a mão de Meg e a traz para perto, apresenta-a ao rapaz. Tinha mencionado a ideia de um casamento entre os dois, agora ele lembra.

Meg se inclina fazendo uma cortesia educada, mas em vez de olhar rapidamente para ele, como mandam os bons modos, ela o encara rigidamente. Depois, quando se endireita, sua taça vira, molhando as calças amarelas dele com vinho tinto. Dudley dá um salto para trás, olha para a mãe, que está com a mão sobre a boca. Ambos parecem estar se perguntando se o vinho foi derramado de propósito. Essa é com certeza a impressão que Huicke tem. Katherine chama um pajem, que leva o rapaz embora, a mãe agitada atrás. Ela vira para a enteada, mas Meg esgueirou-se dali e está sentada em um canto com Elizabeth.

Estão perto o suficiente para Huicke ouvir Elizabeth dizendo: “Muito bem, Margaret Neville. É assim que se lida com pretendentes indesejados”.

Há algumas coisas nas mulheres que Huicke nunca compreenderá totalmente.

“O que é isso?”, pergunta William Savage. Ele segura o papel com a ponta dos dedos, como se pudesse transmitir doença. Sua voz é de impaciência, até mesmo raiva.

Dot quer pegar o papel de volta, devolvê-lo ao altar no quarto de Katherine, fazer de conta que nunca perguntou. Mas ela está ali agora e encontra um tiquinho de determinação. “Pensei que você poderia ler para mim.”

“Você não me deve dar coisas em lugares assim onde as pessoas podem ver”,

ele diz rispidamente.

Estão nas escadas de pedra que levam à antecâmara, parados no pequeno patamar onde a escada faz a curva. As pessoas passam subindo e descendo sem parar, esbarram umas nas outras e deixam fragmentos de conversa no ar. Há uma janela por onde o sol lança pontos brilhantes nos degraus cinzentos. Dot mal consegue olhar para ele. William aproxima o papel do rosto e vira para a luz para ler.

"Ah", ele diz, "é só a oração da rainha. Por que você não disse?"

"Eu… eu." É como se sua língua estivesse pesada, sem formato para palavras, e Dot sente um rubor subindo até as raízes dos cabelos. "Não tem importância", ela consegue murmurar.

"Ah, tem sim", ele diz sorrindo e segura a mão dela. "Venha, vamos achar um lugar tranquilo. Precisam de você?" A raiva desaparece de seu rosto e é ele novamente o William que passeia por seus sonhos.

"Tenho alguns minutos."

Ele a leva escada abaixo tão rápido que ela precisa correr para acompanhar. Percebe um pequeno buraco nas meias dele, onde os calcanhares se afinam ao encontrar-se com a panturrilha — um pequeno círculo de pele branca cercado de preto, uma parte íntima dele. Tem vontade de dizer que pode cerzir para ele e se pergunta se William tem uma garota como ela, para fazer consertos e lavar suas roupas, percebendo de repente que, apesar de todos os sonhos, não sabe nada desse homem, a não ser que ele lê, escreve e toca o virginal como um anjo. Mas, acima de tudo, sabe que ele está fora de seu alcance. Quão fora, ela não sabe ao certo, mas ele é bem-nascido o bastante e não deveria olhar para uma garota como ela — ou não deveria fazer qualquer outra coisa com ela além de uma embolada no armazém de grãos. Mas ali está ele, segurando sua mão e levando-a pela escada para todo mundo ver.

William a leva para Base Court, onde o brilho do sol reflete nas janelas sobre os paralelepípedos. Leva um instante para seus olhos se acostumarem com a claridade. O pátio está movimentado como Smithfield, e todo mundo parece estar com pressa. Grupos de homens passam fazendo barulho, os trajes ao vento, as espadas tilintando, e pajens correm fazendo uma ou outra coisa. Ela vê Betty caminhando com pressa furtivamente pelas arcadas — claramente fazendo algo que não deveria, pois devia estar na cozinha a essa hora. Um jardineiro passa, quase invisível atrás de um buquê de flores amarelas, destinadas a um dos grandes salões, Dot imagina. Um grupo de três garotas saltita, à sombra do claustro, praticando passos de dança, as saias girando.

“Não, Mary, é assim”, diz uma, fazendo os passos. “Seus braços devem estar para cima.” Ela levanta os braços, os dedos delicados belamente dispostos, parece uma esplêndida borboleta com as mangas vermelhas e douradas abertas como asas e os olhos sedutores passeiam em volta como um inseto para ver quem pode estar olhando.

Dot olha para William para ver se ele também está observando, mas não está; os olhos dele estão nela, examinando-a detalhadamente. Ela se sente desconfortável, quente, com o sol batendo, exposta.

“Sabe, Dot”, ele diz baixinho, “você é de longe mais bonita que essas garotas do palácio que andam por aí com o nariz para o alto.”

Ela não acredita nele, com sua touca simples e seu vestido sem graça, pouco mais bonito que um saco de grãos, perto dessas beldades que saltitam pela corte vestidas com roupas alegres. Tenta desesperadamente pensar em uma resposta espirituosa, qualquer resposta, mas não vem nada a não ser um “não” que mal se pode ouvir. Sua sensação de inferioridade a esmaga: o sotaque caipira em sua voz; sua pele, que não é branca o bastante; os calos nas mãos enormes, que ela esconde debaixo do avental.

“Então você quer que eu leia isso para você?”

Ela faz que sim.

As garotas ainda estão por ali. Uma delas canta uma música em francês, ou Dot imagina que seja francês, pois todo mundo ali parece saber falar essa língua — a não ser os criados comuns. Todos *eles* sabem ler, e ela os odeia por isso; odeia-os pelo luxo, pelo ar delicado, pelos membros bonitos e pela pele ainda mais bonita, pelo sangue azul, pelos tutores que pacientemente os ensinaram a ler. Mas acima de tudo ela os odeia pelo modo como a fazem se sentir: grosseira, desajeitada e burra.

“Ninguém nunca ensinou você?”

Ela faz que não, olhando para baixo, acompanhando uma trilha de formigas que desfilam pelo chão.

“Mas você gostaria de ler?”

Ela procura com cuidado o tom de zombaria na voz dele, mas não o encontra.

“Gostaria.” Dot não sabe o que de repente a faz sentir que pode confiar nele, mas recupera a coragem finalmente. “Gostaria *muito*.”

“É um crime que garotas inteligentes como você não sejam ensinadas.”

William me chamou de inteligente, pensa ela, sentindo que parece transbordar com tudo aquilo. “Mas eu venho de uma família simples e acabei aqui. De onde venho nenhuma garota sabia ler. Meu lugar não é aqui, sr. Savage.”

“Seu lugar é aqui tanto quanto o das outras pessoas.” Ele passa o braço sobre seus ombros, dá um abraço que a faz ficar como um pudim por dentro. “Agora me diga”, ele cochicha em sua orelha, “gostaria de ler a Bíblia sozinha?”

“Gostaria. Quando vejo todas as damas com seus livros…”

“Shhh.” Ele põe um dedo sobre os lábios dela. “Você deve guardar essas coisas para si mesma.”

O toque dele e sua proximidade fazem Dot respirar com dificuldade. Dois cavaleiros entram no pátio, apeiam e conversam ruidosamente. Um bando de pombos sujos disputa uma casca de pão. O sino da capela toca duas vezes.

“Tenho que ir”, ela diz, e começa a se levantar, mas William segura sua mão e a puxa de volta.

“Vou ensinar você a ler.” Ele parece gostar da ideia, seus olhos estão bem abertos, brilhantes e adoráveis.

“Tenho certeza de que nunca vou conseguir…”

“Você vai. Não é tão misterioso quanto parece. Venha mais tarde quando a rainha tiver ido dormir e começamos com a oração.” Ele a puxa para perto e lhe dá um beijo no rosto, leve como uma pluma. “Estou ansioso, Dot.”

“Tenho que ir”, ela diz.

William vai com ela até a porta e a abre para Dot como se fosse no mínimo uma condessa.

“Você sabe que isso deve ser segredo”, ele diz.

Ela faz que sim, entende que há algo solene e poderoso nas palavras escritas e em ser capaz de ler.

“Deixe que pensem que somos amantes de verão”, William completa, segurando seu queixo e virando o rosto dela de frente para ele.

Ela não tem escolha a não ser olhar para ele. Parece mais jovem, de algum jeito, do que ela pensava; nunca tinha percebido como sua barba é esparsa, de modo que o sulco no queixo e aquela covinha são visíveis, e como a pele é lisa como a de uma criança. Há um brilho de excitação em seus olhos quando ele olha o rosto dela. Dot se pergunta o que enxerga ali.

Ele leva os lábios à orelha dela e sussurra: “Vá”.

De volta aos aposentos da rainha, sua cabeça gira. A tontura a deixa desastrada. Ela derruba uma bacia de água no chão e um caixote de laranjas, que rolam pelo quarto. Precisa arrancar uma das laranjas da boca de Rig, que acha que está brincando. Esquece a touca de Katherine quando traz o vestido e amarra a manga esquerda no braço direito.

“Você está distraída, Dot. Mais que de costume”, diz Katherine. “Sinto amor

em você.” Ela dá uma leve risada, acrescentando: “Aproveite, querida, pois há poucas chances para o amor na vida”.

Dot não deixa de notar o olhar de tristeza que surge no rosto de Katherine. Percebeu uma mudança nela recentemente. Estava tão animada desde a partida do rei, tão rainha, mas alguma coisa penetrou nela e a deixou apreensiva, embora a maior parte das pessoas não veja. Dot ouve as damas falarem de quão extraordinária ela é, quão eficiente, de quão bem gerencia o conselho.

“Aqueles velhotes estão comendo na mão dela”, a duquesa de Suffolk tinha dito, e Anne a chamara de formidável.

O rosto azedo de Stanhope foi digno de ver quando até aquela velha Lady Buttes, que não parece pensar nada de bom de ninguém, disse: “Apesar de ter nascido inferior ela se porta como uma rainha”.

Mas só Dot sabe os segredos do corpo da rainha, e ninguém além dela viu sua expressão da última vez que suas regras chegaram, quão oca sua voz soou quando disse: “Da próxima vez, Dot. Da próxima vez”. Preparou um tônico para as cólicas e voltou ao trabalho.

Dot pensa que é uma bênção que o rei não esteja ali. O grande quarto de dormir fica vazio e a pele pálida de Katherine, livre de marcas.

6

Palácio de Eltham, Kent, setembro de 1544

Katherine toca Pewter para ir mais rápido. Sente a exaustão do cavalo, mas, quando chegam ao alto da colina e avistam o palácio, ele recupera o passo — motivado pela ideia de um balde de forragem, sem dúvida. A pedra antiga de Eltham é da cor do céu de inverno, mas em alguns lugares resplandece com musgos coloridos, parecendo ter saído do chão como se o palácio tivesse sido concebido pela própria natureza. É um lugar que abriga reis e rainhas há centenas de anos e parece ter consciência disso, pois tem um ar de dignidade, disposto como uma joia no centro do parque em volta, cercado por um plácido fosso verde. As árvores em volta estão mudando; ressecadas nas pontas, adquirindo uma nova paleta de cores, anunciam o outono.

Ela pode ver Mary e Elizabeth, com o pequeno Edward e um grupo de jovens, lá longe, quase no portão. Os cavalos deles estavam mais descansados e fizeram o trecho final a galope. Ela observa o modo como Edward controla seu pônei irrequieto, bem à vontade na sela. Katherine está determinada a criar um sentimento de família para esse grupo díspar de almas a quem, apesar de todo o privilégio, falta tanto amor. Mesmo Edward, o queridinho do pai, a resposta para tudo, foi tão protegido, mantido tão longe de tudo, que ficou desconfortável diante de afeto. Ela espera que isso mude.

Enquanto isso, testemunha uma proximidade florescer entre as duas irmãs. Elas têm cavalgado juntas todos os dias desde que chegaram, e Elizabeth adquiriu o hábito de visitar o quarto de Mary. Katherine esperava havia muito tempo conseguir isso, mas sua satisfação não foi completa, pois como consequência Meg ficou sozinha. Ela já deveria estar casada agora, mas, desde aquele episódio do vinho, Dudley está fora de questão. E, além do mais, parece estar doente; mal saiu ao ar livre nas últimas semanas e tornou-se pálida como um fantasma. Vai para a cama de Katherine no meio da noite, respira com dificuldade e às vezes é atormentada por terríveis acessos de tosse. Katherine mandou chamar Huicke em Londres. Ele saberá o que fazer.

O palácio a chama. Henry passou a infância em Eltham e ela tenta pensar nele — gorducho e pequeno, o segundo filho, sem ser criado para a grandeza como o

irmão — correndo por ali. Tem dificuldade, no entanto, de imaginá-lo criança. Na cabeça dela ele é como um daqueles deuses pagãos da mitologia que surgiram completamente formados da barriga de um peixe ou de uma fenda na terra. Voltará logo, cheio de alarde pela grande vitória em Bolonha. Hampton Court ficou exultante ao ouvir a notícia de que os franceses tinham sido derrotados. Ela está esperando a notícia de que aportou em Dover e sente sua liberdade escapar, mas por enquanto vai mergulhar nos prazeres daquele lugar.

No momento em que Pewter trota pelo arco de pedra e entra no pátio de paralelepípedos, uma chuva fina começa a cair. Ela desce do cavalo e leva-o para o cocho para beber água. Faz carinho entre suas orelhas, e ele aperta o focinho contra o ombro dela e abre as narinas.

“Deixe que cuido dele, madame”, diz um estribeiro desconhecido que não a olha nos olhos, porque ela é a rainha e ele está inseguro.

Katherine sorri para deixá-lo à vontade, entrega-lhe as rédeas e pergunta seu nome.

“Gus, madame”, ele responde, olhando para as próprias mãos.

“Obrigada, Gus. Você pode dar um pouco de forragem e escová-lo com cuidado. Ele não é mais tão jovem.”

Gus leva Pewter e Katherine senta-se por um instante na beira do cocho, levanta o rosto para a chuva fria, imaginando não ser rainha e poder fazer o que quisesse. Mas a chuva acaba por vencê-la e ela entra no saguão pelas portas enormes de madeira. Anne está lá dentro, e elas se sentam perto da lareira para tomar uma bebida quente.

“Esse fogo está soltando uma fumaça horrível”, diz Anne.

“Estamos mal acostumadas ao conforto de Hampton Court e Whitehall.”

“Este lugar me lembra Croyland. Você se lembra de quando íamos lá, Kit, quando éramos crianças?”

Katherine olha para o teto com arcos góticos e vê como a luz suave passa pelos vidros espessos, reluzindo na pedra que é brilhante e irregular de tão velha.

“É *mesmo* como Croyland.”

Ela se lembra daquela grande abadia, do modo como havia uma capa de silêncio sobre tudo, uma quietude que fazia seus ouvidos retinirem. Pensa nos monges solenes de capuz, seus passos leves, a harmonia assombrosa de seus cantos, erguendo-se até o teto arqueado, e as cores, a vivacidade, a riqueza, o esplendor esmagado pela Reforma de Henry. E, embora ela não acredite no que aquilo representava, deseja que um pouco daquele antigo esplendor, daquela quietude particular, tivesse sido mantido.

“É uma pena que não existam mais lugares como aquele.”

No coração, sente desolação pela perda daquilo tudo. Entende por que as pessoas ainda estão tão chocadas com a divisão dos espólios da Igreja entre a nobreza.

“Você se pergunta às vezes, Anne, se valeu a pena?”

“Acho que *valeu*, Kit. Acho de verdade.”

Katherine às vezes inveja a certeza da irmã sobre as coisas. “Mesmo os horrores?”

“Sim, mesmo isso. Porque sem aquilo nosso mundo novo não teria nascido. E você, Kit, com certeza não tem dúvidas, depois de tudo que passou nas mãos dos rebeldes católicos.”

“Não é dúvida o que sinto. Não, é mais como um…” Ela se esforça para achar a palavra correta. “Uma tristeza.”

Vem uma risada e Elizabeth passa correndo pela galeria dos menestréis com Robert Dudley em seu encalço.

“Aquela garota só dá trabalho”, diz Anne rispidamente. “Você viu como ela manipula Robert como um peão?”

“Ela tem uma veia rebelde, é verdade. Mas tem o coração bom. Você é dura demais com ela, Anne.”

“Ela manipula você também então. Elizabeth é problema, estou dizendo.”

“Ela é mal compreendida.”

“E Meg? Elizabeth tirou aquele menino dela. Era para ele estar com Meg, mas não enxerga ninguém além daquela sirigaita.”

“Meg não gostava dele.” Katherine, cada vez mais irritada, protesta contra as palavras de Anne. “Além do mais, ela não está bem. Não pode…”

A rainha é interrompida pela entrada de um pajem que entrega uma carta para Anne.

A irmã faz um pequeno som de animação ao abrir o selo e ler por alto.

“Kit, são novidades de verdade.” Ela amassa o papel, joga-o ao fogo e observa-o queimar, depois pega o atiçador e empurra para dentro das chamas um fragmento que tinha escapado. Inclinando-se para perto da irmã, diz baixinho: “O astrólogo virá nos visitar esta noite”.

Não precisa de explicação. Estão planejando aquilo há semanas. Anne Askew, que abandonou o marido para pregar o novo evangelho, virá a Eltham. Só de pensar nessa mulher Katherine tem um arrepio — por tamanha coragem. Ela mandou fundos anonimamente para financiar a pregação. O nome de Anne Askew é pronunciado em voz baixa com reverência entre os reformadores; é

conhecida por seus sermões que refutam a transubstanciação e por distribuir livros proibidos. Ela é tudo que uma mulher não deveria ser, e Katherine a admira muito por isso.

Gardiner falou dela em uma reunião do conselho recentemente. “Aquela maldita herege”, foi assim que a chamou. “Esse é o resultado da educação das mulheres. Vou mandá-la para a fogueira nem que seja a última coisa que faça.”

Mas Anne Askew escapou dele. Ela tem amigos poderosos, como a duquesa de Suffolk. Cat organizou a visita com extremo sigilo, assumindo o risco sozinha, e tomou cuidado para que Katherine soubesse só o básico. Ela será levada a Eltham disfarçada de astrólogo. Ninguém pode saber, somente Katherine, Cat e Anne. Até Huicke foi deixado de fora, para evitar que a informação acabe vazando para seu amante linguarudo. A rainha não pode ser vista envolvida com tal heresia. Todos, até os criados, devem pensar que ela está consultando um astrólogo, pelo bem do país, para ver se mais vitórias virão para a Inglaterra, ou se ela conceberá um filho. Deixe que pensem o que quiserem, desde que não seja a verdade.

“Anne”, ela sussurra. “Está acontecendo de verdade.”

O segredo pulsa dentro dela, o perigo a faz se sentir viva, mais perto de Deus.

Katherine está no saguão com Cat Brandon quando ouve a voz do irmão.

“Abram alas para o astrólogo da rainha.”

Ela não sabia que Will acompanharia Anne Askew. Cat não dissera quase nada, mas era melhor assim. Ela ouve cascos de cavalo no pátio. Corre para a porta para cumprimentá-lo, mas Cat segura seu braço, puxa-a para trás.

“Alguém vai perceber sua excitação. Está escrito em seu rosto. Você precisa se acostumar melhor a dissimular”, diz Cat, levando-a para a câmara privada.

Ela tem razão, Katherine está fervilhando com aquilo tudo.

Cat manda todos embora. “A rainha vai consultar seu astrólogo a sós”, anuncia.

As mulheres abandonam seus bordados e livros e saem para se acomodar perto da lareira no salão. Depois Will entra, com uma figura alta atrás, alta como um homem, coberta com uma capa de modo que até o rosto fica escondido. Quando a capa é removida, Anne Askew está diante deles usando botas de homem, meias de homem, gibão de homem, chapéu de homem — e é um rapaz bem convincente. Mas ela se abaixa fazendo uma profunda cortesia feminina. Seu rosto é desarmado, seus olhos largos, calorosos.

“Estou feliz, alteza, por ter esta oportunidade de mostrar minha gratidão por seu apoio”, ela diz em voz baixa.

Will dá um passo adiante e puxa as duas irmãs para um abraço duplo, e por um instante ela não é mais rainha, apenas uma das irmãs de Will Parr.

Os olhos dele estão em brasa. “Você não disse a ninguém?”

“Ninguém”, Katherine confirma.

Ele apanha um grande mapa astral, desenrola-o sobre a mesa. “Só para garantir”, diz.

Só Deus sabe onde encontrou aquilo.

“Vou ficar de guarda na porta”, ele completa. “Aquela outra porta, para onde leva?”

“Para meu quarto de dormir”, responde Katherine.

“E não há outra entrada para seu quarto?”

Ela faz que não, e o perigo daquilo tudo de repente aumenta sua excitação; poderiam ir para a fogueira por isso. Elas três — Anne, Cat e ela própria — acomodam-se nas almofadas diante do fogo para ouvir.

Anne Askew tira uma Bíblia de dentro do gibão e aponta, dizendo: “É isto. Esta é a palavra de Deus. Não precisamos de mais nada… de nenhuma verdade não escrita para governar a Igreja”.

Katherine observa-a falar. Ela não diz nada de novo, mas é a forma como diz, seu fervor, sua fé, que cristaliza tudo. Como alguém poderia escutá-la e não saber no coração que diz a verdade?

Anne Askew fala da missa. “Como pode o homem dizer que produz Deus? Em nenhum lugar na Bíblia está escrito que o homem pode fazer isso. É o padeiro que faz o pão, e eles querem que acreditemos que aquele padeiro faz Deus? É uma tolice. Se aquele mesmo pão fosse deixado de lado por um mês, viraria mofo. Essa é a prova de que não é nada mais que pão. Está tudo aqui.” Ela segura a mão de Katherine. “Fui escolhida por Deus para espalhar este evangelho e sou abençoada de estar aqui transmitindo a palavra de Deus à rainha.”

“Sou eu quem sou abençoada, sra. Askew.”

A mulher folheia as páginas de sua Bíblia simples, procurando uma passagem, e encontra-a, fazendo um “ah”. Ela cita uma frase, correndo o dedo pela página: “Admirai o cordeiro de Deus”. Se os católicos não acreditam que Cristo é de fato um cordeiro, então por que insistem em traduções tão literais de “eis o meu corpo?”. Ela aponta para a Bíblia novamente, seus olhos brilham. “Este livro é a luz que vai nos guiar, somente ele.”

Quando seu sermão sussurrado acaba, Katherine lhe entrega uma bolsa.

“Haverá mais, se preciso. Continue seu excelente trabalho, sra. Askew.”

Elas murmuram juntas: “As escrituras somente, a fé somente, graça somente, Cristo somente, glória a Deus somente”.

E depois ela vai embora, acompanhada por Will, envolta em sua capa.

“O que disse seu astrólogo?”, pergunta Mary mais tarde. “Você gerará um filho para a Inglaterra?”

“Ah, você conhece essas pessoas”, Katherine responde. “Falam em enigmas — cheios de ambiguidade. Mas eu espero que venha um herdeiro, Mary.” Ela fica surpresa com a facilidade com que consegue mentir, e não gosta disso. “Oro por isso”, completa.

Elizabeth está se esforçando com Mary, dilapidando sua fé, esperando convertê-la. Talvez um pouco das crenças de Elizabeth a contagiem. As duas parecem estar mais próximas a cada dia. Mary é inteligente o bastante, mas não tem a centelha de Elizabeth, com sua mistura formidável de frivolidade e coragem. Em seu coração Katherine acredita que, dos três, Elizabeth seria a melhor monarca, embora ninguém concorde com ela. Edward é tão rígido, enquanto Mary é governada demais pelas emoções, mais volátil que a irmã, e parece nunca conseguir se livrar da aura de tragédia.

Katherine faz o possível para atrair Mary para as conversas teológicas que frequentemente se estendem noite adentro quando seus companheiros se reúnem em volta da lareira, pensando em voz alta sobre as coisas, mas a fé de Mary não se abala. Para ela, as coisas são como são e sempre foram. Ela tem uma veia teimosa que não vai mudar. É como se estivesse enraizada nas crenças antigas em memória da mãe, como se fosse traição acreditar em qualquer outra coisa. Sua lealdade é cega e Katherine às vezes se pergunta se será sua salvação ou seu fim. No lugar elevado que habitam, a possibilidade de cair está sempre escondida nas sombras.

Mas a tenacidade evangélica recém-descoberta de Katherine, alimentada pela visita de Anne Askew, é páreo para a natureza obstinada de Mary, e ela acaba por persuadi-la a ajudar em seu novo projeto. É uma tradução para o inglês do livro *Paráfrases* de Erasmo. Erasmo não é proibido, afinal. Mas em inglês… foi Udall quem deu a ideia. Se Katherine for realmente honesta consigo mesma, a ideia de publicar alguma coisa atraía sua vaidade. Não parecia suficiente ser somente mais uma rainha sem filhos, não quando houve tantas assim, e a maior

parte delas mal é lembrada. Pensa com frequência em Copérnico e no eclipse solar, símbolos das grandes mudanças que estão acontecendo, vê a mão de Deus nessas coisas, e quer deixar algo nesta terra, um legado, para ser vista pela história como uma das defensoras da nova religião. Pensar em Anne Askew a motiva. *Ela* será lembrada pela pregação. Katherine, então, será lembrada por trazer as grandes obras, as novas ideias, para as pessoas em sua própria língua. Um dia escreverá outros livros, suas próprias ideias. Mas ela mal pode se permitir pensar nisso, é tão pouco feminino, tão fora do lugar. Então em vez disso diz a si mesma que é sua obrigação como rainha e mulher educada usar seus conhecimentos para o bem maior.

Isso é o que diz a Mary também, apelando para o senso de dever da garota, lembrando-a da alta e inabalável estima que seu pai tem por Erasmo. E Mary tem suas vaidades também, quer ser vista por sua profundidade.

"Só *você* tem a sutileza mental para fazer um trabalho como esse", Katherine diz, observando os dedos de Mary passando pelo rosário que um dia pertenceu a sua mãe e que leva pendurado à cintura. Ela tem as mãos do pai e Katherine vê que maldição é para uma garota ser sempre comparada com a irmã quando a irmã é Elizabeth, que tem mãos como lindos passarinhos e que herdou o magnetismo intangível do rei. Mary tem que lidar com o pior dele — os dedos gorduchos, o temperamento volátil e aqueles olhos desconcertantes. O que Katherine está querendo dizer na verdade é: estou escolhendo *você*, e não Elizabeth, para esta tarefa.

"Vou guardar o Livro de João para você. É o melhor deles e vai combinar com sua mente intricada, Mary."

A cabeça de Mary se move vagarosamente de um lado para o outro, e tudo que Katherine consegue ouvir é a chuva de setembro batendo na janela. Mas então ela levanta o olhar, como o do pai — pequenas contas escuras —, e diz: "Eu aceito".

Katherine tem finalmente o sentimento de ter conquistado a alma da enteada mais velha. Sabe que com o tempo Mary vai se acostumar com a ideia, e que essa tradução vai ter um efeito sobre ela, vai livrá-la das lembranças torturantes da mãe, da força de Roma. O Livro de João será sua tábula rasa.

Katherine e as crianças fizeram barcos de papel e colocaram-nos para flutuar no fosso para ver qual dura mais tempo, garantindo sempre que Edward vença. Ele está aprendendo desde cedo que o mundo conspira magicamente a seu favor.

Afinal de contas, será rei um dia e é assim que funciona com eles. O mês passou, e depois de dias de chuva incessante finalmente faz um daqueles dias frios e claros de outono que parecem deixar todas as cores mais intensas. Estão todos protegidos do frio, com peles que Katherine mandou vir de Londres. Ela despachou suas cartas para o conselho pela manhã. Não há nada de importante a decidir desde que a notícia da vitória do rei chegou, e a rainha sente seu controle sobre as coisas diminuindo conforme o retorno de Henry se torna iminente.

Ela se prepara para o reencontro com o marido. Meses longe na guerra devem tê-lo deixado transbordando de desejo. Tenta não pensar nisso — ter que cumprir seus deveres de esposa. Faz com que se sinta enjoada. Talvez o esforço da campanha o tenha deixado exausto e incapacitado. Ela vê Meg sentada sozinha num banco de pedra, branca como uma estátua, lendo. Huicke está atrasado, mas a enteada parece estar um pouco melhor.

É Meg quem ouve os cavalos primeiro. “Vem vindo um mensageiro”, ela diz, e eles todos se levantam para observar a ponte do fosso, veem o grupo de cavaleiros com o estandarte do rei tremulando acima.

Então é isso, pensa Katherine. Estão aqui para anunciar o retorno do rei.

Eles param abruptamente quando veem que a rainha está ali, saltam dos cavalos, ajoelham-se. Trocam formalidades e entregam-lhe uma carta. O rei quer que se reencontrem em Otford. Ela vai mandar as crianças embora e levará somente Dot para servi-la. Não conhece Otford, mas acha que pertenceu a Cranmer, e acredita que não seja uma das grandes casas. É um lugar mais modesto — mais íntimo, suspeita —, o que é um indicativo do estado de espírito do rei.

Katherine precisa se preparar novamente e tornar-se a esposa obediente, precisa conjurar um desejo falsificado pelo marido. Às vezes se sente pouco mais do que uma prostituta de Southwark, com todas as acrobacias que precisa fazer para excitar o marido — só que *suas* ações são aprovadas por Deus.

E, pensa ela amargamente, a recompensa é maior.

Palácio de Otford, Kent, outubro de 1544

A destilaria não é bem um cômodo nessa casa, está mais para um armário sem janelas e com uma cortina como porta, separando-a da despensa. Para entrar, Dot precisa se espremer entre os barris de cerveja e vinho que foram trazidos da adega para a visita do rei. Esta casa é baixa e úmida. As paredes são frias ao

toque, como massa crua, e esfarelam se você esfregar com força, deixando uma sujeira branca na roupa, embora as partes melhores sejam cobertas de painéis de madeira. Mas mesmo os painéis estão tão bichados que parecem renda em alguns lugares. Nesse último ano ela passou por tantas casas, e teve que se acostumar rapidamente com as extravagâncias e os corredores de cada uma, e com os criados também. Geralmente a deixam em paz, mas alguns ficam bajulando, porque imaginam que ela tem mais influência do que realmente possui.

Assim que ela se acostuma, é hora de seguir adiante. Sente que pode ficar completamente louca com todo o trabalho de carregar, empacotar, desempacotar e ter que saber onde conseguir qualquer coisa de que alguém possa precisar. Guardar as joias da rainha nos estojos, dispor seus bons vestidos com cuidado nos baús, dobrar as roupas, meias, golas, toucas e os chapéus, e metade disso úmido, por causa do tempo, e precisando tomar ar na chegada para evitar bolor, só para no dia seguinte ser embalado e dobrado de novo para seguir até a próxima residência ou palácio. E depois tem todos os vestidos de caça. Você não acreditaria quantas peças e detalhes. E o barro — o barro é o pior, grudado nas botas, espalhado nos trajes de montaria, pendurado na barra dos vestidos, pedaços de barro seco por todo o chão.

Ela não se importaria com nada disso não fosse pelo fato de que William Savage não veio com eles desta vez. A rainha o mandou para Devon, para cuidar de uma de suas residências. Deve ser uma honra, porque ela nunca o vira tão animado — bem, praticamente nunca. Dot só faz uma vaga ideia de onde fica Devon, em algum lugar distante no oeste, na parte da Inglaterra que no mapa parece a pata de trás de um cachorro. William mostrou para ela, apontou no mapa em Hampton Court.

Ela tem lembranças queridas dele, os beijos no armazém de grãos, lembra o calor de sua respiração, seus dedos passeando e se afundando, e o modo como ele a deixou arfando como um cão, o coração tão acelerado que achou que ia cair morta de tanta excitação. Cada vez que estavam juntos ele descobria uma nova parte dela, que a própria Dot mal sabia existir, e ele gemia de desejo a cada curva ou fenda descoberta. Teve o choque, também, quando ele pegou a mão dela e colocou na virilha, e Dot sentiu a coisa dele por baixo. A dureza por si só a fez perder o fôlego quando pensou em onde aquilo devia entrar.

“Desamarre minhas calças”, ele suspirou.

Aquilo saiu, como se tivesse vontade própria, e inflou entre os dedos dela — até demais, ela pensou. Certamente não era possível que aquela coisa pudesse

entrar nela, como Betty tinha dito que deveria. Mas, quando ele levantou suas saias e o dirigiu para sua parte molhada, serviu como uma das luvas da rainha. Ela nunca teria acreditado que tal prazer existia. Era o prazer do pecado, isso ela sabia bem, e se lavou com vinagre depois, o que Betty jurou ser o melhor jeito de não ter um bebê.

Ela às vezes imagina que ele foi em missão ou numa cruzada e que ela é a donzela esperando seu retorno, quando ele a pegará nos braços e contará suas aventuras. Mas Devon não é a Terra Santa, e não há muita aventura em coletar impostos ou seja o que for que ele faz. De qualquer maneira, Dot está ocupada demais com todas as mudanças, e todo o barro, para ter tempo de pensar em William. Mesmo à noite ela se deita tão tarde, depois que a rainha e todas as crianças já se contentaram em jogar cartas e xadrez e ler poesia e — principalmente — conversar. Há tanta conversa. Dot se pergunta como conseguem pensar em tanta coisa para dizer. Então, na hora em que ela desenrola seu colchão, mal consegue manter os olhos abertos, e todos os pensamentos sobre William Savage se perdem em seu sono exausto e sem sonhos.

Tinha chovido torrencialmente durante dez dias. Ela pensou que nunca fosse parar. Estava tão frio que a rainha tinha mandado ir buscar as peles em Londres. Mas agora o sol aguado de outono está de volta e o tempo está ameno novamente. Dot fica contente com isso, pois Meg vai viajar, para alguma casa cujo nome ela já esqueceu, com Elizabeth, que está feliz em não precisar ver mais, e o príncipe Edward, que, para dizer a verdade, é um pequeno cerimonioso sem graça.

Meg está doente novamente; ela pareceu melhorar, mas não durou, e nos últimos dias ficou com uma tosse horrível que dá a impressão de que vai pôr as entranhas para fora. Está sempre exausta e adormece menos de uma hora depois de ter levantado. Mas, pior de tudo, mal parece saber o que diz, vê anjos e demônios em toda parte, delira e fala um monte de coisas sem sentido. Katherine lhe deu tintura para a tosse, mas Dot está preocupada com ela na viagem. Seja como for, chamaram o dr. Huicke; ele vai saber o que fazer.

Ela deixa a cortina da destilaria aberta para que possa ver o que está fazendo sem precisar acender uma vela. Não sabe onde guardam as velas nesta casa e não quer se incomodar em procurar a pessoa que saiba. Coloca a caixa de ervas medicinais da rainha sobre a mesa e abre. Está dividida em pequenos compartimentos contendo diferentes ervas, cada uma cuidadosamente etiquetada. A rainha pediu que prepare um emplastro para a perna do rei do modo como ensinou, triturando finamente uma parte de cada erva, hidraste,

confrei e mil-folhas, e completando com hamamélis, depois colocando a mistura em um pano e amarrando nas pontas.

Embora conheça todas as plantas pelo cheiro, Dot procura as letras, o “h” como uma cadeira, o “i” como um pingo de chuva, “d” como uma marreta, “r” como a metade de um arco, “a” como uma bola, “s” como uma cobra, “t” como um anzol, “e” como uma orelha. Ela as pronuncia em grupos, formando palavras. Nunca disse a William como lembra a forma das letras, por medo de parecer burra. Mas não se sente burra agora ao ler o nome das ervas na caixa, pois é uma garota que sabe ler e cada palavra é uma vitória secreta.

Ela pega uma colher de cada e amassa com o pilão, triturando até que vire um pó fino, então remove os galhos duros e entorna o hamamélis, o cheiro arde no nariz, faz seus olhos lacrimejarem, colocando a rolha de volta no frasco depressa, como Katherine mostrou, para que não desapareça no ar. Ela estica um pano quadrado, dobra-o no meio, depois distribui a mistura e amarra as pontas cuidadosamente, antes de colocar em uma vasilha de madeira. Arruma tudo e se espreme entre os barris, encontrando o caminho no emaranhado de corredores, contando as portas para não se perder.

Katherine está nos aposentos do rei. Ele está em frente à janela. Dot nunca se acostumou com seu tamanho. Está com as pernas abertas e usa uma braguilha tão enorme que a faria cair na risada não fosse pelo fato de ser ele quem é. Katherine está sentada em um banquinho e olha para o rei de um jeito que faz Dot pensar em como Rig olha para ela com seus olhos grandes, quando não consegue encontrar uma maneira de dizer não. O rei trouxe um macaco branco de presente para Katherine. Tem o rosto de um homem velho com olhos vidrados marrons e orelhas rosadas pontudas que saltam de cada lado da cabeça. As mãos são a coisa mais estranha — humanas, porém não —, e ele se pendura com uma delas no varal da cortina, fazendo barulhinhos como o canto da alvéloa. A rainha decidiu chamá-lo de François, o que, ela disse, agradou muito o rei, porque é o nome do rei derrotado da França.

O rei parece mais velho, e maior que nunca, o rosto todo inchado como uma lua cheia. Não seria de pensar que Bolonha tinha sido a grande vitória de que todo mundo está falando, vendo seus ombros encurvados e o modo como está reclamando do imperador, que, Dot entende, de um jeito ou de outro o traiu — alguma coisa a ver com o rei François e um tratado.

Katherine lembra ao marido o triunfo em Bolonha, diz que é seu Agincourt, que é uma batalha de eras atrás contra os franceses sobre a qual as pessoas ainda falam como se tivesse sido ontem. O rei parece sentar-se um pouco mais ereto

depois disso. Ele a chama de “minha querida”, “meu coração”, “minha querida Kit”, “meu amor verdadeiro”, mas a rainha parece ter encolhido e não está bem por baixo da compostura superficial. Ao lado do rei ela fica pequena e rígida.

“Você pode me ajudar com o emplastro do rei, Dot?”, ela diz. “Traga o banco para que sua majestade possa apoiar a perna.” Katherine começa a tirar as meias do rei.

Dot, envergonhada, desvia o olhar e procura uma almofada para deixá-lo confortável. Inevitavelmente, pensa em seus próprios dedos soltando as calças de William. Como é diferente agora, sem paixão, quando o rei levanta o peso do banco e Katherine puxa sua calça com destreza. Ele se deixa cair novamente fazendo um grunhido, cobre o corpo com a túnica e apoia a perna no banco. Faz tudo isso sem sequer olhar para Dot. Como se ela não estivesse ali, como sempre, pelo que ela fica agradecida.

“Querida, podemos pedir a um dos homens para cuidar disso”, ele diz.

“Mas sou sua esposa, Harry, e me agrada cuidar de você.”

Ele dá um pequeno grunhido de satisfação como resposta e acaricia as nádegas de Katherine enquanto ela se inclina para desfazer o curativo, deixando a úlcera à mostra. A ferida parece se mover e quando Dot se ajoelha para pegar os curativos sujos vê que está cheia de vermes como um pedaço de carne podre. Ela fica com ânsia de vômito e o macaco começa a gritar, balançando-se, depois desce para inspecionar a perna do rei com mais gritinhos. Um dos pajens vem correndo e faz um estardalhaço ao tentar pegar o animal, perseguindo-o pelo quarto, jogando-se no chão e batendo a cabeça.

Isso provoca uma risada em sua majestade, que grita: “Vamos, Robin! O macaco está levando a melhor”.

Robin fica vermelho e frustrado, mas acaba conseguindo pegar o macaco pelo rabo e põe a criatura guinchando nas mãos de um guarda do lado de fora. A atenção de Dot volta à ferida cheia de vermes.

“As larvas parecem ter limpado perfeitamente a ferida”, diz Katherine. “Dê-me uma tigela vazia, Dot.”

Ela não responde. Está paralisada de nojo, mas não consegue tirar os olhos da massa de vermes se mexendo.

“Dot”, Katherine repete, pondo a mão em seu ombro e inclinando-se para pegar sozinha a tigela. “Você pode cortar tecido para fazermos curativos novos?”

O tecido está do outro lado do quarto sobre uma mesa, e Dot tem certeza de que a rainha lhe deu essa tarefa de propósito. Ela se afasta, aliviada, mas não consegue parar de olhar para Katherine, que está tirando os vermes da ferida e

colocando na tigela. Dot se pergunta como pode ser tão corajosa, e deseja ser assim também.

O rei faz caretas de dor e respira entredentes, irrequieto.

“Foi ideia do dr. Buttes usar os vermes?”, ela pergunta.

“Foi”, ele responde.

“É uma boa ideia mesmo. Veja, Harry, o trabalho completo que eles fizeram. Nunca tinha visto serem usados, só ouvido falar.”

Ambos olham para a perna dele como se fosse uma porcelana francesa.

“Que maravilhas Deus criou”, ela completa, depois pega o emplastro, examina-o, aproxima do nariz para cheirar. “Você fez um bom trabalho, Dot”, ela diz enquanto pressiona o emplastro contra a ferida.

Dot se aquece com a aprovação da rainha. O rei observa a esposa em silêncio, a cabeça inclinada para o lado, e uma expressão de ternura que Dot nunca viu nele antes se espalha por seu rosto.

“Robin, você poderia remover essas coisas sujas”, Katherine continua, acenando com a cabeça na direção da tigela de vermes e dos panos sujos.

Ele junta tudo e vai embora. Dot sabe que deveria ser seu trabalho fazer a limpeza, que sua senhora a poupou das larvas. Depois que o pajem se retira, Katherine pergunta, com aqueles olhos molhados que não são nem um pouco seus: “Devo chamar os músicos, Harry? Acho que eles o alegrariam”.

“Estamos com muita raiva daquele imperador perverso para nos divertirmos”, ele grunhe.

“Ah, Harry”, ela diz, acariciando seu rosto gordo. “O imperador nunca foi confiável. As palavras dele não significam nada.”

“Mas era meu aliado. Ele me passou para trás, fez um tratado com a França.” O rei soa como um menino emburrado. “Deveríamos conquistar a França juntos. Eu seria coberto de glória, Kit. Seria tão lembrado quanto Henry V.”

“O que você acha que pode fazer, Harry, para pôr o imperador no lugar?”

“Poderíamos juntar forças com outros, mas com quem?”, ele diz.

“Quem mais existe?”, ela pergunta. “Agora que a França está com o imperador e o papa com ele, sobra…” Ela para, à espera de que ele termine a frase, mas ele parece perdido em pensamentos e não diz nada. “Se você olhasse mais para o leste, talvez?”

“A Turquia? É uma ideia medonha”, ele responde abruptamente, repreendendo-a.

Mas ela não se deixa desviar. “Não tão longe quanto a Turquia.”

“Os príncipes alemães!”, ele grita. “Poderíamos fazer um acordo com

Holstein e Hesse. Eles têm um grande exército. E a Dinamarca também. Todos os príncipes luteranos. O imperador… ah! Queria ver a cara dele."

"Sim", exclama Katherine, como um tutor que finalmente arranca a resposta correta de um aluno.

"Podemos usar uma das garotas para completar."

"Mas Elizabeth é tão jovem", diz Katherine. Seu punho está cerrado como um botão novo que quebraria se você tentasse abrir. Dot não via isso fazia meses. "E Mary, sua fé…"

"Bobagem", o rei diz rindo. "Mary precisa se casar antes que vire uma solteirona. Se tiver que casar com um luterano, que seja." Ele passa a mão pelo pescoço da mulher antes de levantar seu rosto em direção ao dela, dizendo: "Kit, você é uma maravilha. Ninguém no meu conselho teve essa ideia".

"Mas, Harry, a ideia foi sua."

O rei parece ponderar a respeito e depois responde: "Você tem razão, meu amor, foi minha".

Dot fica maravilhada com a inteligência de Katherine e, embora não tenha entendido muito do que foi dito, o lado político, entendeu o que estava acontecendo. Pensar em Katherine pondo todas as suas ideias na cabeça do rei sem que ele saiba a faz rir por dentro.

"Harry", Katherine diz. "Tenho a intenção, com sua licença, de escrever um livro."

"Um livro", ele responde gargalhando. "Que tipo de livro? Sobre tarefas domésticas? Flores?"

"Quero fazer uma coletânea de orações e meditações."

"A fé é um território traiçoeiro, Kit."

"Eu não sonharia em entrar em controvérsias, Harry."

"É melhor que não entre mesmo", ele diz. Segura o pulso de Katherine, torcendo-o.

Dot pode ver a pele enrugada sob os dedos dele, mas não há sinal de dor no rosto da rainha.

7

Palácio de Greenwich, Kent, março de 1545

Meg está na cama contorcendo-se de tosse. Está cada vez pior. Dot pensou que, conforme o tempo melhorasse, Meg se recuperaria, mas os narcisos já nasceram, estão de pé como soldados nos jardins de Greenwich, e Meg enfraquece como uma folha no outono. Dot solta seu corpete e esfrega bálsamo em seu peito. A garota está tremendo. Seu lenço cai no chão. A criada o apanha.

Uma flor vermelha desabrocha entre as dobras brancas do pano. Uma semente de medo brota em Dot.

"Há quanto tempo isso está acontecendo, Meg?" Ela está com o quadrado de pano aberto na mão, a mancha vermelha à mostra.

Meg não olha para ele, só pega a colcha e a enrola em volta do corpo. "Você pode colocar mais lenha no fogo?"

"Responda!"

"Estou com tanto frio."

"Meg." Dot sobe na cama e segura seus ombros, olhando diretamente nos olhos dela. "Há quanto tempo você está tossindo sangue?"

"Um ou dois meses." Sua voz é um fio.

"Um ou dois meses?" A resposta sai mais alta do que Dot pretendia. "O que Huicke disse?"

"Não contei a ele."

"Ele é seu médico, Meg. É para isso que está aqui."

Dot sente lágrimas ardendo. Puxa Meg num abraço apertado para que ela não consiga ver seu rosto. Todo mundo sabe que quando você começa a tossir sangue seus dias estão contados. Ela solta Meg e vai para a lareira, pega um tronco no cesto, joga-o no fogo, empurra as brasas com o atiçador. O fogo pega rápido, longas línguas de chama lambem a madeira.

"Vou ter que contar para a rainha."

Meg fica em silêncio. Está lendo um livro, religioso. Ela não lê mais romances. O quarto está insuportavelmente silencioso, só o fogo estalando e a respiração arranhada de Meg.

Dot pega o lenço e sai.

Katherine está lendo em voz alta para um grupo de damas na antecâmara. Dot deve parecer ter visto um fantasma, ou pior, porque, quando a rainha a vê, pede desculpas, levanta-se e vai para a câmara privada, fazendo sinal no caminho para Dot ir atrás.

"O que foi?", pergunta Katherine depois de fecharem a porta.

Dot abre a mão, mostrando o pano manchado.

"Deus tenha misericórdia", sussurra Katherine, pondo a mão no coração. "Meg?"

Dot faz que sim, não consegue falar, sua voz desapareceu dentro dela e não consegue encontrá-la.

"Era o que eu temia."

Elas ficam imóveis pelo que parece uma era e depois Katherine abre os braços e Dot se joga neles, permitindo, afinal, que as lágrimas jorrem em grandes soluços.

"Era o que eu temia", Katherine repete, como se também tivesse perdido as palavras.

Dot nunca foi de chorar, mas agora não consegue parar, sente que está chorando todas as lágrimas que nunca vieram. Katherine acaricia seu cabelo. A criada se desvencilha do abraço e seca os olhos no avental, deixando manchas pretas por ter pintado as pálpebras com fuligem do aquecedor a carvão. (Foi Betty quem lhe mostrou, para "se enfeitar", como ela disse. Betty era sempre cheia de truques para atrair a atenção dos rapazes.) A rainha pega um pano na bacia, torce e passa no rosto de Dot. O pano tem um ligeiro cheiro de mofo, o que faz Dot lembrar que deveria tê-lo fervido de manhã.

"Ela nunca se recuperou completamente daquela vez em…"

Katherine não termina a frase; não precisa dizer o nome do lugar. Murgatroyd pode estar morto há uma década, mas ainda está gravado em suas vidas e não desaparece.

"Aquele homem maldito."

As duas se sentam no banco em frente à janela. Há passarinhos piando lá fora, devem estar fazendo ninho debaixo do beiral.

"Sempre me perguntei por que Meg foi tão profundamente afetada. Foi pela pouca idade, você acha, Dot?"

Ela sente o peso do segredo de Meg como um martelo que a pregou com tanta força no chão que mal pode respirar. Mas, pensando bem, guardar aquele segredo não lhe serviu de nada. "Tem uma coisa…"

"Uma coisa?"

“Meg me fez jurar segredo.”

“A hora dos segredos acabou, Dot.”

Está enterrado tão profundamente nela e há tanto tempo que Dot mal sabe como encontrar palavras para contar. “Aquele homem… brutalizou Meg… arruinou-a.”

Katherine está com as duas mãos sobre a boca, horrorizada. Dot nunca a viu desse jeito, sem fala, desalentada.

Finalmente, ela fala. “Eu errei… errei, Dot…” Ela para, torcendo os dedos no colo. “Você deveria ter me contado.”

“Fiz uma promessa.”

“Uma promessa…”, ela suspira. “Dot, sua lealdade é à prova de fogo.” Ela volta a torcer as mãos num silêncio pesado.

Quando fala novamente, Dot pode ouvir a tristeza em sua voz.

“Achei que a tivesse protegido. Todos esses anos achei que me entregando a ele eu a tivesse mantido segura… vocês duas.” Ela tropeça nas palavras. “Que vocês duas seriam poupadas.”

“Sei que não serve de consolo, mas ele não tocou em *mim*”, Dot diz.

“Você deve agradecer a suas origens inferiores por isso. Pequenas bênçãos, Dot, pequenas bênçãos.” Sua voz é amarga como genciana. “Se ele não tivesse sido enforcado eu encontraria aquele homem e arrancaria membro por membro com minhas próprias mãos.”

Ouve-se um barulho na antecâmara, um acesso de risada e os cascos de cavalos no pátio abaixo. A vida é a mesma lá fora, mas Dot só consegue pensar em Meg.

“Algumas pessoas não foram feitas para passar muito tempo nesta terra”, Katherine diz. “Deus a está chamando. Espero que não demore como fez com…”

Dot imagina que ela está pensando em Lorde Latymer e sua morte se arrastando por todos aqueles meses, a dor terrível. Ela pega a mão de Katherine, desdobra cuidadosamente cada dedo tenso, abrindo-a, e esfrega os nós dos dedos um por vez.

Os olhos da rainha cruzam com os dela em um olhar de reconhecimento silencioso. “Dot, você sabe que foi sempre um conforto para Meg. Foi sua amiga verdadeira”, ela diz. “Fique perto dela. Não a deixe sozinha. Vou tentar ir quando puder, mas você sabe como são as coisas para mim.”

Com isso Dot sabe que ela quer dizer que está à disposição do rei e que ele tem que vir antes de Meg.

O rei vem antes de tudo, as coisas simplesmente são assim, gostando ou não.

Com frequência, Dot encontra Katherine ao acordar, parecendo um fantasma com sua camisola pálida, sentada no canto da cama de Meg, cantando baixinho para ela, ou ajoelhada a seu lado murmurando uma oração.

Meg está se esvaindo, suas pétalas caem uma por uma, e nestes últimos dias ela parece não estar mesmo ali, mas em algum outro lugar. Um lugar melhor, Dot espera. Ela fala sobre anjos, sem fazer muito sentido, e depois parece em paz até que um acesso de tosse a torture, como se seu corpo estivesse tentando virar do avesso.

E às vezes ela pega a mão de Dot e diz: “Tenho medo, Dot. Tenho medo de morrer”.

Dot fica sentada ao lado da cama, imaginando se toda a fé, as orações e as leituras da Bíblia vão ajudar Meg quando chegar a hora. Fica com ela o tempo todo, dá banho nela, alimenta-a, dá os remédios, como Katherine fizera com Lorde Latymer. O dr. Huicke vem todos os dias. Diz que não há nada que possa salvá-la, que pode aliviar um pouco da dor com tinturas, só isso. Mas eles já sabiam, sabiam desde o momento em que Dot achou a mancha de sangue escondida no lenço branco.

Elizabeth não vem, apesar de Katherine ter pedido. Está em Ashridge com o irmão. Ela mandou uma carta, que Meg lê de novo e de novo. Dot também leu. Não diz muito, só algumas banalidades. Essa é uma palavra que Dot aprendeu com William Savage. Não tem notícias dele desde que partiu meses atrás. Ela tentou esquecê-lo, mas por dentro é devorada pela saudade. Diz a si mesma para não ser burra, que William Savage não é nenhum Lancelot, é só um homem que se divertiu com uma garota tola.

Mas e o tempo que passou ensinando-a a ler, e o tempo que passou olhando para ela e dizendo “Não há uma dama no mundo como você, Dorothy Fownten, e ninguém com quem eu gostaria mais de passar meu tempo”? Com certeza aquilo não era só para conseguir se embolar com ela. Ele poderia ter conseguido isso com Betty simplesmente passando a mão nas nádegas dela e oferecendo-lhe uma caneca de cerveja. Quando Dot se permite pensar a respeito, não consegue achar um motivo para não ter recebido nem um bilhete sequer. Todo aquele esforço para ensiná-la a ler e nenhuma carta. Talvez ele tenha medo de que caia nas mãos erradas e cause problemas para ela, que por sua vez tem medo de ter sido esquecida.

Katherine mencionou o nome de William outro dia, disse que sentia falta dele tocando, e Dot quis perguntar onde ele estava e se ia voltar à corte. Mas tinha medo de corar e entregar o segredo, de que percebessem que o amava. Além do mais, faz tanto tempo que ele partiu que ela se esforça para guardar a imagem dele na lembrança. William desbotou até se tornar uma vaga impressão, como as marcas fantasmas que as folhas do outono deixam sobre as pedras quando estão molhadas. E agora todo o seu ser está ocupado com a pobre Meg, não sobrou espaço para pensamentos de amor.

Meg também lê, não, devora o livro que Elizabeth mandou para a rainha no ano-novo, escrito com sua própria letra, a tradução de alguma coisa em inglês e latim, encadernado em verde e vermelho. Passou de mão em mão entre as damas, que suspiraram encantadas. Dot tinha olhado de relance, só teve tempo de ler o título, *Espelho da alma pecadora*, antes de ser interrompida e ter que fingir estar limpando a mesa sobre a qual ele estava.

Dot teve que admitir, a contragosto, que era uma coisa notável para uma garota tão jovem. Aquela Elizabeth tem algo que as outras não têm. Não é a mente brilhante, nem o fato de ser filha do rei — pois é algo que Mary não tem —, mas alguma coisa, uma mágica, que não é possível medir ou entender, que faz com que as pessoas, tanto homens quanto mulheres, apaixonem-se um pouco por ela. Não funciona com Dot, entretanto. Dot sabe que o que sente por Elizabeth é pura inveja e que inveja é um dos pecados mortais. Mas é *ela*, não Elizabeth, quem está com Meg agora, quando importa, é ela que deita na cama a seu lado e canta para fazê-la dormir, que põe compressas frias na testa quente de Meg e leva uma xícara de caldo a seus lábios quando ela está fraca demais para segurar sozinha. Faz companhia para ela em silêncio, enquanto Meg lê passagens do livro de Elizabeth com uma voz chiada. Dot queimaria aquele livro se tivesse coragem e se não achasse que partiria o coração de Meg.

“Dot”, pergunta Meg ao acordar, com a voz arranhando. “É você?”

“Sou eu.”

“Pode me dar alguma coisa para escrever?” Ela se senta ereta, parece mais cheia de vida do que há muitos dias.

Dot sente uma pontinha de esperança.

Mas Meg diz em seguida: “Quero fazer meu testamento. Você poderia mandar chamar o notário?”.

Dot quer gritar. *Por que você faria isso? Testamentos são para pessoas mortas*. Mas ela faz que sim e coloca o material para escrever sobre a cama. “Vou preparar sua tintura e avisar sua mãe que mandou chamar o notário.”

Assim que acaba o testamento, Meg começa a piorar.

Katherine agora também está sempre com ela, e Dot tenta se manter ocupada, para não pensar no que está acontecendo. Meg luta para encher os pulmões de ar e, embora não diga nada, está claro que cada respiração é horrivelmente dolorosa.

Vendo que está se esvaindo, chamam o capelão. Ele chega, cheirando a incenso, e murmura a bênção.

Todos ficam em silêncio, é como se o tempo tivesse parado.

Então ela se vai.

O capelão junta suas coisas e vai embora em silêncio. Dot e Katherine simplesmente ficam ali sem dizer nada, com Meg esfriando na cama ao lado.

“Vamos vesti-la com sua melhor roupa”, diz Katherine. “Ajude-me, Dot.”

“Mas os embalsamadores…”

“As pessoas vão querer orar por ela esta noite. Quero que se lembrem dela do jeito mais bonito.”

As duas lavam cuidadosamente o corpo rígido, como se tivessem medo de machucá-la. Dot faz de conta que ela é feita de madeira, como uma virgem na igreja. É o único jeito de suportar. Pega o jarro para encher a bacia, mas ele escorrega de sua mão e se quebra no chão fazendo barulho e espalhando água. Dot começa a chorar como se *ela* tivesse quebrado, e toda a água estivesse vazando. Senta-se no chão molhado, soluçando.

Katherine se senta ao lado dela, sem se preocupar que a água está encharcando seu vestido de seda chinesa e que as cores do bordado estão manchando o tecido amarelo. Elas ficam assim num abraço úmido, balançando para a frente e para trás, até um pajem as interromper e se envergonharem das lágrimas.

Palácio de Greenwich, Kent, junho de 1545

“Que bagunça é essa? Que desordem!”, diz Katherine, ao entrar em sua câmara privada com Cat Brandon.

Rig está latindo freneticamente para o macaco François, que está fora do alcance, empoleirado no encosto de uma cadeira chupando um caroço de ameixa, com o longo rabo enrolado, protegido do perigo. Na outra mão, segura o

brinquedo favorito de Rig, um rato de madeira. Katherine não se afeiçoou ao macaco, ele é uma peste, mas não teve coragem de se livrar dele. O animal tentou mordê-la algumas vezes, e Dot corre para lá e para cá limpando a bagunça que ele faz. O cachorro de Cat sai correndo, junta-se a Rig com um latido agudo, e o macaco os provoca mostrando o rato.

"Gardiner, pare com isso!", Cat ordena ao cachorro.

As duas mulheres se olham e caem na gargalhada, aumentado o barulho. É a primeira vez que Katherine ri de verdade em semanas. A morte de Meg deixou uma grande sombra sobre ela.

"Ainda não consigo acreditar que você o chama de Gardiner", diz Anne, entrando no quarto. "Eu nunca teria coragem."

"O bispo perdeu o senso de humor por causa disso", diz Cat.

"Eu não sabia que ele tinha senso de humor", comenta Katherine.

"Ele tem que se forçar para encontrá-lo quando meu marido está junto, embora pareça mais uma convulsão do que divertimento", diz Cat rindo.

Um dos arautos, corado e nervoso, segura Rig pela coleira incrustada de joias e tenta, com a outra mão, pegar Gardiner, que ficou tão excitado que se aliviou sobre o tapete. Dot limpa a sujeira e consegue arrancar o rato da mão peluda do macaco. A duquesa pega o cachorro no colo e o barulho diminui.

Elas se acomodam nas almofadas, sob o sol da janela. É um alívio ver o sol, pois choveu e choveu durante semanas — ou pelo menos é o que parece. Poderia ser abril, não junho. Apesar de toda a claridade, as damas formam um grupo sóbrio agora que as risadas acabaram. Ainda estão todas vestidas de preto por Meg. Já faz quase três meses. Seus brocados elaborados e sedas com reflexos prateados fazem Katherine pensar nos corvos da Torre, cuja plumagem, sob a luz certa, parece iridescente como uma gota de óleo na água. Deu a Dot um novo vestido de bom fustão preto e uma touca combinando, que ela está usando. Fica bonita com ele, embora já tenha perdido a gola combinando e haja um corte na saia, que deve ter prendido em algum lugar. Há algo na falta de refinamento de Dot que Katherine acha encantador, especialmente neste lugar onde tudo é tão homogêneo e as aparências definem as pessoas. Agora que Meg se foi, Dot se tornou ainda mais preciosa. Embora ela nunca diga a ninguém, pensa na garota como uma filha mais do que Elizabeth ou Mary. O passado as une com muita força.

Chega Stanhope, reclamando de alguma coisa e gritando com sua criada no corredor. Ao entrar, vira para trás e encara a pobre garota com um olhar que azedaria leite. Katherine troca olhares com Cat, que revira os olhos. O vestido de

Stanhope é magnífico, azul-pavão, bordado com fios de ouro.

"Vejo que abandonou o luto", diz Anne, tirando as palavras da boca de Katherine.

"Meu melhor vestido preto estava sujo."

"É mesmo?", diz Katherine. Adoraria dar-lhe ordem para se retirar, mas precisa se segurar para não fazer uma inimiga.

Stanhope se junta às três damas nas almofadas, toda sorrisos, e começa a contar sobre uma grande tempestade em Derbyshire. "Havia pedaços de granizo grandes como pedras", ela diz.

Um pajem entra, interrompendo-a. "Alteza", o rapaz diz, "isto veio da gráfica de Berthelet, acabou de chegar." Ele entrega um pacote fazendo uma reverência.

Katherine pega-o excitada, abre a embalagem de papel, joga-a para o lado. O que tem nas mãos é a primeira cópia de seu livro *Orações ou meditações*. François pega o papel descartado com a mão peluda e começa a picá-lo em pedacinhos. Katherine levanta o livro, vira de um lado para o outro, examina-o de todos os ângulos. É de calfe branca, macia como a pele de um bebê, gravado em ouro. Ela o abre com cuidado, vira as páginas devagar, sem ler — cada palavra está escrita de forma indelével em sua mente —, só admirando.

"Deixe-me ver", diz Cat.

Katherine passa o livro para ela.

Cat vira as páginas com um olhar de encantamento. "Isso é importante, Kit."

Anne pega o livro e começa a ler um trecho:

> *Com frequência me entristeço e reclamo das mazelas desta vida, e com tristeza e grande pesar as sofro. Pois todos os dias muitas coisas acontecem comigo que me preocupam, deixam-me pesada, e obscurecem meu raciocínio. Elas são para mim um grande obstáculo, afastam minha mente de Ti e me sobrecarregam de tantas maneiras que não posso desejar-Te livremente e com clareza.*

"Oh, Kit", diz Anne, "isso é lindo."

"Você é a primeira", completa Cat. "A primeira rainha a publicar suas próprias palavras em inglês. Isso é histórico, Kit."

A cabeça de Katherine está girando: suas próprias palavras impressas ali com tinta preta. Ao ouvir Anne recitar outro trecho, ela também se sente indelével, como se de algum jeito tivesse escapado à aniquilação terrena. Está de luto pela morte de Meg como se ela própria tivesse parido a garota, mas esse livro é um

bálsamo. É como um nascimento, embora gestado na mente em vez do ventre. É algo que vai viver além dela. Katherine pergunta a Deus todos os dias por que, depois de dois anos de casamento, ele não a abençoa com um filho, por que é que todas elas — Stanhope, Anne, aquela Jane Wriothesley insuportável — têm um filho atrás do outro, mas não Katherine.

Jane Wriothesley perdeu um menino não faz muito tempo e ficou arrasada de dor, chorou por semanas, não queria comer. Lembranças de seu próprio menino morto e de como sua tristeza teve que ser enterrada tão fundo que nunca mais desapareceria assaltaram Katherine. Tentou simpatizar com Jane. Ela tinha outros filhos, estava sempre grávida. Katherine escreveu para ela, lembrando que o menino tinha sido abençoado ao ser levado pelo Senhor e que ela deveria tentar se sentir grata, pois ele não teria que sofrer uma existência terrena. Ela se arrependeu de ter ido tão longe, de ter sido tão dura, e Wriothesley reclamou para o rei.

"Deus escolheu aquela criança para o paraíso, isso não é uma bênção?", a rainha disse secamente quando ele mencionou o assunto.

"Você está certa, Katherine, sempre está, mas aborreceu Wriothesley. Ele é nosso chanceler e *não* queremos que fique aborrecido. Peça desculpas à mulher."

Katherine teve que admitir que tinha errado e não conseguia se obrigar a pedir desculpas de verdade, mas de má vontade convidou Jane Wriothesley para sentar-se a seu lado uma noite e assistir a uma mascarada. Jane ficou transbordando de alegria, irrequieta de tanta animação por estar sentada ao lado da rainha. Mas, apesar desse favor, Katherine sente os olhos de Wriothesley vigiando-a cada vez mais, analisando-a. Henry o promoveu a lorde chanceler e ele parece se considerar invencível, parece ter esquecido que Cromwell foi lorde chanceler, Thomas More também — e do que aconteceu com eles.

O desdém de Wriothesley por ela, por aquilo que representa, é palpável, embora ele tente esconder. Katherine sente o cerco se apertando, ele à espreita, esperando um deslize. Ela não tem filhos — uma brecha em sua armadura. Não tem parentes poderosos — outra brecha. O rei começou a carregar uma pequena caixa de prata no gibão, que diz conter algumas farpas da cruz. Mas poderiam também ser de uma cerca quebrada. É um sinal inequívoco de que está voltando à antiga fé — outra brecha. Não vai demorar até que ponham uma menininha bonita debaixo do nariz de seu marido, sugerindo que assim conseguirá um filho.

Mas o rei está em Portsmouth liderando a nova campanha contra os franceses, que estão atacando no sul com seus navios de guerra. Manda cartas contando dos galeões ingleses, de longe melhores que os franceses, de acordo com ele.

Katherine não sabe ao certo se é melhor que esteja longe e não possa se sentir tentado pelas donzelas disponíveis na corte, ou pior, porque não fica entre ela e os abutres católicos, ao menos dando-lhe a possibilidade de conceber outro príncipe.

Anne folheia as páginas, procura outro trecho para ler, e Katherine percebe que Dot parou de limpar a lareira e está parada, meio virada para elas como se para escutar melhor o que estão dizendo.

“Dot”, ela diz. “Você gostaria de ver?”

A criada faz que sim e se abaixa com uma pequena reverência envergonhada. Ela limpa as mãos no avental antes de pegar o livro, leva-o com cuidado ao nariz para sentir o cheiro, segura-o com cuidado, como se fosse um recém-nascido. Abre a primeira página, passa os dedos pela superfície.

“Orações ou meditações com que a mente se agita”, ela lê baixinho, seguindo as linhas. “Pela virtuosíssima e graciosa princesa Katherine, rainha da Inglaterra.”

“Dot”, diz Katherine, espantada com o que acaba de ver. “Desde quando você sabe ler?”

Dot fica estranha e tropeça nas próprias palavras. “Eu não sei de verdade…” Ela fica completamente vermelha. “Só entendo algumas palavras aqui e ali, madame.”

“Você é uma menina inteligente. É uma pena que não tenha nascido nobre e recebido uma boa educação.”

Katherine se dá conta de que Dot deve sentir falta de Meg ao menos tanto quanto ela. E de que não tem mais ninguém para ler para ela.

“Elizabeth é uma menina muito bem-educada”, afirma Cat. “Como é seu novo tutor?”

“Grindal. Ela gosta dele”, Katherine responde. Escolhera Grindal em parte por sua mente refinada e sua simpatia discreta pela Reforma, mas também por seu temperamento gentil. Nunca tinha sido a favor de fazer as crianças aprenderem à força.

“Ela é inteligente demais para fazer bem, aquela garota”, diz Anne.

Enquanto ela fala, Huicke entra na sala sem ser anunciado.

“Huicke, veja”, chama Katherine. “Meu livro chegou.” Ela estende o volume para ele, que não o pega.

Seu rosto está cinza.

“O que foi, Huicke?”

Estão todas olhando para ele agora e devagar se levantam como um maço de

tulipas pretas que acabaram de ser regadas. O médico faz um minúsculo gesto de cabeça em direção ao arauto, Percy, que está ao lado da porta. Katherine responde com um aceno quase imperceptível. François, o macaco, que interpretou a nova atmosfera pesada como perigo, começa a chiar, oferecendo a desculpa perfeita.

"Percy", ela diz, "pelo amor de Deus tire essa criatura daqui. Está me dando dor de cabeça."

O arauto obedece, pega o macaco e deixa a sala. Huicke olha de relance para Dot, que está ocupada com a lareira.

"Podemos confiar nela", diz Katherine.

Elas se juntam num círculo para ouvir o que Huicke tem a dizer.

"Anne Askew foi presa", ele sussurra.

A cor desaparece do rosto de todas.

"Está começando", diz Anne.

"Isso é coisa de Gardiner e Wriothesley", diz Huicke.

"Temos que nos livrar de qualquer coisa que nos ligue a ela, qualquer livro, cartas. Os aposentos da rainha precisam ser limpos", diz Cat, sempre prática, mesmo numa crise.

Mas ainda não é uma crise, Katherine pensa. Stanhope está com a mão sobre a boca, os olhos arregalados de medo, e por uma vez na vida fica em silêncio.

"Devo chamar Udall para ajudar a agilizar as coisas?", pergunta Huicke. "Ele é tão engenhoso…"

"Não!", grita Katherine, depois se acalma. "Acho que não, Huicke. Vamos deixá-lo fora disso. Anne, você avisa as outras." Mas ela vê o pânico nos olhos da irmã e percebe que Cat também notou.

"*Eu* aviso as outras", diz Cat. "Você vai para casa em Baynard e queima o que estiver lá, Anne. Pode avisar seu marido discretamente? Ninguém pode perceber que estamos preocupadas."

Katherine aperta a mão da irmã e vira para Stanhope, dizendo: "*Você* deveria informar seu marido também. Com certeza não o avisaram". Ela não se mexeu e ainda está parada com a mão sobre a boca. "Acima de tudo, devemos nos comportar como se nada disso estivesse acontecendo."

Elas se dispersam num roçar de tafetá, e Katherine chama Dot.

"Ajude-me a juntar os livros. Vou mandar alguém retirá-los."

Dot acena com a cabeça e faz uma cortesia. Tem uma marca de fuligem no rosto, que Katherine limpa distraidamente com o dedo.

"Dot", ela diz, baixando ainda mais a voz, "você não deve dizer uma palavra."

Mas ela sabe que Dot é alguém em quem se pode confiar. É provavelmente mais próxima dela do que qualquer outra pessoa. “Você entende a seriedade disso? Se ligarem Anne Askew a mim, vamos todas para a fogueira.”

É só ao dizê-lo, e vendo o olhar de terror no rosto de Dot, que as palavras realmente parecem entrar nela, e um calor sobe de repente por seu corpo como se as chamas já a estivessem lambendo. Katherine está horrorizada com seu próprio descuido, como se visse pela primeira vez que trouxe esse perigo à porta por vontade própria. Quer dizer a si mesma que o rei a adora, nunca a deixaria ir para a fogueira, mas sabe muito bem que, se Wriothesley, Gardiner e aquele bajulador Richard Rich conseguirem soprar uma baforada de heresia em sua direção, todas vão sufocar. O rei não saberá nada até que seja tarde demais. E o rei não está lá.

Dot pega o livro de Katherine, seu livro novo, o livro que, minutos atrás, era a coisa que a protegia de ser obliterada. Parece menor, só algumas folhas de papel encadernadas e algumas palavras — as orações de uma mulher, nada mais. Ela se sente como uma criança diante de coisas tão maiores do que ela que não consegue distinguir suas formas.

“Esse não, Dot. Não tem nada que nos condenaria.”

Parte dela deseja que seu livro *tivesse* algo que a condenasse, que tivesse a coragem de enchê-lo das ideias de Calvino, *salvação pela fé somente*, pois é nisso que acredita firmemente. Se fosse realmente uma grande rainha, estaria preparada para ir para a fogueira por isso. Mas ela não é nenhuma Anne Askew, que brada sua fé de cima dos telhados. *A escritura somente, a fé somente, graça somente, Cristo somente, glória a Deus somente*. Mas Anne Askew também não é rainha, e não há necessidade de gritar quando a orelha do rei repousa no travesseiro a seu lado.

Ela decide continuar persuadindo Henry, gentilmente, à Reforma, a trazer de volta as Bíblias em inglês para todos, para que as pessoas possam ler a palavra de Deus por conta própria e pensar sozinhas, a livrar a Inglaterra da corrupção católica e das superstições. Na cabeça, já está planejando outro livro, melhor, um que se imponha e anuncie em voz alta sua fé, a nova fé, um livro com o poder de mudar as coisas.

Um livro que ela escreverá se sobreviver.

Palácio de Whitehall, Londres, julho de 1545

Dot corre pela longa galeria com o infernal François nos braços. O macaco dá tanto trabalho quanto o rei francês de quem recebeu o nome. Está tentando escapar, mordiscando-a com suas presas amarelas afiadas. Já a mordeu uma vez a ponto de sair sangue. Seu coração para quando vê a silhueta inconfundível de William Savage na porta da extremidade da galeria. Ela se detém, incapaz de se mover. Pensa tolamente no fato de que tem um rasgo no avental e seu cabelo está bagunçado. Ele a vê também. O coração dela volta a bater novamente, badalando. Faz tanto tempo, mas ali está ele, seu querido William.

"É minha Dot", ele diz. "Meu ponto."

"William, você voltou", ela responde.

O macaco aproveita a chance, salta de seu colo e sai correndo. Mas William o segura.

"Parece com você", ele diz, com sarcasmo, acariciando o macaco debaixo do queixo como faria com um bebê.

Ela fica confusa por um instante, não sabe o que ele quer dizer, até que William ri e Dot finalmente entende a piada. Ele entrega o macaco para ela, suas mãos esbarram. Dot sorri para ele, quer tocá-lo de verdade bem ali, na frente de todo mundo, empurrá-lo contra a parede e apertar sua boca na dele. Mas William parece mais velho, maior, diferente. Seu cabelo está mais comprido e não há tinta em seus dedos. Ela vê pontinhos pretos de barba nascendo onde antes havia uma barba rala, e suas roupas são refinadas, cobertas de agulhetas de prata. Ele tem até um cheiro diferente, de um perfume enjoativo. É um estranho, mas conhecido, e Dot se sente grosseira diante dele.

"Onde você esteve?" A voz dela não passa de um sussurro.

"Devon", ele responde. "E pensei em você todos os dias."

O coração dela infla no peito, impossibilitando-a de falar, mas consegue soltar baixinho: "E eu em você".

O macaco se estica e puxa uma agulheta no gibão, o que o faz sorrir, e ver sua covinha a faz sentir como se a estivessem puxando pela raiz. Dot tenta pensar em algo para dizer, mas sua mente está confusa com ele tão perto. Quer afundar o nariz no pescoço dele e encontrar seu cheiro verdadeiro.

"Quem é este?", ele pergunta.

"François. Foi um presente para a rainha."

"Então você é a tratadora de macacos da rainha agora?"

William está brincando e ela não consegue pensar em nada inteligente ou engraçado para dizer. Um silêncio paira entre eles.

"Andei lendo", ela diz atropeladamente.

“Minha Dot aplicada.”

Ela quer contar tudo a ele. Contar sobre ter precisado se livrar de todos os livros e como toda a comitiva da rainha anda numa espiral de medo, e como Anne Askew foi libertada por falta de provas — mas ele deve saber de tudo, pois é um deles. (Se Dot também é um deles, não sabe ao certo, mas acha que tudo aquilo de transportar livros e saber tantos segredos deve significar que sim.)

“As coisas estão…”, ela começa, mas é interrompida.

“Vejo que você foi apresentado a meu macaco de estimação.” É a própria Katherine que se aproximou em silêncio.

William se ajoelha, dizendo: “De fato fui, alteza, e é um belo exemplar”.

“Na verdade ele é bem incômodo, não é, Dot? Mas foi presente de você sabe quem, então veio para ficar, sinto dizer. É bom ver você, William Savage. Senti falta de sua música. Como está sua esposa? Já tem algum pequeno?”

Dot sente como se suas pernas fossem ceder. Esposa! Sabia que ele deveria se casar um dia, mas tinha imaginado que esse dia estava a anos de distância, e secretamente alimentava esperanças impossíveis que a fazem sentir que foi enganada. Como quando um dos bufões o humilha de forma tão carinhosa que você não percebe até que tenha acabado. Ele *já tem* uma esposa? Dot olha para William em busca de alguma explicação, mas os olhos dele estão firmes na direção da rainha. E o que há para dizer, de qualquer maneira? Ele é casado e ela é só Dorothy Fownten, pronto.

A criada consegue se recompor e se vira para ir embora, mas o macaco não solta o gibão de William. A rainha ri, faz uma piada. William fica vermelho e tenta soltar os dedos apertados do macaco. Dot, agora desesperada para se retirar, puxa o animal com força. O gibão rasga e o macaco solta, provocando grandes gargalhadas. Uma multidão começou a se juntar em volta e, se pudesse, Dot afundaria no chão de tanta vergonha.

Jane se aproxima, a nova bufona da rainha. Tem um grande rosto redondo e um olho estrábico, e fala como se tivesse bebido muita cerveja, geralmente bobagens, cantigas e disparates, mas às vezes há um estranho sentido em sua loucura, como se ecoasse aquilo que as pessoas não têm coragem de dizer. Ela abre caminho até o centro da aglomeração e, olhando François nos olhos, acaricia o próprio ombro. O macaco pula em cima dela e empoleira-se ali presunçosamente, parecendo um santinho.

“Quanto mais alto um macaco sobe”, ela diz com uma voz arrastada, “mais se vê seu traseiro.”

Isso provoca mais risadas. Dot fica parada ali, desesperada para ir embora,

mas incapaz de encontrar palavras para se desculpar.

Katherine, que parece perceber seu desconforto, diz baixinho: “Vá, Dot, eu resolvo isso”.

E ela vai embora, desce as escadas e sai para o pátio, passa pelos guardas no portão e vai até o rio. As ruas estão formigando de gente, carroças passam devagar, vendedores ambulantes gritam anunciando mercadorias. Com seu bom vestido preto, pensam que ela é o tipo de pessoa que tem dinheiro para comprar, e então a cada poucos passos é abordada por alguém tentando conseguir as moedas que não tem. Alguns deles são bem enérgicos, e ela fica contente de não ter nada, assim não pode ser roubada.

A maré está baixa, deixando uma grande faixa de lama exposta, onde alguns meninos ciscam, com as canelas afundadas no lodo, procurando pedaços de metal e outros cacarecos caídos dos barcos. Um cheiro pútrido vem da lama preta. Duas gaivotas grasnam e brigam por uma carcaça de peixe. Outra, maior e com um grande bico curvo, vem voando e arranca-a das duas primeiras, afasta-se voando e pousa em um poste. As duas protestam ruidosamente e continuam bicando a sujeira. É assim, pensa Dot: o mais forte consegue o melhor e o resto só pode reclamar.

Ela fica na margem, observa o fluxo lento do rio no verão e os barcos carregando pessoas para lá e para cá, pensando no mar em algum lugar na outra ponta, onde o rei está lutando contra os franceses — só se fala disso na corte. Ela imagina se jogar no rio, seu coração inchado como um peso morto no peito, puxando-a para as profundezas, engolida pela água e cuspida correnteza abaixo para ser bicada pelas gaivotas.

Sente sua moeda costurada na barra da saia e se pergunta o que sua família pensaria se ela desaparecesse, mas estão tão distantes e duvida que ficariam sabendo antes de passarem meses. É como se fosse outra garota, de outro mundo, que vivia aquela vida em Stanstead Abbotts, apaixonada por Harry Dent e tagarelando com as outras criadas na praça do vilarejo. Há um desejo nela por toda aquela simplicidade e um senso de perda por aquilo que poderia ter tido: um monte de crianças, um marido bêbado e nada além de sopa durante semanas na pior parte do ano — todas as preocupações normais.

Ela não se lembra da última vez que lhe faltou uma refeição, e agora é uma garota com expectativas. Meg deixou-lhe quatro libras por ano, mais do que jamais imaginara, que receberá em breve — ou pelo menos foi o que o notário disse. Pode até ser, mas suas preocupações agora são tão mais complicadas, o senso de perigo se escondendo atrás das tapeçarias brilhantes, tudo tem que ser

mantido em segredo, e só Katherine entre ela e Deus sabe o quê. Dot sente o grande fardo de todas as coisas sobre as quais não pode falar: os livros, a leitura, Anne Askew, o mapa das marcas e hematomas no corpo da rainha, os eventos de Snape. Sente-se pesada com todos esses segredos, como se tivesse sido pregada nas paredes do palácio pelas mãos e pelos pés, como Cristo.

E há William Savage. *Minha Dot, meu ponto-final* — e o que é um ponto-final além de uma pequenina marca em uma página, um nada, que marca um final? Não vai pensar em William. Ele nunca foi dela, para começo de conversa. Vai fazer de conta que não existe.

Dot sente a ausência de Meg como um buraco no peito. Pobre Meg, que desapareceu sob seus olhos. Tinham sido próximas como irmãs. Nunca tinha importado que Meg fosse quem era, e não devesse trocar confidências com uma garota sem nada de especial como Dot, uma criada, mesmo com um bom vestido e o rosto corado. Foi só por alguns meses — os meses de Elizabeth, é como Dot os chama — que perderam uma à outra. Mas isso não durou muito. Elizabeth enfeitiça as pessoas, é o jeito dela. Coloca-as sob o efeito de sua mágica, fica com elas se quiser e livra-se delas quando está entediada. Dot viu como faz. Não culpa Meg. Meg, que pôs o coração para fora de tanto tossir, até que parasse de bater. Quatro libras por ano nunca compensarão a perda.

É só Katherine quem Elizabeth nunca descarta. Aproximaram-se tanto que a rainha não consegue ver como ela realmente é. Mas Dot vê, e não vai deixar aquela garota ficar entre ela e Katherine, pois a rainha é tudo que *ela* tem. Há alguma utilidade em ser tão insignificante. Para Elizabeth, Dot não passa de um camundongo no canto da sala e não representa nenhuma ameaça.

Ela volta devagar pelo movimento do fim do dia. Faz calor e a praça na frente do palácio está cheia de gente que se reuniu para passar o tempo e aproveitar os últimos raios do sol. Um grupo de garotas brinca dando pulinhos, desviando dos cachorros que procuram comida. Alguns homens se apoiam contra uma parede bebendo cerveja, observando e fazendo comentários. As mulheres conversam em grupos, com bebês no colo. Dot poderia ser uma delas, se sua vida não tivesse mudado de direção tantos anos atrás. Toca o sino de um pregoeiro e ela ouve seu grito: “Ouçam! Ouçam!”. Enxerga a roupa vermelha dele na multidão que se juntou em volta, e abre caminho para descobrir que novidade atraiu tanta gente.

“Uma frota francesa surgiu no Solent. O navio real *Mary Rose* afundou. Quase quinhentas almas se afogaram. Perdeu-se o vice-almirante Sir George Carew com o navio.”

Ela tenta novamente imaginar como deve ser o mar. Como o rio, só que

maior? Pensa nas telas penduradas no palácio retratando navios, com o mar escuro como uma sopa. De repente se dá conta de como deve ter sido para esses homens presos nas entranhas daquele grande navio, afundando em sua sepultura marítima, e como todos são iguais quando chega o fim. Do vice-almirante ao rapaz que esfrega o convés — quando você vai, torna-se nada.

Não importa quão alto tenha subido.

"Ele batizou aquele navio em homenagem à irmã", diz Katherine.

"Horrível, horrível", diz Huicke, o rosto em choque.

"Que horror", completa Anne.

São um grupo sóbrio, reunido para o jantar na antecâmara.

"Cranmer vai realizar uma cerimônia pelos mortos."

Katherine belisca a carne no prato. Está seca, quase impossível de comer, e foi tirada de uma criatura monstruosa: tem o rabo de um pavão, o corpo de um porco, a cabeça de um cisne, as asas de um sabe-se lá o quê e, por dentro, várias outras criaturas não identificáveis, recheadas uma dentro da outra. É realmente macabro, para dizer a verdade, mas é o que servem para as rainhas, mesmo assim. O pequeno grupo aplaudiu educadamente quando Cook veio da cozinha ele mesmo, suado e vermelho, equilibrando com dificuldade o monstro que havia criado. Colocou-o diante dela e limpou as mãos no avental.

Katherine sorriu e disse a ele que tinha um talento inigualável e que ela nunca tinha visto algo tão… ela procurou a palavra e se saiu com "maravilhoso". Ele pareceu satisfeito.

Susan Clarencieux entra na sala. Ela tem um jeito de se mover como se houvesse rodas debaixo do vestido, e não pés. Está de amarelo, como sempre, da cabeça aos pés, o que a deixa pálida. Seus olhos se movem sobre a mesa, com um ar de contador, calculando quanto custou cada coisa, e ela se abaixa fazendo uma cortesia. Minuciosa no protocolo, espera, olhando para o chão, até Katherine mandar que se levante. E embora claramente tenha vindo transmitir uma mensagem de Lady Mary — por que outro motivo estaria ali? — não fala nada até Katherine perguntar. Ela não esqueceu a falta de tato de Susan com ela antes que fosse rainha.

"Madame", Susan diz, pronunciando claramente as palavras como faria um ator. "Lady Mary está indisposta."

Katherine tem vontade de dizer: pelo amor de Deus, relaxe. "É uma daquelas dores de cabeça?", ela diz em vez disso.

“Sim, madame.”

“Oh, céus, pobre Mary. Você poderia transmitir-lhe meus melhores votos?”

“Eu o farei, madame.” Susan parece estar contando os anéis nos dedos de Katherine agora, calculando seu valor. “E…” Ela hesita.

“Sim?”

“Lady Mary pede perdão por não ter completado a tradução.”

“Por favor, diga-lhe que entendo.”

Mary se mostrou relutante sobre a tradução de são João. Seu entusiasmo inicial fizera Katherine esperar que a enteada estivesse se acostumando com a ideia do evangelho em inglês, mas, para dizer o mínimo, o efeito foi o oposto e, desde aquela época em Eltham Mary, entrou numa rotina de dores de cabeça e orações e nada mais. Katherine pensa agora que ela nunca mudará de ideia, que a memória de sua pobre mãe está gravada nela de forma indelével. Enquanto isso, a Reforma não está dando em nada. A ideia de um tratado com os príncipes luteranos virou pó. Os católicos estão em ascensão, e com a bênção do rei. Katherine sente o poder mudar de mãos nos corredores da corte, os olhos voltados para ela, observando — e a recusa de Mary só vem se juntar a tudo isso. Mas não encontraram um jeito de se livrar de Anne Askew. Esse é um pequeno triunfo e faz Katherine acreditar na possibilidade de que seja perdoada pelos pecados que se acumulam nela há tanto tempo.

Ninguém está comendo na verdade — exceto Udall, que parece não ter sido afetado pela perda do *Mary Rose* e de todos aqueles marinheiros afogados, inclusive George Carew, que ele conhecia bastante bem. Udall bebe vinho em grandes goles e enche novamente o prato de comida, conversa e ri entre uma mordida e outra. Sua indiferença a deixa horrorizada. Não consegue pensar em outra coisa além daquelas quinhentas almas perdidas, e para quê? Parece tudo tão fútil. As tropas francesas pressionando na costa sul; os escoceses e seus levantes contra as fronteiras no norte; tratados concluídos e quebrados com grande facilidade; nações costuradas uma à outra tão medonhamente quanto o basilisco monstruoso sobre a mesa, para unir forças e matar uns aos outros. E para quê? Para tomar algumas léguas de terras arruinadas de outra pessoa. Isso é civilização.

Não é nada mais que uma briga por território, e para que fim? Ela não consegue ver como, no centro de tudo, essas mortes em nome de Deus têm algo a ver com a fé. É por poder. Katherine vê o que o marido teve que se tornar por fora e, pior, por dentro, para manter as ameaças sob controle. Teve que abrir mão de sua humanidade. Mas cada morte é uma tragédia; cada vida perdida deixa

chorando um parente, esposa, irmãs, irmãos, filhos talvez.

Ela pensa em Meg, tentando encontrar um modo de dar sentido à vida — dezenove anos miseráveis, a perda lenta da consciência, e um corpo que se voltou contra ela no final. Não consegue acomodar aquilo na cabeça; pergunta-se se há sentido em alguma coisa. O mundo só é compreensível quando tudo é feito em obediência a Deus, mas sua fé está abalada.

Mas obediência é um hábito gravado profundamente nela, o padrão que informa tudo. Se removessem a obediência, sua vida perderia toda a coerência. Ser mulher é conhecer a obediência. Ela às vezes sente que exauriu toda a sua simpatia como esposa. O rei logo vai voltar. Ela lista mentalmente as coisas sobre as quais estará zangado: a perda do navio; o fracasso em fazer um tratado com os alemães; o imperador que está com raiva e se sente traído.

Katherine será culpada, sem dúvida, pelo naufrágio do navio, a dor na perna, o fato de que não há um duque de York em sua barriga, até mesmo pelo tempo. Imagina se tem paciência suficiente, embora saiba que não tem escolha. E, para fazer isso, precisa trazer Deus mais para perto. O único jeito de dar sentido às coisas é através dele, de sua palavra. *No começo era o Verbo… e o Verbo era Deus*. Ela precisa se concentrar. Pensar em Anne Askew — misericordiosamente libertada. Pensar no novo mapa do universo de Copérnico e no eclipse, aquilo faz sentido, anuncia as grandes mudanças, e ela na vanguarda. É esse seu dever. *No começo era o Verbo*. E quando as pessoas puderem ler por conta própria, descobrirão que Deus não é um tirano, mas um pai piedoso e benevolente. Que quando tira vidas dessa maneira, na flor da idade, ele as leva para um lugar melhor. Encurta seu sofrimento. Precisa acreditar nisso, do contrário — o quê?

Katherine cuida das moções, um verniz de calma cobre o estrondo dos pensamentos em sua mente. Conversa tranquilamente, beberica cerveja, faz sons de aprovação diante do pudim de amêndoas, do vinho doce e dos copos de cristal, escuta educadamente Mary Dudley ler aos tropeços um dos belos poemas de Surrey, o que o torna feio, assiste a alguns acrobatas se jogarem para lá e para cá, tudo com um sorriso no rosto — e, assim que possível, retira-se.

Não consegue parar de pensar em algo que Stanhope disse no dia anterior e que a incomoda.

“Quando você encontrou com Anne Askew?”, ela tinha perguntado.

Estavam falando sobre as escrituras. Stanhope é uma reformadora fervorosa como Katherine, e seu marido mais ainda. Mas Katherine não confia nela. Como sabe sobre a visita de Anne Askew? Foi tão secreta. Quem teria contado? Quantas outras pessoas saberiam? Quem?

“Nunca encontrei essa mulher”, Katherine disse, olhando bem nos olhos de réptil de Stanhope.

Outra mentira, outra ruptura em sua alma suja. Está bem acostumada a mentir ultimamente.

Dot esfrega óleo de lavanda no couro cabeludo de Katherine e o cheiro se espalha pelo quarto, depois começa o longo processo de dividir o cabelo comprido em mechas e passar o pente fino.

Fazem isso em silêncio por algum tempo, com Dot interrompendo ocasionalmente os movimentos ritmados com o pente para desfazer um nó ou tirar um piolho do pente. É um ritual semanal, e ambas o apreciam por sua simplicidade e intimidade. Mas Katherine nunca parou, até então, para pensar se Dot tem alguém para catar os piolhos de seu cabelo.

Algumas vezes invejou a simplicidade da vida dela. Teria trocado alegremente de lugar com a criada, mas, quando pensa realmente a respeito, vê que deve ser uma existência solitária entre dois mundos. Ela deve tanto a Dot. A doce Dot desgrenhada, com a cabeça nas nuvens, sempre impassível, otimista, mas hoje abatida como se imersa em uma tina de tristeza.

“Como estão as coisas, Dot?”, ela pergunta. “Você está contente, tem amigos no palácio?”

“Não aqui, madame, mas em Hampton Court conheço Betty, da cozinha. Ela é uma espécie de amiga, mas…”

“Nunca pensei nisso”, interrompe Katherine. “Quando viajamos vamos todos juntos, mas muitos dos criados mais rasos não vão.”

“É verdade, madame. Mas quando Meg…”

Um silêncio cai sobre o quarto como uma pedra e Dot continua a dividir, pentear e desatar nós. A ausência de Meg paira sobre elas. Mas há outra coisa.

Katherine notou um olhar entre Dot e William Savage mais cedo, durante o fiasco com aquele maldito macaco. Não foi bem um olhar, na verdade, mais o oposto, o modo como *não olharam* um para o outro, nem por um momento, nem mesmo de relance, e ela sentiu uma espécie de tensão entre eles, que a fez pensar se havia mais entre Dot e William Savage do que simplesmente a passagem de livros.

“O que você acha de William Savage, Dot?”, pergunta Katherine, quebrando o silêncio.

Ela não pode ver o rosto da criada e não quer se virar por medo de que pense

que é um inquérito. Mas ouve uma inspiração trêmula que diz mais que quaisquer palavras.

"William Savage, madame?"

"Sim, ele."

"É um bom músico. Quando toca eu me sinto…" Ela hesita, como se procurasse a palavra certa. "Em outro lugar."

"É verdade. Ele tem os dedos de um anjo."

Outra vez aquela inspiração, como um calafrio. E uma pausa no ritmo do pente. Há mais risadas do lado de fora e uma batida de leve na porta. Anne põe a cabeça para dentro do quarto para dizer adeus a Katherine. Vai para Baynard, pois o marido voltou.

Dot faz uma reverência e continua a pentear, recuperando o ritmo.

"Você pensa de vez em quando em se casar, Dot?", pergunta Katherine depois de algum tempo.

"Não, madame, não penso."

"Eu poderia achar um bom marido para você. Alguém com uma profissão. Você viveria confortavelmente, teria uma casa, filhos." Ao dizê-lo, sabe que é a coisa certa para a garota, mas sente repentina e intensamente que perda imensa seria para ela.

Dot tenta imaginar um marido fazendo com ela as coisas que William Savage fazia. O pensamento a faz sentir como se o mundo tivesse virado de ponta-cabeça, e seu estômago dói. Ela não deve pensar em William. Mas outro homem? Pensa nos cozinheiros do palácio, fedendo a suor, as mãos gordas e grandes. Ou no vendedor de tecido, que viu ontem ao fazer compras para a rainha, e no modo como mostrava as peças, jogando os rolos sobre a mesa, os dedos acariciando o pano como se fosse a pele de uma mulher. Um arrepio de nojo sobe por sua espinha. Se não for William Savage, pensa ela, então ninguém.

E, se ela se casasse, teria que deixar a rainha. Mas Katherine precisa dela. Não consegue imaginar outra garota penteando seu cabelo como ela faz, vestindo-a, tirando seus pelos, esfregando hamamélis em seus hematomas sem contar a ninguém. A rainha precisa de Dot para guardar seus segredos. Ela é a única que os conhece; mesmo sua irmã Anne ignora algumas coisas. Dot é a única que pode guardá-los com segurança.

"Eu preferiria, se for do seu agrado, que as coisas continuassem como estão", ela diz.

"Então é assim que será", diz Katherine.

E as duas se acomodam novamente num silêncio confortável.

8

Palácio de Whitehall, Londres, junho de 1546

Will Parr está inflamado de raiva. Seus olhos de cores diferentes brilham. Ele anda de um lado para o outro sobre as tábuas de carvalho da câmara privada de Katherine, excepcionalmente desgrenhado, as meias manchadas de barro, a camisa de linho aberta e torta, sem chapéu — um desalinho que o teria impedido de ser admitido nos aposentos de Katherine se não fosse o irmão da rainha e não estivesse fervilhando de raiva de modo aterrador.

"Irmão", Katherine exclama. "Acalme-se." Estão de volta ao berçário e ela é a irmã mais velha cuidando de um menininho raivoso, indignado por ter apanhado injustamente ou algo do tipo — mas não são mais crianças, e está claro que não se trata de um evento trivial. "Fique quieto."

Ele para, os pés afastados, os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto está vermelho e a testa está molhada de suor.

Katherine se levanta e segura seu braço. "Venha", ela murmura, "sente-se ao lado da janela."

Ela o leva para o banco e eles se sentam, Katherine com o braço em volta dos ombros do irmão, que está encolhido e curvado.

"Fale, Will. Conte-me o que está acontecendo."

"Gardiner", ele vocifera, depois respira profundamente e bate o punho no joelho.

Katherine segura seu braço. "Fale comigo, Will."

"É Anne Askew. Foi presa novamente, levada para a Torre desta vez. Acusada de heresia."

Um ano inteiro se passou desde que Anne Askew foi solta da última vez e Katherine sentiu as ameaças em volta de si diminuírem. O rei, apesar da caixa com farpas sagradas que guarda dentro do gibão, parece estar em cima do muro novamente, embora seja difícil ter certeza. Katherine perdeu a esperança de engravidar, mas tem uma concepção de outro tipo: seu novo livro *O lamento de um pecador*, está quase completo. Ninguém sabe, mas é seu arrependimento particular dirigido a Deus, sua exploração da doutrina da salvação pela fé. E, embora seja segredo, ela tem a sensação de que será lembrada por isso como a

Rainha Reformadora, que defendeu suas crenças. Por anunciar a novidade, como o eclipse. Escreveu-o em agradecimento pela salvação de Anne Askew.

"Ela tem instinto de sobrevivência, essa mulher", diz Katherine. Mas sua mente está na visita secreta em Eltham e em como Stanhope ficou sabendo a respeito, e pergunta-se quem mais pode saber e se já chegou aos ouvidos de Udall.

"É pior do que você pensa, Kit. Fui mandado para interrogá-la", Will diz num sussurro ríspido. "De todo mundo, *eu*. Você sabe o que isso significa? Estão esfregando na minha cara. Conhecem minha opinião sobre a Reforma. Provavelmente sabem que ela é minha amiga, só não têm provas."

"Eu sei, eu sei." Katherine tenta parecer reconfortadora. Um calafrio percorre seu corpo. "É atrás de mim que eles estão, Will. Querem se livrar da rainha reformadora que não produziu um filho em três anos de casamento. E *você* é o irmão da rainha. Vamos todos cair juntos." Perceber isso a desestabiliza. "O que ela disse?"

"Kit…" Will segura a irmã pelos ombros e torce seu tronco para que possam se olhar de frente. Os olhos dele estão enraivecidos como os de um cavalo indomado. "Eles a torturaram."

O mundo dela parece ficar mais devagar. Experimenta uma sensação vertiginosa, como numa queda interminável. "*Torturaram*? Uma *mulher*?" É impensável. "Quem? Wriothesley? Rich?"

"Wriothesley e Rich estavam lá, mas você pode ter certeza de que Gardiner está por trás disso… Paget também, sem dúvida." A perna dele treme impaciente.

Katherine estende a mão para acalmá-lo. "Uma mulher nobre sendo torturada? Com certeza o governador da Torre…"

"Kinston não pôde fazer nada. Foi embora com desgosto."

"Will… isso é chocante…" Katherine procura palavras, incapaz de organizar seus pensamentos, mil perguntas competindo por espaço. "E você, Will… você estava lá?"

"A mente perversa de Wriothesley. Ele mandou John Dudley e eu. Não sei o que pensava que *nós* arrancaríamos dela. Imagino que queria fazer parecer que… Ah, não sei, Kit… ele é um maníaco… Teve um acesso de raiva e nos mandou embora à força quando não conseguimos arrancar nada dela. Ficamos escutando na porta…" Ele luta para encontrar palavras. "Os gritos dela, Kit…"

"Pobre mulher, pobre, pobre dela…" Katherine deixa o rosto cair nas mãos, criando momentaneamente um lugar escuro onde ninguém pode atingi-la.

Depois, levantando novamente a cabeça, faz a pergunta que é como um tumor em sua mente: “E ela cedeu?”. O que quer realmente dizer — e Will sabe muito bem — é: ela me envolveu, sou *eu* a próxima, serei *eu também* queimada?

A rainha consegue imaginar o rosto grande de Anne Askew, os olhos espaçados, de uma intensidade fervorosa, vê a imagem dela amarrada à madeira, consegue ouvir o rangido e os estalos da máquina, o ferro contra o carvalho, o puxão horrível em seu próprio quadril, joelhos e ombros, como ao desmembrar uma galinha, o baque e o barulho de sucção quando a ponta arredondada do osso salta da cartilagem. Consegue imaginar, também, a firmeza nas mandíbulas de Anne Askew. Há uma determinação que resplandece naquela mulher, que Katherine nunca viu em um homem; ela viu com os próprios olhos. Se alguém foi feito para o martírio, pensa, foi Anne Askew, e Katherine daria tudo por uma pitada de sua coragem.

“Kit, nunca vi uma mulher mais corajosa”, diz Will, ecoando seus pensamentos. Ele se levantou e está andando de um lado para o outro novamente. “Seja o que for que fizeram com ela, manteve-se firme… Não conseguiram nada.”

Parece um alívio, mas estão atrás dela agora… e, se Anne Askew não disse nada, não significa que os outros serão tão corajosos. Ela se sente compelida a se afastar das paredes de pedra de Whitehall, encontrar um lugar onde possa respirar.

“Peça ao estribeiro que prepare os cavalos”, diz. “Vamos sair e terminar essa conversa em outro lugar. Vou ver se Anne pode vir. Só a família, Will, só nós.”

O rosto dele relaxa como se ficasse contente que a irmã assumisse o controle, como sempre fazia quando eram crianças.

“Finja estar alegre, Will”, ela diz. “Não podemos deixar ninguém pensar que estamos preocupados. Só os três Parr saindo para galopar, nada mais.”

“Você não pode falar com o rei?”, pergunta Anne.

Eles apearam em uma clareira na floresta de Chelsea. É um lugar mágico, um círculo quase perfeito, com árvores altas que se agitam de leve na brisa, e um tapete de grama macia salpicado de pontos que brilham com o sol de junho. Os cavalos pastam ao lado, o tilintar das rédeas se mistura ao canto dos pássaros e ao zumbido dos insetos. É um pequeno Éden.

“Anne”, responde Katherine, “onde você está com a cabeça? Não se lembra das outras rainhas? Você esteve a serviço delas. Sabe que quando ele muda de

ideia… O rei pode parecer me adorar agora. Meu Deus, todos os presentes generosos são testemunho, mas ele… não é…”

“Constante”, Anne termina a sentença da irmã.

Estará ela pensando em Catherine Howard? Anne estava lá e relatou os gritos da menina, agudos e assustados, como uma raposa presa na armadilha. Katherine só conhece a cena de ouvir contar, nem conheceu a garota, mas isso não torna a imagem menos potente. E também houve Anne Boleyn… Will leva a mão ao pescoço sem perceber. Estão todos pensando na mesma coisa.

“E eu tive três anos para produzir um herdeiro e não o fiz. Além do mais, o rei não é um de nós. Não mesmo.”

“Mas ele rompeu com o papa, dissolveu os grandes monastérios.”

“Não seja ingênua, Anne”, repreende o irmão. “Aquilo não teve nada a ver com fé.”

“Não, imagino que não.” O otimismo sempre abundante de Anne começa a se desfazer.

“Mas…”, começa Katherine, relaxando a mão e esticando os dedos. Sua aliança de casamento está num deles, o rubi brilha. O calor inchou seus dedos e o ouro aperta sua carne. “Vou retomar meus esforços para convencê-lo. Vou apresentar a imagem de um rei reformador, maior do que qualquer um que tenha imaginado. Eu o conheço, sei o que o atrai e como ele gosta das nossas conversas. Quanto mais se interessar pela Reforma e menos ouvir o bispo Gardiner, melhor para todos.” Mas ao dizer isso ela duvida de si mesma, pois já não tentou persuadir o marido antes? E falhou.

“Melhor para nós”, diz Will. “Kit, se você fosse homem seria maior que todos nós, que qualquer um. Trará o rei de volta à fé e que se danem Gardiner e seus católicos idólatras.”

“Mas e Anne Askew?”, pergunta Anne.

Um melro preto pousa na grama, mordiscando algo com seu bico amarelo, brilhante como uma gema de ovo, e uma joaninha pousa na manga de Anne, quase invisível, vermelho sobre vermelho. A vista aguçada de Katherine percebe e ela pensa numa canção… *voe para casa*. Jane, a bufona, estava cantando mais cedo.

“Não podemos salvá-la agora”, diz Will.

“Você quer dizer que ela vai para a fogueira? Não há nada que possamos fazer?”

“Não, irmã, a máquina está rodando e não é possível pará-la”, diz Katherine.

Ela sente uma pontada pelo fato de seu livro, seu agradecimento pela salvação

de Anne Askew, ter sido prematuro — talvez Deus esteja indeciso, como o rei. Afasta esse pensamento; não pode perder a fé, não agora.

"Mas…" O rosto de Anne é a imagem do horror e suas palavras ficam entaladas dentro dela.

"Ela não vai se retratar, Anne. De certo modo é o que quer, estar com Deus mais rápido. Mandei minha criada levar roupas e mantimentos, para garantir que seus últimos dias sejam confortáveis."

"Kit, com certeza isso é loucura…" É a vez de Will vestir a máscara do horror.

"Pode ter certeza de que Dot sabe ir sem ser notada. Ela vai entregar as coisas para a criada de Anne no anonimato."

Um silêncio os envolve, espesso e frio como um tijolo de barro, mas os pensamentos de Katherine estão rodando, alternam-se entre a fogueira — o calor, os estalos e chiados — e o rei, formulando a conversa de forma tão sutil que ele nem perceberá que os pensamentos que ela planta nele não são seus. E ela tenta imaginar o marido — *Adoro essa sua mente, Kit* — amolecendo em suas mãos, moldado a sua visão de futuro. Um futuro em que todos estão a salvo. Mas segurança é um luxo raro.

"Mandei um saco de salitre também."

Ela tinha pensado nisso depois, ao lembrar de fogos de artifício exuberantes de uma mascarada de Udall que deixou toda a corte em sobressalto. Ele tinha mostrado como os fogos eram feitos, o pó preto, como explodia em contato com o fogo. Tinha posto uma pitada no chão e encostado uma vela. Observaram o chiado e a faísca e depois a explosão que fez um barulho ensurdecedor. Uma nuvem de enxofre preencheu o quarto; ela o identificou com o cheiro do poder.

Foi ao depósito com Dot à tarde, antes da cavalgada, encontrou o estoque de pó e virou uma quantia generosa em uma bolsa que tinha escondido com as outras coisas no cesto, e explicou à criada o que devia ser feito.

"Ela pode prender na cintura. No mínimo, vai encurtar a agonia."

"Logo estará no paraíso", diz Anne, sempre tentando encontrar o final feliz.

"Se alguém merece estar no paraíso é ela", completa Will.

Mas nenhum deles consegue afastar a imagem do fogo, do calor, do terror.

"Preciso que faça uma coisa por mim, Will", diz Katherine. "Tenho alguns papéis que devem ser escondidos, muito bem escondidos."

"Que tipo de papéis?"

"Algumas das minhas anotações, coisas pessoais… Tenho medo de…"

"Pode deixar, irmã. Diga-me onde estão e vou escondê-los. Nem você saberá

onde.”

Katherine não tem coragem de pedir a ele que os queime.

Dot escapa do palácio pelo portão da cozinha. Ao sair, passa por William Savage, que tenta fazê-la parar. Seu coração dá um salto, mas ela ignora. Faz alguns meses que não o vê; ele estava longe da corte novamente. Está mudado, Dot percebe — o rosto cavado, com olheiras.

“Minha Dot”, ele chama. “Meu ponto-final, meu grão. Fale comigo… por favor.”

O coração dela vacila e sua mente revela velhas imagens e sensações — o modo como o cabelo dele faz cachos na nuca, seu cheiro de tinta e couro —, mas ela afasta essas lembranças como tem feito há meses. *Ele* é o grão, o ponto em seu horizonte. Ela passa por ele como se não significasse nada.

Tem coisas mais importantes para fazer. Está em missão secreta a pedido da rainha. Tem na mão um cesto coberto com um pano quadrado; dentro há um cobertor e víveres, incluindo uma torta. Mas não é uma torta qualquer, pois escondida sob a massa há uma bolsa de pólvora. É a missão de Dot poupar Anne Askew do sofrimento. Essa bolsa de pólvora vai mandá-la para o outro mundo num instante. Dot deve ir incógnita, Katherine disse, e teve que explicar o que essa palavra significa. Não pode ser ela mesma e, acima de tudo, não pode estar ligada a Katherine de modo algum. Ela pensou no nome que vai dizer se perguntarem. “Sou Nelly Dent”, disse em voz alta para si mesma, praticando, para ver se o nome serve. “E venho em nome da caridade cristã.” Katherine diz que há pessoas que se compadecem dos prisioneiros e mandam pequenos confortos, que isso é bastante comum e provavelmente ninguém nem vai perguntar quem ela é.

Dot para e olha para ele. “William, não sou seu ponto-final. Um ponto-final não é nada, e isso não sou eu, pois posso ser de origem humilde, mas não significa que não sou ninguém.”

Por que é que seu coração parece uma vela derretendo?

“Dot”, ele implora, segurando sua mão livre.

Ela retira a mão bruscamente.

“Deixe-me explicar.”

“Não, William, tenho assuntos importantes para cuidar.” Ela vai em direção ao portão, e o rosto dele é tão infeliz que Dot quase desmorona, mas encontra coragem e segue adiante dizendo “Adeus, William”, ao mesmo tempo que se

sente contorcer por dentro.

Ela desce correndo até o rio e chama um barqueiro que está esperando clientes. O homem estende a mão para ajudá-la a subir na barca, que se inclina e balança quando Dot pisa e se senta no banco. Ela alisa o vestido e põe o cesto no chão, ainda agarrada à alça com tanta força que seus dedos estão brancos.

“Para onde?”

“Para a Torre.”

Isso faz o barqueiro emitir um som, uma inspiração entre lábios cerrados, como um assovio invertido. “É lá que estão torturando aquela pobre mulher”, ele diz.

Dot imagina que todo mundo em Londres anda cochichando sobre a corajosa Anne Askew, que foi torturada e não entrega nomes nem se arrepende. Dot não consegue imaginar ser tão corajosa.

“Acho que sim”, diz ela.

“O que vai fazer naquele lugar?”

Os barqueiros são todos conversadores, mesmo que seja inconveniente.

“Vou entregar doces para a esposa do governador.”

A rainha dissera-lhe para responder assim.

“E qual é seu nome, se não se importa?”

“Nelly Dent.”

Ela gosta da mentira, nunca contou uma desse tipo antes. Só uma ou outra vez omitiu parcialmente a verdade, e talvez de vez em quando uma mentirinha para fazer alguém se sentir melhor, mas uma mentira de verdade tem algo de excitante. É de ser outra pessoa que ela gosta — da ideia de que pode usar um novo nome como se fosse um novo vestido.

“E você é parente dos Dent que trabalham na fazenda em Highgate?”

“Prima distante”, ela diz, gostando da facilidade com que outra mentira escapa.

Mas lhe ocorre que mentiras se reproduzem como coelhos e, uma vez que uma saiu, outras virão. Essas mentiras, no entanto, são por uma causa — por Katherine. Sua missão é de piedade e ela se pergunta se Deus perdoa esse tipo de mentira. Mergulha a mão na água, deixa-a se arrastar, gosta da sensação fria, pois o sol está quente e não há sombra. Alguém jogou flores no rio, margaridas, que dançam e flutuam na superfície, e alguns patos se aproximam para examiná-las.

O barqueiro não desiste da conversa e ela assente com a cabeça concordando sem escutar, o que parece deixá-lo satisfeito. Ele fala sem parar e reclama de

uma ou outra coisa, mas a maré está baixando, o que felizmente faz a viagem ser rápida, e logo eles estão diante dos portões, onde o barqueiro chama um guarda. Ele gira uma grande roda de madeira para abrir os portões, abrindo caminho para o barco até a escada. A água faz ondas e bate em volta da barriga do barco quando ela se levanta para desembarcar. Chega outro guarda, vestido de vermelho e dourado com uma alabarda e um molho de chaves tilintando na cintura.

"O que você quer?", pergunta.

É só nessa hora que seu estômago começa a se contorcer de medo, afundando e balançando como o pequeno barco, mas ela pensa em Katherine e em sua missão. E ao olhar para ele com atenção percebe que já tem mais idade e não é nada ameaçador.

"Devo entregar isto, senhor."

Ele estende a mão para ajudá-la a sair do barco, murmurando algo sobre não ser comum ver garotas bonitas como ela visitando a Torre.

Quando o barqueiro está longe o suficiente para não ouvir, ela diz: "Trouxe víveres e agasalho para a sra. Askew".

O guarda se adianta para pegar a cesta.

Ela puxa de volta, dizendo: "Fui instruída a entregar diretamente para a criada, senhor".

"Preciso ver o que tem dentro", ele bufa. "Quem sabe o que pode ter trazido? Apesar de que, no estado em que está, a mulher não ia escapar depressa."

Dot tira o tecido que cobre a cesta e o homem vasculha rapidamente o conteúdo. Parecendo satisfeito, ele ordena que espere e depois caminha tranquilamente até uma pequena porta de madeira, como se tivesse todo o tempo do mundo. Procura no molho de chaves, inspecionando cada uma antes de encontrar a correta.

Dot nunca esteve na Torre antes. Não é um dos lugares que frequenta, embora alguns dos vestidos da rainha estejam guardados em algum lugar ali. Ela sempre pensou na Torre como um grande lugar sombrio onde coisas horríveis acontecem, mas diante dela está um gramado com pequenas casas em volta, mais uma aldeia que uma prisão, e a famosa torre branca se eleva até o céu com bandeiras tremulando nos torreões, fazendo-a pensar nos castelos das histórias. Mas ali adiante estão as grossas paredes cinzentas que cercam o lugar, com as torres de vigilância e as frestas para lançar flechas, e o cheiro fétido do fosso paira sobre o belo jardim. Dot sabe que atrás daquelas paredes as pessoas ficam trancafiadas, aguardando sabe Deus que destino. Ouviu falar dos instrumentos de

tortura, os atiçadores quentes, o potro, as algemas. Na cozinha depois do trabalho os rapazes falam dessas coisas o tempo todo para assustar uns aos outros, fazendo as garotas da lavanderia gritarem e se aninharem mais perto; quando não estão contando histórias de fantasma são histórias de tortura. Betty é a mais medrosa, guincha como um porquinho para conseguir um abraço em troca.

Ela senta no banco do jardim ao lado da igreja, que é feita de pedra cor de mel. As janelas brilham sob o sol e há uma torre que lembra um pombal. Não se parece nada com o que ela imaginava da famosa St. Peter ad Vincula.

Ad vincula significa "acorrentado", e todo tipo de nobre perdeu a cabeça à sombra daquela linda igreja. Foi William Savage quem lhe contou isso — William Savage, que sabe de tudo e bateu com força em seu coração até quebrar. Ela tinha sofrido em silêncio por meses depois de descobrir sobre a esposa. Não dizer nada é a mesma coisa que mentir, pensa, mas faz um ano inteiro e ela não quer pensar em William agora; não suportaria voltar para aquele lugar, aquele poço, onde não fazia nada além de sentir sua ausência. Foi suficiente para suprimir todo o romance nela. Desejava não o ter encontrado antes, queria que ele fosse embora e nunca mais voltasse, para que pudesse esquecê-lo. Mas o sentimento se apagou e restou apenas o fantasma dele agora. E, quando ela pensa nas pessoas presas ali, sente que não tem direito a essas pequenas tristezas.

Logo aparece uma mulher. É alta e parece desconfortável por ser tão grande, curvando-se para disfarçar. As mangas do vestido são curtas demais, mostram punhos fortes que ficariam melhor num homem. Sua saia preta está gasta e desbotou até ficar marrom nos joelhos — de tanto rezar, Dot imagina —, e uma touca de linho que já deve ter sido branca envolve um rosto marcado de tensão.

Dot se levanta com um sorriso não retribuído. "Tenho alguns cobertores e alimentos para sua senhora."

"Muito obrigada", diz a mulher numa voz baixa vacilante. O branco dos olhos tem uma coloração ao mesmo tempo amarelada e avermelhada. Ela nem pergunta quem mandou os víveres.

"Há uma bolsa de salitre na torta", sussurra Dot.

Mas a mulher parece confusa, inclina a cabeça para o lado e franze a testa ao pegar o cesto.

"Ela deve amarrá-la na cintura quando chegar a hora. Vai despachá-la rapidamente", continua Dot, em voz baixa.

A mulher assente com a cabeça e vira para ir embora.

Bem nessa hora, um quarteto de homens aparece. Parecem ser dois nobres,

dadas suas roupas esplêndidas e meias impecáveis, com um par de pajens atrás. Alguém vestido tão finamente só poderia ser da corte. Dot já viu aqueles rostos antes. Nunca consegue lembrar qual é a cor de cada família; é complicado demais. Não deixam a criada passar, entram na frente como cães vigiando um osso. Um pajem arranca o cesto dela, entrega-o para um dos homens. São do palácio, ela tem certeza, embora não saiba seus nomes. Dot faz uma reverência, mas a criada permanece descaradamente ereta. Em vez de repreendê-la, eles olham por cima como se ela não estivesse ali. “Você trouxe coisas para a sra. Askew?”, um deles pergunta.

Ele usa uma gola feita de algum tipo de felino malhado, inapropriado para a época do ano, mas Dot faz uma ideia de que significa que é importante. Sua barba ruiva projeta-se além do queixo como um píer no rio. Ele segura o cesto longe do corpo como se estivesse cheio de ratos, cobras ou outra coisa que morde.

“Sim, senhor”, diz ela.

Sua voz a obedece e não falha, embora por dentro haja um nó. Ela mantém os olhos longe da cesta, sem querer que desconfiem ou que pensem que é importante.

“Trouxe coisas para deixá-la mais confortável até…”

Ela não precisa terminar, todos sabem que é até que ela seja arrastada a Smithfield e queimada viva. Dot mantém a cabeça baixa.

“Levante-se”, ordena o homem.

Ela obedece. O outro homem está mais atrás com os pajens, mas Dot pode ver que está prestando atenção nela. Tem uma orelha enorme com um lóbulo longo que parece ter sido esticado. Ela parece notar tudo: os sininhos costurados na gola do homem barbado; a barra de tecido verde-folha debaixo de sua túnica; o pedacinho de comida alojado entre seus dentes; o modo como seus olhos parecem bondosos, mas não ele; os pelos ruivos saindo pelas narinas; o modo como funga, e como agarra e solta o punho da espada; a mancha de grama no sapato branco do outro homem.

“E olhe para mim.”

Ela obedece. Ele tem uma expressão sardônica que é meio sorriso, meio careta, e ela vê seus olhos cintilarem com uma lembrança.

“Já vi você no palácio”, ele rosna.

Ela pode ver que ele está tentando descobrir a quem serve ou onde a viu.

“Quem mandou você?”

“Um amigo.”

“Acha que sou bobo, menina burra? Diga o nome.”

Uma chuva de saliva cai em seu rosto, mas ela não ousa levantar um dedo para limpar.

“Nelly Dent…” Ela tropeça nas palavras. “Sou Nelly Dent.”

“E eu perguntei o *seu* nome?”, ele interrompe. “Não estou nem um pouco interessado em quem *você* é. Não é ninguém. Diga-me quem a mandou.”

A última frase é um grito, e ele agarra seu pulso, torcendo-o de um jeito que queima sua pele. Dot não deixa que ele veja que está doendo e controla a expressão, pensando em algo crível para dizer. Pensa em Katherine. O que *ela* diria? Pensaria em algo inteligente, devolveria as perguntas do homem. Ela diria: “Sou a rainha e não tenho que responder nada”. Ou citaria alguma coisa da Bíblia para desconcertá-lo. Mas Dot *tem* que responder, e precisa ser uma resposta em que ele acredite. Ela *não pode* trair Katherine.

“Lady Hertford”, ela deixa escapar.

O sorriso sardônico se transforma em um sorriso completamente satisfeito. “Ah, você é a criada de Anne Stanhope. Assim é melhor.” Ele dá um tapinha em seu pulso, que está latejando, e solta-o. “Não, é, Nelly?” Entrega o cesto para ela, dizendo: “Agora você vai ser uma boa garota e me mostrar o que tem aí dentro?”.

Dot coloca o cesto no chão de pedra e levanta a toalha, tirando o conteúdo: o vidro de geleia de marmelo, dois pães, um doce, o saco de sal, uma barra de açúcar, a torta, um bom cobertor, duas camisolas de linho, um sabonete e um pequeno pote de creme de arnica para os hematomas. Dispõe os objetos com cuidado, sem pressa.

Ele observa, de braços cruzados. Chama um dos pajens e diz: “Dê-me aquilo”, apontando na direção da torta.

Uma onda fria passa por Dot, como se tivesse sido mergulhada no Tâmisa e virada do avesso, mas ela continua arrumando o cobertor, sem ousar olhar para o lado. O pajem se agacha para pegar a torta.

Mas o homem diz num latido: “Isso não, seu idiota. O açúcar”.

O menino entrega-lhe a barra de açúcar. Ele a segura e morde, mastiga até comer tudo. Fragmentos de cristal ficam grudados nos lábios, e sua língua pontuda os recolhe.

E então vão embora, em direção aos portões. Dot senta-se no banco, fecha os olhos e solta um suspiro profundo, acalmando-se antes de começar a juntar as coisas no cesto. A criada ajuda, em silêncio, e depois desaparece, de volta para onde mantêm Anne Askew, sem nada além de um aceno de cabeça. Talvez tenha

se esquecido de como sorrir.

Os pensamentos de Dot estão agitados. Ela pode não gostar de Stanhope por todas as coisas horríveis que disse sobre Katherine e do modo maldoso como trata sua criada. Mas, sendo ou não desleal, duas caras ou maldosa, Dot fez uma horrível maldade ao dizer seu nome daquele jeito. Foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça. E essa foi uma mentira de verdade, maliciosa, não como as outras que contou, que eram desculpáveis, se não totalmente inofensivas. Esta mentira é mais sombria que fuligem e vai deixar marcas em toda parte. E o que mais a choca é que saiu tão fácil. Mas está feito agora, não pode desdizer. Pensa em que coisas horríveis deu início ao dizer aquele nome, consegue imaginar o efeito de sua mentira infiltrando-se no palácio, e uma sensação de pavor se espalha em suas veias como veneno.

Palácio de Whitehall, Londres, julho de 1546

Um aquecedor lança nuvens perfumadas de óleo para mascarar o mau cheiro da carne pútrida. Huicke guarda suas coisas, tampa os vidros de tintura e dobra os panos de musselina enquanto Katherine serve uma caneca de cerveja para o rei e depois se acomoda em uma almofada a seus pés. Ela pega um livro que está aberto e de ponta-cabeça no chão e começa a ler. Huicke para um minuto para observá-los, reconhece um texto de Erasmo. É a tradução para o inglês em que Udall trabalhou tanto, o Livro de João, aquele sobre o qual Lady Mary mudou de ideia, recusando-se a ter o nome associado a ele. Udall terminou para ela — mudou tudo, na verdade —, e ficou ocupado durante meses, andando de um lado para o outro no quarto a noite toda, torturando-se com a tradução, cavoucando até encontrar a palavra correta para transmitir algo específico. Huicke nunca viu pedante maior, mas pedantismo é o dom de Udall, é o que faz sua tradução tão mais sutil, tão mais fina do que as outras. Mas os passos e a busca noturna, o trabalho de escolha, e as infindáveis leituras em voz alta em busca de sua opinião o tornaram um companheiro insuportável e Huicke precisou com frequência se levantar no meio da noite e voltar pelos corredores gelados do palácio para seus próprios aposentos.

As palavras são tão familiares que ele quase sabe de cor. Lembra-se de que, quando ia todos os dias a Charterhouse, com frequência interrompia Katherine lendo Erasmo para Latymer — mas em latim. Ele se pergunta como é para ela estar sempre lendo para um marido idoso depois do outro. A profundidade da

paciência de Katherine lhe inspira respeito, pois sua própria paciência é rala como cerveja aguada. Quando ela está longe do rei é outra pessoa, radiante e sagaz, divertida, provocadora, efervescente; não grave assim, com essa risada muda e o sorriso sério. Ela é como um desses lagartos africanos, cujo nome ele esqueceu, que mudam de cor dependendo de onde estão. Mas o livro que escolheu — e tem certeza de que é escolha dela e não dele — é interessante e revela sua parte ousada, escondida. É um daqueles livros limítrofes, não exatamente proibido, mas sem dúvida do tipo malvisto por Gardiner e seus comparsas, que prefeririam que tudo estivesse em latim, para que a ignorância pudesse reinar.

O rei põe sua mão enorme sobre a pele à mostra logo abaixo do pescoço dela, acariciando gentilmente, passa os dedos para baixo e para cima. Ela se inclina para ver melhor à luz da vela e os ossos de sua coluna saltam — uma fileira de ilhotas sobre um fundo creme. Em outras mulheres o inchaço e a gordura saltam por cima do vestido, mas nela não há nada supérfluo nem inchado. Um estranho nunca imaginaria que tem quase trinta e quatro anos. Seu vestido é de adamascado azul-safira com detalhes dourados e cai em dobras que refletem a luz, fazendo-o brilhar. Ela tirou o chapéu e só sobrou a touca de linho branco, que perde a forma e escorrega, emoldurando seu rosto lindamente. Seus dedos seguem as linhas impressas. Ele sempre fica surpreso com o tamanho de suas mãos; são como as de uma criança, e o modo como estão carregadas de anéis faz parecerem ainda menores.

Katherine para e diz alguma coisa, ergue o livro para o marido, aponta uma palavra. Conversam em voz baixa, então Huicke não escuta direito. O rei pega os óculos, segura-os diante dos olhos e examina a página por trás das grossas lentes. Ambos riem, atiçando a curiosidade de Huicke sobre o que poderiam achar de tão divertido no Livro de João. Mas não é a verdadeira risada de Katherine, que beira o abandono, uma verdadeira gargalhada contagiante; é uma risada em ordem, um risinho casto.

Huicke fica impressionado com a aparente leveza dela, pois sabe que por baixo está apertada de tristeza. Anne Askew foi queimada hoje — a corajosa Anne. Tantos de seus amigos tinham, em um momento ou outro, escapulido do palácio sem ser vistos para ir a um dos encontros em que ela pregava. Mais cedo, em seus aposentos, quando ele foi contar que tinha acontecido, Katherine lançou o bordado que estava fazendo ao chão e com isso derrubou um frasco de pomada francesa. Ele se partiu, sujando o tapete.

“O rei ofereceu-lhe perdão se ela se arrependesse. Mas, Kit, ela estava tão

segura de seu caminho rumo ao céu… sua fé era inabalável.”

“Ele poderia ter impedido”, ela repetia. “Não consigo acreditar que não impediu.”

Seu rosto estava de um cor-de-rosa vívido e ela bateu com a mão na mesa tão forte que se machucou. Huicke nunca a tinha visto tão exaltada, tão cheia de raiva.

“Estou com medo”, ela murmurou quando sua fúria se acalmou. “Pela primeira vez, estou realmente com medo. Posso senti-los em volta de mim, observando, esperando, aproximando-se, escondidos nos cantos, em meu encalço. Sei que sempre foi assim, mas isso mudou tudo… estão atrás do meu sangue, Huicke.”

Outra mulher poderia ter chorado por isso, mas não Katherine. Ela é feita de material resistente, e a alegre encenação junto do rei esta noite é testemunho disso.

Entra um dos homens do rei, seguido por um pajem que equilibra uma pilha de pratos. Começam a preparar a mesa para a ceia. É uma ladainha que sempre faz Huicke rir por dentro de tão absurdo, tudo tem que ser feito com a mão correta e nada que vai entrar em contato com a boca do rei pode ser tocado, o que requer um sistema de panos e a destreza de um mágico.

Finalmente acabam e o rei pede vinho, convida Huicke a se juntar a eles, “Se a rainha quiser”, o que, é claro, ela quer.

E então ele também participa da falsa leveza, contente de ao menos poder estar ali para Katherine.

Um arauto anuncia a chegada de Wriothesley, e Katherine pede ajuda a Huicke para vestir o chapéu. Ele o apanha no chão; é pesado, carregado de adornos e joias, pesado demais para o pescoço juvenil dela. Embora tenha com frequência desejado ser mulher, Huicke não conhece as coisas delas e neste momento percebe de repente a complicação e as restrições de suas roupas e fica contente por ser homem. Ela afasta o cabelo do rosto e ele a ajuda com o acessório, como se a estivesse prendendo numa gaiola, enquanto o rei observa em silêncio.

“Nós demos isso a você?”, diz ele.

Quando ela está vestida, vira-se para ele em busca de aprovação e inclina a cabeça para o lado, o que faz Huicke se perguntar como conseguirá se endireitar novamente, dado o peso do adorno.

“Você me deu, meu amor, e é muito bonito.”

“Você vê, nosso gosto é impecável. Veja como a cor realça seus olhos.”

Ela sorri concordando educadamente, e seus olhos dançam e brilham como se estivessem genuinamente alegres.

Wriothesley entra vestindo uma gola ridícula de jaguatirica, embora seja alto verão, exagera na reverência, abaixando-se tanto que a barba quase varre o chão. Katherine e Huicke trocam um rápido olhar, divertindo-se. Gardiner entra logo depois, em seu traje de bispo. Ele consegue fazer a túnica branca e preta parecer bem fora do comum — suntuosas faixas de cetim preto tão volumosas que poderiam ser cortinas —, e a parte de cima é simples algodão, mas intricadamente bordado e franzido, fazendo um efeito exuberante. Seu chapéu é de veludo brilhante e ele usa uma gola branca engomada no pescoço debaixo de seus múltiplos queixos e daquela sua boca virada para baixo. Sua pele tem textura de sebo e ele tem aquele olho caído — bem horrendo. Usa um crucifixo que está tão incrustado de rubis e granadas que mal se vê o ouro. Ambos parecem cheios de si, exultantes, presunçosos. É sem dúvida a execução que alimenta sua euforia — embora não seja mencionada, nenhuma vez, ao longo dos nove pratos. Mas são reverentes com a rainha a ponto de ser absurdo e Huicke se pergunta por que sente que há algo no ar, mas não consegue identificar o que é exatamente.

Chega Surrey, apressado. Ele parece um opilião, com seus membros alongados e brocado preto. Will Parr, que chega junto, não tem a bravata habitual, mas um sorriso forçado e troca um breve olhar preocupado com a irmã ao se cumprimentarem — referência à morte de Anne Askew, sem dúvida. Ninguém mais percebe, e o sorriso está de volta num instante. Surrey escreveu um poema para o rei e o bajula um pouco. Está alternadamente nas graças do rei e em desgraça com tanta frequência que é difícil acompanhar. Mas como está acima de todos os Howard e é herdeiro do maior ducado da Inglaterra, o rei não fica com raiva dele por muito tempo. De qualquer maneira, faz-se um grande rebuliço com o poema, que Huicke julga banal apesar de aprazível. Mas Surrey tem charme de sobra e o rei fica encantado com o interlúdio.

Quando servem as sobremesas, coisas enormes que balançam na bandeja, com cores que parecem absolutamente não comestíveis, o rei pede que tragam o macaco e os dois bufões, se os encontrarem, pois a bufona Jane tem tendência a perambular e se perder.

O macaco, tendo divertido o rei ao devorar a maior parte de um manjar, passeia pela mesa defecando sobre os restos da comida, depois põe a mão nos genitais e começa a se dar prazer, provocando grandes risadas no rei, que faz questão de cobrir os olhos da esposa. Surrey e Will Parr riem sinceramente,

fazendo comentários lascivos. Estão acostumados a produzir o tipo de humor de que o rei gosta. Wriothesley dá um risinho abafado por educação, mas Gardiner parece horrorizado e não consegue produzir nada que se aproxime de uma risada para o rei, que o cutuca dizendo: “Onde está seu senso de humor, bispo? Nunca viu um membro duro antes?”.

O bispo parece querer afundar no chão.

Os dois bufões aproveitam ao máximo a situação, encenando um casamento de brincadeira entre Jane e o infeliz macaco, que desistiu de suas excentricidades pecaminosas. Will Sommers preside — *Você aceita este macaco?* —, enrolado na toalha da mesa, imitando Gardiner, dando corda nas risadas. Gardiner finalmente consegue dar um curto meio sorriso, mas seu rosto parece estar a ponto de quebrar com o esforço.

A bagunça finalmente se acalma, retiram o macaco, trazem o baralho para o piquete e a conversa se concentra em assuntos mais sérios. Discutem o tratado de paz com os franceses que será ratificado em breve, o que deve ser bom — pois a França estará empenhada à Inglaterra por cem anos —, embora acabe com quaisquer esperanças de a Inglaterra se juntar aos príncipes alemães numa liga protestante. Huicke não fala nada, mas é isso que pensa, e supõe que Katherine também. Seja como for, o imperador está se preparando para lutar contra os príncipes alemães, então o sonho de uma Europa evangélica está mais distante que nunca.

“O almirante D’Annebault virá ratificar o tratado”, diz o rei. “E Essex” — ele vira-se para Will Parr —, “você vai recebê-lo. Mostre que nós ingleses sabemos encenar. Vamos subjugá-lo com tanta cortesia e fazer com que volte correndo para François levando notícias de nossa magnífica hospitalidade.”

É um bom sinal, pensa Huicke, pois sugere que o rei ainda está protegendo os Parr, mas o olhar que Wriothesley troca com Gardiner conta outra história. Chega um tocador de alaúde que dedilha num canto, e Surrey e Will Parr se retiram.

“Vejo que seu irmão continua em busca do divórcio”, diz Gardiner virando seu olho caído para Katherine, mal Will Parr se afasta. Ele sabe que esse é um ponto fraco dos Parr. “Nunca vai conseguir.”

“O que pensa do divórcio?”, pergunta o rei, apontando um dedo gordo para a bufona Jane, que levanta as saias e começa a saltitar para a frente e para trás cantando.

Uma velha coruja num carvalho vivia.

Quanto mais via, menos falava
Quanto menos falava, mais ouvia
Por que não temos todos essa sabedoria?

"Haha!", brada o rei. "Você é mais sábia do que a maioria dos meus conselheiros, bufona."

"O que Deus uniu nenhum homem pode separar", recita Gardiner.

"O casamento é um dos sacramentos", completa o rei, de repente sério.

Parece que os dois já tiveram uma conversa em particular sobre o divórcio de Will Parr, e aquilo é um sinal para Katherine, um modo sutil de colocá-la em seu lugar. Huicke está pensando em quanto o rei riu do casamento do macaco… e em todas aquelas rainhas de quem se livrou. Um "sacramento", de fato.

"Erasmo não pensava no casamento como um sacramento", diz Katherine, que não dizia nada havia algum tempo.

Todos viram em sua direção e depois para o rei, perguntando-se como ele reagirá ao contradizerem sua fala de tal maneira. Mas o rei não diz nada, e Katherine parece determinada a dar sua opinião, embora a atmosfera tenha ficado pesada e escura como melaço.

Ela continua: "Erasmo traduziu a palavra grega *musterion* do Novo Testamento original como 'mistério'. Em lugar algum ele encontrou a palavra 'sacramento' em relação a…"

"Você acha que não conheço Erasmo?", vocifera o rei, levantando-se e batendo com força na mesa com um punho que certamente é destinado à esposa.

Sua cadeira balança momentaneamente sobre duas pernas e depois desaba no chão atrás dele, e um pajem corre para levantá-la. Seu rosto fica roxo, os olhos, como lascas de pedra, têm uma expressão fria. Todos se encolhem.

"Correspondia-me com ele todas as semanas quando era menino. Ele escreveu um livro para mim, PARA MIM, e você se atreve a sugerir que não conheço Erasmo." O rei está borbulhando como uma panela no fogo, e aponta um dedo gorducho na direção de Katherine.

Ela permanece imóvel, os olhos baixos, as mãos cruzadas no colo.

"Não vou receber lições de uma mulher. Saia da minha frente. VÁ!"

Katherine desliza para longe da mesa. Somente Huicke ousa ficar de pé, hesitante, enquanto ela se retira, caminhando ereta em direção à porta.

O rei se joga na cadeira dando um suspiro; está visivelmente sem fôlego. "Aonde chegamos?", ele murmura. "Ouvir lição de minha esposa."

Huicke vê Gardiner trocar outro breve olhar com Wriothesley, pouco mais que

uma sobrancelha ligeiramente levantada e um aceno quase imperceptível em resposta, mas carregados de sentido. Descobriram um caminho.

"Huicke", diz o rei, "vá atrás dela, acalme-a. Cuide para que fique bem."

A ironia não escapa a Huicke; a rainha era a menos perturbada de todos, ou era a que menos demonstrava, de todo modo. Ao sair, ouve fragmentos das palavras sussurradas de Gardiner.

"… abriga uma serpente…"

Ele gostaria de agarrar o sujeito e empurrar suas palavras venenosas goela abaixo, até sufocá-lo.

Palácio de Whitehall, Londres, agosto de 1546

Alguma coisa está no ar. Dot consegue sentir a atmosfera pesada que paira sobre os aposentos da rainha, e não tem nada a ver com o calor abafado de agosto. Tudo ficou sem vida, até os cachorrinhos estão esparramados sobre o tapete turco, a língua de fora, arfando. A criada abre bem as janelas dos dois lados do quarto, mas não consegue produzir nem uma leve corrente de ar. Sua cabeça está encharcada debaixo da touca e ela tem vontade de tirar o vestido e ficar só de avental, como faz a maioria das damas quando não há visitas. E não há visitas. Desde que a pobre Anne Askew foi queimada há duas semanas quase ninguém veio aos aposentos da rainha e não houve nada do entretenimento noturno de sempre, nenhum músico, nem poetas, nem mesmo Udall para alegrar as coisas — e Huicke, que praticamente fazia parte da decoração, tampouco apareceu.

A velha Mary Wootten e Lizzie Tyrwhitt estão juntas num canto conversando baixinho, alertas para ver quem pode estar ouvindo. Ninguém nunca se importa se Dot escuta ou não.

"Você sabe o que isso me lembra?", diz Lizzie Tyrwhitt.

"Da concubina", sussurra Mary Wootten.

Dot sabe quem é essa, pois é como alguns chamavam Nan Bullen quando era rainha. Dot enche novamente suas canecas com o jarro de cerveja.

"Isso está quente. Não há uma gota sequer de cerveja fresca em todo o palácio?"

"Não, senhora, nem mesmo para o rei."

"Temo por ela." Lizzie Tyrwhitt parece que vai chorar.

"Por todas nós."

“Mas ela não fez nada de errado. É exemplar.”

“Humpf!” Maty Wootten revira os olhos. “Não é disso que se trata. Se aqueles dois conseguirem pegá-la…” Ela para e aperta os lábios. “Pode ser um inferno.”

Anne vira para elas com um dedo sobre os lábios. “Mais baixo, senhoras. Não quero as criadas assustadas.” Ela olha para o grupo de garotas espreguiçadas apaticamente no outro canto da sala.

Dot leva o jarro para a câmara privada onde Katherine está sozinha, sentada em uma cadeira olhando para o vazio, com um livro no colo.

“Obrigada”, ela murmura enquanto Dot enche sua caneca.

“Madame…” Dot não sabe ao certo como dizer. “O que… não sei…”

Katherine olha para ela, esperando.

“Está acontecendo alguma coisa?”, ela desabafa finalmente.

“Dot, às vezes é melhor não saber.”

A rainha é impenetrável como um bloco de madeira.

“Mas…”

Katherine ergue uma mão em sinal de silêncio. “Se alguém der alguma coisa para você me entregar, um livro, qualquer coisa, você deve recusar.”

Dot faz que sim. Há uma pressão em suas têmporas, como se uma faixa estivesse apertando sua cabeça. Katherine sorri, e de onde ela tira forças é um mistério para Dot, pois a atmosfera está séria.

“Cuide de suas coisas, Dot. Não aparente estar preocupada. Vamos, deixe-me ver aquele seu sorriso.”

Ela força a boca a se esticar nos cantos e começa a juntar um fardo de roupa para lavar.

“Boa menina.”

O rangido do cesto de roupa é o único som enquanto ela percorre a antecâmara, mas quando está prestes a sair, as portas se abrem e um arauto entra com uma reverência, perguntando por Anne.

“Quem me procura?”, diz ela.

Dot consegue perceber um tremor em sua voz.

“O lorde chanceler quer falar com a senhora.”

“Wriothesley”, diz Anne baixinho.

Dot vê a cor sumir de seu rosto e percebe, também, que as outras damas têm o ar de um bando de cervos aterrorizados, olhos arregalados, observando Anne passar por Dot e seguir o arauto para fora do quarto. Wriothesley é o homem que ela encontrou na Torre, Dot descobriu. Ela guardou a imagem dele mastigando a barra de açúcar, todos aqueles pedacinhos presos na barba. A mentira que contou

faz uma úlcera dentro dela como um camarão estragado.

“Dot”, diz Lizzie Tyrwhitt, “o que está fazendo?”

E Dot percebe que o cesto virou e que há roupa espalhada por todo o quarto. Ela está parada como uma idiota, olhando para a porta.

“Ah, perdão”, diz, e começa a recolher a roupa.

“Recomponha-se, garota.”

Dot, toda agitada, corre para a lavanderia, entrega o cesto e diz à lavadeira que é para a rainha, mas não fica para a conversa de sempre. Não suporta estar longe daqueles aposentos horrivelmente silenciosos.

Anne volta, branca como um defunto, como se a tivessem assustado; está muito nervosa e não consegue ficar sentada nem parar de se mexer. Anda apressada pela sala procurando coisas, murmurando sozinha, “Onde pus minha Bíblia? Onde está meu livro de salmos? Onde está minha irmã?”, e torcendo os dedos.

Quando chamam Katherine para acalmá-la, ela se agarra à irmã como se estivesse se afogando.

Então Lizzie Tyrwhitt é chamada e a sala fica abafada de medo, todas elas tendo sobressaltos a cada ruído. Katherine senta-se num canto afastado e lê em silêncio, como se nada estivesse acontecendo, mas a seu lado Anne tem os olhos vazios e enrola os dedos no cordão do cinto como se fosse maluca. Dot não sabe como se comportar e finge estar ocupada cerzindo um buraco invisível numa meia.

Lizzie não demora. Quando volta, diz: “Não tem ar aqui, não sei como conseguem respirar”. Ela começa a remexer em suas coisas e pega o leque. “Não sei. Não sei”, fica repetindo.

Anne Stanhope é a próxima a ser chamada. Se está assustada, não demonstra, sai atrás do arauto como se estivesse indo para um passeio. Dot tem que admitir que não importa que tipo de duas caras detestável ela seja, não é medrosa. Espeta o dedo na agulha. Sente que vai sufocar de medo, que sua mentira vai mandar Anne Stanhope para o mesmo destino que a sra. Askew e será tudo culpa sua. Sua cabeça fica zunindo ao pensar nisso. Dot chupa o sangue no dedo e tenta passar o fio novamente pela agulha, mas suas mãos tremem demais. Não consegue evitar pensar naquela pobre Anne Askew sendo queimada, pergunta-se se o pó a despachou mais rápido como deveria. Ninguém falou nisso, nem um sussurro. É como se tudo acontecesse em outro lugar, e tudo que elas pudessem fazer fosse ficar nessa sala imaginando.

Stanhope volta, cerca de meia hora depois, olhando por cima daquele seu

nariz, como se nada estivesse diferente — e talvez nada esteja. Ela vai direto até Katherine e cochicha algo. Todas na sala observam a reação da rainha, mas ela só faz que sim com a cabeça e continua lendo. Anne Stanhope, sem parecer nem um pouco agitada, senta-se à janela e começa a jogar paciência. Dot a observa virar as cartas na mesa com dedos ágeis; procura um traço de ansiedade, mas não consegue ver. Seu próprio medo diminui um pouco. Com certeza se houvesse um problema com sua mentira daria para ver no rosto ou nas mãos de Stanhope. Mas se Wriothesley ficou zangado com ela por ter mandado víveres para a Torre não há sinal disso. Nesse meio-tempo, outra dama é chamada, e depois outra e mais outra, e cada uma volta parecendo perturbada, mas Anne Stanhope continua virando suas cartas sem levantar os olhos.

Katherine chama Stanhope, diz alguma coisa, e ela começa a juntar os poucos livros que ainda há na sala. Entrega-os para as damas, que, numa agitação silenciosa, escondem-nos no corpo, debaixo das saias, das toucas, embrulhados em tecido.

“Até isso?”, exclama Lizzie Tyrwhitt, quando Stanhope entrega-lhe um maço de papéis. “Poemas de Wyatt?”

“Pode ter algo escrito na margem… nunca se sabe.”

Lizzie assente com a cabeça e esconde os papéis no decote.

Uma por uma elas saem com sua carga secreta. Dot não recebe um livro para esconder e se pergunta se alguém além de Katherine sabe de todos aqueles que ela trouxe para esses aposentos. Sente-se como uma criança que não entende o mundo dos adultos.

Os dias se passam e o tempo não muda. Agora que os livros se foram, as damas não têm o que fazer e ficam ali como fantasmas. Até os bordados estão intactos; elas falam pouco e não fazem nada, arrastam-se para o salão para as refeições e de volta ao quarto, mas nada além. Ainda não há visitas. Huicke foi mandado a Ashridge para cuidar de Elizabeth — ela está doente, dizem. A maior parte dos maridos e parentes, que normalmente aparecem de vez em quando para jogar cartas e ouvir música, se foi — Hertford e Lisle para a França, o irmão da rainha, para a fronteira. Dot prestou atenção para ouvir todas as conversas murmuradas. Não vai ficar no escuro.

William Savage ainda está na corte; tem novas tarefas, no entanto, e nunca está na copa — melhor assim, já vai tarde, pensa Dot. Ela o *viu* de relance no corredor, e escondeu-se para não ser vista, mas ele não vem mais tocar virginal.

Dot agradece a Deus por isso. Ninguém tem cabeça para música, embora a maior parte das noites dê para ouvir os irmãos Bassano nos aposentos do rei, a cantoria e os violinos ressoando pelas janelas abertas pátio afora. Katherine, fria como uma taça de vinho gelado, geralmente recebe ordens para juntar-se a ele e leva Cat Brandon para fazer companhia, ou Stanhope. São as que mantêm a compostura enquanto esperam — para ver o que vai acontecer depois.

A rainha pode ser fria, calma e se comportar como se tudo estivesse normal, mas Dot não é boba e vê como força um sorriso desconfortável antes de deixar qualquer pessoa entrar na câmara privada e como reza com mais frequência que nunca. Tem um novo hematoma debaixo da orelha e Dot a veste com roupas de gola alta para escondê-lo. Katherine insiste em usar suas roupas mais elaboradas, os vestidos mais cravejados de joias, as toucas mais pesadas, apesar do calor sufocante.

"Preciso parecer a rainha", ela diz, quando Dot pergunta se ela não ficaria mais confortável só de avental como as outras damas.

Katherine tira do cofre o crucifixo da mãe, onde permaneceu guardado por anos, e fica com ele na mão, deslizando as pérolas entre a ponta do indicador e o dedão, seus lábios se movendo como se estivesse rezando o terço, antes de embrulhá-lo em uma bolsa de veludo e guardar debaixo do travesseiro. Nunca o usa no pescoço, que está pesado com as joias reais, pedras monstruosas que parecem ainda maiores em sua silhueta fina.

"Abriria mão de tudo isso", ela diz a Dot, segurando uma gargantilha de rubi. "Não significa nada." Mas ainda assim insiste um usá-las.

Ela pode ser vista todas as noites, de relance, pelas janelas abertas do outro lado do palácio, sorrindo e gargalhando. Dot se pergunta como consegue manter aquela fachada alegre quando estão todos à beira de tamanho abismo. O rei a visita quase todas as noites e Dot fica no colchonete do lado de fora, tampando as orelhas para não ouvi-los.

Enquanto isso, preparam a mudança para Hampton Court, e tudo precisa ser arejado enquanto o tempo está bom. Ela desmonta a cama da rainha, solta as cortinas que têm poeira de um ano para levar ao pátio para bater. Sacode os travesseiros e cobertas, manda os lençóis para a lavanderia, separa o que irá com eles e o que deve ficar ali. As colchas precisam ser arejadas e o colchão virado. Chama um dos rapazes para ajudá-la, pois virar um grande colchão de penas é mais difícil que levantar o corpo de um homem gordo — é o que sempre diz Betty, embora só Deus saiba como Betty saberia como é levantar um corpo, gordo ou não. Dot está ansiosa para voltar a Hampton Court e ter a companhia

de Betty novamente, pois, embora seja boca-suja e fale demais, não é complicada e a faz rir. Já cansou deste silêncio complicado.

Ela e o rapaz lutam com o peso do colchão. Quando o levantam, Dot sente algo debaixo dos dedos. É um rolo de papéis enfiados entre as ripas do estrado. Ela solta a ponta com um gemido e o garoto faz um ruído em desaprovação.

“Está pesado demais”, ela diz. “Por que não pede a outra pessoa para nos ajudar?”

Ele sai, dando de ombros e reclamando baixinho das criadas fracas do andar de cima. Quando se afasta, ela tira o rolo de papel. É um maço grosseiro, manchado e amassado, enrolado apertado e amarrado com um pedaço de fita vermelha. Dot consegue ver que tem coisas escritas, pois a tinta atravessou o papel em alguns lugares e ela imagina que seja alguma carta de amor — por que outro motivo estaria escondida debaixo do colchão? —, mas pergunta-se como é que pode ser, pois se a rainha tivesse um amante e trocasse cartas Dot seria a primeira a notar.

Ela pensa naquela outra rainha, Catherine Howard, que perdeu a cabeça por trair o rei. Dizem que assombra o corredor da rainha em Hampton Court. Só de pensar dá calafrios. Dot ouve os rapazes subindo a escada, conversando e fazendo piadas, e vai jogar o papel no fogo, mas está apagado. Não há necessidade de lareira nesse tempo e acendê-la causaria suspeitas — além do mais, não há tempo —, então ela esconde o rolo de papel debaixo da saia. Katherine saberá o que fazer. É provavelmente algo inocente, de qualquer maneira — uma carta da mãe, guardada há décadas como lembrança, ou um poema ou uma oração favorita dos tempos de criança. Mas o que ela teme é que seja uma carta daquele tal de Seymour, que desapareceu da face da Terra.

Com o colchão virado, Dot vai à lavanderia para ver se as roupas da rainha estão secas e prontas para serem empacotadas. Na longa galeria, é parada por Jane, a bufona.

“Devo ir a Hampton Court amanhã?”, ela pergunta, o olho estrábico girando.

Fez essa mesma pergunta uma hora atrás. Dot não entende por que todo mundo escuta as coisas sem sentido que ela diz, quando é burra demais até para lembrar o que lhe disseram há pouco. Mas foi um presente do rei para a rainha, como o macaco, e deve ser tolerada.

“Sim, Jane, está com tudo pronto?”

“Di-li-li-lim…”, canta Jane, fazendo Dot se arrepender da pergunta. Um grupo de cortesãos passa por elas, e Dot precisa se espremer contra a parede para que não esbarrem nela. Sente o rolo de papel debaixo do avental. Saiu um pouco

do lugar. Ela empurra a barriga para mantê-lo no lugar. O grupo passa, roupas esvoaçando, plumas balançando. Entre eles está aquele Wriothesley, com seu rosto pontudo de doninha. Dot abaixa a cabeça para não ser vista. Eles seguem ruidosamente adiante e ela continua seu caminho, passando pela sala dos pajens em direção à porta que leva para a escada da cozinha.

Mas Wriothesley dá meia-volta de repente e para, deixando que os outros sigam adiante, com a barba apontada em sua direção, os olhos fixos nela. “Você é a criada de Lady Hertford, não é?”

Ela sabe que precisa fazer uma reverência. Consegue sentir o rolo de papel escorregar um pouco. Mas não tem escolha. Inclina-se e lá se vai o papel, solta-se do laço e desenrola no chão a seus pés. Rezando para que sua saia esteja cobrindo, ela olha para baixo. Esse é seu erro.

“O que é isso?”, ele exclama. “Afaste-se.”

Dot obedece, deixando os papéis à mostra, sobre o assoalho, com o lado escrito para cima. Sua cabeça gira. Ela quer desaparecer, encolher até ficar invisível, virar poeira, flutuar pra longe. Mas é sólida e está aqui, muda de pavor.

O rosto dele se abre num sorriso. “Pegue.”

Ela se abaixa e pega os papéis do chão, coloca-os na mão estendida dele, e só então percebe quanto está tremendo.

“E aquilo”, ele aponta para o laço que está amassado no chão.

Ela se abaixa novamente.

Quando tenta se levantar, ele coloca o pé em seu ombro, empurrando-a ao dizer “Abaixe-se”, como se ela fosse um cachorro. Ele levanta o laço, examina-o, depois joga-o de volta no chão.

“Está com medo, é?”, diz rispidamente. “Tem motivo para estar?”

“Não, senhor”, ela murmura. “É só…”

“Bem, você deveria estar.” Ele começou a folhear os papéis, detendo-se de vez em quando para ler. “Pois isto”, ele aponta, “é heresia.”

Dot percebe que a bufona Jane ainda está ali, um olho passeando pela sala, o outro observando. Ela começa a cantar com sua vozinha de menina — *O gatinho caiu no poço.*…

“Levante-se”, ordena Wriothesley.

Dot se ergue de um salto, apoiando as costas na parede, desejando que as pedras a engolissem.

“Esqueci seu nome, garota.”

“É Nelly, senhor, Nelly Dent.” Ela olha para a bufona pedindo a Deus que a impeça de deixar escapar a verdade.

“Ah, sim, Nelly Dent. A criada de Lady Hertford.” Ele agarra seu braço com força, com uma mão seca e descascando, e puxa-a para perto. “*Você* vem comigo.”

O rosto dele está tão perto que Dot pode sentir o cheiro de leite azedo em seu hálito.

“Ela é o ponto no horizonte, o grão no oceano, o ponto-final”, tagarela Jane.

“Ah, cale a boca, criatura estúpida”, interrompe Wriothesley, empurrando a bufona e arrastando Dot galeria abaixo.

9

Palácio de Whitehall, Londres, agosto de 1546

Dot sumiu. Katherine perambula por seus aposentos; uma tábua range cada vez que ela pisa, para um lado e para o outro, para lá e para cá. Já faz dois dias e ela mal dormiu de tão preocupada. Sente Wriothesley e Gardiner em seu encalço. A maior parte das damas arrumou uma ou outra desculpa para se afastar do palácio — seguir adiante até Hampton Court, visitar novos bebês na família, parentes que de repente ficaram doentes, ou um primo que está morrendo, um negócio urgente para cuidar —, qualquer coisa para sair da órbita de Wriothesley. Ele as aterrorizou com o interrogatório. Seus aposentos ficaram vazios. As próprias pedras do palácio parecem prender a respiração, esperando os acontecimentos se desenrolarem.

Quem permitiu o interrogatório? Pode-se fazer isso sem a autorização do rei? Ela não ousa perguntar a Henry. Além do mais, mal tem um instante a sós com o rei, e se ele vem a seu quarto à noite traz junto sua comitiva, que espera do lado de fora carregando tochas para acompanhá-lo meia hora mais tarde. O rei ainda tenta produzir um herdeiro, mas ela perdeu toda a esperança de se salvar dessa maneira, pois na maior parte das vezes ele é incapaz de concluir, apesar dos esforços. E onde está Dot? A sombra de Wriothesley paira sobre tudo na forma da Torre.

Só sobrou seu círculo íntimo. Sua irmã, nervosa como um potro, está parada olhando pela janela, roendo as unhas. A mandona Lizzie Tyrwhitt, confiável, e Mary Wootten, que está na corte há tanto tempo que já viu de tudo, estão sentadas no banco costurando camisas para os pobres. Cat Brandon também está ali, bordando ao lado da janela para aproveitar a luz. Não é do tipo que abandona o barco. E Stanhope está à mesa jogando paciência, sempre, e representando a família Seymour.

Katherine deu permissão a Stanhope para se retirar, mas ela insistiu em ficar.

“Precisamos ficar juntos”, ela disse, completando, “estão tentando derrubar os maridos através das esposas.”

É claro que ela está certa. Se Gardiner e Wriothesley pudessem derrubar os Hertford, nada sobraria em seu caminho. Todos sabem que Hertford tem mais

poder que todos os conselheiros privados juntos. E, apesar do fato de ser um reformador, o rei gosta dele — talvez Hertford o lembre de sua falecida esposa, Jane. Gardiner daria o braço direito para ver Hertford cair. Katherine tem que reconhecer o valor de Stanhope: ela precisa ser forte para permanecer nesse ninho de vespas.

A rainha ficaria contente em ter uma comitiva menor, não fosse o fato de que a faz sentir desertada, enfraquecida, como um animal em apuros, que exauriu todos os recursos. Precisa dar a impressão de não estar abalada. O que é o motivo — como explicou a Dot — de usar seus melhores vestidos, rendados, afivelados e enfeitados, e suportar o peso das joias da rainha. Mas onde está Dot? Alguém precisa encontrá-la. Anne está desmoronando e não tem condições de ajudar; Will está longe, como Udall, e até Huicke — cada um deles foi mandado embora sob um ou outro pretexto. Começa a ficar claro. Todos os seus aliados estão longe — os homens, de todo modo. Não é coincidência. Gardiner e Wriothesley escolheram bem esse momento para começar seu plano, seja qual for. Katherine anda de um lado para o outro, tentando manter a mente longe da Torre e do patíbulo.

Mas William Savage, William ainda está aqui, e nele ela pode confiar. Katherine pede a Lizzie Tyrwhitt que chame um pajem para trazê-lo. Quando ele vem, parece perturbado e pálido, contorcendo os longos dedos, os olhos escuros cheios de preocupação. Sabe que se Katherine cair ele irá junto — todos aqueles livros seriam o bastante para condená-lo. Alguém contaria, ou o torturariam até que falasse.

Katherine percebe que está usando um anel de luto esmaltado de preto, e quando ele segura sua mão, ela toca o anel e pergunta: “Sua esposa?”.

William assente em resposta. “No parto.”

“Sinto muito”, ela responde, e depois de alguns instantes continua: “E o bebê?”.

Ele sacode a cabeça em negativa.

Katherine acaricia as costas de sua mão. É macia como a de uma menina.

William consegue dar um breve sorriso ao dizer: “É a vontade de Deus”.

“Isso é verdade, William. Temos que confiar no plano de Deus para nós.”

Ouve-se um barulho no pátio e gritos animados. Devem vir da briga de galos ou das quadras de tênis. A vida segue como de costume em Whitehall, enquanto esse vácuo silencioso reina em seus aposentos.

“Preciso de sua ajuda”, ela diz, apertando a mão dele.

“Você sabe que farei qualquer coisa.”

“Dorothy Fownten se foi.”

William perde o fôlego, os olhos arregalados em choque.

A rainha percebe que ele entendeu errado. “Ela não morreu. Ou, pelo menos, acho que não… espero que não. Ela desapareceu… Dot está sumida, William.”

Ele inclina a cabeça para o lado, levantando a sobrancelha. “Como?”

“Faz dois dias que não a vejo. William, você precisa encontrá-la. Ela é tão importante para mim.”

“E para mim”, ele murmura.

“Perguntei a todas as minhas damas, mas nenhuma a viu, nem na cozinha nem em outro lugar. Só a bufona Jane disse que a viu, mas não consegui nada com ela além de uma rima sem sentido.”

“O que ela disse?”

“Não me lembro, William. Era só bobagem.”

“A senhora precisa tentar lembrar. É tudo o que temos.”

“Era alguma coisa sobre sinos, acho.”

Ela massageia as têmporas como se assim pudesse extrair a memória, e fragmentos de uma canção vêm-lhe à mente. Ela começa a cantarolar a melodia e as palavras vêm junto… *Quando vai me pagar? Dizem os sinos de Old Bailey*.

“Não há sinos em Old Bailey”, diz William. “Deve ser o sino de St. Sepulchre, que fica bem atrás de Newgate.” Ele levanta as mãos com um suspiro e grita: “Ela foi levada para Newgate? Vou até lá”.

“William, não sei como agradecer.” Katherine segura as mãos dele e beija a ponta dos dedos. “Você tem que fazer tudo o que puder. Diga que foi mandando pelo palácio.”

Ele vira para sair.

Katherine o detém pondo a mão em seu braço. “Cuidado, William. E, se você a encontrar, lembre-se de que ela é minha. É a coisa mais próxima que tenho de uma…”

Ela não diz “filha”; sabe como soaria estranho dito em voz alta, pois Dot é uma espécie tão diferente da dela quanto aquele macaco. Ou é assim que pensa a maioria. Mas é verdade: Dot é tão próxima quanto um parente, até mais, às vezes.

“Você partiu o coração dela uma vez e não vai fazer isso de novo”, a rainha completa, surpresa com a dureza da voz.

Ele põe a mão no coração e diz: “Tem minha palavra”, então faz uma reverência antes de sair.

Prisão de Newgate, Londres, agosto de 1546

Dot está sozinha há muito tempo, quarenta e cinco horas. Ela sabe porque contou as batidas de um grande sino ali perto. Bebeu as últimas gotas da água azeda do jarro que alguém deixou quando ela chegou, uma era atrás. Não há nada ali — nenhum banco, nenhuma vela, nenhum cobertor —, só um balde no canto, uma fresta de janela, alta demais para enxergar, que lança um quadradinho de luz no chão, e um ninho de ratos fazendo-lhe companhia. Ela tinha passado as horas da noite petrificada, encolhida em um canto sobre um monte de palha fedendo a urina que tinha conseguido juntar, ouvindo os gritos e gemidos dos outros prisioneiros. Tenta afastar a mente dessas coisas. Ao chegar, batera na porta com ferocidade, gritando, desesperada para que viesse alguém e lhe dissesse o que estava acontecendo, mas as horas passaram e sua voz ficou rouca. Ninguém viria, estava claro. Seus gritos viraram lamúrias e finalmente cessaram completamente, deixando-a com seus pensamentos.

Quando ela pensa sobre o fato nu e cru de que não vai sobreviver, é demais: nunca sentir o sol sobre a pele, nunca apertar um galho de alecrim entre os dedos para sentir o cheiro, nunca mais sentir as mãos de um homem sobre ela, nunca saber o que é dar à luz. Começa a suar frio e precisa se agarrar às pedras ásperas das paredes por medo de cair na escuridão. Dentro de sua cabeça é como os retratos do inferno nas paredes da igreja em Stanstead Abbotts que a assustavam quando menina — demônios horríveis, meio pássaros e meio homens, arrancando membro por membro dos pecadores. Ela se obriga a imaginar Cristo na cruz e murmura de novo e de novo. “Jesus morreu por nós, Jesus morreu e ressuscitou.”

Dot tenta pensar naquela igreja e no grande crucifixo atrás do altar, mas não consegue fixar a imagem na cabeça faz muito tempo. Visualiza uma estátua da Virgem Maria que chorava. As pessoas vinham de todos os cantos para ver aquelas lágrimas sagradas. No final, não eram lágrimas. Eram só gotas de água da chuva de uma série de canos que ia até uma calha que alguém tinha improvisado; ninguém tinha se perguntado por que é que ela chorava só quando chovia. Não surpreende que as pessoas tenham abraçado a Reforma. Sua própria fé está frágil como o gelo da primavera em uma lagoa.

Dot se distrai com a letra das canções de amor que se lembra de anos atrás, cantarolando para afastar os outros pensamentos, mas elas trazem lembranças de William Savage. Ao menos poder vê-lo mais uma vez. Se ela se concentra,

consegue sentir os dedos dele acariciando-a, seu peso, sua respiração em seu pescoço. Vê-se encharcada de lágrimas, sem fôlego, sufocando com elas. E então seus pensamentos voltam ao presente. Se soubesse o que havia naquele papel poderia ao menos ter uma ideia de como se salvar, mas Wriothesley não deixou escapar nada.

Ele a levara para fora do palácio, uma garra em seu braço, os lábios apertados. Dot desejara desesperadamente gritar para que alguém avisasse a rainha, mas não ousou, pois agora era Nelly Dent que não tinha nada a ver com ela. A bufona Jane os seguiu, cantando "*O gatinho caiu no poço*" de novo e de novo até que Wriothesley virou-se e chutou seu tornozelo, fazendo-a ganir como um cão e se afastar. No pátio ele entregou Dot a um homem que amarrou um saco em sua cabeça, colocou-a numa carroça e a trouxe para este lugar.

Uma portinhola se abre na porta e uma mão estende um copo.

"Onde estou?", ela pergunta. "Aqui é a Torre?"

Dot ouve uma gargalhada. "Não sei quem você pensa que é, garota. Pode ter um vestido de lã decente e vir do palácio, mas não é nenhuma daquelas duquesas que perdem a cabeça na Torre, isso está claro como o sol."

"Então onde estou?"

"Aqui é Newgate, garota, e é um palácio bonito, para alguém como você."

"Mas o que vai acontecer comigo?"

"Não pergunta pra mim, garota. Mas sei que, se não pegar esta caneca, não vai ter outra."

Ela pega a caneca. Está pela metade de um caldo ralo e tépido. Ele passa um pedaço de pão seco e fecha a portinhola. Há um caruncho morto no pão e uma mancha de óleo flutua no caldo, mas o cheiro fez seu estômago doer de fome e sua boca saliva. Dot devora tudo e depois se arrepende, desejando ter guardado uma parte, pois não faz ideia de quando virá mais.

Não faz ideia de nada. E não tem nada para fazer além de rezar, esperar e tentar não pensar.

Palácio de Whitehall, Londres, agosto de 1546

É Anne quem se desmancha primeiro. Sua boca é um buraco negro e um terrível uivo animal escapa dali, um grito enlouquecido que reverbera nas paredes do quarto, porta afora, pela galeria e além. Parece um grito de parto. As mulheres estão em silêncio, e juntas — como se numa dança moderna

coreografada — cobrem a boca com as mãos e dão um passo atrás, observando Anne se jogar no chão dando soluços angustiados. Suas saias estão amarrotadas e ela parece quase cômica, como se estivesse fantasiada para uma mascarada. Mas a aflição em seu rosto não é fingida. As mulheres começam a se mover impacientes, agitam as mãos inutilmente, desconfortáveis com essa demonstração, sem saber se seguram os braços agitados dela e a abraçam ou se a deixam se contorcer e soluçar.

Nenhuma delas olha para Katherine, que mal dá sinais de notar o drama da irmã. Está meio virada para o outro lado e segura um papel entre os dedos finos da mão esquerda, lê o que está escrito de novo e de novo, esperando que diga algo diferente. Seu rosto cansado tem uma cor cinzenta e várias pequenas gotas se formam em sua testa. Ela permanece assim, completamente imóvel, por algum tempo, e só os olhos se movem depressa pelo texto, rápidos como moscas, até os gemidos de Anne virarem um crescendo.

“Vamos, Anne, não precisa fazer isso”, ela diz, com uma voz afiada como uma flecha. “Recomponha-se.”

Ela é a irmã mais velha de volta à infância, e Anne é o bebê irritado. Katherine vira-se para ela, abaixa para abraçá-la e Anne coloca o rosto contra o pescoço de Katherine, deixando uma trilha de lágrimas. Ao fazer isso, o papel cai dos dedos de Katherine e escorrega para o chão, voando como um tapete mágico numa corrente de ar. É Stanhope quem se abaixa para apanhá-lo, rápida como um falcão. Ela lê cuidadosamente, sua boca petulante calada, os olhos se arregalando.

“Ah, Deus, não!”, exclama.

Katherine pensa enxergar uma pequena curva para cima em seus lábios. Mas não pode mais confiar no que vê; a situação a deixou desconfiada de tudo.

“É um mandado de prisão contra você. Assinado pelo rei.”

O grupo emite um som de surpresa coletivo, cada uma delas imaginando, ela supõe, quanto está implicada naquilo, o que quer que seja — quanto podem cair. Katherine praticamente consegue ver a mente delas tinindo, elaborando como vão se salvar. Uma palavra sombria vaga pela sala — heresia. Não pode haver outro motivo para prenderem a rainha, embora algumas tenham passado tempo suficiente na corte para saber que as acusações não necessariamente correspondem a algo específico. Lizzie Tyrwhitt torce as mãos como se estivessem sujas de tinta. Mary Wootten põe e tira um anel do dedo. Anne, ainda gemendo e soluçando, segura a roupa da irmã como uma criança ao se levantarem juntas do chão.

“Isso cheira a Gardiner”, diz Cat Brandon, e seu spaniel se levanta ao ouvir o nome. “Não, você não”, ela diz, acariciando a cabeça do cachorro. “Como chegou a você?” Ela se aproxima, falando baixo para que as outras não possam ouvir.

“Huicke me trouxe”, sussurra Katherine. “Ele achou no corredor do lado de fora da câmara privada do rei. Deve ter caído…”

“Não faz você pensar que Deus está do seu lado”, diz Cat, “o fato de ter sido avisada dessa maneira?” Elas ficam em silêncio.

Katherine se pergunta por que, se Deus está do seu lado, seu plano para ela levou a isso. Está testando sua fé? Ou é punição por seus pecados? Todos aqueles velhos pecados estão voltando para um acerto de contas. Como é possível ser humano e estar nesse lugar e não pecar?

“O que você vai fazer?”, pergunta Cat. “Sabe que eu faria qualquer coisa…”

Os gemidos de Anne não se acalmam.

“Estou mais que à altura daquelas cobras”, interrompe Katherine. “Não pense que vão me derrubar tão fácil.”

Sua voz é a única coisa firme no quarto, mas sua mente está agitada. Quão aliviada ela está por ter se livrado de todos aqueles livros. Quão grata está por Huicke estar de volta. Precisa avisar o irmão — só Deus sabe o que ele tem guardado em seu quarto —, mas Will está na fronteira, lutando contra os escoceses. Ela mandaria Dot verificar seus aposentos, mas a garota se foi. Há muitas maneiras de fazer uma pessoa desaparecer em Londres, especialmente alguém de origem humilde como Dot. Katherine sente como se sua cabeça estivesse dando voltas, e tem dificuldade de ordenar os pensamentos. Há uma forma de tortura de que ouviu falar — uma corda com nós em volta das têmporas, apertada cada vez mais com uma clava. Mas ela *precisa* ordenar seus pensamentos. *Precisa* ficar calma e manter esse teatro funcionando. Não vai ser derrubada. Estão todas olhando para ela à espera de instruções.

“Irmã, chega!”, ela diz, mais dura do que pretendia. “Se alguma de vocês ainda tiver livros, panfletos…”, ela começa.

Mas um ruído no corredor a interrompe. Todas se viram. O medo paira no ar como estática antes da tempestade. A porta se abre com um rangido e revela Henry, ladeado por dois guardas.

As mulheres se abaixam fazendo cortesia, os olhos grudados no chão. Ele entra no quarto cambaleando sob o próprio peso e para, com a pele de arminho e a armadura de tecidos intricadamente trabalhados, as camadas, o ouro e os bordados, e a braguilha constrangedoramente enorme espreitando entre as dobras

da roupa como uma espécie de animal de estimação monstruoso.

“O que é isso?”, diz num vozeirão, as bochechas tremendo como pudim. “Mulher?”

“Majestade”, ela diz para as meias brancas do rei, e estende a mão para pegar a dele e beijar o anel.

A mão dela está firme como pedra. Se está com medo — e como não estaria? — não demonstra, nem para o rei, nem para ninguém, nem para si mesma. O rubi é uma gota de sangue. Seus lábios encostam nele. Katherine imagina que está flutuando, no alto das vigas no teto, observando a si mesma ajoelhada diante do marido, com sua roupa vermelha.

“Levante-se, levante-se”, ele diz, movendo a mão com a palma para cima.

Ela se levanta, como se puxada por um fio. As outras permanecem abaixadas.

“Explique para nós o que está acontecendo aqui. Esse alvoroço medonho. Está se sentindo mal?”

“Não, majestade, não sou eu…”

“Olhe para nós”, ele rosna, fazendo chover saliva.

“É minha irmã Anne que não está bem.”

Ela olha nos olhos de pedra dele, que parecem ter afundado ainda mais entre as pálpebras.

“Ah”, ele diz, “não é você, então. Pensávamos que fosse nossa mulher guinchando como um porco no matadouro.” Ele olha para Anne, chorosa, revira os olhos e dá um tapa firme no traseiro de Katherine.

A rainha força uma risadinha amigável.

“Vão andando.” O rei faz um gesto para as mulheres, causando um arrastar de brocados conforme se levantam. “Saiam.”

Elas desaparecem como chamas que se apagam.

É só então que Katherine se dá conta de Gardiner espreitando por trás do rei, seu rosto sebento mal contém o ar de triunfo. O olho caído se move com um tique de excitação. Ele limpa a garganta para dizer alguma coisa.

O rei, parecendo ter esquecido que ele estava ali, vira-se e diz sibilante: “Você também, bispo… xô! Não preciso de você aqui”.

Gardiner se afasta devagar, o chapéu preto na cabeça que balança para cima e para baixo como a crista de uma galinha. O rei dá-lhe um empurrãozinho no peito com a palma da mão antes de bater a porta.

“Então, mulher”, ele diz, levando-a para perto do fogo. “O que a aflige?”

“Majestade”, ela responde, acariciando as costas de sua mão inchada, “acho que o desagradei.” Ela ergue os olhos, arregalando-os por um instante, o

suficiente, antes de escondê-los, abaixando-os.

“Acha que nos desagradou?” Ele parece à beira de uma gargalhada.

Está brincando com ela. Já o viu fazer isso com outros. Uma vespa zune freneticamente na janela, colide repetidas vezes contra o vidro. Tap, tap, tap.

“Quero ser uma boa esposa”, ela diz, a voz suave e doce como creme.

O rei se ajeita, descruzando as pernas, tirando uma de cima da outra e gemendo ao fazê-lo.

“Sua perna dói?”

“O que acha?”, ele devolve.

“Posso fazer alguma coisa para distraí-lo?”

“Assim é melhor.” Ele pega no corpete dela, abre-o e enfia uma pata dentro, como um urso procurando mel no buraco de uma árvore, amassando seu seio; puxa-o metade para fora, de modo que fica dolorosamente preso pela beirada dura do corpete como um pedaço de barro branco. “Não são as tetas de uma cadela prenhe, não é, mulher?”

Katherine sacode a cabeça.

Sua mente transborda pensando na sobrevivência. Ela sobreviveu antes. Vai conseguir desta vez, como o melhor dos atores de Udall, pois não irá para a fogueira nem perderá a cabeça como aquelas outras rainhas, mesmo que signifique fazer o papel de prostituta. Dirige as mãos à enorme braguilha, nota que é bordada de fios de seda vermelha com as palavras HENRICUS REX. Caso alguém se esqueça de quem ele é.

O rei começa a ajudá-la a abrir a braguilha com dedos afobados. “Abaixe-se”, ele diz asperamente. “De joelhos. Podemos fazer você se calar, mulher. Queremos uma mulher quieta.”

Tap, tap, tap, faz a vespa.

Prisão de Newgate, Londres, agosto de 1546

Dot está sentada a uma mesa de madeira com as duas palmas sobre o tampo, como ordenaram ao lhe dar um tapa nas mãos. Os papéis que encontrou debaixo do colchão da rainha estão virados para baixo na frente dela. Quer virá-los para cima, ler o que está escrito, mas há um guarda observando e ela não ousa mover um músculo sequer. O peso morto em sua barriga, o medo pinicando na espinha, o sobressalto a cada som tornaram-se tão familiares a ponto de serem completamente normais. Ela está presa num espinheiro e a cada movimento se

enrosca mais. A sala ao menos não tem o fedor da outra. O sino dá uma hora. O guarda coça o pescoço. Uma mosca zune. Do lado de fora ela ouve vozes, chegadas e partidas. Devem estar perto da entrada, porque Dot escuta regularmente uma pesada porta de madeira ranger e bater e um guarda fazendo perguntas. Desta sala não consegue ouvir as vozes dos outros prisioneiros, que a impediram de dormir nestas últimas noites. Perdeu a conta das horas há muito tempo e não faz ideia se está ali há uma semana ou há um mês.

Chega alguém; ela escuta um guarda do lado de fora perguntar a que veio.

"Venho do palácio", diz a voz.

É uma voz que ela nunca poderia esquecer; seu som está gravado em partes secretas dela. É William Savage. Seu coração se anima. Dot deseja que ele abra a porta e a encontre, observa a maçaneta esperando que se mova, presta atenção para ouvir o barulho suave de passos se aproximando.

"Você serve o lorde chanceler?", diz o guarda.

"Não, não", diz sua voz tão querida. "Estou procurando Dorothy Fownten, que desapareceu recentemente do palácio de Whitehall."

Ele veio buscá-la.

O coração dela bate nas costelas como uma marreta. Dot imagina o guarda, ou seja quem for o homem na porta, abrir um livro e percorrer uma lista de nomes. As mãos dela estão tremendo agora, não de medo, mas de ansiedade. Aperta-as contra a mesa para esconder a tremedeira. Will vai salvá-la deste lugar — o tão querido William Savage. O guarda fecha de repente o punho no ar, num estalo. Apanhou a mosca e deixa-a cair sobre a palha.

"Não tem ninguém com esse nome aqui", vem a voz do outro lado da porta.

Como se tivesse engolido uma lesma, ela se dá conta de que não é Dorothy Fownten. Ela é Nelly Dent. Consegue senti-lo escapar, sente-se ela mesma escapando, quer correr para a porta, esmurrá-la até as mãos sangrarem, gritar para ele que está ali. Mas fica sentada, imóvel como pedra, paralisada — não pode trair a rainha. Porém, não consegue evitar o desejo de que ele abra a porta, de vê-lo com os próprios olhos.

Abra a porta, abra a porta, encontre-me, encontre-me. Sou eu, seu ponto-final.

Ela escuta as portas de fora se fecharem. William se foi.

Sua respiração está curta, mal chega aos pulmões, e ela sente lágrimas se formarem nos olhos. Mas não vai dar a nenhuma dessas pessoas, esses brutos, a satisfação de vê-la chorar.

Parece eterno o tempo que espera. Tenta afastar os pensamentos do desespero,

mas aqueles papéis estão ali na frente e seu pensamento vai sem parar à palavra que Wriothesley tinha usado — “heresia”. Com ela vêm o calor, as chamas e os gritos dos mártires. Mas ela não é nenhum mártir. Não consegue pensar no que dizer a Deus quando reza. Rezar nunca foi mais que uma rotina, e ela mal pensou no estado de sua alma. Mas agora pensa nisso, na sua falta de orações, há anos e anos, toda aquela descrença. Sente os espinhos se apertarem ainda mais em volta.

A porta se abre e Wriothesley aparece segurando um sachê de ervas aromáticas no nariz. Suas roupas são um caos de cores e texturas diferentes. Um pajem vem atrás, carregando uma grande bolsa e mais uma peça de roupa no outro braço, que Wriothesley acabou de tirar, ela imagina.

“Saia”, vocifera Wriothesley para o guarda, que lhe dá um olhar insolente de relance que só Dot percebe.

O pajem põe a bolsa sobre a mesa e puxa uma cadeira para seu mestre sentar; Wriothesley senta-se, fazendo-a ranger.

“Então”, ele diz, inspirando o perfume do sachê com uma fungada sonora. “Nelly Dent. Vamos resolver logo esse assunto. Sou um homem ocupado.”

Ele pega os papéis e joga-os para ela. Funga. Dot dá uma minúscula estremecida, o que provoca um pequeno sorriso nele.

“De quem são estes papéis?”

“São meus, senhor.” Ela sabia que ele perguntaria isso, e tinha a resposta pronta. “Recebi de um amigo.”

“Seus.” Ele funga novamente. “Seus?”

“Sim, senhor.”

“O que uma garota sem educação como você faria com papéis escritos?” Outra fungada. “Diga-me de quem são.” Ele se inclina para ela e aperta o dedo na parte mole do pescoço dela.

Dot engasga e se esforça para conseguir respirar. Mas fica firme, e ele acaba soltando.

Ele funga. “Não pense que não vou arrancar a verdade, Nelly Dent”, diz.

“São meus, senhor.”

“Não me faça de bobo, Nelly. Uma coisinha grosseira como você não tem o que fazer com… como posso dizer?” Funga. “Acho que o macaco da rainha lê com mais facilidade do que uma menina… uma menina que fede a esgoto. Estou surpreso que a condessa de Hertford tenha empregado uma coisa como você.”

O pajem, que está ao lado da porta, deixa escapar uma risadinha.

“Lembra-se de Catherine Howard? Mal sabia assinar o próprio nome e foi

rainha. Diga-me, Alfred…” Ele vira-se para o pajem. “Suas irmãs sabem ler?”

“Quase nada, senhor”, diz Alfred, cujos ombros estão encurvados agora.

“Está vendo?” Ele sacode os papéis diante dela, fazendo uma brisa em seu rosto. “E as irmãs dele são *damas*, não são, Alfred?”

“São, senhor.”

“Pois seu pai é conde, se não me engano.” Outra fungada.

“É isso mesmo, senhor.”

“Então se as filhas de um conde *mal* sabem ler, como é que fica a escória como você, Nelly Dent?”

Ela imagina uma língua bifurcada escapando entre os lábios dele.

“Não sei, senhor”, ela murmura.

“Vamos, então.” Funga. “Prove.” Ele joga o maço de papéis para ela. “Leia para mim.”

Alfred está rindo abertamente. Wriothesley sorri com sarcasmo.

Dot pega os papéis e, controlando a voz, diz: “O senhor quer que eu leia tudo?”.

“Ouviu isso, Alfred?”

O pajem agora está se contorcendo de rir.

“Ela está perguntando se deve ler tudo.” Ele vai para o lado dela na mesa e aponta algumas linhas. “Isto.”

A letra é um rabisco e está borrada em alguns trechos, mas ela correu os olhos pela primeira página. “Último testemunho de Anne Askew”, diz no alto. Dot começa a ler as linhas que ele apontou. “‘Li na Bíblia que Deus fez o homem…’”

Os dois olham espantados para ela, como se fosse um macaco de circo.

“‘… mas em lugar algum ali se diz que o homem pode fazer Deus.’”

Eles não dizem nada. Ainda a observam com os olhos arregalados, como se ela tivesse duas cabeças ou quatro braços, então Dot continua a ler.

Até que Wriothesley encontra sua língua bifurcada. “Chega!”, ele exclama. “Você demonstrou seu argumento. Mas por que tem coisas tão heréticas? Quem deu isso a você?”

“Foi a própria Anne Askew, através da criada, quando levei os víveres para ela.”

“Anne Askew?” Os olhos dele brilham subitamente.

“Sim, senhor, ela queria me converter à nova fé.”

“E você se converteu?” Funga.

“Acho que não, senhor.”

“Isto é heresia, Nelly Dent, e você deveria ir para a fogueira.” Os lábios dele estão apertados, como o traseiro de um cachorro. Mas o fogo se extinguiu completamente, sua voz e suas palavras são vazias, e Dot sente uma pequena vibração de triunfo percorrê-la. “Sabe que torturamos mulheres mais bem-nascidas que você. Anne Askew foi uma delas.”

Não há mais ameaça nele. Não conseguiu o que queria, o que quer que fosse. Ela se atém às palavras “você deveria ir para a fogueira” — *deveria ir,* não *vai,* nem *pode ir*.

“Por mim você pode apodrecer aqui”, diz Wriothesley rispidamente, dando-lhe as costas depressa, suas camadas de roupa esvoaçando com o movimento quando deixa a sala.

Alfred junta suas coisas e vai atrás.

“Leve-a de volta para a cela. Mandarei instruções sobre o que fazer”, Wriothesley late para o guarda e vai embora.

Palácio de Whitehall, Londres, agosto de 1546

William Savage é recebido nos aposentos da rainha. Sua aparência preocupada é indício suficiente de que não tem boas notícias. Katherine segura um saquinho de lavanda perto do rosto; seu cheiro suave compete com o perfume forte de olíbano do óleo que queima no aquecedor, preenchendo o quarto — a tentativa dela de apagar o fedor da visita do rei. À janela, Cat Brandon amarra a touca da bufona Jane, que estava solta. Jane murmura sozinha suas asneiras. Mary Wootten e Lizzie Tyrwhitt dobram roupas e colocam num grande baú, preparando a mudança para Hampton Court no dia seguinte. Katherine se pergunta se não partirá na direção oposta. A lembrança daquela fortaleza cinzenta a assombra.

O rei tinha ido embora com o humor melhorado. Não dissera nada sobre o mandado de prisão, e ela não ousou mencioná-lo. Mas ele pediu que ela fosse a seus aposentos naquela noite, dando-lhe o mais fino dos fios em que se agarrar — a não ser que a intenção seja de que os guardas a prendam. Não costuma ser assim, no entanto; sua irmã Anne já viu acontecer duas vezes, Mary Wootten também. O rei se afasta primeiro, dizem, desaparece para outro palácio. Em seguida mandam alguém buscar as joias. As joias da rainha não pertencem a ela (Katherine estava esperando a chegada de alguém para buscar o cofre — seria Wriothesley, provavelmente, com um sorriso malévolo naquela boca afetada —,

mas ninguém veio.) Quando as joias se foram, a rainha — quem fosse, uma Anne ou uma Catherine — tem que esperar por horas insuportáveis, imaginando o próprio destino, o pânico fervendo como ácido. E quando ela está bem cozida a fogo brando, reduzida — então, eles vêm buscá-la.

Katherine manda William Savage entrar. O olhar nos olhos dele a faria chorar, não tivesse ela cauterizado as lágrimas. Não podem vê-la fraca. Conhece bem o rei; se ele ficar sabendo de sua fraqueza, vai pisoteá-la com ainda mais força.

Anne vem às pressas do guarda-roupa. “Kit”, ela exclama, o rosto aterrado. “O crucifixo de mamãe. Sumiu.”

“Está comigo, Anne.” Katherine abre a mão para mostrar-lhe a gargantilha. A pérola maior fez uma marca profunda na palma de sua mão. “Não *vão* pôr as mãos nisto”, ela completa em voz baixa.

“Ah, sr. Savage”, diz Anne, ao vê-lo por ali. “Tem notícias de Dot?”

“Infelizmente não, senhora.”

“O ponto-final”, diz a bufona Jane do outro lado da sala.

Cat manda-a se calar.

“O que foi que você disse, bufona?”, pergunta William Savage.

“O ponto-final”, ela repete. “O grão, o ponto no horizonte.”

As mulheres se entreolham, perplexas.

“É assim que eu a chamo”, explica William Savage. “Ponto-Final.”

“Venha, Jane”, diz Katherine.

Cat a leva pela mão, como faria com uma criança pequena.

“O que você sabe sobre Dot? Você *precisa* contar.”

Um olho de Jane move-se loucamente; o outro olha fixo para as mãos. Ela cutuca as unhas, parecendo limpar uma sujeira invisível debaixo delas.

“Jane”, diz William com a mais suave das vozes. “Por favor…”

A garota começa a cantarolar baixinho, meio cantando, meio falando: “*Nelly Bligh pegou uma mosca e amarrou no barbante. Deixou-a voar um pouquinho depois puxou-a de volta*”.

Katherine segura a manga de Jane, dizendo: “Mas o que isso significa?”.

A garota simplesmente começa uma nova música: “*Deborah Dent tinha um jumento bonito, um-dois-três, é sua vez, tralalalalá*”. Seu olho solto se fixa momentaneamente na mesma direção do outro, cruza brevemente com o olhar ansioso de Katherine, antes de sair sem destino novamente. Outra rima começa: “*Quando vai me pagar? Dizem os sinos de Old Bailey*”.

“Isso de novo não”, diz Anne. “Não está nos levando a nada.”

A porta da sala range de leve, fazendo Jane perder o fôlego e agarrar-se a Cat

como se tivesse visto o próprio demônio. Rig entra correndo e vai para o lado da dona.

“Calma, Jane”, diz Katherine. “Não há nada com que se preocupar.” Ela acaricia o ombro da garota. “Por que não vai procurar Will Sommers? Ele vai proteger você. O sr. Savage pode levá-la.”

William Savage faz uma reverência e se retira, dizendo: “Vou continuar procurando. Não descansarei enquanto não encontrá-la”.

“Essas rimas infernais”, diz Anne depois que eles saem. “Alguns dizem que ela é mais sábia que Matusalém. Acho um exagero de imaginação.”

“Estou preocupada com Dot”, diz Katherine, parecendo falar sozinha. “Ela não tem família que defenda seus interesses. Foi leal a mim e eu só lhe trouxe adversidade.” A rainha sente a pressão da culpa. Depois, vira-se para a irmã e pergunta: “Anne, você me ajuda a me vestir para o rei? Preciso usar minhas melhores roupas esta noite. Devo estar impecável”.

Katherine desliza pela longa galeria, ladeada por Cat Brandon e pela irmã Anne — três pássaros exóticos, de colorido brilhante. Seus trajes foram tirados às pressas dos baús que estavam embalados e prontos para a mudança para Hampton Court no dia seguinte. Katherine usa um vestido adamascado azul-celeste com mangas e corpete de cetim da cor do peito de um dom-fafe, todo bordado com lantejoulas. No pescoço leva um colar de pérolas grandes. Anne está de seda listada carmim e branco com as esmeraldas dos Herbert, e Cat de tafetá amarelo-canário sob uma capa de veludo azul meia-noite. Os véus das três descem pelas costas, e a cauda se arrasta atrás delas, apanhando uma fina camada de sujeira nas beiradas e fazendo pequenas espirais de poeira girarem na barra das saias. Um par de arautos segue adiante, virando de vez em quando para olhar de relance essas criaturas esplêndidas com sua bela plumagem dirigindo-se aos aposentos do rei. A multidão habitual de cortesãos perambula pela grande antecâmara, abrindo-se como o mar Vermelho conforme elas passam. Boatos circularam por ali, de boca em orelha em lufadas invisíveis. Todos sabem quanto o rei gosta de pássaros raros à mesa, de um jeito ou de outro.

Katherine está pensando no mandado com a assinatura do marido gravada com tinta preta. Era de seu próprio punho, e não estampada com o grande selo que usam para tantos documentos oficiais ultimamente, e a rainha o imagina segurando a pena e acabando com sua vida num floreio. Isso a assusta. É como se tivesse assinado em seu próprio corpo. Ela jogou o mandado no fogo.

Pergunta-se que versão do marido a espera. Mas ele pediu para vê-la, e isso deve ser bom — talvez tenha se cansado de se livrar das esposas. Ainda assim, no entanto, Katherine pulsa de medo diante da ideia de que pode chegar em seus aposentos e não o encontrar, e sim uma tropa de guardas esperando para escoltá-la rio abaixo. Está com uma das rimas infernais de Jane na cabeça… *Nelly Bligh pegou uma mosca e amarrou no barbante.* A preocupação com Dot a incomoda, a pobre desaparecida. Um braço vem se cruzar no seu. É Stanhope, de cetim farfalhante e com um rubi grande como um botão de rosa, pendurado numa corrente. Veio se juntar a elas e Katherine se pergunta, ao trocarem um sorriso, se é por solidariedade ou para tripudiar.

A rainha tem as palavras de Huicke em mente. “Seja dócil, Kit, e pelo amor de Deus guarde suas opiniões para você. Sua vida depende disso.”

Como pode agradecê-lo por tudo que fez, trazendo-lhe o mandado, arriscando a própria vida por ela? Há algumas coisas grandes demais para simples gratidão. Ele tinha voltado mais cedo de Ashridge, sem ter encontrado nada de errado com Elizabeth. Tinham-no tirado do caminho, estava claro. Fora Paget quem o mandara. Mas ele está de volta agora e isso a fortaleceu. O médico ficou pensando no mandado, se alguém o deixara cair de propósito para que ele o encontrasse, esperando que servisse de aviso, ou se fora um erro fortuito da parte de seus inimigos. Ou obra de Deus. Provavelmente nunca saberiam.

“Vista-se como uma rainha, Kit”, ele disse, “e, lembre-se: seja dócil.”

“Submissa”, ela completou.

“Aquiescente.”

“Complacente.”

“Silenciosa.”

Deram risada, apesar de tudo.

Huicke se despediu com um leve beijo no rosto e as palavras “Bem-aventurados os mansos, Kit”. Estava sorrindo, mas sua expressão era de preocupação.

Elas param diante da porta da câmara privada do rei. Katherine troca olhares com Cat, que faz um movimento com a cabeça encorajando-a. Alguém lá dentro está tocando alaúde, outra pessoa canta… *Quem ficará com a bela dama, quando as folhas estiverem verdes?* É uma música conhecida, mas Katherine não se lembra de onde. Há um burburinho de vozes masculinas e Katherine tem certeza, com uma pontada de alívio, que consegue distinguir o tom sonoro do rei entre elas. Ele com certeza não estaria presente para testemunhar sua prisão. Os arautos do rei e os dela conversam em sussurros, antes de as portas se abrirem.

Estão todos ali: Gardiner, Rich, Paget, além dos cortesãos de costume, reunidos em volta da enorme silhueta de Henry. Mas Wriothesley não — estará esperando por ela na Torre com seus instrumentos de tortura?

Uma manta de silêncio cai sobre a sala quando as mulheres entram. Um instante de paralisia antes de os homens se lembrarem de si mesmos, ajoelharem-se e tirarem o chapéu. Henry está inescrutável, esparramado em sua cadeira, como um enorme sapo.

"Ah! É minha rainha", diz ele. "Venha, sente-se comigo, querida." Ele põe a mão no colo.

Então devo ficar reduzida a balançar em seu colo como uma criancinha, pensa Katherine, sentando-se ali e dando uma beijoca nos lábios úmidos dele. Depois que se senta, os homens trocam de lugar para acomodar suas acompanhantes. Ela percebe a careta mal disfarçada de Gardiner. É como um cachorro que espera ganhar um osso.

Paget, ainda abaixado numa reverência cerimoniosa, diz: "Tenho certeza de que nem mesmo a corte do rei François tem como adorno tais beldades".

"Estávamos falando de Deus, não estávamos, Gardiner?", Henry diz, ignorando Paget e apontando com a mão gorducha para o bispo.

Eles sabem que ela não consegue se segurar quando se trata de religião. É a armadilha. Acham que a pegaram.

"Estávamos de fato, majestade." O olho caído de Gardiner vira para ela de relance.

"Discutíamos a salvação pela fé. O que acha disso, querida?" Ele acaricia o joelho da esposa, remexendo no tecido azul-celeste para sentir a forma da perna por baixo, agarrando sua coxa.

Querem fazê-la falar inadvertidamente de Calvino. Consegue perceber todos olhando para ela, e sua pele parece esticada como se tivesse encolhido e ficado pequena demais para abrigá-la. As palavras de Huicke dão voltas em sua cabeça: *dócil, aquiescente, silenciosa*. Não é tão engraçado agora.

"Majestade", ela responde, "só sei que Deus me fez nada mais que uma tola mulher. Não poderia querer saber mais que o senhor. Devo…" Ela faz uma pausa. "Farei meu julgamento a partir de vossa sabedoria, que é minha única âncora aqui na terra, ao lado de Deus."

O rei aperta sua coxa com mais força. "Mas", ele diz, "se esse fosse o caso, não estaria constantemente buscando nos instruir com sua opinião."

Um milhão de ideias rugem na cabeça de Katherine e a sala parece encolher; todos ficam distorcidos, com feições grotescas enquanto observam e esperam

sua resposta. Ela precisa domar a parte de si que quer pular do colo do marido e se defender; responder que gostaria de *instruí-lo* porque é ignorante e pobre de espírito, e suas ideias e questionamentos são de longe mais elaborados que os dele.

Um pedaço de carvão cai da lareira, rola em brasa sobre o chão de madeira. Um pajem se adianta, apanha-o com a pinça e esfrega com o pé a marca de fuligem que ficou. Stanhope brinca com seu rubi, subindo e descendo pela corrente. Anne segura com força a caneca de cerveja. Gardiner estremece, ainda esperando aquele osso. A sala paira em suspensão.

"Acho inapropriado e escandaloso que uma mulher decida ensinar o marido." Ela mantém os olhos baixos e a voz firme. "Se alguma vez dei a impressão de fazer isso, não foi para defender minha própria opinião, e sim na esperança de distrair vossa majestade da dor terrível de sua enfermidade. Minha esperança era de que vossa majestade encontrasse nisso algum alívio, mas também" — ela acaricia as costas da mão dele, depois olha em seus olhos, arregalando os seus como um gatinho — "que eu pudesse me beneficiar de seu grande conhecimento em tais assuntos."

O rei a abraça, dizendo com um sussurro úmido em sua orelha: "Assim é melhor, querida. Agora somos amigos de verdade outra vez".

Katherine se enche de alívio. Recebeu um indulto — por enquanto. Mas percebe melhor que nunca que sua segurança depende dos caprichos de um velho volúvel. A rapidez com que Henry deu meia-volta a faz pensar se aquilo era mais um teste desleal do que uma armadilha. Não acredita que ele já tenha esquecido toda a história. E o que é amizade de verdade, de todo modo, para uma pessoa inconstante como o rei?

Gardiner está tremendo de decepção.

Katherine sorri para ele, dizendo: "Bispo, seu copo está vazio. Talvez queira mais cerveja".

Ele estende o copo para que o encham, mas não consegue se obrigar a sorrir de volta.

Ela venceu, mas é um triunfo tão frágil quanto a teia de uma aranha.

A partida está programada para quando a primeira maré estiver subindo, de modo que a viagem a Hampton Court não demore muito. Katherine tentou adiar, não suportava a ideia de partir sem Dot. Mas ela ainda não foi encontrada e Katherine não sabe mais onde procurar ou a quem perguntar. Suas esperanças

minguadas estão em William Savage.

Enquanto isso, a barca do rei flutua placidamente ao lado da sua no centro da flotilha que transporta seu círculo próximo. Ele acena para ela com aquele olhar que costumava ter, o mesmo do rosto dos reis magos em volta da manjedoura na grande tela de que se lembra vagamente em Croyland — uma adoração benigna. Katherine se pergunta onde estará essa pintura agora — decorando os aposentos de algum duque, sem dúvida. É como olhava para ela antes de se casarem. Se a noite anterior foi um teste, ela passou. Mas não há motivo para baixar a guarda, pois foi tão fácil fazê-lo mudar de ideia que seria mais fácil ainda fazê-lo voltar atrás. Surrey está na barca do rei e troca um olhar com ela, acenando com a cabeça em solidariedade. Ele também sabe o que é estar por um fio, ora nas graças do rei ora em desgraça.

As chaminés vermelhas e as torres do palácio aparecem de repente, estandartes dançando à brisa, quando eles fazem a curva no rio. Logo o edifício se revela por trás da vegetação nas margens. Essa vista nunca deixa de surpreendê-la, a vastidão do lugar, seu caráter inovador, sua audácia. Quando desembarcam, o rei segura sua mão, leva-a para o jardim, embora Paget o siga como uma mosca indesejada brandindo um maço de papéis que precisam de sua atenção.

O rei o espanta. “Agora não, Paget, agora não.” Vira-se para Katherine depois e diz: “Venha, Kit, vamos ver o que os jardineiros andaram plantando”.

Eles andam de mãos dadas, e o rei conversa alegremente sobre uma coisa ou outra. Ela se abaixa para apanhar a perfeita semiesfera de um ninho de passarinho caído. Dentro, aninhados num amontoado de plumas e penas, há três pequenos ovos pintados. Ver isso a faz sentir-se bem desolada. “Que triste”, ela murmura.

O rei pega o ninho, dizendo: “Não se preocupe, querida Kit, estes pequenos vão sobreviver”. E coloca-o de volta nos galhos de uma árvore.

Mas a sensação de vazio e o abatimento não a deixam. Ela se pergunta quando deixou de desejar um filho por si só e começou a querer um para sua própria segurança. Mas já abandonou toda a esperança. E Dot? Ela não ousa mencioná-la para o rei, por medo de acender uma nova suspeita. Eles caminham um pouco mais e finalmente sentam-se em um banco na sombra de um jardim geométrico fechado com altas cercas vivas, onde ele a puxa para perto para que apoie a cabeça nele. O rei cantarola; ela consegue sentir o som reverberando em seu peito e acaricia a parte macia de suas têmporas — aquela que, seu irmão dissera uma vez, poderia matar um homem se você apertasse com bastante força.

Está silencioso o suficiente para ouvir os peixes nadando na lagoa, mas Katherine começa a ouvir, além do canto suave do marido e do barulho ocasional de um peixe, um som metálico e o ruído inconfundível de pés em marcha. O barulho se aproxima, fica mais alto, e a canção do rei esmorece quando Wriothesley surge no portão de cerca viva diante de um pequeno exército de vinte homens, sentinelas reais, armados e vestidos com as cores do rei.

"Ah, Deus me salve", murmura Katherine. "Achei que tivesse acabado." Ela esgotou suas resistências e pensa: levem-me agora. Levem-me e façam o que quiserem. De todas as maneiras que tinha imaginado, nunca achou que seria assim. É o jogo mais cruel de Henry até então, fazê-la acreditar que foi poupada e depois…

Mas o rei está de pé, com a cara fechada e grita com o chanceler. "Patife! Seu completo patife! Besta! Idiota!", grita ele. "Suma!"

Wriothesley faz sinal para os guardas pararem com a mão visivelmente tremendo. Parece não saber como responder.

O rei está tremendo de raiva e parece incapaz de parar de gritar. "Saia da minha frente, velhaco", ele ruge, a respiração ruidosa de tanto esforço.

Aturdido e pálido, Wriothesley dá meia-volta e bate em retirada, encolhido e humilhado, sob o olhar dos guardas. Ele sabe, como ela, que até o jantar a história estará circulando pelo palácio — que ele chegou para prender a rainha e o rei o mandou embora, chamou-o de bobo e velhaco na frente de um grupo de alabardeiros. Wriothesley usou a carta errada — tão atípico da parte dele. Ninguém o informou sobre os acontecimentos da noite anterior? Talvez o rei o estivesse testando também — mas em *seu* teste Wriothesley fora reprovado.

"Aquele homem está brincando com fogo", grunhe o rei.

"Acho que ele só se enganou, majestade, tenho certeza de que não quis ofender. Vou chamá-lo de volta para se desculpar com você."

"Ah, minha querida, mal sabe você", ele diz, acariciando seu rosto e passando a mão pela parte macia do pescoço. "Aquele homem foi um completo patife com você. Queria que você caísse como as outras, minha querida. Deixe-o ir embora, aquele diabo, como castigo."

Prisão de Newgate, Londres, setembro de 1546

O tempo perdeu todo o significado para Dot, os dias se fundiram um no outro e a garota se pergunta se o mundo esqueceu que ela existe. Ela mesma mal

acredita nisso. Parou de contar as batidas do sino e de observar sinais de que é dia ou noite na janela estreita. Dorme quando está cansada, acorda quando não está, e come sem reclamar os víveres miseráveis que lhe trazem. Toda segunda-feira ao soar das nove, os prisioneiros condenados são levados para o destino final. Ela sabe disso porque o cadafalso é do lado de fora de sua cela e escuta as últimas palavras, confessando culpa e implorando pela misericórdia do Senhor, ou alegando inocência até o fim. Geralmente fazem uma oração ou declaram amor pelos familiares, cujas lamúrias e soluços engasgados também podem ser ouvidos. Depois vem o ruído surdo do alçapão, e junto o medo congelante que perfura suas entranhas, trazendo à tona pensamentos sobre seu próprio destino.

Ela nunca viu um enforcamento; nada parecido acontecia em Stanstead Abbotts, só um ou outro ladrão ia preso por roubar um pão ou um pedaço de carne. Sempre sentia muito por eles, não importava o crime, pois segundo seu raciocínio só roubavam se estavam passando fome. Nunca foi uma daquelas que atiram repolho podre neles. Já viu algumas coisas violentas, sentiu seu quinhão de medo, mas a ideia de ir para o cadafalso — ou, pior, a fogueira — é demais.

No entanto, Dot não consegue evitar a imagem de sua própria morte, a terra fria se amontoando sobre ela. Não suporta pensar nisso, mas não consegue evitar. Faz um buraco nela. Com vinte anos, é jovem demais para morrer. Meg só tinha dezenove. Mas Meg poderia ter morrido quando Murgatroyd drenou toda a sua alegria. Dot ouve as palavras da amiga: “Tenho medo, Dot. Medo de morrer”. Se Meg teve medo de morrer, com toda a sua fé, as orações e as leituras do evangelho, o que será de Dot, então, que pensou mais no rei Arthur e em Camelot do que em Deus? Ela tenta pensar em Deus agora, mas sua cabeça está cheia demais de medo para funcionar direito.

Acha que teria enlouquecido completamente se não fosse por Elwyn. É o guarda que a vigia a maior parte do tempo, o que estava ali no dia em que Wriothesley veio interrogá-la. Elwyn não conseguiu esconder seu desprezo pelo homem. Quando a levou de volta à cela aquele dia, chamou-o de “um maldito bruto católico”, e deu a Dot uma ração dupla no jantar. No dia seguinte trouxe um cobertor, cheio de traças, mas ainda assim um conforto, e alguns dias mais tarde um livro. Ela já tinha visto um parecido antes, na biblioteca da rainha, embora aquele fosse gravado em ouro sobre o melhor couro de vitelo, com folhas finas como pele. Este não era nada em comparação, com encadernação grosseira e papel grosso, mas as palavras eram as mesmas. E então ela leu todo dia até ficar melhor do que algumas das garotas educadas do palácio. Era de Martinho Lutero e falava de todas as coisas sobre as quais a rainha e suas damas

conversam aos sussurros.

Dot pensa naquilo. Se o pão na missa *realmente* se torna o corpo de Cristo. Se você precisa de milagres para acreditar em Deus ou se basta simplesmente ter fé — ela não entende bem essa questão. Tanto faz, embora nunca tenha dito isso a ninguém, e em segredo deseja que Elwyn tivesse dado outra coisa para ela ler — um romance, uma história de cavaleiros, donzelas e mágica. Mas para que serve ler e sonhar com Camelot quando ela não passa de um animal enjaulado? Pode aproveitar para se educar, e Lutero é um bom começo, imagina. Quando ele fala de fé, faz Dot pensar em Anne Askew, que não se arrependeu para salvar a própria vida. Ela não tinha entendido a princípio, mas agora pode ver que, se você acredita em alguma coisa, realmente acredita de verdade, e é fiel àquilo, então sua vida faz sentido.

Outras vezes ela pensa em William Savage. Pergunta-se como as coisas poderiam ter sido se não fossem do jeito que eram, imagina como é a esposa dele e se têm um monte de filhos, pequenos Savage que Dot teria dado tudo para gerar ela mesma. Sempre soube que não poderia se casar com William, mas isso não a impediu de pensar a respeito. Dot o odiara até suas entranhas queimarem, e odiara sua esposa ainda mais. Mas agora simplesmente fica feliz que ele habite a mesma terra que ela. William está perdoado e seu coração parece mais leve por isso. Ela se agarra ao fato de que ele veio procurá-la; é o fio mais tênue que a liga ao mundo exterior, permitindo-lhe acreditar que não foi totalmente esquecida.

Dot nunca deixa de pensar na rainha. Desenha uma imagem de Katherine rezando ajoelhada em seus aposentos de Whitehall, pedindo pelo retorno do rei em segurança. Mas teme que não esteja mais no palácio, que também esteja presa, aguardando um destino incerto. Estaria na Torre, na companhia dos fantasmas de Nan Bullen e Catherine Howard — mas Dot não quer pensar nisso. E com certeza Katherine é esperta demais para deixar que isso aconteça. Dot viu como é o rei, no entanto, como pode mudar de uma hora para a outra. Ele é como dois homens diferentes — um lascivo e um raivoso —, e ambos dariam medo na maioria das pessoas.

Dot fica pensando por horas e horas, esfregando o dedão no contorno da moeda de prata que sua mãe lhe deu tantos anos atrás.

10

Palácio de Oatlands, Surrey, setembro de 1546

Um broche de ouro decorado com trinta diamantes e doze pérolas dispostos em volta de uma granada do tamanho de um ovo de codorna; um par de luvas pretas brilhantes de pele de coelho; um conjunto de quatro pulseiras de prata incrustadas de safiras; um pombal com seis pares de rola-brava; vinte metros de veludo roxo; um relógio mecânico gravado com as palavras “o amor é infinito”; um raro falcão persa totalmente branco; uma coleira de couro vermelho com joias para Rig; uma peça de carne de veado; dez dúzias de pérolas minúsculas para bordar em roupas e toucas; uma matilha de galgos ingleses; cinco vestidos de noite da seda mais fina; um pequeno sagui, que ela chamou de Betsabá, como esposa para François.

Passou tudo, as coisas estão como antes, com o rei enfeitiçado e bajulando a esposa como fazia antes de se casarem. Há um suprimento infinito de presentes, que seriam insignificantes para Katherine não fosse pelo fato de que significam o fim do perigo. Todos voltaram, todos menos Dot; ela teve que se resignar com o fato de que talvez nunca volte. Seu irmão Will está de volta à corte, e com ele Hertford e Dudley, pois todos os reformadores estão nas graças do rei novamente. Wriothesley está por um fio depois de sua tentativa malsucedida de derrubá-la. Já se deu cabo de lordes chanceleres antes, e os membros de seu círculo andam com uma expressão matuta, balançando o rabo, estudando para que lado saltar antes que seja tarde. Gardiner está sumido, escondeu-se novamente debaixo da pedra.

Sim, os reformadores estão em ascensão. Seu irmão se sobressaiu, entreteve o embaixador francês na chegada à Inglaterra, levou-o a Hampton Court para encontrar o rei e um séquito de duzentas pessoas que foi recebê-lo a cavalo. Katherine brinca com Will que se ele inflar um pouco mais não vai passar pelo portão de Whitehall.

Katherine sentou-se ao lado do marido para receber o emissário francês vestida com metros de veludo roxo e tecido de fios de ouro, carregada de joias, a consorte perfeita. É como se nada tivesse acontecido, como se nunca houvesse existido um mandado para sua prisão, nunca uma guarda de vinte homens tivesse

chegado com Wriothesley para levá-la para a Torre — como se ela nunca tivesse imaginado a lâmina fria caindo sobre seu pescoço, ou o calor da fogueira. Aquele episódio se apagou e os Parr estão refestelando-se ao sol outra vez. O rei até pôs o príncipe Edward sob os cuidados de Katherine — uma honra de fato. Mas o medo persiste sob a superfície.

Ela raramente vê o marido de tão bom humor e mesmo a ausência de um príncipe em seu ventre não tem sido mencionada ultimamente. Ele tem outras coisas com que se distrair e está de peito estufado como um pombo com a ratificação do tratado com a França. A vitória em Bolonha colocou a Inglaterra no centro da política europeia novamente, mas defender Bolonha faz sangrar os cofres e esse tratado devolve a cidade à França. Porém, deixa o rei François endividado com a Inglaterra em uma soma tão grande que ele nunca encontrará maneira de pagar. Isso faz Henry sorrir. Se fosse um jogo de xadrez, teria acabado de derrubar a rainha de François.

Katherine guarda sua opinião para si mesma, seja boa ou ruim. Fala somente quando se dirigem a ela e sempre concorda com o marido. Se ele dissesse que o céu está verde, ela concordaria. Não pede nada ao rei — nem mesmo se pode convidar Elizabeth para vir à corte, nem se ele pode abrir uma investigação sobre o desaparecimento de Dot (ainda que Dot não teria desaparecido se o rei tivesse segurado a caça às bruxas de Gardiner, disso ela tem certeza, e uma sensação de culpa a queima). Mas consegue fazer o papel de esposa devota de Henry, não faz nada que revele seus sentimentos reais sobre nada. Lê somente manuais de botânica e livros inócuos de pouco interesse, e não escreve mais, apesar da imagem de seus *Lamentos* apodrecendo na escuridão, jamais vistos ou publicados, comidos pelo mofo. Uma sensação de derrota toma conta dela quando pensa em toda aquela nova fé enterrada, quando se lembra do fervor que sentiu por fazer parte da grande Reforma. Mas é com sobreviver que deve se preocupar agora, e proteger aqueles perto dela — mesmo quando teme que o pior tenha acontecido com Dot.

Prisão de Newgate, Londres, setembro de 1546

Elwyn entra de supetão na cela, corado e sorrindo. “Vou soltar você, Nelly”, ele diz, quase sem fôlego.

“Não entendo.”

Não pode ser simples assim. Aquela doninha do Wriothesley não vai voltar

para interrogá-la outra vez? Não a levarão para a forca?

“Se é uma brincadeira, Elwyn, não tem graça.”

“Não é mentira, Nelly. Mandaram soltar você.”

“Mas…”

“Ficou aqui tanto tempo sem termos notícias que o carcereiro-chefe pediu instruções para o gabinete do lorde chanceler.” Ele a segura pelos ombros e diz: “Ainda bem que ele fez isso, Nelly, porque o homem disse que tinham esquecido de você, e poderia ter ficado aqui para sempre. Imagino que o lorde chanceler não conseguiu o que esperava de você”.

“Graças a Deus por isso. Imagine se eu ficasse apodrecendo aqui para sempre.”

“Escute, Nelly.” Os olhos de Elwyn brilham. “O destino deu um golpe no lorde chanceler. Tenho um primo que trabalha nos estábulos de Whitehall, que disse que o homem caiu em desgraça com o rei. Que ele enganou a rainha e ficou desonrado.”

“Então a rainha não está na Torre?”, pergunta Dot, pensando em voz alta.

“De onde foi que tirou essa ideia? Nenhuma rainha foi para a Torre desde Catherine Howard.”

A cabeça de Dot está em turbilhão. Ela será libertada, simples assim. Que lugar é o mundo! Elwyn a acompanha até o chefe da guarda, que a faz assinar o nome em um registro, e depois leva-a ao portão, onde ela devolve para ele o livro de Lutero.

“Fico grata por isso”, ela diz. “Foi o que me salvou de ficar completamente louca.” Dá um beijo de leve no rosto dele, o que o faz corar, antes de dizer adeus. “E espero sinceramente nunca mais ver você”, emenda.

Isso o faz sorrir, e ele responde: “Realmente tive medo de que queimassem você, Nelly”.

Só de ouvir isso ela sente o gosto do medo novamente, mas depois olha para a porta, dizendo: “É mesmo para eu sair, simples assim?”.

Ele faz que sim.

A porta se abre como os portões do paraíso. Ela pode ver o sol iluminando os paralelepípedos adiante e ouvir os gritos dos vendedores por perto.

“Sabe”, ela diz baixinho, aproximando-se dele. “Posso contar isso agora, mas meu nome não é Nelly Dent.”

Ele olha para ela, e seu rosto é um ponto de interrogação.

“Sou Dorothy Fownten, Dot para quem me conhece, e sirvo a rainha da Inglaterra.”

O rosto dele é uma caricatura, as sobrancelhas perdidas entre os cabelos e os olhos saltados e a boca como um “O”, o que a faz rir. Então ela vira para ir embora, completamente calma.

Quando os portões fecham ruidosamente atrás dela, é como se tivesse entrado em outro mundo. Fica parada boquiaberta no pátio da igreja diante daquilo tudo, os bandos de estorninhos bicando entre os paralelepípedos, o gato se espreguiçando ao sol, a macieira perto do muro da igreja, a teia de aranha suspensa entre dois galhos, a aranha e uma mosca presa perto dela. Levanta os olhos para o céu, nuvens brancas com espaços azuis, e inspira profundamente, como a primeira respiração de sua vida. Apanha uma maçã caída no chão, a maior e mais rosada, dá uma mordida, a espuma doce e suculenta pinica suas papilas — poderia estar no paraíso.

Dot segue da praça da igreja para um mercado animado com vendedores apregoando suas mercadorias. Um rebanho de ovelhas passa balindo com um menino que não consegue controlá-las, passando apuros cada vez que uma delas vai na direção errada. Ele grita com o cão pastor, que não é muito menos desobediente ou burro do que as ovelhas. Dot se senta em um degrau e observa o mundo passar, os ajudantes de cozinha das casas nobres vindo comprar peixe e pão, e os comerciantes tentando arrancar deles até o último centavo. Uma mulher derruba uma cesta de repolhos, que se espalham rolando, e as pessoas se abaixam para pegar, os rapazes padeiros vendem seus filões gritando “Pão fresco para sua mesa!”, puxando as palavras de modo que parecem uma canção. O cheiro daquele pão é suficiente para apregoar os filões sem os gritos. Dot absorve tudo, sentada ao sol, saboreando a liberdade. O único lugar para onde não quer olhar são as barracas dos açougueiros, onde as carcaças penduradas e o barulho seco dos cutelos a faz lembrar demais de coisas que preferiria esquecer.

Quando se dá conta, os mercadores estão todos empacotando suas coisas e o movimento diminuiu. Uma jovem oferece-lhe uma torta de carne, amassada demais para vender. Dot primeiro recusa, dizendo que não pode pagar, mas a garota insiste. Deve estar com uma aparência realmente desoladora para que uma estranha lhe ofereça comida na rua. Sua moeda está costurada na barra do vestido, ela consegue sentir o relevo, mas, se vai chegar a Whitehall, precisa guardá-la. Vai em direção ao rio. O melhor jeito de chegar é por barco, porque não seria inteligente uma garota perambular sozinha pela cidade agora que o movimento na rua diminuiu. O único barco à disposição é uma das belas barcas decoradas, com barqueiros que cantam, que as damas e os cavalheiros gostam de pegar para um encontro romântico.

O barqueiro está vestido de carmim com todo tipo de laços, fivelas e enfeites, e cobra a moeda de prata todinha pelo curto trajeto até Whitehall. O dele não é um barco qualquer, diz, quando ela reclama; é uma barca digna de uma princesa. Ela sabe que está sendo extorquida por aquele pateta empertigado, mas não dá a mínima. Afinal de contas, se essa não é a emergência para a qual ela estava guardando a moeda, não sabe o que seria. E, além do mais, tem quatro libras guardadas com Katherine — a herança de Meg. Beija a moeda antes de entregá-la e sussurra as palavras: "Deus a abençoe, mãe". Deus sabe onde sua mãe conseguiu aquela moeda, antes de tudo, porque os Fownten não eram o tipo de família que tem moedas de prata espalhadas pela casa.

Aquilo a faz pensar, enquanto segue rio acima, em sua família e no que aconteceu com eles, se seu irmão já foi para a cova de tanto beber, como seu pai sempre dizia que aconteceria quando ele voltava tarde para casa toda noite bêbado, batendo a cabeça nas vigas, tropeçando nas coisas e fazendo a maior confusão, acordando todo mundo. Ela supõe que Min deve estar casada, e imagina com quem. Depois pensa em sua outra "família", em Katherine. Sente um frio na barriga ao pensar em reencontrá-la. E, agora que está solta, sua saudade de William passou a latejar de maneira constante — simplesmente ter sua amizade, dado que já é casado e provavelmente tem um monte de bebês, em que ela tenta não pensar.

Não leva muito tempo para chegar às escadas de Whitehall, onde ela se despede do barqueiro cantor. Ele insistiu em gorjear o caminho todo uma balada sem melodia sobre um corno, que grudou na cabeça dela: "*Apesar de bem zeloso, Ben virou um corno de fato, e agora já não desmente o boato…*".

Dot sobe os degraus até o portão do palácio.

"Sou Dorothy Fownten e sirvo a rainha. Deixe-me entrar, por favor", ela diz para o sentinela.

"E eu sou o rei da Inglaterra", ele responde, o diabinho atrevido.

"Mas é verdade."

Ela sente a voz vacilar quando começa a explicar como foi parar onde está. Ele deve sentir pena dela por seu calvário, pois sua expressão se desanuvia um pouco, mas ainda segura a alabarda diante de si, barrando o caminho.

"Ouça, garota", ele diz, "se a rainha estivesse aqui, chamaria um dos pajens para dar uma olhada em você, pelo menos. Mas ela está fora com toda a comitiva. Seus aposentos estão vazios, a não ser pelos decoradores que estão embelezando os cômodos."

O coração dela se aperta. Sente-se derrubada, sem saber o que fazer. Está

livre, mas livre para ir aonde? A rainha podia passar meses longe, passando de um palácio ao outro. Gastou sua moeda de prata e não tem nada além de suas roupas imundas.

Tudo que Dot pode fazer é esperar que chegue alguém que a reconheça. Sua força diminui, ela se apoia em uma parede baixa e pondera as desvantagens de sua invisibilidade, que foi outrora uma bênção tão grande.

Palácio de Oatlands, Surrey, setembro de 1546

É uma bela manhã de outono e o parque está silencioso, envolto em névoa, as grandes árvores pairando como pálidos fantasmas. Vultos com chifres se movem no entorno; o parque está repleto de veados. Um grande guincho foi fabricado para ajudar Henry a erguer o corpo enorme sobre o cavalo, e ele tem caçado todos os dias desde que chegaram a Oatlands — embora mal seja uma caçada, pois os pobres veados são tocados para um canto antes da chegada de Henry, para garantir que consiga acertar algum. Não é outra coisa que um massacre; as criaturas não têm chance, e o pobre cavalo sobrecarregado de Henry mal chega a trotar o dia todo, embora o rei volte ao palácio toda noite cheio de histórias sobre a caçada. Mas ontem ele piorou subitamente, e não vai caçar esta manhã.

Katherine, que se levantou cedo, está caminhando com o irmão. O falcoeiro e seu criado vão atrás a vários metros de distância, educadamente afastados para não ouvir a conversa, com os pássaros presos no braço. Não há ninguém acordado no palácio, a não ser os homens da padaria que assoviam e cantam, preparando o pão do dia, dispondo os filões nas prateleiras à entrada. O cheiro é demais para resistir, e Will arranca a ponta de uma baguete morna que eles comem enquanto andam. É um prazer simples comer pão fresco, ao ar livre, e tais satisfações são raras para Katherine, para quem cada momento está tomado pelo artifício de ser rainha. Conseguem ouvir o murmúrio e os movimentos das criaturas do bosque fazendo suas atividades por baixo da neblina. Os pássaros batem as asas e se esticam no ninho, ansiosos para voar, mas a névoa está densa demais e não deixa. Will está de bom humor, recontando alegremente como Gardiner perdeu os favores do rei.

“O bode velho se recusou a dar um pedaço de terra de presente ao rei”, ele diz, “e agora não admitem sua entrada, e ele espera do lado de fora no corredor dia após dia, esperando ver o rei.”

“Não posso dizer que não esteja feliz com isso.”

“E, Kit, você precisava ter visto… ele espera os conselheiros saírem e vai atrás deles, para passar pela antecâmara, a fim de dar a impressão de que nada mudou.”

“Eu pensava que ele tinha um pouco mais de dignidade…” Ela para. “Mas não consigo ter nenhuma compaixão. Ele desejava o mal para mim, o bispo Gardiner.”

“Lorde Denny e nosso próprio cunhado, Will Herbert”, ele continua, “estão cotados para os postos mais altos na câmara privada. Para fora com os velhos…” Will bate na própria coxa dando risada.

“Ouvi falar nisso. Anne mencionou que seu marido receberia um cargo novo.”

“Kit”, começa Will, naquele tom a meia-voz que significa que está para dizer algo que poderia comprometer os dois.

Ela conhece bem o irmão — bem demais, pensa às vezes. “Sim, Will, quais são os planos desta vez?”

“Nenhum plano, irmã.” Ele hesita e dá um sorriso torto, olhando para trás para ter certeza de que o falcoeiro está longe demais para ouvir. “É só que o rei está… Bem, como dizer? Ele não é mais jovem…”

“Pare, Will. Sabe que é traição falar dessas coisas.” Ela diz isso, mas não pode negar que tem pensado com frequência na morte do rei e em sua própria liberdade.

“Quem está aqui para ouvir? Só os esquilos e os veados.”

“E os falcoeiros.” Katherine de repente se sente cansada daquilo tudo, de sempre ter que tomar cuidado para não ser ouvida, de nunca poder simplesmente dizer o que está pensando. “Vou contar uma coisa, mas nunca deve ser mencionada novamente. Entendeu?” Seu tom se tornou impaciente. “Quando Henry foi à França, fez um novo testamento, tornando-me a regente, não importa o que aconteça. E agora ele deixou o príncipe a meus cuidados. É suficiente para satisfazer sua ambição, irmão?”

“Kit, é verdade? Eu sabia sobre o príncipe, mas o testamento…” Ele pulou na frente dela e passou a andar de costas, olhando para a irmã, incapaz de conter o sorriso.

Mas ela não está sorrindo. Equilibra-se na beira da raiva e não consegue se segurar, interrompendo-o. “Não é suficiente que sua irmã tenha que se comportar como uma prostituta para você subir na vida, você também quer ser o homem mais poderoso do reino? Não entende o perigo que passei? Não entende quão pouco eu me importo com poder e quanto me importo com minha vida?”

Arrependido, Will tropeça numa desculpa sem jeito, insistindo sobre o

respeito que tem por ela não só como rainha, mas também como irmã mais velha, e como daria a vida por Katherine, do que ela duvida inteiramente. Mas toda aquela ladainha sem jeito deixa seu humor mais leve. Ele é seu irmão, afinal de contas.

"É difícil, não é, perder seu orgulho o suficiente para se arrepender?" Ela ri.

Eles caminham mais um pouco, Will conta despreocupado sobre boatos da câmara privada. A névoa está se dissipando e logo os falcões poderão voar. Param em uma cumeeira diante das colinas de Surrey, e o criado do falcoeiro ajuda Katherine a vestir a luva de couro para poder pegar o pássaro. Ela tira o capuz do falcão, sente como ele treme ansioso pela caça; depois solta as amarras, lança-o adiante, observa as grandes asas se abrirem enquanto plana e desce para o ataque ao longe, procurando uma presa; depois, percebendo movimento, aguarda um instante antes de mergulhar.

"O rei está pensando em casar Mary Howard, ouviu falar disso?", diz Will.

"A duquesa de Richmond? Não ouvi", ela responde. "O que é surpreendente, dado que minhas damas conseguem farejar uma proposta de casamento até no país vizinho."

O falcão levanta voo com o bico vazio e se prepara para descer novamente.

"Norfolk não está gostando."

"Por que isso? Pensei que ele quisesse ver a filha casada de novo. Ela está viúva há tanto tempo e mal tem dinheiro. O casamento o livraria dela."

"Ah, mas o pretendente é Thomas Seymour."

O frágil mundo de Katherine começa a se estilhaçar. O equilíbrio que ela achava ter encontrado não é nada além de fingimento; sente-se perdida novamente. Will continua falando e falando, sobre as rixas intermináveis entre os Seymour e os Howard, mas Katherine não consegue ouvir por causa da torrente de sangue correndo em sua cabeça.

"Ela o rejeitou uma vez, anos atrás, mas as coisas são diferentes agora… Mary poderia acabar com alguém bem pior que Tom. Ele é um herói… atacado pelos piratas… remou sozinho até se salvar… o homem mais perfeito da corte…"

O mundo está girando e ela põe a mão no tronco de uma árvore para se segurar.

"Kit", diz Will, vendo a cor sumir do rosto da irmã. "Kit, o que você tem?"

"Só estou um pouco tonta", ela diz.

Katherine se esqueceu do pássaro, que voa silenciosamente até ela, deixando um pequeno coelho a seus pés, assustando-a. Recompondo-se, estende um braço

e o falcão obedece, acomodando-se nela, parecendo tão mais pesado agora. Katherine fica exausta de repente e se agacha, apoiada contra o tronco da árvore.

“O que foi, Kit?” Will corre para acudi-la. “O que você tem?” Ele se abaixa, coloca a mão em sua testa.

“Não é nada, eu só…” Ela hesita, sem saber o que dizer. “Só estou me sentindo um pouco fraca.”

“Você está grávida?”, sussurra Will, a ansiedade mal disfarçada no rosto, seus olhos de cores diferentes dançando, traindo a maquinação de seus pensamentos.

Katherine consegue percebê-lo calculando quanto mais alto na hierarquia *aquilo* o levaria. “Pelo amor de Deus, Will… não estou.”

“Venha, Kit, vou levá-la de volta. Você não está bem para caçar.”

Ele faz menção de pegar o falcão, mas o pássaro se assusta com alguma coisa e bate as asas, acertando o rosto de Will com as garras e deixando um trio de linhas vermelhas nele. O falcoeiro e seu criado se aproximam, pedindo desculpas, fazendo reverências, como se a culpa fosse deles.

“Leve-o”, diz Will. “Este aí ainda está com vontade de caçar e preciso acompanhar a rainha de volta ao palácio.”

Eles caminham em silêncio. Will passa um braço pelo dela, e com a outra mão aperta um lenço contra o rosto que sangra. Os pensamentos de Katherine estão em turbilhão e ela se pergunta como vai ser se Thomas for trazido de volta e posto debaixo de seu nariz.

Achava que tudo aquilo — as saudades, o desejo ardente — era passado, estava enterrado. Afinal de contas, fazia mais de três anos que ele tinha partido. Mas não acabou, e a ideia de ele se casar faz um nó dentro dela, seu mundo interior tão desequilibrado que se pergunta como vai fazer suas atividades sem cambalear.

Os jardins do palácio estão cheios de gente passando em direção ao pátio. Pajens vão apressados em direção aos claustros e criadas passam para lá e para cá; um rapaz leva uma caixa de repolhos no ombro e duas mulheres tagarelando carregam juntas um cesto de peixes. Todos têm alguma tarefa para fazer antes que seja servida a primeira refeição no salão. Quando percebem que a rainha está entre eles, param e se ajoelham, embora ela faça sinal para que continuem com seus afazeres e não se importem com ela. Mas ninguém percebe que Katherine se movimenta com dificuldade em um mundo que está inclinado para um lado, nem vê que ela tem medo de cair da beirada.

“Thomas Seymour”, diz baixinho sem olhar nos olhos do irmão. “Então ele voltou à corte?” O nome faz sua língua arder, como se fosse quente demais.

“Kit”, ele responde, segurando seus ombros, ofertando aquele sorriso impudente que a maioria das garotas acha tão irresistível. “Você não gosta do meu amigo Seymour ainda, não é?”

Ela se recompõe, juntando os pedaços. “Não, irmão, não gosto.” Puxa a orelha dele para perto, dizendo num sussurro zangado: “E, caso você tenha esquecido, sou casada com o rei da Inglaterra”.

“Sim, sim, irmã.” Ele diz, desvencilhando-se. “E o assunto está bem ali.” Ele estende o braço na direção do canto do pátio.

Sem entender o que ele quer dizer, Katherine segue o movimento com os olhos. Lá está Thomas, descendo do cavalo, ignorando ser observado. Uma joia em seu chapéu pega um raio de sol, brilha como uma estrela cadente, e o coração de Katherine dá um pulo.

“Seymour!”, grita Will para o amigo.

Sem uma palavra, Katherine pega as escadas do fundo e desaparece antes de ser vista.

Southwark, Londres, setembro de 1546

Huicke caminha pelas ruas encharcadas de Southwark sob a garoa há algum tempo, procurando Udall. Quando ele desaparece assim geralmente pode ser encontrado em um dos prostíbulos de meninos deste lado do rio. Seu apetite insaciável pelos jovens que exercem o ofício por essas bandas faz Huicke se perguntar se vai morrer de sífilis. Deus sabe por onde os prostitutos andaram. Mas isso tudo, o perigo, faz parte para Udall, ou pelo menos é o que ele diz. Huicke conhece bem sua propensão a bater em garotos, e há muitos ali que receberiam uma surra em troca de alguns centavos *e* ainda sairiam com um sorriso no rosto encardido.

O que mais o preocupa é que Udall acabe do lado errado da espada de alguém — um sujeito extravagante como ele, circulando pelos bordéis por dias a fio. Quase espera virar a esquina e encontrar o corpo do amante, sem as joias e os adornos, jogado na sarjeta. Conforme a luz diminui, os becos ficam mais ameaçadores, e Huicke sente uma apreensão no estômago. O chuvisco se torna chuva, e ele contorna as poças cheias de estrume com seus sapatos de couro de cervo, desejando ter calçado algo mais robusto, incapaz de se livrar do aborrecimento de ter que ir ali abrir caminho no labirinto de casas empilhadas em busca do amante. Mas Udall é assim; sabe que Huicke vai atrás dele, e o

médico tem raiva de si mesmo por ser tão previsível.

Então caminha pelos becos escuros, furioso e cheio de coceiras; sua pele não gosta do tempo úmido. Aperta um maço de alecrim contra o nariz para evitar o fedor, olha para dentro das portas e pelas janelas, segue uma ou outra risada, ou um sopro de música que escapa pela janela. Há um mendigo na esquina — uma jovem mulher com um vestido rasgado, tão coberta de sujeira que poderia ser moura. Suas mãos imundas fazem uma concha e Huicke pensa em dar-lhe uma moeda, mas sabe muito bem que se você parar e pegar a bolsa nessa parte da cidade vão levá-la num instante. Ele também sabe que há gangues de ladrões que têm o hábito de usar pobres garotas como isca para seus fins nefastos; então passa rapidamente por ela, ainda furioso com Udall por levá-lo a esse lugar desgraçado.

Ao virar a esquina, ouve um grito. Vira e vê a garota pedinte se aproximando rapidamente. Começa a correr, em disparada pelo beco em direção ao rio, pisa numa poça, encharcando suas meias e xingando entredentes. Consegue ouvir os passos e o farfalhar das saias dela bem atrás. Acelera, ofegando com o esforço.

“Dr. Huicke”, grita a criatura. “Por favor, pare!”

Ele sente um calafrio. Como sabe seu nome? De que tipo de negócio sujo ele está sendo vítima? O cúmplice dela deve estar por perto. Se conseguir chegar até a água onde o barco está esperando…

“Dr. Huicke…”

Ela tem um par de pernas bem forte para uma garota, e está se aproximando depressa. Huicke tenta apressar o passo; sente uma pontada no lado, então vira uma esquina, procurando um nicho onde possa se esconder, mas dá de cara com uma parede sólida, alta demais para pular. Com o coração martelando, vira-se, esperando encontrar uma gangue de bandidos bem atrás da garota. Mas ela está sozinha diante dele.

Huicke salta adiante, agarra os braços dela, torce um deles nas costas e a segura com força pela cintura. De perto, seu fedor azedo o faz perder o ar.

“Eu imploro, solte-me”, ela grita, chutando como um potro selvagem.

“Onde estão os outros?”, ele grunhe, segurando mais forte.

“Não há outros, dr. Huicke.”

“Como sabe meu nome?” Ele teme ter caído numa armadilha elaborada, e que seja ele, não Udall, a acabar na espada de alguém naquela noite.

“Mas o senhor não me reconhece, dr. Huicke? Sou eu, Dorothy Fownten, que serve à rainha.”

Ele olha para o vestido dela, dando-se conta, mesmo na luz fraca, de que por

baixo da sujeira é feito de boa lã. A criada luta para se soltar, puxando os dedos com a mão que está livre. É então que ele reconhece algo familiar no fundo de seus olhos, e os lábios carnudos. Soltando um pouco a mão, deixa que ela se vire de frente para ele.

"Vê? Sou eu", ela diz com um sorriso desarmador.

"Dot?", ele diz.

Ela faz que sim e sorri, suspirando: "Graças a Deus!".

"E como você acabou correndo pelos becos escuros desse lugar infernal?"

"Dr. Huicke, levaria um tempo para eu contar minha história, mas estou em perigo aqui… Um homem me colocou para pedir esmolas e vai me procurar para pegar o dinheiro…" Ela para, prende o fôlego, e a cor some de seu rosto, pois parece perceber alguém na entrada do beco.

O médico se vira e vê a silhueta de um sujeito pesado com um vira-latas na coleira.

"Não é ele", ela diz dando um suspiro de alívio, "mas preciso sair daqui."

Ele a leva pela mão e correm até o rio. O barqueiro reclama do tempo que passou esperando, pedindo o dobro do pagamento. Ao subirem a bordo, Huicke pensa em Katherine, imaginando seu deleite ao estar reunida com a garota. Dot está tremendo e Huicke tira a capa e coloca em volta dela, sentindo seu corpo sob as mãos, franzino como o de um passarinho.

"Você precisa de uma boa refeição, Dot Fownten", ele diz.

"E de um vestido novo."

Ambos riem com isso e, enquanto o pequeno barco avança devagar contra a maré, ele pede que ela conte o que aconteceu no tempo que passou em Southwark.

"Basta dizer", relata ela, "que vi coisas que nunca pensei ver na vida, e sobre as quais meus lábios estão para sempre selados…" Ela para por um instante, a luz da tocha do barqueiro tremeluzindo sobre seu rosto. "Cada um de nós tem um talento, dr. Huicke", continua. "E o meu é saber guardar segredos."

Castelo de Windsor, Berkshire, outubro de 1546

Dot voltou, preocupantemente magra e calada como um túmulo; além de uma breve menção a Newgate, não quer falar sobre como desapareceu por tanto tempo. Katherine não sabe como forçá-la, só está contente que tenha voltado inteira e que esteja dormindo na cama embutida ao lado da sua. No escuro,

escuta cada respiração de Dot, e seu coração dilata ao ouvir esse som. Ela só consegue pensar que a garota sofreu muito por sua causa, e isso a aflige profundamente.

Queria tanto ter sido útil, fazer sua posição contar para alguma coisa, dar um exemplo ao seguir Deus da forma mais simples e pura e promover a nova fé. Mas agora vê quanto problema causou dessa forma para aqueles em volta de si, e à pobre e querida Dot, a mais inocente de todos.

Katherine se livrou de qualquer material incriminador há muito tempo. Os livros, as orações, os papéis, tudo foi embora; não há mais conversas a meia-voz, discussões excitantes imaginando um mundo novo, identificando caprichos de tradução, interpretando. Censura cada pensamento que entra em sua mente, cada palavra que passa por seus lábios. Suas damas se dedicam à costura agora, os dedos ocupados com agulhas em vez de penas, bordando metros de tecido com pontos intricados, um texto sem sentido.

O rei visita e ela escuta, prendendo a língua no céu da boca para não a trair com uma opinião. Katherine dá um sorriso afetado, esforça-se, sorri e suporta as noites que precisa passar naquela grotesca cama entalhada, com suas gárgulas de mogno observando do alto sua bizarra humilhação. O rei está contente com ela, embora esteja doente e não possa caçar, o que acaba com seu bom humor pouco a pouco. Ainda assim, por enquanto está contente em ver sua Katherine comportada, e os presentes continuam a chegar diariamente numa monotonia gloriosa.

Ela pode ser capaz de reprimir seu eu exterior, mas suas partes ocultas estão entortando. É a presença de Seymour, que vê de relance com frequência. É como se ele estivesse em todo lugar. Quando ela anda pela longa galeria, ele está lá. Quando passeia no jardim, ele está lá. Quando cavalga no parque, ele está lá, sempre no canto do olho: o movimento da pena, os reflexos do cetim brilhante, os pelos ruivos de sua barba, que cresceu nos anos em que estiveram separados. E ela não ousa sequer uma olhadela, por medo do que pode desencadear.

Will e ele são unha e carne novamente, e é como se tivessem sido multiplicados por mil, os dois, pois estão onde ela estiver, conversando num canto, jogando jogos de tabuleiro diante da janela, perambulando pelas passagens do castelo, deixando o coração dela pesado de desejo. Daria qualquer coisa para trocar de lugar com o irmão, para não ser a rainha, não ser uma mulher, e poder se sentar ao lado dele, coxa com coxa, simplesmente. Seria o suficiente. Enche-a de medo a força do sentimento que tem por esse homem. Não consegue acreditar que não está visível nela, esse desejo descontrolado. Mas

não deve pensar nele, ou nisso, ou em qualquer coisa — só em coisas benignas —, e mantém os olhos no chão, longe de problemas, pois são eles que a trairão primeiro.

Dot é uma distração muito bem-vinda. Katherine lhe deu uma propriedade no sudoeste, como agradecimento, mas sabe o que a criada deseja mais do que qualquer coisa no mundo: William Savage. Testemunhou o reencontro deles, como correram para os braços um do outro como se ninguém estivesse ali para ver. Ele se ajoelhou e pediu para se explicar.

“Meu ponto-final”, ele disse. “Sei que sofreu em minhas mãos e sinto de coração por isso.”

“Não precisa”, Dot respondeu. “Perdoei você há muito tempo, William Savage. Aprendi muitas coisas sobre a vida nestes últimos meses.”

“Mas você precisa saber, Dot, que estou profundamente envergonhado, não contei sobre minha esposa por medo de que você não me deixasse mais chegar perto, e essa era uma ideia que eu não podia suportar. Casamos tão cedo, e eu vim direto para a corte, mal a conhecia… fui tolo e…”

Ela pôs o dedo sobre os lábios dele, sussurrando “Shh”, e olhou em seus olhos. “E como está sua esposa agora?”

“Ela faleceu há um ano.”

“Sinto muito por isso”, ela disse. “Quero dizer… sinto muito por ela.”

Dot agora anda por aí com seu antigo brilho, o que traz mais alegria para Katherine do que teve em muito tempo. E ela tem um plano: qualquer coisa pela felicidade de Dot, e qualquer coisa para afastar seu pensamento de Thomas.

Katherine chama William Savage para sua câmara privada e pergunta-lhe: “Você pensou em se casar de novo?”.

Um ar melancólico passa pelo rosto dele e por seus olhos tristes, que parecem pesados de resignação.

“Se eu ordenar que você se case, o que você acharia?”

Ele balbucia, fazendo sons que não formam palavras completas, o rosto vermelho; finalmente consegue juntar algumas palavras. “Se a senhora ordenar…” E então é como se ele fosse tomado por um desejo de dizer o que pensa. “Eu não gostaria de me casar novamente, madame.”

“É mesmo, William?” Katherine não quer provocar, mas não consegue evitar, pois sabe que, quando disser o que planeja, o momento será ainda mais adorável.

“Eu amo uma pessoa”, ele diz, bem claro agora. “Mas não é possível… viemos de…”

“Quieto, William.” Ela põe a mão em seu braço. “A pessoa com quem quero

que se case é Dorothy Fownten.”

Ele se anima de repente, sua pele brilha, um sorriso largo invade seu rosto e seus olhos se enchem de lágrimas. “Minha Dot… A senhora permitiria…? Não sei o que dizer.”

“Sim”, ela diz, “eu *permitiria*. Na verdade, não consigo pensar em nada que eu permitiria com mais vontade.”

“Madame, eu… eu…” Ele se ajoelha e pega sua mão, beijando-a com um fervor que sugere que já está pensando em Dot.

“Mas você *precisa fazer* o que eu disser”, continua Katherine.

“Qualquer coisa.”

“Primeiro, se eu descobrir que Dot sofreu por sua causa, vou amarrá-lo, William Savage, e dar seu coração para meus cachorros. Você nunca poderá machucá-la.”

Ele faz que sim com uma solenidade geralmente reservada a Deus.

“Você irá até ela e pedirá você mesmo, sem alarde. Deixe ser uma coisa só entre vocês dois; não quero minhas damas se intrometendo, pois algumas não vão aprovar. Escreverei para sua família. Certamente não irão se importar se for o desejo da rainha.”

Palácio de Whitehall, Londres, novembro de 1546

Dot não dorme mais na cama embutida nos aposentos da rainha, nem na antessala fria do lado de fora do quarto que Katherine divide com o rei, cada vez com menos frequência. Há outras que fazem isso, pois agora ela é uma mulher casada. Às vezes precisa se beliscar para acreditar que ela, a simples Dorothy Fownten, está casada com um homem que sabe escrever poemas e tocar virginal, e que ela usa um anel da rainha no dedo — seu próprio final feliz.

Foi um feito da rainha, William disse, quando veio falar com ela em Windsor, não muito tempo depois de ela ter voltado. Ele segurou sua mão e se olharam nos olhos como tolos amantes numa história antiga.

William remexeu no bolso, tateando o gibão, parecendo ter perdido algo importante. Finalmente, achou o anel. Ela o reconheceu imediatamente, era o anel de água da rainha (Dot sempre o chamara assim, pois não sabia o nome da pedra). E ele o colocou no dedo dela.

“O que está fazendo, William Savage? É o anel da rainha”, ela disse.

“Não, meu amor, é seu. É sua aliança de casamento.”

Foi como se seu coração fosse uma flor abrindo em seu peito.

Mais tarde Katherine chamou-os em seus aposentos, onde seu capelão estava esperando, e Cat Brandon, que seria a outra testemunha.

“Imagine”, ela cutucou William, “ter a rainha da Inglaterra e a duquesa de Suffolk como testemunhas de seu casamento.”

William segurou sua mão todo o tempo enquanto o capelão recitava a cerimônia. Na hora de fazer os votos, ela se sentiu quase sem ar para falar. Foi como se todos os eventos em sua vida a tivessem levado àquele momento, e ela pensou que podia explodir de alegria como os fogos de artifício de Udall.

Eles têm aposentos, agora, perto do palácio de Whitehall. É só um quarto do tamanho de um armário, espremido na galeria subterrânea. Mas o tamanho do quarto não tem importância, nem mesmo o quarto em si, pois ela tem seu William Savage, e podem passar noites inteiras nos braços um do outro, sem falar do passado, mas vivendo no presente perfeito, e só de vez em quando imaginam um futuro indistinto e os filhos que terão.

Finalmente, Dot se sente segura e protegida depois de tudo que passou. Tenta não pensar naquilo e, quando William tenta fazê-la falar a respeito, diz: “O que passou passou, marido”, saboreando “marido” como se fosse um dos confeitos deliciosos da rainha.

11

Palácio de Nonsuch, Surrey, dezembro de 1546

O conde de Surrey está na Torre. Henry quer se livrar dele. Todos estão chocados com quão rápido e absoluto foi seu declínio — não houve aviso. Katherine está perturbada. O impetuoso Surrey, grande amigo de Will, está há anos alternadamente nas graças do rei ou em desgraça, mas desta vez é diferente. Ela pensa nele escrevinhando poemas desesperados na prisão, mas não ousa escrever dando apoio por medo de cair também. Dizem que o pai de Surrey, Norfolk, também está preso — ou logo estará. As damas da rainha não falam de outra coisa, pois a esposa de Surrey é popular entre elas. As garotas Howard, primas e filhas, passam apressadas de um lado para o outro com aquele olhar assombrado que uma família adquire quando o rei está com vontade de sangue e é um deles a presa.

Katherine pode sentir a corte mudando, todos competindo pela melhor posição. Anne Bassett voltou de Calais, sua família a está promovendo outra vez — à espera de quê? Katherine prefere não refletir a respeito. Mas, quando as coisas estão fluidas, oportunidades se abrem. Nada está a salvo. Ela não está a salvo — mas também nunca esteve. E houve rumores de que o rei está em busca de uma nova rainha. Mas sempre há rumores. Falaram até em Cat Brandon, pois ficou viúva recentemente. Cat não deu importância e fez piadas a respeito, mas Katherine não conseguia achar a mínima graça em toda aquela história. Todos sabem, no final das contas, que o rei consegue o que quer e quem quer, e se livra de qualquer coisa ou qualquer um que estiver no caminho. Para piorar as coisas, Henry está num mau humor quase permanente por causa da dor insuportável na perna. Mal sai de seus aposentos, late comandos para seus conselheiros, que rastejam em volta, tentando ser invisíveis — pois quando ele os repreende é verdadeiramente assustador.

Katherine aplica com cuidado um emplastro que preparou com Huicke. É uma nova mistura de pólen e calêndula para combater a infecção. O rei não quer mais os vermes, diz que se mexem demais e irritam. Ela nem nota o mau cheiro da úlcera, de tão acostumada que está. Faz sons com a boca para acalmá-lo e cantarola uma de suas músicas preferidas, mas ele está intratável, e ela tenta

pensar em outras coisas.

Está ansiosa pelo Natal, quando enfim poderão comer carne novamente. Cansou-se de peixe; carpa, enguia, lúcio, catar pequenas espinhas entre os dentes, o sabor sem graça, e se não é sem graça então é salgado demais, pois todos os peixes do mar — o bacalhau, a donzela, o escamudo — são conservados no sal e dão uma sede terrível. Além do mais, estão sempre cozidos demais, secos e frios até chegarem da cozinha. Mas ainda há mais duas semanas de jejum no Advento.

Ela deixa a mente passear enquanto cuida do marido, pensando no banquete que vão comer no Natal, na carne de veado, cisne, ganso, leitão. O pobre Surrey não estará tão alegre. Os advogados de Henry circundam os Howard como abutres, tentando encontrar um motivo plausível para matá-lo. O rei sempre temeu que os Howard ficassem poderosos demais. Katherine percebe que Henry está olhando a morte nos olhos, pois conhece muito bem o comportamento de um homem moribundo. Ele teme pelo futuro com o príncipe ainda tão jovem.

Ela será regente até Edward atingir a maioridade, é o que diz o testamento. Imagina-se à altura do desafio, promovendo reformas, tornando-se uma grande rainha, lembrada por levar a Inglaterra com firmeza para a verdadeira fé. Mas uma parte dela deseja só viver a vida em um palácio pequeno como esse, no anonimato — estar livre do peso esmagador da coroa.

Katherine põe o emplastro em uma vasilha, pega um pedaço de pano e aperta contra a úlcera. Henry geme e bate o punho no braço da cadeira. Pede a um dos pajens que acenda algumas velas; fica escuro cedo, e as noites são eternas. Está contente de ficar nesse belo palácio com um pequeno séquito. Nonsuch é uma maravilha com pequenas torres e decoração de gesso — como os melhores palácios florentinos, dizem —, e está contente que seja tudo novo, as lareiras que não soltam fumaça, o banho com água encanada. Ela toma banho todos os dias aqui. E por que não? É a rainha.

Katherine pega uma faixa limpa e começa a enrolar em volta da perna do rei, pensando no padrão repetitivo de sua vida, perguntando-se quantas horas mais passará enrolando e desenrolando seus curativos, cabisbaixa, três anos e meio daquilo. Se tiver algum dia a chance de se casar novamente, pensa, não vai ser com outro homem velho. No entanto, é chamada à razão pela ideia — o lembrete brutal de que ela, também, é uma fruta prestes a cair, e que pode ser que só haja homens velhos à disposição. O desejo de um filho não foi embora com a idade, como muitos disseram que iria; está com trinta e cinco anos agora e ainda sente aquele vazio escancarado.

Katherine ama as meninas como se fossem suas, e talvez seja por isso: Dot, a abençoada Dot, que teria morrido por ela; e Elizabeth, com aquela resistência, aquela determinação. Há algo em Elizabeth que é difícil medir, um carisma inabalável a que não consegue resistir. E também Mary, mais uma irmã que uma filha, carregando o infortúnio da mãe em sua silhueta frágil; marcada pela tragédia. E Katherine não consegue esquecer a pobre Meg, arruinada, sente falta de sua presença silenciosa. Finalmente, há Edward também. Apesar de seu comportamento gélido em público, é um docinho por dentro, só uma criança, e que fardo vai herdar. Todos esses filhos, que vão e vêm, conforme o desejo do rei, e nenhum realmente seu. Até Dot foi dada a William Savage agora, se bem que por sua vontade. Ela sorri ao pensar nos dois juntos — seu casal de pombinhos. O rei deu-lhe um casal de pombos uma vez, e ela se pergunta o que aconteceu com eles.

A rainha amarra o curativo e o pajem chega com uma caixa de velas, que escorrega de suas mãos e se espalha no chão ruidosamente.

“Tenha dó, Robin”, reclama o rei. “Seus dedos são feitos de banha?”

Katherine espera em silêncio enquanto o pajem recolhe as velas e as acende, e depois que Henry se acalma ajuda-o a se vestir. Depois disso, ele põe a mão no banco a seu lado.

“Venha, Kit. Sente um pouco conosco. Sabemos que estamos de mau humor, mas somos gratos por você fazer tudo isso por nós, quando poderia muito bem deixar para nosso médico.”

Ela se senta e diz a ele que preferiria fazer isso a qualquer outra coisa. “O que mais uma esposa pode querer além de servir seu marido?”, diz, enquanto pede desculpas a Deus em silêncio pela mentira.

Os pajens e arautos que estavam até então cuidando de suas coisas em silêncio parecem agitados e conversam aos sussurros. “Majestade”, diz um deles. “Lorde Hertford está esperando.”

“É melhor mandá-lo entrar.”

Hertford entra na sala. Desenvolveu um novo jeito de se exibir recentemente e uma nova aparência para combinar. Sua barba está cuidadosamente separada em duas mechas pontudas que contrastam com o gibão de cetim branco como rabos de raposa na neve. As meias são brancas também, como as do rei, e limpíssimas — um par de pescoços de cisne —, e sua capa tem bordas feitas de pele de coelho cor de creme. O gibão tem pregas e fendas, e pérolas bordadas. Hertford gosta de pérolas. Katherine sente seu próprio crucifixo de pérolas que está em uma pequena bolsa presa ao cinto, passando os dedos por ele.

Dois homens entram atrás dele, mas Katherine está hipnotizada demais para notá-los, cativada pelas pérolas reluzentes de Hertford, o brilho do cetim claro, as meias impecáveis, a pele de coelho macia, o brilho próprio daquele homem, transbordando confiança, enquanto os outros rastejam e fogem — um homem em ascensão. Leva alguns momentos até ela perceber que é Thomas que está ali, na sombra, atrás do irmão. A rainha dá uma engasgada quase imperceptível e consegue sentir o calor subindo até seu rosto como o vapor de um prato de sopa fervendo.

Thomas olha para ela e seus olhos se encontram. Todo o seu ser suspira imperceptivelmente. Está inteiramente perdida naquele mundo azul-arroxeado, onde moram lembranças de seus momentos juntos — a sensação dos dedos dele, seus lábios, o peso de seu corpo, seu cheiro almiscarado, a suavidade de sua voz, sussurrando pequenas coisas. É só um breve momento, um nada, tempo nenhum, mas é também uma eternidade, e ela fica virada do avesso de saudades. Afasta os olhos e encara o marido, cujos olhos vão de um lado para o outro entre ela e Thomas. Katherine aperta as unhas na palma da mão. Hertford está falando, mas ela não escuta o que ele diz, assim como o rei.

“Vá, mulher”, ele ordena em voz baixa. Depois explode: “SAIA DAQUI, MULHER!”.

Como se um canhão tivesse sido disparado na sala, todos ficam imóveis, sem compreender. Katherine se levanta e tropeça em sua parafernália medicinal. Ela tenta juntar tudo, mas suas mãos tremem, agitadas, e deixam cair mais coisas.

“VÁ, EU DISSE!”

A rainha vai para a porta, tão rápido quanto é capaz andando de costas, com medo de se virar para o rei e incorrer em mais fúria.

“De novo não, de novo não”, murmura para si mesma enquanto se afasta a toda pressa pelos corredores vazios. Temia exatamente isso. Que não fosse capaz de controlar seus olhos; que seus sentimentos escapassem pelas costuras mal arrematadas. Pensa então na rapidez com que Surrey caiu e se sente enjoada até o âmago.

Huicke se aproxima. “Kit…” Seu rosto está crispado de preocupação.

Ela deve ter o medo estampado na cara.

“O que foi?”, pergunta ele.

“O rei me mandou ir embora… de novo. Mas desta vez…” Ela quer contar tudo, descrever o momento, o rosto querido de Thomas, seus olhos. “Aqui não”, diz em voz baixa.

Ele compreende, assente e aperta seu antebraço. “Kit, você está tremendo.”

“Vá”, ela diz. “Está indo para lá?” Ela aponta o vidro que ele tem nas mãos. “Uma tintura?”

“Sim, para a dor. É aquela que eu fazia para Latymer. O rei acha melhor que mágica.”

“Ele gosta de você mais do que de seus próprios médicos, Huicke.”

“Isso é uma bênção ou uma maldição?”

“É difícil dizer, mas vá com cuidado…” Ela hesita antes de completar: “Se você tiver que se distanciar de mim, vou entender”.

Huicke beija a mão dela e despedem-se.

As palavras de Katherine rodam na cabeça de Huicke e ele se pergunta o que poderia ter desencadeado esse incidente. Dois pajens saem dos aposentos do rei quando ele se aproxima; um leva um balde de carvão vazio, balançando-o pela alça; o outro, um grande jarro. Conversam descontraídos, rindo de alguma coisa. Ele para brevemente para observá-los, apreciando o frescor da pele, a linha esguia das pernas, não completamente homens, tampouco meninos, imagina-os um instante despidos, como os músculos emergem das tenras camadas da infância, a parte de baixo ainda macia. Um deles saltita e se pavoneia, exagerando os movimentos, põe o jarro debaixo do braço para tirar o chapéu e balança-o com um floreio.

“É o próprio Roister Doister”, ri o outro. “Mestre dos mares, sedutor de damas.”

“Você sabia que ele escapou dos piratas uma vez, remou sozinho até a costa?”

“Sim, sim, todo mundo ouviu essa história. No final das contas, gosto desse sujeito, apesar de toda a pose. Uma vez ele me deu uma moeda para derrubar uma bandeja de tortas na escada do palácio.”

“Por quê?”

“Ele nunca disse. *E* ele me ajudou a apanhá-las…”

As vozes dos rapazes somem quando viram no final do corredor, e Huicke segue até a porta, esperando o guarda anunciá-lo. Tem a sensação de que o acontecido deve ter algo a ver com Thomas Seymour, e ocorre-lhe uma lembrança horrível do amante de Catherine Howard, o belo Thomas Culpepper, verde de medo, sendo arrastado pelos guardas.

Entrar nos aposentos do rei depois do frio do corredor é como dar com uma parede de calor. A lareira arde, iluminando o grupo de homens como numa tela de Van Eyck que viu certa vez em Bruges. A sala tem um cheiro masculino, de

couro e cavalo, e um quê azedo no fundo. Thomas Seymour está ali, como Huicke pensava; o rei deve odiar o homem só pela bela aparência. Um pequeno grupo está reunido em volta do rei. A doninha do Wriothesley está ali, parecendo agitado como se tivesse acabado de chegar, Hertford também, vestido absurdamente de branco, como um anjo natalino, e há dois arautos a postos nos cantos. Param de conversar quando ele se aproxima, então o barulho de suas botas ecoa no espaço.

"Ah, Huicke, que poções tem para nós?"

"Algo para aliviar a dor, majestade."

Uma tensão vibra no silêncio.

"Bem, prepare, então", ordena o rei. Depois, virando para Hertford, comenta: "Este médico é o melhor de todos. Seus remédios são os únicos que me dão alívio".

Hertford concorda num murmúrio. Está deliciado com as atenções do rei. Seu senso de oportunidade é perfeito, pensa Huicke; com o rei deteriorando depressa, Hertford está subindo ao topo no momento certo. Huicke observou os nobres competindo por cargos nas últimas semanas, e com os Howard fora do jogo o campo ficou livre para os Seymour, que, sendo tios do príncipe, levam vantagem.

Huicke leva seu frasco para uma mesa e despacha um pajem em busca de uma taça limpa. Hertford se retira fazendo uma reverência, seguido pelo irmão e um dos arautos. Wriothesley se aproxima sorrateiro do rei; faz um pedido para um de seus parentes, embrulhado em elogios. O rei parece estar ouvindo só pela metade; Wriothesley não tem a influência que costumava ter.

"O que você acha de Thomas Seymour, Wriothesley?", diz o rei, interrompendo sua voz arrastada.

"Seymour, majestade? Ele não fez a corte à rainha uma vez?" Wriothesley esfrega as palmas devagar como se estivesse espalhando bálsamo entre elas, e o fantasma de um sorriso aparece no canto de sua boca.

"Ele é honesto?", grunhe o rei. Seus olhos refletem a luz do fogo, brilhando como os de um gato.

"Honesto, majestade?"

"Sim, honesto."

"Majestade, minha opinião não é digna…"

"Estamos perguntando o que você pensa." Uma pontada de impaciência se insinua na voz do rei e seus punhos estão cerrados, um sobre cada joelho.

"O que penso, majestade?"

“Sim.” Seu tom de voz subiu, o suficiente para fazer a maioria das pessoas encolher, mas não Wriothesley. “Acha que Seymour é honesto?”

Wriothesley para dando um pequeno suspiro, junta os lábios e olha para o chão como se pensasse profundamente a respeito. “*Acho* que ele é honesto.”

O rei bufa de leve e dá de ombros. Ele também deve ter percebido a ligeira ênfase que Wriothesley colocou em “acho”, destilando dúvida na frase, mas ainda assim parecendo um cortesão leal. E Huicke, mesmo odiando o sujeito, está impressionado com a sutileza do jogo.

Mas aquilo não é um jogo; Wriothesley está tentando derrubar Katherine novamente, e Seymour é sua ferramenta desta vez.

Dot empacota rápido as coisas com as outras criadas, põe roupas em baús, embrulha os espelhos entre os tecidos, guarda as peles em bolsas de cetim, deixando os cordões desamarrados de tanta pressa. Houve uma mudança de planos. A rainha deve ir ao palácio de Greenwich para o Natal e o rei irá amanhã para Whitehall. Não houve tempo para acender a lareira esta manhã e está tão frio no quarto que conseguem ver o vapor da própria respiração.

Mais cedo, Dot tinha encontrado a rainha sozinha no quarto, sentada no canto da cama, o rosto branco, correndo as contas do crucifixo da mãe entre os dedos como se fosse um rosário. Mal pareceu notar quando Dot entrou, como se estivesse num transe, e a criada perguntou se algo a afligia.

“Sim, Dot”, respondeu Katherine. “Acho que é o começo do fim.” A pele em seu rosto parecia repuxada de preocupação, os olhos vidrados e inquietos. Ela sempre teve medo de ser mandada para longe do rei, tinha dito uma vez. *Dot, enquanto ele me receber, tudo estará bem*. E agora o rei não quer recebê-la.

“Se não se importa de eu dizer, madame, as coisas sempre têm um jeito de acabar como menos se espera. Olhe para mim, como fiquei apodrecendo em Newgate, pronta para ser queimada, e aqui estou, muito bem, obrigada.”

“Deus a abençoe, Dot”, Katherine disse, mas não parecia nem um pouco tranquila.

“E não há livros aqui. Todos os livros foram embora faz tempo. Não há nada.”

“Ah, mas há uma coisa, Dot. Não é um livro. Mas não vou dizer, porque é melhor você não saber. E, veja, fui praticamente banida…” Ela puxou as pérolas até Dot achar que ia arrebentá-las. “Isso não é bom, Dot.” E depois disse uma coisa que a garota não entendeu: “Quando chegar a hora, salve-se. Salve-se, vá para Devon e viva feliz com William”.

Dot a vestiu em silêncio, sem saber o que dizer e imaginando o tempo todo o que tinha acontecido no palácio durante sua estadia em Newgate, pois algo acontecera, não havia dúvida. O que era que Elwyn tinha dito — que Wriothesley tinha enganado a rainha? Katherine ficou parada como um fantoche, pôs as saias apaticamente e levantou um braço depois o outro para vestir e amarrar as mangas. Dot escolheu sua roupa. Ela não fez questão nem de dizer qual capa ou qual chapéu, de tão perdida que estava em seu próprio mundo.

"O que as damas estão dizendo?", perguntou Katherine finalmente, quebrando o silêncio.

"A maioria diz que o rei está indisposto e quer ficar sozinho."

"A maioria? E as outras?"

"Uma ou outra disse que o rei está insatisfeito com a senhora."

"E uma delas é Stanhope, imagino", disse Katherine rispidamente.

"Não, ela não. Ela partiu ontem à noite para Syon."

"Um rato que abandona o naufrágio. Então quem foi?"

"Só sua irmã e Cat Brandon, e só falaram isso porque estavam preocupadas com a senhora."

"Nessas duas posso confiar, ao menos", disse ela com um suspiro.

"Vá para Devon com William. Prometa para mim, Dot…" Ela parou antes de continuar: "Não quero nada mais pesando em minha consciência".

Agora Katherine está num canto com Huicke, murmurando, faz gestos com as mãos enquanto fala e move a cabeça devagar de um lado para o outro. Huicke tem que ficar com o rei e Katherine não está contente com isso. Os outros continuam correndo, empacotando; a bufona Jane perambula pelo quarto, atrapalhando. Ela nunca fica contente com mudanças. Sua touca caiu para trás e por baixo ela é careca como um pato — alguém deve ter raspado seu cabelo para espantar as lêndeas. Dot dá a ela uma pilha de lençóis e a tarefa de cobrir os móveis. Jane parece mais contente tendo algo para fazer.

Dot ouve os cavalos sendo preparados no pátio, o tilintar das rédeas e os gritos dos estribeiros. Algumas das jovens damas estão animadas com a surpresa de mudar para Greenwich, mas não entenderam que há algo de errado com esse plano e não sentem o peso no ar.

Um por um os baús são levados para baixo e postos nas carroças. Dot dá uma última volta, verificando se nada foi esquecido, procura debaixo das camas e atrás das portas, mas não encontra nada além de tufos de poeira. Faz isso por hábito, esquecendo que não é mais uma criada. William vem se juntar a ela. Viajarão juntos, com a rainha.

Ele segura sua mão enquanto descem as escadarias pintadas e diz num sussurro para ela não se preocupar, pressionando sua testa franzida e fazendo círculos em cima do ponto tenso. “Não vai ajudar em nada se preocupar, Dorothy Savage”, ele diz. “E as coisas têm um jeito…”

“Foi o que eu disse a ela.”

“E é verdade, Ponto-Final. Eu nunca teria imaginado que seria possível nos casarmos, e ainda assim olhe para nós.”

Faz um frio cortante no pátio e ao subir em seu pônei Dot enrola a capa bem apertada e veste suas luvas forradas de pele.

Katherine já está montada e eles partem em direção ao portão, mas então ela para, dizendo: “Não podemos abandonar os pobres macacos”, e chama um dos meninos, pedindo-lhe que apanhe as criaturas.

Todos esperam François e Betsabá serem trazidos do prédio anexo, para onde o rei os mandou alguns dias antes quando estava de mau humor. Os cavalos ficam impacientes, relincham e batem os cascos no chão, sacudindo a cabeça. O frio atravessa as roupas de Dot. Finalmente, o rapaz aparece com uma gaiola. Os macacos guincham horrivelmente como se estivessem sendo executados. Colocam-nos com os cães, mas os cães ficam incomodados com os gritos e começam a latir como loucos, então encontram espaço para François e Betsabá em outro lugar. Ao partirem afinal, movem-se a um passo tão lento que parece um cortejo fúnebre. Mas o longo grupo se separa, com as carroças rodando atrás em seu próprio passo. Normalmente, iriam pelo rio, mas partes dele estão congeladas, então viajarão por terra até Richmond e lá pegarão o rio.

A rainha vai na frente com a irmã, Lady Mary e seu mestre da cavalaria, e bem atrás dela vai um grupo de damas que parecem estar naturalmente na ordem correta, embora nada disso importe ultimamente. Dot teme que nada esteja pronto quando chegarem. Geralmente ela vai um dia antes, com os mensageiros, para preparar as coisas. E geralmente não viajam com um comboio tão grande e lento. Mas tudo foi tão de última hora. Os próprios mensageiros só foram duas horas antes para anunciá-los, e os arautos estão viajando com eles, então só Deus sabe o caos que será quando chegarem, sem quartos preparados e com todo mundo precisando comer.

Cavalgam pelo cume de onde, num dia claro, dizem que dá para ver o alto da St. Paul — mas Dot nunca a viu dali, e certamente não verá hoje, pois há um nevoeiro denso. O céu está coberto, branco e baixo, e mal dá para distingui-lo do chão. Tudo está coberto com uma camada de gelo; nos troncos das árvores e nos telhados dos celeiros é como o branco que recobre a casca de uma ameixa, mas

onde o mato alto cresce desprotegido as extremidades estão densamente cobertas de gelo, pontudo e brilhante, como cristais.

Não há nada vivo à vista por quilômetros, nem um coelho, nem um passarinho; há somente o comboio pesado que se estende mais agora, separado em grupos, além de onde Dot consegue enxergar. William vai a seu lado. Ele cantarola uma ou outra cantiga, que se mistura ao som dos cascos batendo contra o chão duro. Os cavalos se aquecem e o calor sobe entre eles em nuvens.

Quando passam pelos vilarejos — Long Ditton, Surbiton, Ham —, há pessoas nas ruas, esperando para ver a rainha e Lady Mary. Devem ter visto os mensageiros passarem; as notícias voam quando são sobre a família real, e todo mundo quer ver Katherine, que acena e sorri. De vez em quando ela para e se abaixa para receber um presente de uma pessoa ou outra — um pote de mel, um maço de lavanda seca, uma maçã —, ou beijar o rosto das crianças que são levantadas pelas mães, tremendo de frio. Nenhuma delas faz ideia das preocupações da rainha.

Esses lugares fazem Dot lembrar seu próprio vilarejo. Os fios que a ligam àquele lugar ficaram tão finos que não segurariam nada. Ela quis escrever para sua mãe e contar sobre seu casamento, mas como ela não sabe ler, e pouca gente que conhece sabe, Dot não escreveu. Quando Katherine ficou sabendo, mandou ela própria uma carta para alguém em Rye House, que deveria transmitir as notícias à família Fownten. Tinham voltado notícias de lá de que todos estavam bem, que Min tinha se casado com o aprendiz do pai, Hugh Parker, e que sua mãe trabalhava como lavadeira em Rye House. Dot se perguntava se a rainha tinha participação naquilo.

Quando chegam ao palácio de Richmond, o jantar é servido no grande salão onde eles se aquecem na lareira, descongelam as mãos e pés, mas não ficam muito tempo, pois os dias são curtos e precisam chegar a Greenwich antes que escureça. Então, assim que as barcas estão prontas, eles partem rio abaixo, passando por Londres e todos os palácios reais. Southwark brilha em contraste com o cair da noite na outra margem, e Dot pensa nas reviravoltas do destino que a trouxeram a essa barca, neste rio, neste momento, e se pergunta o que os aguarda em seguida.

Katherine está sentada a seu lado, pálida, embrulhada em peles, os dedos movendo-se sobre a bolsa que contém o crucifixo da mãe. Nunca pareceu tão frágil, e Dot percebe que, apesar de todos os segredos que conhece, há muito sobre a rainha e a corte além de sua compreensão.

Palácio de Greenwich, Kent, janeiro de 1547

Katherine está diante da janela, observando a chuva bater no vidro, e as gotas escorrem, uma atrás da outra, correndo para as beiradas de chumbo onde deslizam, caem, reagrupam-se, descem pelo próximo vidro, juntando-se a outras até virar uma pequena corrente. Estas últimas semanas têm sido um inferno. Ela sorriu durante as comemorações de Natal, doze dias de festejos forçados, até sentir o rosto paralisado de fingimento. O príncipe e suas irmãs estiveram lá com ela para as festas, as garotas sem saber de nada, tão acostumadas a serem banidas pelo pai que nada parecia fora do comum para elas.

Katherine observou Mary, desenrolando-se como uma mariposa para sair do casulo — gosta de pensar que foi um feito seu —, e Elizabeth, a pose desafiadora de sua cabeça, mascarando a vulnerabilidade que jaz debaixo da pele. Sua família parece frágil como um cristal veneziano. Katherine desempenha seu papel, mas está exausta com sua própria indignidade. Elizabeth é um poço sem fundo. Katherine é a única mãe que ela teve — a não ser por sua governanta, a sra. Astley, que cacareja em torno dela, incapaz de dizer não, cuidando dela como se fosse um ovo dourado. Elizabeth foi embora agora, para Hatfield, onde Astley pode cacarejar em paz. Seu irmão foi com ela, pobre garotinho; não vai demorar para que o peso da Inglaterra esteja sobre aqueles ombros de nove anos. Um armeiro veio trazer-lhe um traje novo outro dia. Parecia um soldado de brinquedo vestido com ele, e vê-lo assim apertou o coração da rainha com pensamentos sobre o que o espera.

“Mãe”, ele disse. “Serei um bom rei?”

“Sim, querido, você será”, ela respondeu, mas imaginava o que seria dele caso se livrassem dela.

Uma aranha desce pela janela em sua teia, parece suspensa no ar, as patas movendo-se devagar. Katherine se sente também pendurada em uma teia cada vez mais fina.

Não é mais ela mesma, fez algo que torna triviais seus outros pecados. Rio acima, enquanto isso, está a Torre, e Surrey, que será executado hoje. Ela pensa nele, imagina se está escrevendo poemas como costumava fazer, para se distrair, lembra-se de como ele e Wyatt competiam para impressionar as damas com suas palavras enfeitadas. Foi um dos amigos mais queridos de Will. E ordenaram que Will comandasse o julgamento. É o senso de humor do rei? Ou está testando a lealdade de Will? Ela gostava de Surrey. Está tomada pela convicção de que será

a próxima no patíbulo, desde que foi expulsa de Nonsuch.

A raiva do rei, sua recusa em vê-la, os rumores de uma nova esposa — em seguida o quê? Virão e levarão suas joias, depois a levarão para a Torre; farão um julgamento encenado, baseado em um único olhar; ela observará o pobre Thomas ser morto; depois ela própria fará seu último discurso, procurando desesperadamente uma gota de coragem para que não desmaie e passe vergonha no cadafalso. Até a pequena Catherine Howard tinha ido para a morte com graça. Katherine se pergunta se também iria. Não, não iria, irá — se também irá. Não há dúvida.

É por isso que ela fez o que fez.

Está envergonhada demais até para rezar, pois sabe que Deus não ouvirá uma pecadora como ela. Seu pecado é completamente sombrio, uma escuridão que a pressiona. Fez um pacto com algo diabólico e está condenada à danação. Quando pensa no que fez por Latymer, imagina se foi o começo de tudo, se o diabo se aproximou dela naquele momento e a treinou desde então, preparando-a, moldando-a devagar, ensinando-lhe como se livrar de um marido e considerar um ato de misericórdia. Mesmo assim, está aliviada por sua coragem, pois terminar com o sofrimento de Latymer foi uma bênção.

Mas isso agora — este último ato — não é um ato de piedade, de qualquer prisma que se examine: um ato de medo, sim, mas não de misericórdia. Há modos de matar e não ir para o inferno — ah, ela pensou em tudo isso, esperando encontrar um modo de salvar os pedaços incongruentes de sua alma. Deus não considera um pecado matar no campo de batalha, matar ou ser morto. E ela tentou se imaginar uma guerreira, numa cruzada pela nova religião, mas não é nada disso. Nunca teve coragem de morrer por suas crenças. Anda assim, as chamas temporárias da fogueira não seriam nada comparadas à danação eterna que a espreita. E, se ela não é uma guerreira e a corte não é um campo de batalha, o rei de fato se tornou seu inimigo. E ela a inimiga dele, embora o rei não saiba.

Katherine se lembra de novo e de novo da conversa a meia-voz que teve com Huicke quando estavam partindo de Nonsuch, o pobre e leal Huicke, que ela levou para o inferno consigo. Lembra-se de estar sentada longe de suas damas num canto frio, a mão enluvada dele pousada de leve sobre seu braço, sentindo-se tão sufocada de medo que mal conseguia falar.

“Ele vai me matar, Huicke”, disse. “Seu ciúme é de longe mais forte que sua razão — até mais forte que sua fé.”

“Não, Kit, não”, ele respondeu, segurando as mãos dela entre as suas.

Katherine se lembra das luvas macias, muito mais macias que a pele de uma criança, e de ter pensado na pele avermelhada e saltada que havia por baixo, irritada como se o corpo dele estivesse atacando a si mesmo.

“Não vou deixar isso acontecer com você. Farei qualquer coisa.”

“Qualquer coisa?”

Ela tinha pensado a respeito a noite toda, rezando, esperando um sinal divino, uma permissão. Não veio nenhum — Deus estava quieto —, mas ela sabia que preferia pecar a ir para o patíbulo. Estava cansada do medo insistente, incessante, e de ter que adivinhar os caprichos do rei, moldar-se à forma que servisse, segurar permanentemente a língua por medo de deixar algo escapar. Mas no final foram seus olhos, e não sua língua, que a traíram: aquele momento eterno nos aposentos do rei ainda a assombra, quando fugiu por um instante para os olhos de Thomas e entregou sua intimidade mais profunda.

Agora ou ela sobrevive ou o rei.

“Qualquer coisa Kit. Estou falando sério”, Huicke respondeu.

“Ele não vai se livrar de mim, Huicke. Vou me livrar dele primeiro.” Suas palavras soaram como o chiado de um gato, e ela se perguntou então se estava possuída, parte sua horrorizada pelo som e a forma da própria fala.

“Eu disse qualquer coisa, Kit.”

“O emplastro.”

Huicke assentiu.

“Dedaleira, meimendro, cicuta. Ponha tudo. Você sabe quanto.” Ela gelou só de dizer aquilo; um frio insistente, que encheu suas veias de gelo. “Mas tome muito cuidado”, continuou, “para não encostar na sua pele.”

“Kit”, sussurrou Huicke, “você sabe o que isso significa?”

“Sei.” Ela teve então a sensação de ultrapassar uma linha invisível, além da qual não era mais ela mesma e onde atos não podiam ser medidos na escala normal das coisas. Não era mais a pessoa que sempre fora. “É ele ou eu.”

Katherine segurou o querido Huicke pelos pulsos, como se agarrasse os fios partidos de seu ser transtornado. “Ponha só um pouco, para que o cheiro não mude, e o efeito será gradual.” Ficou aterrada com o modo como as palavras saíram de sua boca com tanta facilidade, e com o cuidado que tomou para pensar em tudo, até mesmo nas luvas de Huicke que o protegeriam. E pensar que ele, entre todo mundo, seria a pessoa a fazer aquilo por ela, essa coisa horrível.

É isso que a deixa horrorizada agora — a natureza premeditada de seu ato, a facilidade com que se livrou de Deus. Não reconhece mais a si mesma, mal consegue olhar nos olhos de suas damas mais próximas; está sozinha,

ponderando sobre o que colocou em marcha, entretendo o frenesi que nunca a abandona. Cada vez que ouve notícias da piora do rei elas voam dentro de sua cabeça como morcegos, bicando sua alma, rasgando-a, esvaziando-a dos últimos vestígios de bondade. Essa é a alma com que viverá pela eternidade.

Os macacos estão perto da lareira. François cata uma lêndea no pelo de Betsabá, exclamando e murmurando para ela na língua dos macacos. É um gesto de tanta ternura que faz Katherine sentir o ardor agudo de lágrimas no fundo dos olhos e um puxão, como um anzol na barriga, do amor que ainda tem pelo tão querido Thomas. François acaricia sua esposa símia agora, com a mão livre, tão parecida com a de um homem, porém mais comprida, feita para se pendurar nas árvores. Ao ver os dois, ela emitindo sons de prazer, ele correndo o dedo alongado por trás de sua orelha peluda, Katherine sente uma onda de saudades.

E sente de novo aquilo, o momento em que seus olhos encontraram os de Thomas, o momento que se estendeu como uma pequena vida. O rei estava certo, ela imagina, pois aquele instante foi uma completa, total traição: Thomas poderia muito bem ser seu amante, e o rei um corno, pois o modo como seus olhos se fundiram foi de longe mais íntimo que qualquer noite que ela tenha passado na cama do rei. Os pensamentos contam tanto quanto os atos, alguns clérigos dizem. Ela se sente pinicar por dentro de desejo por carinho, um único instante, como o momento que testemunhou entre os macacos. E como tudo foi parar num lugar sem Deus, como aqueles animaizinhos.

Katherine se pergunta onde Thomas está agora, teme por ele, espera que tenha se afastado da corte. Ou talvez não, pois isso faria com que parecesse culpado. Ele tinha que ficar ali debaixo do nariz do rei, provando a própria inocência, pois não tem culpa, e seu irmão está ganhando importância tão rápido que certamente Thomas vai subir junto. Não pode ser condenado por inspirar tal amor, por seus olhos azuis. Mas sim, pode. Ela sabe disso. E agora condenou a si mesma e a Huicke.

Mas aquilo que começou não pode parar. Katherine sente falta de ar, fraqueza, apoia-se na parede por medo de cair, arrasta-se até a escrivaninha. Destampa a tinta. O vidro cai no chão, deixando um rastro negro na madeira. Ela pega uma pena, molha e começa a escrever, o bico arranhando o papel. Precisa dizer a Huicke que pare. Sua carta é curta e oblíqua, não quer levantar suspeitas. *Aquilo que discutimos não será necessário,* escreve. Ela joga areia sobre a tinta úmida, sacode, dobra o papel espesso, derrama uma gota de cera vermelha na junta, aperta o selo — o selo da rainha.

Chama o arauto e a carta é despachada num instante, mas é inútil pensar que

pode anular as doses de veneno das semanas anteriores.

Uma carta chega de Westminster. É uma ordem. Ela deve se preparar para partir com somente algumas de suas damas. Sente um soco no estômago. É isso — o começo da jornada para a Torre. Suas damas preparam as coisas novamente e viajam até a cidade numa neve cortante, contínua, avançando devagar contra o vento, mal se movem contra a corrente invisível. Leva uma era. O tempo é governado por leis próprias, pensa Katherine, incapaz de apagar a memória do instante em que entrou no mundo dos olhos azulados de Thomas, e como aquele momento se multiplicou em milhares de vidas de alegria.

A Torre surge na neblina, cinza-escura contra o céu carregado. Ela não consegue olhar para a mórbida cabeça de Surrey pendurada na ponte. Cat Brandon perde o ar e engole um soluço. Katherine havia se esquecido de que eles tinham sido próximos. Cat tinha-lhe confidenciado os poemas que ele escrevera para ela. Mas aquilo foi uma era atrás, antes que se tornassem quem são — quem ele *era*. A Torre está diante deles agora. Ela se mantém firme, mas a barca segue com dificuldade rio acima. Não vai se deixar pensar que sua pena está suspensa.

Atracam nas escadas de Westminster. Nenhuma tropa de sentinelas a aguarda com alabardas. Cruzam o pátio, varrido pelo vento cortante que faz os laços das capas esvoaçarem e os chapéus tremularem como bandeiras, encobrindo o barulho suave dos passos sobre as pedras úmidas e o farfalhar das saias, seguem depressa em direção às escadas e ao salão quente do lado de dentro. Há algumas pessoas ali, um grupo sóbrio que faz reverências para as damas que passam. Não há música nem jogos, tudo está mudo e imóvel como se estivessem no olho do furacão.

Em seus aposentos uma lareira foi acesa e há velas, pois embora ainda seja cedo está bem escuro. Ela se senta com Rig enrolado no colo, incapaz de se concentrar em qualquer coisa, enquanto Dot e as outras arrumam as coisas. Vêm barulhos do outro lado da porta e seu arauto anuncia Hertford. Chegou a hora, ela pensa, estão aqui para me levar. Lembra-se de Hertford vindo buscá-la no dia em que ficou sabendo que se casaria com o rei; não foi um pedido, mas uma ordem revestida de veludo.

O rei a surpreendera naquele dia com sua ternura, o modo como viram juntos seu livro de horas, as palavras do pai inscritas nele, a primavera seca. Ela viu de relance o homem que ele era, mas não tinha visto aquele homem com muita

frequência recentemente — só aquele outro, seu duplo assustador. Katherine pode ouvir o triste barulho dos copos se espatifando contra a lareira, os pequenos fragmentos de cristal voando, brilhando na luz como faíscas.

Hertford veio sozinho, só com um pajem que carrega suas coisas. Ele se ajoelha e faz questão de tirar o chapéu sem olhar nos olhos dela. Há algo do irmão na postura dele; ela sempre achou. Faz seus olhos arderem.

"Hertford", ela diz, "não há necessidade de tudo isso; venha sentar-se a meu lado. Que notícias você traz?" Fica surpresa com a firmeza da própria voz, como se nada tivesse acontecido, como se ela fosse a mesma Katherine, a mesma rainha que sempre fora, e não estivesse gelada até o âmago e saltando de medo a cada ruído.

Hertford se acomoda no banco a seu lado, olha para o chão, murmurando: "Ele não tem muito tempo de vida".

Ela perde o fôlego e quer perguntar quanto tempo, mas não saem palavras. Hertford interpreta como lágrimas a culpa que a bloqueia e a faz respirar com dificuldade.

"É uma questão de dias."

Ela recupera uma voz fraca afinal. "Foi *ele* quem o mandou aqui?"

Hertford assente com a cabeça. "Ele acha que precisava saber. Quer que vá visitá-lo amanhã."

Um alívio toma conta dela como uma onda morna, mas não consegue descongelar seus ossos. Katherine pode estar a salvo da ira do rei, mas a de Deus é muito maior.

Huicke tem a carta de Katherine guardada dentro da camisa, onde esfrega sua pele, irritando-a. O quarto está abafado e tem cheiro de morte. Ele gostaria de vê-la — ou mandar notícias, ao menos —, para contar que Deus está levando a vida do rei, sem a ajuda deles. Sabe que ela chegou a Whitehall, pois Hertford foi mandado para recebê-la, mas não ousa deixar a cabeceira do rei sem permissão. Dr. Owen e dr. Wendy estão conversando. Debatem se devem fazer uma nova incisão na ferida do rei ou cauterizá-la; não incluem Huicke na discussão. Ele não é um deles, nunca foi. É o médico da rainha, e eles temem que roube um pedaço de seu bolo, pois o rei gosta dele e de seus novos remédios. Estão todos circulando, manobrando para conseguir a melhor posição. Ninguém ousa contar ao rei que está morrendo, pois é traição falar de sua morte. Huicke está aliviado de não ser importante o suficiente para tal tarefa.

Lorde Denny se aproxima do grande homem, que respira com dificuldade na cama. Com a cabeça quase no travesseiro, fala aos sussurros e ouve atentamente as respostas da voz áspera. É o humilde Denny quem finalmente junta coragem para contar ao rei que deve se preparar para a morte. Huicke, que nunca achou o sujeito grande coisa, está impressionado. Atrás dele estão Wriothesley e Paget, tomando notas. É o testamento que discutem — o novo testamento. Pois as hienas se aproveitaram do desdém que o rei tem por mulheres, sugerindo discretamente uma coisa, depois outra. Fragmentos do que foi dito zunem pelo quarto como moscas: fraqueza de moral; falta de constância; preocupações com a carne.

No fim, entretanto, foi algo que Wriothesley disse que fez a diferença: “O julgamento que as mulheres fazem do casamento pode ser tão errôneo”.

O rei bateu com a mão enorme sobre o lençol e resmungou: “Vamos criar um conselho para governar o país até o príncipe chegar à maioridade”.

Então afastaram Katherine no final, e com facilidade, e sugeriram nomes para o conselho, que será formado, ao que parece, por eles e seus comparsas. Huicke está contente de ouvir que Will Herbert foi sugerido para o conselho — é o cunhado de Katherine e vai defendê-la —, mas Will Parr não estará entre eles. Estão todos à deriva sem saber a quem pedir orientação e naturalmente voltam-se para Hertford, que está cada vez mais confiante.

Ele pode ter calculado sua ascensão perfeitamente, mas ainda é capaz de fazer julgamentos errôneos. Enquanto Huicke observava, aproximou-se da cama do rei e ajoelhou-se para perguntar: “E Thomas, meu irmão, terá um assento, majestade?”.

O rei deu praticamente um rugido — “NÃO!” —, a fala mais alta que pronunciara desde a chegada a Whitehall. Então não era imaginação de Katherine. Huicke refletiu sobre a ironia de o rei ser finalmente despachado por seu próprio ciúme: aquele único grito precipitou um acesso de tosse terrível que todos temeram que pusesse fim a sua vida naquele instante, e ele mal conseguiu falar depois.

Huicke mede uma dose de ópio, que administra ao rei, observando seus olhos negros perderem a dureza e começarem a nadar no delírio. Hertford volta, dizendo que a rainha está bem e aguarda ser chamada, mas o rei está em outro lugar, além da compreensão. Owen e Wendy ciscam em volta, pingando tinturas na boca aberta. As hienas se posicionam. Chamam Cranmer, que sobe na cama ao lado do corpo enorme. O arcebispo passa óleo na testa do rei com o polegar e pega sua mão, murmurando encantos, bem quando as últimas gotas de vida

escorrem de seu corpo.

É como se as próprias pedras do palácio suspirassem de alívio.

Katherine aguarda o chamado. Não vem ninguém. O tempo passa. O jantar é servido, mas ela não consegue comer. Suas damas estão quietas, mal dão um murmúrio, e parecem agitadas. Estão todas no limbo. O relógio de ferro soa a cada vez que passa a hora, indolente. A ceia é servida. Nada. Elas se retiram para descansar. Katherine não dorme, nem por um instante. Pensa no testamento, em se tornar regente, imagina se tem a força para tal. Vai precisar estreitar seus laços com Hertford. Perguntas disparam em sua mente. Henry se recuperou? Ela está perdoada? E o veneno? Onde está Thomas? Ela escuta o barulho da chuva e observa o dia raiar por uma fenda no dossel da cama, um céu matinal acinzentado lutando para se impor sobre a escuridão.

A rainha se levanta antes de todos e anda pela galeria. A não ser pelo tamborilar da chuva, há um silêncio mortal, como se a peste tivesse levado todo mundo em uma única noite. Senta no vão da janela, enrola-se na capa para se proteger do frio. Olha para as próprias mãos; suas unhas estão roídas até a raiz. Quando começou a roer as unhas? Dali ela enxerga a porta dos aposentos do rei e os dois sentinelas vestidos de vermelho do lado de fora. Parecem fingir que ela não está ali, se é que a veem, e sua mente vagueia, perguntando-se se talvez já não seja um fantasma.

Os arautos do rei e os camareiros começam a se juntar na porta e um cortejo de criados da cozinha aparece com o café da manhã. Os guardas abrem a porta e ela enxerga o rosto de doninha de Wriothesley. Não deixam ninguém entrar, nem sequer os arautos, e as bandejas são entregues a ele pela porta semiaberta. Katherine fica intrigada, sendo algo atípico de Wriothesley realizar tarefas tão baixas. Um dos membros do séquito do rei passa e para, fazendo uma reverência ao vê-la.

“Madame”, diz ele, beijando sua mão. Não faz comentários sobre o fato de que ela está sozinha, praticamente escondida na janela da galeria — comportamento nem um pouco digno da rainha.

“Por que não deixam entrar os arautos, Sir John?”

“Não deixam ninguém entrar há quatro dias, a não ser os conselheiros mais próximos e os médicos do rei.”

“E Huicke?”

“Está lá dentro.”

“Meu irmão?”

“Ele não, madame.” Então, seja o que for que está acontecendo ali dentro, os Parr foram postos de lado.

E Thomas Seymour?, ela quer perguntar, mas em vez disso diz “Obrigada, Sir John”, como se tudo aquilo fosse perfeitamente normal. E vendo que ele está sem saber como se comportar — quando a rainha, que deve ser a primeira a saber de tudo, não sabe nada —, pede que vá embora. Ela se pergunta se Huicke recebeu sua carta, e espera pelo amor de Deus que sim.

Em seus aposentos as damas se levantaram e estão se preparando para o café da manhã. Katherine se senta. Falam da chuva e de quem vai levar os cachorros lá fora, e se precisam buscar mais lenha, qualquer coisa para não falar daquilo que está na cabeça de todas. Ao tirarem as tampas das bandejas, os macacos começam a guinchar. Dot lhes dá um pouco de fruta. A boca de Katherine está seca demais para comer, mas ela sabe que precisa e força algumas colheradas de coalhada.

No meio da manhã anunciam Will Herbert — finalmente, notícias.

Anne corre para o marido. “O que está acontecendo, Will?”

É a pergunta nos lábios de todas.

“Nenhuma novidade”, ele diz, ajoelhando-se diante de Katherine. “Mas pediram-me para avisar, madame, que o rei está indisposto e não pode receber visitas.”

Ele mantém os olhos no chão. Por que não olha para ela?

“Will?”, ela diz. “Will, sou eu. Levante-se e fale comigo como o parente que você é.”

Ele se levanta e fica sem jeito diante dela. “Sinto muito”, diz, mexendo na barra do gibão, ainda sem olhar para ela.

Katherine esconde as unhas roídas atrás das costas. “Vá, volte para ele”, diz.

Ao se retirar, Anne segura seu braço, insistindo, mas ele a afasta com as palavras “Não posso dizer nada”.

Katherine sente-se oca; teme que ficar sem saber a enlouqueça completamente. Depois de horas intermináveis, veste-se com sua melhor roupa e, com a irmã e Cat Brandon, vai ela mesma, pede que a deixem entrar, mas os guardas recusam sua entrada. Wriothesley sai com um sorriso falso, esfregando as mãos que estão secas e cheias de veias como folhas mortas. Ele diz: “Sinto muito”.

Ela quer gritar com ele, sacudi-lo pela gola de babados, arrancar a verdade.

Mas tudo que pode fazer é voltar e esperar.

Mais dois dias passam, e Katherine mal sabe dizer se enlouqueceu ou não, até Hertford chegar anunciando que o rei está morto.

“Meu Deus…” É tudo que ela consegue dizer.

As damas fazem alguns sons de espanto abafados. Hertford tem uma pequena mancha de molho ou alguma coisa em seu gibão branco-neve. Ela fixa o olhar ali.

“Ele não sofreu demais.”

Katherine balança a cabeça. A linguagem a abandonou, tudo que consegue pensar é no emplastro envenenado, que ela poderia ter envenenado a si mesma, que nunca estará livre. Finalmente, junta seus pedaços à deriva. “E o testamento?”

“Foi feito um novo”, diz Hertford formalmente, como se fazendo uma declaração pública. “Um conselho governará…” Ele hesita. “Serei o protetor do rei.”

Ela fica momentaneamente confusa. “Do rei?”, diz, só então percebendo que ele está falando do príncipe Edward, e que Henry já não existe. “Edward.”

“Rei Edward VI”, diz Hertford. Ele tem um ar astuto, os olhos agitados.

Sente-se culpado de ter pegado a regência para si mesmo? Katherine vasculha seus próprios sentimentos e só encontra ambivalência. Hertford está diante dela, aparentemente também sem saber o que dizer. Ela se pergunta se deve fazer uma reverência para ele, a ordem das coisas mudou tanto — mas ela ainda é rainha.

“Seus bens são generosos”, ele diz, “como convém a uma rainha viúva.” E começa a listar as propriedades que ela herdará. O velho solar de Chelsea é uma delas.

“Chelsea?”, diz ela.

“Sim, o rei…” Ele hesita, corrige-se. “O antigo rei achou que a senhora gostaria desse lugar.”

É verdade; Chelsea é uma bela casa na margem do rio. Ela consegue se imaginar ali.

“Lady Elizabeth irá para sua casa.”

“Fico contente com isso.” A ideia toma conta dela, de uma vida feliz, com Elizabeth e sua própria casa, longe das intrigas da corte. Ela se põe completamente ereta e diz: “Pode ir”.

Mas seu coração não está mais nesse jogo e sua voz não tem autoridade. Mesmo assim, ele faz uma reverência e vai para a porta.

Então ela o interrompe. “Gostaria de vê-lo.”

Enquanto espera que tragam seu vestido preto adamascado, chega Huicke. Ela dispensa todos menos Dot, que continua a empacotar as joias da rainha que serão mandadas para a Torre, onde ficarão guardadas. Até que as coisas se arranjem e o menino seja coroado, ninguém tem certeza do que vai acontecer.

“Nunca estive tão feliz de ver você”, ela diz, abrindo os braços para abraçá-lo.

É bom sentir outro corpo perto do seu; ninguém a tocou em semanas, a não ser Dot ao ajudá-la a se vestir. Todos se mantiveram à distância, inclusive sua irmã.

“E eu também.” Ele põe um papel dobrado em sua mão. “Não precisei.”

Ela olha para o papel, vê seu próprio selo aberto.

É a carta.

“Você quer dizer…”

“Não fiz o que você pediu… o emplastro.”

“Huicke”, ela suspira. “Graças a Deus, querido Huicke.”

“Achei que você estava louca de medo em Nonsuch e não sabia o que estava me pedindo.”

“Você me conhece melhor do que eu mesma.” Ela começa a rir. Pensava que tivesse esquecido como era. “Às vezes me pergunto se você não é um anjo.” Katherine não tinha percebido quão grande era seu medo até aquele momento, quando ele desapareceu e seu corpo ficou leve como o ar. Está tonta de alívio. “Você, pelo menos, não está condenado.”

“Nem você, Kit. Tem um bom coração. Deus sabe.”

Ela deseja que fosse verdade, mas ainda consegue sentir o julgamento divino; queima atrás do pescoço.

“Faz três dias que o rei morreu”, ele diz, em voz baixa.

“Meu Deus”, ela murmura. “Fui deixada completamente de fora.”

“Fomos proibidos de deixar seus aposentos, ninguém podia entrar.”

“Por quê?”

“Queriam tempo para discutir o novo testamento. Dividir o poder… acertar as coisas.” Ele põe a mão no ombro dela. “Você sabe que não será regente.”

“Eu sei, Huicke. Hertford ao menos teve a decência de me contar ele mesmo. E acho que nunca fiquei tão contente com algo.”

Ouve-se uma batida de leve na porta. É Lizzie Tyrwhitt com seu vestido preto. Katherine o veste por cima da bata. Dot e Lizzie o fecham, cada uma de um

lado, apertando-o.

“Venha.” Ela segura a mão enluvada de Huicke. “Leve-me até ele.”

O quarto está enfumaçado de incenso e todos se ajoelham quando ela entra: Hertford, Denny, Paget, Wriothesley, o arcebispo. Hábito ou cortesia, ela se pergunta, incapaz de evitar olhar em volta em busca de Thomas. Ele não está ali. Katherine vai até a cama. Henry foi vestido com seu traje mais elaborado, veludo púrpura com peles, bordado de fios de ouro e joias. Seu rosto inchado perdeu a forma, deixando-o irreconhecível, e por um instante ela pensa que aquele não é seu marido, mas um impostor. Então vê suas mãos gordas juntas sobre a enorme barriga e percebe o cheiro fétido da gangrena por baixo da nuvem de incenso. Ajoelha-se, fecha os olhos, mas não encontra palavras, não consegue fazer uma oração, não sabe o que dizer a Deus. Faz sinal chamando o arcebispo.

“Gostaria de rezar junto”, murmura ela.

Um sorriso apagado aparece no rosto dele enquanto se ajoelha ao lado dela e começa. “Amado Pai…”

Ela levanta a mão para interrompê-lo. “Em latim. Ele gostaria assim…”

Quando ela está para sair, o pequeno rei Edward entra. Está enfeitado com arminho e para com as pernas separadas, as mãos na cintura. Tão parecido com o pai. Ela se ajoelha diante dele.

Hertford faz um sinal de aprovação, como um mestre de fantoches satisfeito com sua apresentação.

“Majestade”, ela diz. “Minhas sinceras comiserações.”

“Pode se levantar, mãe”, ele diz.

A voz dele ainda não engrossou e isso a entristece, pensar nesse menininho solene e no peso colossal de seu futuro. Ela se levanta, sorrindo. Mas o rosto tenso dele permanece imóvel. Edward acena com a cabeça e segue adiante, com Hertford ao lado.

Ela percebe que o perdeu.

Castelo de Windsor, Berkshire, fevereiro de 1547

Katherine observa o caixão balançando adornado de velas e envolto em azul e fios de ouro, o cortejo caminhando devagar em volta. A efígie do rei, vestido de

vermelho, com a coroa dourada, vai em cima; parece tanto com ele dormindo, mais ainda do que seu próprio corpo. Aquela imagem traz seu coração à garganta. Ela se sente como um pássaro pousado em um galho no lugar que ocupa na galeria, a galeria da rainha, aliviada por seus olhos não estarem à vista, a não ser para a irmã que está a seu lado. Não consegue encontrar nem um fiapo de tristeza e quando se ajoelha para rezar não reza pela alma do marido, e sim pela sua, implorando a Deus que a perdoe — todos aqueles pecados acumulados a rodeiam como uma massa de nuvens.

Katherine alisa o veludo azul-escuro do vestido e se inclina para assistir ao cortejo. Vê Thomas lá embaixo, sua capa de veludo tão preta, mais profundamente preta do que a do irmão, e decorada com zibelina preta. Mesmo vestido com roupas escuras, ele consegue irradiar um brilho como se tivesse um halo, como um dos santos. Olha rapidamente para ela; um vislumbre de sorriso aparece em seu rosto e move os dedos fazendo um aceno tão discreto que poderia estar afastando uma mosca. Ela sente o aperto da ansiedade.

Ela pensa no solar em Chelsea sendo preparado — seu próprio refúgio. Parece estranho, distante, ter finalmente a oportunidade, depois de todos aqueles maridos, de ser senhora de si mesma, não dar satisfação a ninguém. A ideia infiltra-se nela.

O coro começa um *Te Deum*, o som se eleva, mas não é bem como deveria ser; o menino soprano só chega perto das notas mais altas e há algo de errado no tempo, uma dissonância. Ela se pergunta se é a única que consegue ouvir, imagina se o estado de sua alma a deixou incapaz de apreciar algo verdadeiramente sagrado. Seu colar pesa na garganta. É o mais feio de todos, as gemas amontoadas, competindo por espaço, embora seja provavelmente o mais valioso. Vai se juntar ao resto das joias na Torre depois da missa.

Ela põe a mão distraidamente na bolsa presa na cintura, esquecendo-se de que o crucifixo da mãe fora parar por engano, no rescaldo do perigo, no baú de joias que foi mandado para a Torre. Seus dedos estão perdidos sem ele. Ela ainda é a rainha — rainha viúva, pelo menos —, até que o pequeno Edward encontre uma esposa, então, de direito todas aquelas joias serão dela. Mas já que Hertford tomou as rédeas da Inglaterra — chama a si mesmo de lorde protetor e adotou o título de duque de Somerset — pode ser difícil conseguir qualquer coisa dele. Stanhope vai gostar de ser duquesa, esposa do lorde protetor da Inglaterra, perto o bastante de uma rainha — ela vai ficar insuportável. *Adoraria* pôr as mãos em algumas daquelas gemas enormes.

Títulos têm sido distribuídos como doces no Natal. Thomas será barão de

Sudeley e grande lorde almirante. Ela se pergunta se está frustrado pelo irmão ser duque e ele um barão. Provavelmente! Olha novamente para Thomas, só consegue ver o alto de seu chapéu. Sua pluma é preta hoje, mas exuberante como sempre. Will está ali perto. Veste azul-escuro como ela e olha para cima de vez em quando. Ficou abalado com a morte de Surrey, furioso por ter que presidir o julgamento. Teve raiva, também, do testamento do rei, de não haver cargo para ele no conselho. Imagina que ele se deixou levar, fantasiando com a irmã se tornando regente, exercendo todo o poder. Dizem que será marquês de Northampton, o que deve ser um consolo. Será um dos dois únicos marqueses no país — e isso deve significar alguma coisa, pelo menos.

Will nunca pensou de verdade na felicidade *dela*; não porque seja maldoso, simplesmente nunca lhe ocorreu que a felicidade pudesse estar em outra coisa que não na influência. Katherine o observa sussurrar algo no ouvido de Thomas, que bate em seu ombro de leve. Pergunta-se se a ambição de Will será seu fim, se ele é um Ícaro. A corte está cheia deles. Mas, por enquanto, de qualquer maneira, ele deve se contentar com seu tão esperado divórcio. Será feito, agora que o rei não está mais no caminho, ela supõe. E ele tem o novo título.

Katherine sente que de todos os adornos que juntou, os vestidos, a prataria, os tecidos, as pedras, todas as coisas que recebeu como rainha, poucas significam alguma coisa. Será feliz em Chelsea, imagina, com alguns bons vestidos, seus livros e o crucifixo da mãe. Além daquilo, só as pessoas têm valor.

Enquanto Cranmer faz seu sermão, ela revisa em silêncio as pessoas que levará consigo: Elizabeth, Dot, sua irmã Anne, Cat, Lizzie Tyrwhitt, todas estarão por perto, mesmo aquelas que não morarem com ela, pois Chelsea é uma viagem curta de Londres. Levará William Savage e o querido Huicke. Quanto mais pensa a respeito, mais seu futuro parece um paraíso, e ela pensa na possibilidade de que Deus já a tenha perdoado, por ter lhe dado tudo aquilo.

Aperta a mão da irmã e trocam sorrisos. Ela tem o brilho da gravidez novamente, como uma maçã perfeitamente madura. Katherine procura em seu coração a costumeira pontada de inveja, mas não há nada. Resignou-se ao fato de que ela mesma não gerará frutos.

Deve se contentar com os frutos que caíram perto dela — e a órfã Elizabeth é um deles.

12

Velho solar, Chelsea, março de 1547

Katherine está com Elizabeth em um salão de sua casa em Chelsea. Estão estudando um dos sonetos de Surrey, uma tradução de Petrarca, comparando com a versão de Wyatt do mesmo poema.

“Você vê aqui, Elizabeth, como Wyatt usou a estrutura de rimas de Petrarca e Surrey não? Pense em como isso afeta o significado”, explica Katherine.

“Mas Wyatt usou uma metáfora inteiramente nova. Veja isto.” Elizabeth fala rápido, como se tivesse que pôr as ideias para fora antes que as esquecesse. “Veja”, ela aponta para a página. “‘Ali acampou, içando seu estandarte’ e ‘No campo de batalha viver e morrer’. Ele faz do amor uma guerra.”

Katherine nunca deixa de se impressionar com a inteligência refinada da garota. Tem só treze anos e já entende as sutilezas da tradução melhor do que a maioria das pessoas. Mas hoje Katherine não consegue se concentrar direito, pois seu irmão está vindo a Chelsea e, com ele, Thomas Seymour. Ela imagina a barca de Seymour deslizando rio acima em direção a elas.

“Sim, Elizabeth”, responde. “E veja o que Surrey fez.”

“Embora sua estrutura de rimas seja diferente, o significado é mais fiel ao original.”

Ela imagina o ritmo dos remos movendo a água, afagando-a e deslizando sobre ela, a respiração sincronizada dos remadores, puxando e empurrando. Percebe que as sensações que tem agora são tão parecidas com a sensação de pavor que tinha há não muito tempo: uma percepção mais aguda do corpo, como se pudesse sentir o sangue sendo bombeado para os cantos distantes, o coração palpitando de ansiedade. Ainda não viu Thomas, a não ser em público. Ela olha pela janela, pensa ter ouvido um som, um ruído na água.

“Que horas são?”, pergunta a Anne, que está costurando com Dot, Lizzie Tyrwhitt e Mary Odell, a mais nova de suas criadas, cada uma bordando um pedaço diferente da mesma peça. É uma capa para o novo rei.

“Devem ser onze horas, pelo menos”, ela responde.

Katherine se levanta e vai até a janela. A barca está lá, ao longe; está perto o bastante, no entanto, para que ela enxergue as asas no estandarte. Engole em

seco e respira antes de voltar a Elizabeth.

“Chega por hoje.”

Diz isso como se nada estivesse diferente, como se seu coração não estivesse na boca. Mal consegue evitar sair correndo até o embarcadouro. Ajuda Elizabeth a guardar seus livros, escolher o poema que vão estudar no dia seguinte. Seu dedo treme ligeiramente ao apontá-lo no livro.

Parece uma eternidade até que o arauto bate na porta, anunciando-os.

“O marquês de Northampton e o barão de Sudeley, grande lorde almirante.”

Eles entram, enfeitados, Will de brocado verde e arminho, que tem direito de usar agora que é marquês; Thomas de veludo azul meia-noite, derramando seda dourada pelas fendas.

“Marquês”, ela diz para Will, com um sorriso sardônico, pois sabe que ele deve adorar o som de seu novo título. “Lorde almirante”, diz depois, e sua voz falha ligeiramente.

Thomas faz uma reverência. Ela não ousa oferecer-lhe a mão, teme que, se sua pele tocar a dela, perderá completamente o controle. Os homens cumprimentam o resto do grupo e todos se reúnem diante da lareira. Katherine não consegue olhar para ele, mas sente seus olhos sobre ela. Conversam. A língua dela tem um nó. Elizabeth lê o soneto de Surrey — o pobre falecido Surrey. Mas tudo em que Katherine consegue pensar é em como fazer para ficar a sós com Thomas. O ar está pesado e grudento como mel de tanto desejo.

Quando seguem para o salão para almoçar, os dedos dele roçam nos dela e Katherine acha que vai desmaiar. Não consegue comer. Nem ele. A comida vem e vai. Então Will, o querido Will, quer ver os planos para sua nova horta medicinal. Ela poderia mostrar o lugar que escolheu?, ele pergunta. E enquanto se agasalham para se proteger do frio de março, ele diz: “Você vem conosco, Seymour?”, como se não significasse nada.

Ela anda de braço dado com Will pela avenida de mudas que plantou. Thomas está do outro lado, o espaço entre eles solta faíscas, como o ar antes de uma tempestade. Examinam o jardim de ervas, fechado com cerca viva. Will solta o braço, afasta-se sem uma palavra, e depois que se foi eles se agarram sem dizer palavra, como dois animais.

“Esperei uma eternidade por isso”, murmura Seymour.

“E eu também.”

O chapéu dele cai no chão. Ela aperta o nariz contra o pescoço dele para sentir seu cheiro e descobre que perdeu a noção das fronteiras de seu corpo — onde ela termina e ele começa. É como se sua vida inteira, cada momento, cada

experiência, tivesse conspirado para isso. *Isto* é o amor, ela diz a si mesma. Pensa naqueles sonetos cuidadosamente organizados, mas aquilo não é cuidadosamente organizado — é o perfeito caos.

"Meu amor", ele sussurra, "desejei você. Desejo você." Ele a agarra, abre seu corpete, beija com força seus seios.

"Venha esta noite", ela diz, esquecendo-se de que ficou viúva recentemente, esquecendo qualquer senso de compostura ou comportamento correto, abandonando-se a ele, desejando que a descivilize completamente. "Deixarei o portão aberto."

Velho solar, Chelsea, abril de 1547

Katherine observa as ondulações nas costas de Seymour quando ele puxa a camisa por cima da cabeça, e o modo como a luz trêmula das velas dança sobre sua pele. Sente como se seu coração fosse explodir. Ele está amuado. Sempre fica assim quando tem que ir embora antes de todos na casa acordarem. Ela o ama ainda mais por seu mau humor e sua petulância, não consegue explicar. Ele quer se casar e pressionou-a bastante para aceitar. Katherine ficaria contente se continuassem amantes, tem prazer na aventura clandestina, não quer domesticá-la. E seria um escândalo, um novo casamento quando o rei mal esfriou.

"Mas você se casou depressa com o rei depois que Latymer se foi", ele relembra.

"Ah, Thomas, aquilo foi diferente, você sabe."

"Diferente por quê?", diz ele carrancudo. "Não sou um homem, como ele era?"

Katherine lembra que o casamento seria interpretado como traição, que ela é a rainha viúva e ele o tio do rei, e nenhum dos dois tem liberdade para se casar com quem quiser — têm que obedecer ao conselho e a Hertford.

"Seu irmão não ia gostar."

"Meu irmão… lorde protetor", ele diz com raiva. "O rei não se importaria. Sou seu tio favorito, Kit. Conseguirei a permissão dele."

"Não se desentenda com seu irmão. Ele poderia nos causar problemas."

"*Meu irmão* fez até de *seu irmão* um marquês", reclama ele. "E tudo que eu tenho é esse baronato insignificante e um castelo no meio do nada, a quilômetros de qualquer lugar."

Ela pensava que a petulância o tornaria menos atraente, mas o efeito é oposto.

Ele a lembra do irmão, ela imagina.

“E você é lorde almirante também, Thomas, é uma grande honra.”

“E deveria ser mesmo”, ele responde. “Não há ninguém em toda a Inglaterra que seja melhor para esse cargo.”

Não é o risco de contrariar o lorde protetor que impede Katherine de concordar com o casamento. É algo intangível, um sentimento, a sensação de estar saboreando enfim a liberdade. Suas asas se abriram, e aquele casamento as prenderia novamente. Mas por outro lado há o fato inegável de que é *ele*, com sua própria masculinidade, seu jeito irresistível, e as coisas que faz com ela, o excesso de prazer. Parte dela quer aprisionar aquilo, possuí-lo, guardá-lo, como um tesouro.

“*Você* pode estar satisfeita em me ter como amante, mas *eu* quero que isto signifique alguma coisa diante de Deus.” Ele insiste e insiste, minando-a devagar com a hipérbole do romance. “Quero você toda para mim, Katherine. Não posso suportar a ideia de outro homem sequer olhar para você.”

Ele fala de quanto tempo esperou, e pergunta como ela acha que se sentiu em ser tirado da frente, forçado a ver seu amor verdadeiro se casar com o velho rei. Observara de longe, morrendo por dentro.

De algum jeito, devagar, ele imprime sua vontade nela, como a tinta que não secou completamente deixa marcas no verso da página anterior. A tentação da liberdade começa a encolher diante dele, até parecer pequena e inconveniente. E com todos os pecados secretos pesando sobre ela, se estará condenada por toda a eternidade, por que *não* preencher seu tempo na terra com prazer?

“Você não sente o mesmo que eu, Katherine?”

Nada que ela diga o convence de que o ama igualmente.

“Imagine passarmos a noite toda juntos.”

Eles dão risada, lembrando-se daquele conto de Chaucer sobre o moleiro, com os amantes que só querem poder fazer isso. Thomas leu em voz alta para ela outro dia, interpretando todos os papéis, fazendo o corno e o jovem amante, e modulando a voz num guinchado agudo para fazer o papel da esposa, até que ela engasgou de tanto rir, incapaz de respirar. Mary Odell veio correndo, pensando que estava morrendo engasgada, e Thomas precisou se esconder debaixo da cama.

“Vê o que um homem faz para passar a noite toda com seu amor?”, ele disse quando Mary foi embora. E depois ficou com raiva, suas plumas sacudindo, adoráveis. “Pense em como é para mim, à espreita na escuridão como um bandido.”

E depois há o fato inegável de que este é um homem que faz mulheres adultas gargalharem como tolas, que arrasa legiões de garotas, deixando-as moles como trigo novo depois de uma tempestade de granizo. Ele poderia ter qualquer uma delas, mas foi *ela* que escolheu. Katherine fraqueja diante disso, e embora saiba que está sendo levada pela vaidade nem se importa.

No fundo ela sabe que mudou, que os acontecimentos dos últimos meses a desconstruíram e renovaram. Questiona tudo, pensa em suas crenças, em Deus. Surgiu uma urgência intensa de viver, e esse homem infunde vitalidade a cada poro de seu corpo. Quando está com ele, está viva, mais viva do que nunca.

Suas preocupações normais perderam intensidade; ela não se importa se Stanhope desfila por aí como a rainha agora. Recusou-se a ocupar seu lugar atrás de Katherine na procissão de coroação, mas ela não se incomodou, pois seu pensamento estava em outro lugar, em Chelsea, nos braços de Thomas. Deixe Stanhope se preocupar com etiqueta e onde vai cada um na fila. Aquela mulher de algum jeito conseguiu tomar posse das joias da rainha, e usou as mais caras naquele dia, e tudo que Katherine pensou foi como estava contente por não ter que usar aqueles colares pesados que beliscam e arranham a pele. Sua única tristeza é que o crucifixo de sua mãe esteja entre essas joias, embora Stanhope não se digne de usar algo tão modesto. É a única coisa que Katherine gostaria de ter de volta.

Ela passa a mão nos ombros dele, apertando os dedos contra a carne firme. Persiste a ideia de que, se não se casar com ele, Thomas encontrará outra que o faça, é certo como a noite segue o dia, pois é assim que as coisas são. No fundo ela não pode recusar nada a esse homem, pois o simples roçar de seus dedos contra a pele dela a faz sentir-se irresistivelmente viva.

"*Aceito* me casar com você", ela diz, bem quando ele acabou de vestir as botas e está prestes a ir embora.

Thomas pula em cima dela, derruba-a de volta na cama, sufocando-a, e diz: "Você não vai se arrepender".

"Espero que não." Ela sorri e acaricia os cabelos dele.

"Escreverei para o rei hoje", diz ele ao se levantar, dando um beijo leve na pele fina de seu pulso, acariciando-a suavemente com um dedo. "Vejo sua veia aqui, azul de sangue. Misturaremos o seu e o meu e faremos um filho com partes de nós."

Ela não ousou pensar em um bebê — é uma ideia delicada demais — e não diz nada em resposta, pois se pergunta se é possível ter tanto do que deseja, se seria pedir demais do destino que lhe desse um filho também. Não consegue

evitar a lembrança de seu bebê morto, o rostinho enrugado e o emaranhado de veias em suas pálpebras cerradas.

“Escreva e peça o apoio do rei para nosso casamento”, diz ela. “Visite-o, Thomas, faça com que goste da ideia. Você é seu tio favorito, faça-o brincar de cupido por nós.”

“É um bom plano, de fato; meu irmão terá que aceitar se for o desejo *do rei* que nos casemos”, responde ele.

Thomas abre a porta, mas ela o puxa de volta, querendo sentir sua pele nos dedos mais uma vez. “Lembre, Thomas, o rei ainda é um menino; seu irmão tem todo o poder. É melhor que esteja do seu lado, não contra você.”

“Estaria perdido sem seus bons conselhos, meu amor.”

“Diga a seu irmão”, ela pede quando ele já passou da porta, “que quero o crucifixo de minha mãe de volta. É tudo o que quero. Stanhope pode ficar com o resto, se significa tanto para ela ter as ninharias de rainha. Já tive minha vez.”

Seus olhos se cruzam e ela vê passar o brilho de alguma coisa — raiva, ambição, não sabe ao certo o quê —, mas lhe causa uma pontada de apreensão.

“Não somente o crucifixo, Katherine. Aquelas joias valem uma fortuna e são suas.”

Depois ele vai embora. O que quis dizer com aquilo, ela percebe, é que ele quer pôr as mãos naquelas joias. Tudo será dele quando se casarem.

Katherine não se importa, nunca se importou de verdade com *coisas*, mas quer Thomas mais do que qualquer outra coisa.

“Dot, traga seu marido e venha comigo”, diz Katherine.

“Vou chamá-lo, madame. Ele está na sala de música.”

“Depressa, e não diga nada.”

Quando ela volta com William, Seymour está lá.

Ele os leva apressado até sua barca, perguntando: “Contaram a alguém?”.

“A ninguém, senhor”, diz William.

“Não *senhor*, Savage”, ele devolve. “É *lorde almirante*, não esqueça.”

“Perdão, lorde almirante”, diz William, mal disfarçando o ressentimento na voz.

Mas Seymour não notaria; William Savage está muito abaixo dele. Dot sabe o que seu marido acha daquele homem — que é um palerma arrogante. Mas é o palerma arrogante de Katherine, e isso basta para que ela pense que deve ter algo de bom, embora tenha uma falsidade que a arrepia, um vazio, como se fosse todo

brilhante na superfície, mas sem nada por dentro.

A barca desce o rio furtivamente. Dot observa Katherine, aninhada em Thomas como uma donzela apaixonada. Nunca a viu tão perdida de amores e descontraída, como se tivesse se livrado de um grande peso. E se alguma mulher no mundo é capaz de lidar com aquele sujeito difícil é Katherine Parr. Ele é bonito, Dot admite. Lembra-se dele em Charterhouse, gracejando com todas as meninas quando ia visitar, e da pobre Meg petrificada de medo de ter que se casar com ele. E aquela vez no jardim — como ela poderia esquecer? Ele tem um jeito de olhar para as garotas que as faz desmaiar. Mas não Dot; ela entendeu como eram homens desse tipo na época em que tinha um desejo ardente por Harry Dent. Ele era bonito também, com o mesmo tipo de brilho no olhar, que fazia uma garota se achar melhor que a rainha de Sabá. Mas, na verdade, Harry Dent só estava interessado nele mesmo. E aquele ali não é diferente, Dot apostaria até o último centavo.

Ela tinha visto Harry Dent quando foi visitar Stanstead Abbotts para ver sua mãe, na semana anterior. Ele engordou e perdeu os cabelos e a beleza, o que a fez rir por dentro lembrando o baile a que ele a levara tanto tempo atrás. Já fazia mais de dez anos que ela tinha ido embora, e tudo estava mudado, não só a cintura de Harry.

Encontrou sua mãe na lavanderia de Rye House. Ao lado dela, mesmo com um vestido simples sem ser aquele de tafetá que a rainha lhe dera de presente de casamento, Dot se sentiu distante, como se fosse uma forasteira e um grande oceano as separasse. Sua mãe usava um vestido de campo cor de ferrugem que estava limpo, mas gasto nos cotovelos, e suas saias estavam arregaçadas e enfiadas para dentro do avental; sua touca era simples, de linho grosseiro, como as que Dot usava quando criança.

Ela levara um presente — três metros de bom cetim —, mas entregá-lo parecia tolo, pois o que sua mãe faria com um pedaço de cetim cor de damasco? As mãos dela estavam vermelhas e ásperas de tanto lavar, e Dot escondeu suas próprias mãos nas mangas do vestido, pois tinham se tornado macias e brancas ultimamente — mãos de uma dama —, e enfeitadas com a água-marinha da rainha, que era tão grande que cortariam seu dedo em Southwark para roubá-la. Cumprimentaram-se de modo afetado e a voz de Dot saiu toda errada.

“Veja você”, sua mãe disse. “Minha pequena Dotty crescida e casada, e virou uma verdadeira dama.” Deu um passo atrás para admirar a filha.

Dot percebeu que a pele da mãe tinha ficado enrugada como um tecido amassado — e seus olhos estavam cheios de lágrimas. “Mãe”, ela disse,

“William e eu temos uma casa em Devon, e eu pensei que talvez você gostasse de morar lá. Logo vou enchê-la de crianças.”

Sua mãe acariciou o rosto da filha com um dedo áspero como uma lixa de carpinteiro. “Ah, amor, acho que sou velha demais para me acostumar com uma nova casa. E onde fica Devon? Parece longe. E não posso ir embora de Stanstead Abbotts, caso seu irmão volte. Ele foi embora, sabe? Fez dívidas e fugiu. Deixou a mulher e os filhos.”

“Mas mãe…”, Dot tentou falar, mas ela estava determinada.

“E eu gosto daqui.”

“Se você tem certeza disso, mãe”, Dot respondeu, um pequeno nó se formando na garganta, sentindo-se separada novamente, como se a mãe estivesse escorregando para um lugar inalcançável. “Pensei em pedir a Min e seu marido para virem também. Ele poderia cuidar da fazenda.” Viu os olhos da mãe baixarem ao dizer isso e ouviu-a prender a respiração. “Mas isso deixaria você sozinha, mãe.”

“Estou bem feliz aqui, Dotty, tenho amigos. A esposa do seu irmão está muito ocupada com os seis filhos, e precisa da minha ajuda mais do que você. Mas Min deve ir. Veja, você pode transformar sua irmã em uma dama, e eu não impediria isso. Eles têm dois filhos, que seriam criados com os seus. Imagine, Dotty, meus próprios netos sendo educados de verdade.”

Dot sentiu um repente de amor pela mãe e engoliu o nó na garganta, dizendo: “Você gostaria de conhecer William, mãe?”.

“Acho que não, amor, eu não ia saber o que dizer a ele, porque é tão bem-nascido e tudo mais.”

“Mas, mãe, ele não é assim, você vai…”

“Não, Dorothy”, interrompeu a mãe com firmeza. “Você não consegue perceber como está mudada. Prefiro que fique assim.”

Quando Dot está para ir embora, sua mãe põe o pacote de cetim de volta nas mãos dela. “Dê para Min”, disse. “Ela terá mais uso para isso do que eu, se for para Devon.”

“Você aceita isto, então?” Dot soltou a bolsa do cinto.

Ela estendeu a mão, a bolsa pendurada no ar entre ambas, que olhavam fixamente para ela. Então, olharam uma para a outra ao mesmo tempo e começaram a rir.

“Isso eu não vou recusar”, disse a mãe.

“Tem mais de onde veio”, disse Dot. “Vou garantir que não passe necessidade, mãe.”

“Ei!”, grita o barqueiro, trazendo Dot de volta ao presente num sobressalto.

A barca atraca em um pequeno píer de madeira e eles descem, atrás de Seymour. Ele caminha depressa na frente, puxando Katherine pela mão. Logo chegam a uma capela, solitária, afastada do conjunto de chalés à beira do rio. Bem na hora em que Dot está se perguntando o que fazem ali, Seymour anuncia que vão testemunhar o casamento dele e de Katherine.

E, antes que Dot tenha a chance de processar o que sente a respeito, surge um capelão, como se do nada.

“Ah, o feliz casal”, ele diz, com um sorriso largo, abrindo os braços para recebê-los em sua pequena igreja, que tem mais cheiro de umidade que de incenso.

Ele começa a falar sobre a santidade do casamento, e sobre filhos criados na nova fé.

Mas Seymour o interrompe. “Vamos andando logo com isso, sim?”

Katherine mal percebe a umidade da capela, ou a bolsa de moedas que Thomas passa para o capelão, ou o modo como a cerimônia é feita às pressas. Ela se lembra do casamento anterior — os nobres cuidadosamente escolhidos, o banquete magnífico, as atrações, o baile — e fica feliz com a simplicidade deste, e também por serem Dot e William as testemunhas. Gostaria que seu irmão e sua irmã estivessem ali, mas Thomas insistiu que fosse segredo. Ainda não pediu permissão ao rei, nem ao conselho, nem mesmo ao irmão. Ela não pensa a respeito e em vez disso olha para Thomas, embebendo sua imagem enquanto ele repete os votos.

Andorinhas fizeram ninho em algum lugar entre as vigas, e voam de vez em quando até uma das janelas. É divertido pensar que ela, a rainha viúva da Inglaterra, está se casando em uma capela onde não há vidros nas janelas. Uma das velas do altar treme com o vento e apaga.

“… na saúde e na doença”, ela diz. Lembra-se de Meg lendo *A esposa de Bath*, instigada por Cat Brandon. Como tinham dado risada. Ela realmente é três vezes viúva agora, e vai para o quarto casamento. Pergunta-se o que Deus acha daquilo.

“Até que a morte nos separe.”

É como se os anos tivessem se fundido, como se ela nunca tivesse se casado com Henry.

“A ti prometo minha fidelidade.”

Ele aperta seu braço e se inclina para beijá-la, empurrando a língua entre seus dentes, apertando-se contra ela. Ela imagina o capelão sem saber para onde

olhar, fingindo estar ocupado em arrumar o altar, mas não se importa.

Seus olhos estão fechados. Sua cabeça gira.

Katherine é levada pela aldeia até a barca em um transe de deleite, e eles sobem devagar rio acima contra a corrente. É um dia bonito, o sol brilha na superfície da água e uma flotilha de cisnes nada ali perto. Seu novo marido a puxa para perto. Ele olha para ela com aquele brilho e beija-a suavemente na testa.

“Sou o homem mais feliz do mundo”, murmura.

“Você *vai* contar ao rei?”, ela pergunta.

“Querida, não se preocupe. Vou resolver tudo isso. Nada pode dar errado. Vou conseguir sua permissão e depois contar que já foi feito.”

Ela se pergunta como o jovem rei reagirá quando descobrir que já estão casados. Sente-se desconfortável em enganá-lo e preocupada com o irmão de Thomas. Mas seu amor a faz aceitar a mentira. Além do mais, é um pecado tão pequeno comparado ao que ela poderia ter feito ao pai do pequeno rei, se não fosse pela intervenção de Huicke.

“Você está em minhas mãos agora”, diz Thomas. “Sou eu quem vai cuidar de você.”

Katherine sente a firmeza da mão dele em seu ombro. O jovem rei nunca permitiria que fossem acusados de traição — não seu tio favorito e sua madrasta, com certeza.

“Você vai tomar cuidado comigo, Thomas, não vai?”, ela se vê dizendo.

“Claro que vou, querida, é claro que vou. Vivo para cuidar de você. Vou resolver as coisas com o rei e o conselho, conseguir suas joias de volta e” — ele a abraça — “fazer um bebê em você.”

Katherine dá um suspiro profundo e sua ansiedade se dissolve. Está tão acostumada com o medo que esqueceu como é viver sem ele.

Residência dos Seymour, Londres, julho de 1547

Lady Jane Grey, que ficará sob a tutela de Seymour, chegou no dia anterior. É praticamente uma princesa, e Elizabeth, que é sua prima, pôs-se em volta dela como um gato medindo um rato. Jane Grey é uma coisa magrinha com um longo pescoço. Definitivamente não é uma daquelas crianças de onze anos com o rosto gorducho e toda arredondada; ela é feita de ângulos, cotovelos pontudos, ombros saltados. Lembra Dot de um pássaro com as mãos ligeiras e os olhos afastados,

tão pálidos que parecem brancos sob o sol. Ela não estranharia se a garota tivesse penas debaixo da touca em vez de cabelos.

Tem se falado muito em um casamento entre Jane e o rei. Os boatos dizem que Seymour pagou uma fortuna para ser seu tutor, e que se ele conseguir fazer esse casamento acontecer levará toda a vantagem. Sempre que a ideia de Jane se casar com o rei é mencionada, Elizabeth bufa alto como uma tia velha. A menina também é estudiosa, provavelmente mais que a prima, ou ao menos foi o que Dot ouviu Katherine dizer a Seymour naquele dia, quando Jane recitou um poema em grego. (Pelo menos foi o que Dot achou que era, um poema, pois parecia ter versos. E só sabia que era grego porque Elizabeth dissera baixinho, com raiva: “Então ela sabe grego, é?”.)

Agora Jane está ao lado de William no virginal, tocando para ele as notas agudas de uma música. É uma obra complicada e ela tenta várias vezes, tropeçando sempre no mesmo trecho, sem nunca desistir. Quando consegue chegar ao final sem errar e William diz “Sim, isso mesmo”, seu rosto todo se abre num sorriso tão espontâneo e natural que Dot não consegue evitar sorrir também. Ela percebe naquele momento, quando estão todos deliciando-se com o sorriso de Jane, que Elizabeth raramente sorri — e, quando o faz, toma cuidado, como se sorrisos fossem caros como pedras preciosas e não pudessem ser desperdiçados. Dot se surpreende com o broto de simpatia que sente crescer.

Ela se senta do outro lado da sala com o filho de três anos de Anne aos pés, separando contas de madeira. Deram-lhe a tarefa de cuidar de Ned, que veio morar com eles por alguns meses. É trabalho para uma dama, e é isso que ela é agora, se é que consegue acreditar: uma dama. Está bordando um corpete para Katherine, costurando pequenas flores vermelhas com fios de seda, cada uma com uma minúscula pérola no meio. A luz brilhante entra pela janela, projetando formas no chão e na lareira, que precisa ser varrida. Dot resiste à vontade de pegar a escova e dar uma boa limpada. Não consegue se acostumar com essa nova vida, a não ser a garota invisível que varre a lareira e tira a poeira dos tapetes. Às vezes ela se percebe não exatamente sentindo saudades daquilo, mas do modo como a fazia sentir-se útil, como sempre tinha algo para fazer.

Às vezes até sente falta do próprio trabalho, que a fazia sentir seu corpo forte, levantar e carregar coisas, e correr escada acima e abaixo, esfregar e varrer, ajeitar e dobrar. Fazia com que se sentisse viva. Os bordados e leituras e jogos de carta e recitais de poesia, que são o que as damas parecem fazer mais, têm o efeito oposto. E, embora deva cuidar do pequeno Ned, há uma criada para lavar suas fraldas e limpar sua sujeira, e outra que cuida de sua comida. Seu trabalho é

simplesmente ocupá-lo, ensiná-lo a rezar e repreendê-lo caso se comporte mal, o que raramente acontece.

É isso o que é ser mulher no mundo até onde ela subiu — ficar parada, quieta e bonita, ao menos em público. As outras dançam todos os dias, com um professor italiano que força as garotas à submissão. Mary Odell, uma das novas garotas na casa, geralmente é um pouco desajeitada, mas quando dança tem os pés leves e fica bem diferente. Elizabeth é a que dança melhor. Ela faz questão de ser a melhor em tudo. Dot tem medo de chamar atenção, então não se junta a elas, fica só assistindo com Lizzie Tyrwhitt, que diz que seus dias de dança já passaram.

Dot ouve Katherine falando com Seymour no jardim, embaixo da janela aberta. Ela está aliviada que o casamento não seja mais segredo. Tinha vazado de qualquer maneira, embora nem ela nem William tenham dito uma palavra a respeito. Provavelmente viram Seymour indo e vindo à noite.

A governanta de Elizabeth, a sra. Astley, abordara Dot na cozinha em Chelsea, nem uma semana depois do casamento.

“Conte-me sobre o novo pavão da rainha, Dorothy Savage”, disse ela, fazendo um gesto libidinoso com a mão.

“Não sei do que você está falando”, respondeu Dot, indo para a porta.

Mas Astley tinha posicionado o corpo robusto no caminho, e ela não conseguia passar.

“Não se faça de superior”, disse a governanta com desprezo. “Você pode servir a rainha viúva mas eu sirvo Lady Elizabeth, que é uma princesa de sangue, enquanto a sua é uma rainha por casamento.”

Dot não sabia o que dizer em resposta, e ficou tentada a lhe dar um empurrão, mas no final não disse nem fez nada. Aprendeu a importância de manter o bico fechado.

“E…”, continuou Astley, “não pense que *me* engana, Dorothy Savage, com seu vestido bonito que foi presente da rainha. Sei de que tipo de lugar você vem.” Ela disse aquilo com uma cara feia, como se as palavras tivessem deixado um gosto ruim na boca.

“Não tenho nada a esconder sobre minhas pobres raízes, sra. Astley. Meu pai pode ter nascido numa família humilde, mas era um bom homem”, disse Dot, endireitando as costas para ficar mais alta que a mulher baixinha. “Além do mais, um tiquinho de sangue bom não necessariamente torna uma pessoa boa.” Mal podia acreditar que uma resposta tão satisfatória tivesse vindo dela, mas tinha aprendido muito escutando na corte todos aqueles anos.

Astley bufou e ficou pensando numa resposta.

Dot deu as costas, rápida, e escapuliu para o pátio, dizendo por cima do ombro: “Se lembro bem, Cristo era um simples carpinteiro…”.

Elizabeth sentou-se ao virginal agora, com Jane Grey empoleirada a seu lado sobre a beiradinha do banco. Está tocando uma cantiga popular, uma canção de amor que se tem ouvido por aí e que todos estão cantarolando há semanas. Os longos dedos brancos de Elizabeth deslizam sobre as teclas, e ela acrescenta seus próprios floreios à canção, depois começa a cantar com sua voz fina, aguda, quase sempre com os olhos fechados, mas espiando de vez em quando para ter certeza de que todo mundo está olhando, e está. Jane parece impaciente.

Na pausa de um verso Elizabeth vira rapidamente para William, que está atrás dela, e dá uma piscada; ele desvia o olhar e olha para Dot, levantando as sobrancelhas. Elizabeth não suporta pensar que algum homem não a deseje e Dot a viu provocar mesmo os garotos mais humildes entre os criados. William, no entanto, parece imune a seu charme e confessou a Dot que a acha irritante; mas Katherine pediu-lhe que dê aulas de música à garota, o que ele não teve como recusar.

Está quente no sol e Dot apoia a cabeça no beiral, quase cochilando. Ainda consegue ouvir Seymour e a rainha conversando no jardim, suas vozes flutuam até ela. Katherine parece agitada e Seymour a tranquiliza, mas com a música ela não consegue distinguir as palavras, só o tom de voz. A voz dele é aveludada; a dela, aguda.

“Kit”, ela o ouve dizer, numa pausa na cantoria, “vamos recuperá-las.” Ele parece irritado agora. “É uma ofensa a mim tanto quanto a você.”

Dot pensa que, como Elizabeth, Seymour quer ser admirado por todo mundo.

“Mas meu crucifixo, Thomas. O crucifixo de minha mãe está no meio daquelas coisas e Stanhope sabe muito bem.” Katherine amassa um lenço, fazendo uma bola cada vez menor.

Faz três meses que ele prometeu que conseguiria o crucifixo de volta. Três meses de casados.

“Aquele crucifixo é só um berloque, querida. Eu lhe darei joias muito mais bonitas. O que não posso suportar é a ideia daquele meu irmão e do monstro da esposa dele fazendo isso comigo. Ela exibindo-se pelo palácio com as joias da rainha penduradas quando é *você* a rainha. Até meu sobrinho se casar, você ainda é rainha e é *minha* esposa. É uma ofensa contra mim, Katherine.” Ele bate

a mão na coxa.

Ela não diz nada. É inútil tentar convencê-lo do valor que o tal berloque tem para ela, ou do seu significado. Ela tem Thomas agora. Pensa em todas aquelas horas que passou correndo os dedos pelas pérolas e pensando onde ele estava e com quem, queimando por dentro ao pensar que poderia amar outra pessoa. Agora ele é dela e ela dele, e o que têm juntos é diferente de tudo o que conheceu, como se ele a tivesse trazido à vida. Thomas toca seu corpo como um instrumento. Está consumida pelo desejo que tem por ele. Nunca pensou que fosse capaz daquilo: a pragmática e sensível Katherine entregue a um selvagem abandono.

Mas já consegue senti-lo escapando passo a passo. De início, a intriga o mantivera sob o jugo dela. O lorde protetor estava incandescente de raiva com o casamento e o rei não tinha ficado feliz em descobrir que tinham pedido e conseguido sua permissão para um casamento que já acontecera. Thomas resolveu isso, no entanto, como tinha prometido, usando seu charme com o jovem rei. Em comparação com o lorde protetor, que mal deixa o pobre garoto respirar sem sua autorização, Thomas deve ser ar fresco. Ele dá pequenas somas de dinheiro para o rei gastar, pois o lorde protetor o deixa pobre como um rato de igreja. E o menino talvez esteja distante agora, mas não pode ter se esquecido de que ela cuidava dele quando mal tinha saído das fraldas. Mas Katherine sente que perdeu sua confiança com esse casamento secreto — e a de Mary também. Ela não aprova, pensa que é desrespeito com seu pai que a viúva se case tão depressa, e não responde mais às suas cartas.

E além disso foi um escândalo. Quando a notícia do casamento se espalhou, imprimiram panfletos fazendo insinuações espúrias sobre a virtude de Katherine, com terríveis ilustrações indecentes — foi o que Huicke lhe disse. Ele se recusou a mostrá-los para ela, disse que não precisava ver essas coisas. Katherine se sentiu profunda e horrivelmente envergonhada. Thomas foi uma base sólida, ajudou-a a manter a cabeça erguida, mesmo diante dos comentários cruéis de Stanhope sobre como ela se rebaixara ao casar com o irmão mais novo de uma família quando tinha sido a esposa de um rei. Stanhope sempre fora daquele jeito, os dedos agarrados com firmeza na escada, sabendo exatamente quem deveria estar em cada degrau a todo tempo e passando por cima das pessoas para subir mais. Thomas, enquanto isso, estava ocupado com as adversidades, e com a defesa da esposa.

Mas agora que ele a tem e que o mundo aceitou esse fato, Katherine sente uma separação, como se o fascínio dele tivesse diminuído um pouquinho. Não é

aparente a ponto de alguém mais notar, pois ele a corteja em público de um modo que beira a indecência. Às vezes, no entanto, sente que é fingimento, esse amor dele, e sente como que uma fina corrente de ar frio, a diminuição de seu desejo. E enquanto o desejo dele se esvai o dela floresce, devorando-a.

Um dos jardineiros passa por eles e Katherine o chama, fazendo sinal para se aproximar. “Você poderia cortar um pouco de lavanda, Walter? Um bom tanto, o bastante para espalhar pelo chão do quarto.”

Ele tira o chapéu, com dificuldade, pois está carregando um punhado de bulbos.

“O que é isso?”, ela pergunta.

“São jacintos, madame”, responde ele.

Katherine sente os olhos do marido fixos nela, e Thomas dá uma bufada impaciente.

“Vou guardar, assim podemos usá-los no começo do ano que vem. São aqueles perfumados de que a senhora gosta tanto.”

“Ficarei contente com eles, Walter.”

“Pode ir”, vocifera Seymour.

Walter se afasta, de cabeça baixa.

“Por que você o chama de Walter?”, diz Seymour agressivamente, os lábios apertados.

“É o nome dele”, ela responde, acariciando sua barba áspera e sorrindo.

“Não admito que seja tão informal com os criados.”

“Ah, Thomas, eu conheci o pai dele. Vi o garoto crescer.”

“Não admito…” Ele para, segura o pulso dela com força, como se para enfatizar o que está dizendo.

Katherine abre a boca para responder, mas ele continua: “E toda essa história sobre os jacintos… Ele é íntimo demais. Devia me livrar dele”.

“Como quiser”, ela responde, sabendo que se defender o homem só vai piorar. Ela percebe que Seymour não consegue olhar em seus olhos e está amuado como um garotinho.

O desejo dele pode estar se esvaindo, mas seu ciúme não tem limite. Não a deixa sozinha com homem nenhum, nem mesmo Huicke, e ela se pergunta se em algum lugar lá no fundo Thomas acredita nos panfletos que falam de sua virtude corrompida. Sente-se assegurada pelo ciúme, no entanto, atém-se a ele como prova de que seu amor persiste, pensa que é parte de seu orgulho infantil — mas no fundo sabe que não confia nela.

Katherine pode ouvir Elizabeth cantando na sala de música, sua voz

inconfundível, alta e clara, pairando sobre a tarde de verão.

“Essa menina tem uma voz.”

“Tenho que ir”, diz ele, beijando mecanicamente a mão dela antes de dar as costas e sair depressa pelo jardim.

Amo-o demais, ela pensa, observando como sua capa dobra nas pontas e roça nas coxas conforme ele se move. Pensa naquelas coxas batendo contra sua pele, a firmeza dos dedos dele em volta de sua cintura, e sente-se mal de tanto desejo. Com certeza, pensa, um filho virá dessa paixão — como não? Mas o tempo está se esgotando. Katherine sente os anos pesarem; aos trinta e cinco a maioria das mulheres já parou de ter filhos. Mas, por outro lado, aos trinta e cinco a maioria das mulheres já está esgotada e disforme de carregar dúzias de bebês e, como Thomas disse uma vez ao arrancar sua camisola, ela ainda tem o corpo de uma donzela.

“Você voltará esta noite?”, ela pergunta.

Mas ele não escuta, ou ao menos não reage.

Katherine se senta no gramado, as saias espalhadas em volta, e esfrega os olhos. Escuta os cascos do cavalo no chão do estábulo — o som dele partindo. Voltará para ela, tem certeza, pois seu casamento foi por amor. Só está mal-humorado.

“Você está triste?”, pergunta uma vozinha que vem do nada, fazendo-a dar um pulo de susto.

“Ah!”, exclama ela. “Você me pegou de surpresa, Jane, pensei que estivesse na sala de música com os outros.”

“Está chorando?”

“Não, Jane, é só que meus olhos estão coçando e eu os esfreguei.”

“Está com um ar triste.”

“Não, Jane, como eu poderia estar triste quando tenho tudo que desejei?”

Jane dá um sorriso intrigante, como se a ideia de ter tudo o que se deseja fosse algo incompreensível.

“Venha, vamos achar Rig e levá-lo para passear no pomar.”

Elas chamam o cachorro e seguem para o portão do pomar, de braços dados. A menina tem tal pose para uma garota tão jovem, pensa Katherine, já moldada para o futuro, como as árvores presas na treliça que crescem ao longo do muro do pomar, retorcendo-se para obedecer à forma. É um futuro que ela não poderá escolher, pois, como sua prima cantora, tem sangue real nas veias. Katherine se pergunta se é uma bênção ou uma maldição.

Thomas está arquitetando um casamento entre Jane e o rei, o que não seria tão

mau. Mas o lorde protetor continua a ter esperança de que conseguirá a rainha da Escócia, que tem quatro anos, antes que os franceses ponham as mãos nela. Todas essas meninas sendo movimentadas como peões num jogo de xadrez.

Está na hora de encontrarem alguém para Elizabeth — ela tem quase catorze anos agora, mas ninguém sabe ao certo se é uma boa aposta ou não, legítima ou não, princesa ou não — pobre garota.

Hanworth Manor, Middlesex, novembro de 1547

Está gelado em Hunslow Heath e um céu baixo, espesso como mingau, pesa sobre eles. A tempestade de algumas noites atrás derrubou as últimas folhas das árvores, deixando o lugar com um ar ermo, desalmado. O suor forma listras nos cavalos, que correram até cansar e agora andam tranquilamente em direção à casa, seguidos pelos cães cobertos de barro que caminham preguiçosos. Foi uma boa caçada e um quarteto de homens vai atrás levando a carcaça de um grande veado, enquanto outro toca uma mula com dois gamos menores pendurados como um par de sacos sobre o lombo.

Katherine vai mandar um deles para Stanhope como gesto de amizade, que ela espera que ajude a conseguir o crucifixo da mãe de volta — embora duvide que funcionará, pois a questão virou uma batalha entre Thomas e o irmão. Stanhope está insuportável, pavoneia-se pela corte, impondo seu peso aonde vai. Está grávida de novo — do oitavo filho —, e Katherine não consegue evitar pensar na injustiça de um mundo que manda oito filhos para uma mulher e nenhum para outra. Mas está acostumada a esse sentimento, que não é mais o desejo intenso que foi um dia; é mais uma vaga sensação de que falta alguma coisa. Ela tem Jane Grey e o filho de sua irmã, Ned Herbert, para cuidar — e, é claro, a querida Elizabeth, formando uma família satisfatória.

Elizabeth segue bem na frente, ao lado de Thomas. Sua capa é verde-esmeralda e é a única cor em toda a paisagem, além das mechas de seu cabelo que escapam esvoaçando atrás dela como o rabo de um cometa, e do rosa brilhante nas mangas de Thomas que aparece aqui e ali quando sua capa levanta com a brisa gelada.

Katherine os observa atentamente. Conversam animados. Elizabeth diz alguma coisa que faz Thomas rir, e ele aproxima seu cavalo do dela, inclina-se para tirar um pequeno graveto que se prendeu em seu cabelo. Ela segura o pulso dele com a mão longa e pálida, sorri, diz alguma coisa, e em seguida ele puxa o

braço de volta e dá um tapa na coxa dela, antes de sair trotando. O ciúme de Katherine é como um monte de cobras enroladas na barriga, mas tenta se convencer de que ele está somente sendo um bom padrasto para a garota, embora saiba, e tema, que seja mas que isso.

Circulam boatos entre os criados, mas só fragmentos chegam até ela. Foi Dot quem finalmente disse alguma coisa, contando que Thomas andava visitando Elizabeth em seus aposentos pela manhã, quando ela ainda estava na cama. Katherine não quis acreditar. Dot nunca se dera bem com Elizabeth. Katherine observava isso havia anos, o modo como Dot olhava feio para ela, e a menina não tinha sido bondosa com a criada, é verdade. Essa era a pequena vingança de Dot, ela imaginava.

"Estão todos falando sobre isso", Dot disse.

Katherine disse a si mesma que era simplesmente o afeto inocente que ele tinha pela garota, e que os criados *sempre* espalham boatos. Mas passou a acompanhar Thomas em suas visitas matinais. Falou sobre isso com Huicke, que sugeriu mandar a garota para outro lugar. Mas significaria separar sua frágil família, e isso Katherine não queria.

Essa pequena cena que acabou de testemunhar, no entanto, exala um tipo especial de intimidade. Lembra-a daquele olhar entre ela e Thomas, o momento fatal que inspirou tal ira no rei e precipitou o que ela pensa ter sido sua queda. Katherine sabe quanto significado pode carregar um momento como aquele.

"Mas acabamos de nos casar e é um casamento por amor", ela disse a Huicke.

"Kit", suspirou ele, um som longo, exasperado, "o amor de um homem nunca é exclusivo. São só as mulheres que realmente amam com o coração. Sei disso, pois sou as duas coisas." Ele tinha confidenciado uma vez sobre a promiscuidade excessiva de Udall, e ela perguntou se não o deixava com ciúme. "Não", ele respondeu, "pois sei que ele não consegue evitar."

Mas o ciúme *dela* borbulha por dentro e não se acalma. Não vou separar minha família, diz a si mesma. Pergunta-se, por baixo de todos os outros pensamentos, se Deus finalmente escolheu essa punição para ela — um homem que vai fazer gato e sapato de seu coração.

Katherine não consegue mais encontrar inspiração para escrever. Huicke a convenceu a mandar seu *Lamento* para imprimir. Se não fosse por ele, nunca teria pensado em fazê-lo, de tão absorta com Thomas. Sente-se perdida para esse amor, está se afogando nele, e todas as coisas que importavam antes encolheram até quase desaparecer. Ela se pergunta aonde foi parar aquela mulher que seria o farol da nova religião.

Mas seu *Lamento* será publicado, graças ao querido Huicke, e será um memorial para aquela mulher ambiciosa, supõe — mas essa ideia a deixa vazia. A Reforma está acontecendo sem ela de todo modo. Cranmer e o lorde protetor são os líderes. Novos estatutos são anunciados todo mês, banindo as velas, as cinzas, o incenso, orações em latim; pedras de altar estão sendo transformadas em lajotas para pavimentar ruas. A mudança está tomando forma, como sonhara, mas Katherine não se sente mais motivada por isso como antes. Suas crenças ainda são firmes, mas o sonho de carregar a tocha se foi. Seus pecados são grandes demais. “Salvação somente pela fé”, ela murmura com um pequeno suspiro seco, lembrando-se de sua excitação com o eclipse anunciando as mudanças e Copérnico revolucionando o céu. Ela costumava se ver como uma parte intrínseca daquilo, tinha até acreditado por um instante que não aconteceria sem ela. “Quão orgulhosa eu devia ser, e quão volúvel”, murmura.

Elizabeth alcançou Thomas novamente e Katherine se recompõe, encontrando forças e tocando seu cavalo para um galope a fim de se juntar a eles. Encosta o cabo do chicote na anca do cavalo de Elizabeth, gritando: “Ei!”. O animal desvia para o lado e ela bate os calcanhares no flanco de Pewter, tocando-o adiante entre os dois.

“Minha querida”, diz Thomas, beijando a ponta dos dedos e passando-os pelo rosto dela.

Elizabeth segura uma risadinha, os ombros tremendo, tão jovem e infantil. Tudo parece tão inocente de repente e Katherine se sente tola por ter deixado a imaginação tomar conta.

“Temos uma surpresa para você”, diz Elizabeth.

“O que é?”, pergunta Katherine, o medo passando.

“Não podemos contar”, Thomas diz rindo, “ou não seria surpresa.”

O turbilhão dentro dela se acalma, seu mundo volta ao ritmo de sempre e eles passam juntos pelo portão entrando no pátio, apeiam e entregam os cavalos, tiram a capa cheia de lama e batem os pés para esquentar um pouco.

“Venha, mãe”, diz Elizabeth, que a leva pela mão em direção à copa. “Não podemos fazer barulho.”

Ela vai pé ante pé até um nicho perto da lareira, fazendo sinal para Katherine ir junto. O rosto de Elizabeth está corado de um vermelho forte. No buraco está a noiva macaca de François, Betsabá, dormindo enrolada com um pequenino bebê aninhado no colo, sua mão diminuta agarrada a um tufo de pelo da mãe.

“Essa é a surpresa”, sussurra Elizabeth.

O coração de Katherine fica leve como o ar e o único som que sai dela é um

“ó” que é mais um suspiro que qualquer outra coisa.

Velho solar, Chelsea, março de 1548

Já é março, mas ainda faz frio. Huicke está impaciente para que chegue o calor, pois o frio úmido deixa sua pele dura e desconfortável. Há uma leve névoa e chuvisca no jardim de Chelsea, e apesar do tempo ele passeia com Katherine pela margem do rio. Ela segura firme em seu braço e Rig trota adiante, parando de vez em quando para cheirar alguma coisa. Os modos de Katherine são descontraídos, ela ri e conta histórias engraçadas sobre sua casa, pede-lhe que conte alguns dos boatos da corte.

Huicke nunca a viu tão bem: a tensão se foi completamente e Katherine está com o rosto mais redondo. Talvez esse casamento tenha sido bom para ela, afinal de contas. Huicke tinha aconselhado Katherine a não se casar, sugerindo que mantivesse Thomas como amante, e ainda dói nele vê-la com alguém tão superficial. Mas depois de todas aquelas noites com o rei grosseiro e fedorento ela conquistou o direito de ter um homem bonito na cama. Katherine para e apanha uma pedra achatada, depois joga-a na água. Os dois observam o arco que ela faz, beijando a superfície seis… sete vezes.

“Quando você aprendeu a fazer isso?”, pergunta Huicke, impressionado.

“Meu irmão e eu competíamos. Ele nunca ganhava de mim.”

Katherine se abaixa de repente e pega alguma coisa na margem do rio.

“O que é?”

Ela abre um pouco as mãos em concha e ele vê um sapo, seu pequenino corpo palpitando.

“Beije-o”, brinca Huicke, “talvez se transforme num belo príncipe.” Vem à mente a lembrança da torta de sapo do rei em Hampton Court — seu primeiro teste.

“Já tenho um belo príncipe”, ela diz rindo, e solta a pequena criatura, deixando-a pular para dentro da água.

Huicke vê quão enfeitiçada ela está. Deseja que não fosse assim, pois sente que a está perdendo, pouco a pouco. Além do mais, Seymour não a deixa ficar sozinha com outro homem, nem mesmo ele, e tiveram que roubar esse tempo juntos enquanto Thomas está na corte.

“Você não se importa que ele não a deixe ficar sozinha com outro homem?”, pergunta Huicke.

“Com o ciúme? Nem um pouco.”

“*Eu* não poderia suportar.”

“Mas você não percebe?”, diz ela sem nenhum traço de ironia. “É uma prova de amor.”

“Mas eu nem sou uma ameaça.”

Ambos riem.

“Ele não entende muito bem esse tipo de coisa”, ela diz.

Isso provoca outra série de risadas.

“Não consegue imaginar como é possível que qualquer outro homem não queira o que é dele.”

Lá está, o humor implacável dela. É bom ver Katherine tão despreocupada, tão bem consigo apesar do novo marido. Huicke não consegue evitar odiá-lo um pouquinho; é seu próprio ciúme, admite para si mesmo. Conheceu homens — como Seymour — cujo único objetivo não é amar, e sim ser amado. E, mais do que isso, ser o mais amado de todos.

“Você gosta daqui, não é?”, pergunta ele.

“Sim, Huicke. Acho que estou feliz longe da corte e dos…”

Ela não precisa terminar a frase; ambos sabem o que quer dizer.

“Seu livro está circulando por lá. Deveria ficar orgulhosa. Não há mais cópias disponíveis e todo mundo quer uma.”

Katherine se abaixa para pegar um graveto e atira-o para Rig. “Direi a Berthelet para imprimir mais alguns, então.”

Huicke percebe uma falta de interesse, como se todo aquele fogo intelectual dela, que queimava tão forte, tivesse se apagado, e caminham um pouco em silêncio. Ele pega um galho de alecrim, esfrega entre os dedos, aproxima-o do nariz e inspira o cheiro marcante. Pergunta-se se ela se permite às vezes pensar na morte do velho rei, do que pediu a ele em meio ao desespero, se aquilo pesa em sua consciência. Não tem coragem de perguntar. Está enterrado, uma coisa sombria que os une, algo que não pode ser dito em palavras. Seymour não pode se meter *naquele* segredo.

A chuva começa a ficar mais forte, bate nas folhas acima fazendo barulho e escorre por elas.

“Estou feliz que esteja aqui, Huicke”, ela diz de repente, puxando-o para um caramanchão onde há um banco de pedra.

A umidade traz novos cheiros, de verde e de terra.

“Diga-me”, continua ela, “como está Udall? Continua produzindo mascaradas maravilhosas para o jovem rei?”

Falam um pouco de Udall e de como continua em ascensão, mas Huicke tem a impressão de que há algo que ela não quer contar. A umidade fria da pedra atravessa sua roupa. Katherine continua a falar, parecendo não perceber ou se importar. Está relembrando a peça de Udall, *Ralph Roister Doister*, rindo daquilo, de "sua audácia", como ela diz. Mas ele se lembra de quão forçada foi sua risada no dia em que apresentaram a peça na corte.

"Tem *uma* coisa", ela diz, de repente séria. "Se você não se importar em responder uma pergunta como médico."

Ela parece um pouco envergonhada, e ele aperta seu braço.

"O que foi, Kit?"

"É coisa de mulher, na verdade, mas eu queria perguntar a você sobre a mudança, sabe…", ela hesita. "Ah, você poderia muito bem ser mulher, Huicke… não sei por que estou com tanta vergonha. É só que minhas regras pararam há três meses e acho que pode ter acabado para mim. Ainda não tenho tanta idade… mas… como posso saber se a mudança começou?"

Tudo faz sentido para ele agora, a vida nela, a plenitude.

"Kit, você está grávida, apostaria todo o meu dinheiro nisso", ele exclama, segurando as mãos dela.

"Mas…" Lágrimas se formaram nos olhos dela. "Pensei que tivesse acabado para mim." Ela enxuga o rosto com as costas da mão. "Vou ter um bebê? Não tinha ousado pensar… quer dizer… Ah, Huicke, estou sem palavras." Ela ri entre soluços. "E agora que você disse isso, eu *tenho* sentido um pouco de enjoo… Achei que tivesse sido uma ostra estragada."

A felicidade dela o toca, mas ele sente que a está perdendo mais um pouco. Reprime esse pensamento, censurando a si mesmo por seu egoísmo, por querê-la só para si.

"Vou ter um filho! Mal posso acreditar, Huicke. Espere até eu contar a Thomas… Ele vai ficar fora de si de alegria."

Velho solar, Chelsea, maio de 1548

Katherine está deitada na cama. Sonhou com Henry, que ainda estava casada com ele, e acordou num sobressalto, confusa e impregnada daquele familiar medo penetrante, até perceber depois de alguns instantes onde está, com um suspiro de alívio. Fica imóvel e consegue sentir, de leve, os movimentos de seu bebê, que mal são perceptíveis, uma vaga oscilação, como uma mariposa presa

dentro dela. Um sentimento de alegria profunda toma conta dela como se o mundo afinal fizesse sentido.

Há um relevo no travesseiro onde Thomas estava deitado a seu lado. Ela voltou da corte completamente exausta, mal conseguiu manter os olhos abertos na barca, e foram deitar-se juntos. Thomas estava zangado com o irmão e não parou de falar daquilo, mas ela deixou as palavras dele flutuarem enquanto caía no sono. Não se importava com nada daquilo agora, as joias, o absurdo de quem vinha em primeiro lugar, se Thomas tinha direito a uma posição no conselho… a única coisa que importava para ela era o bebê se formando milagrosamente em seu ventre.

Pensa no rosto de Thomas quando contou a ele, a felicidade em seu sorriso largo, como se isso nunca tivesse sido feito antes, como se fosse o primeiro homem a fazer um bebê. Ela o provocou, chamou-o de Adão, e sentiu sua atenção se voltar para ela. Quase conseguia ouvir as engrenagens na cabeça dele, construindo grandes dinastias com aquela sementinha dentro dela.

“Você dará à luz em Sudeley”, disse ele. “Pois ele deve começar a vida em seu próprio castelo. Mandarei prepararem o lugar. Que o deixem digno de uma rainha, pois meu filho será o filho de uma rainha.”

Ela tem uma sensação avassaladora de fecundidade, sente-se mais mulher do que nunca, e seu desejo pelo marido aumenta todo dia conforme o bebê se desenvolve, invisível, no fundo de sua barriga. Mas Thomas, apesar de toda a adoração, não a toca por medo de fazer mal a ela. Katherine sente que vai enlouquecer de desejo, mas ele só a abraça e acaricia seus cabelos, murmura coisas carinhosas. Nunca se sentiu tão adorada nem tão frustrada.

Uma leve batida na porta a desperta dos devaneios.

“Entre”, responde Katherine.

Dot aparece. Sua touca está do avesso com a costura à mostra. Katherine percebe que algo está errado, pois o rosto dela está vermelho e seus olhos agitados não param. Dot raramente fica perturbada.

“O que foi, Dot?”, diz Katherine. “Tem alguma coisa errada.” Ela faz sinal para a garota vir para a cama.

Mas Dot não se senta. Faz uma sombra escura em contraste com a luz brilhante da tarde que vem da janela atrás. Está mexendo a boca para falar, mas não diz nada.

“Dot, o que foi? Aconteceu algo com William?”

Finalmente ela recupera a voz. “Não sei como lhe dizer isso, madame. Mas vou mostrar.”

Katherine se senta, sentindo o sangue subir à cabeça. O rosto de Dot está tão sério que ela se pergunta o que poderia ser. Sua barriga aperta, um nó de medo.

"A senhora tem que se preparar, madame."

Katherine a segue pelo longo corredor, pela galeria e pelo lance de escadas que leva à ala leste da casa. Ela se pergunta onde está todo mundo, depois lembra que é hora da oração e que devem estar todos na capela. Como se por sugestão, ouve um leve som, um salmo sendo cantado, atravessando as tábuas do chão… *Iahweh é meu pastor; nada me falta. Em verdes pastagens.*… Lá está aquela mulher, Astley, vindo apressada na direção delas. Por que não está na capela? Há algo de errado. Alguém está doente… a mulher se põe entre Dot e a porta.

"Acho que não…", diz num chiado.

"Deixe-nos passar, por favor, sra. Astley", murmura Dot.

Mas a mulher tem a mão firme na fechadura, os dedos agarrados com força, embora pareça incapaz de se explicar. Sua boca abre e fecha como uma truta, mas não saem palavras… *ele me guia por caminhos justos, por causa do seu nome*…

"Afaste-se", diz Katherine afinal, também num sussurro, sem saber por que, confusa com tudo aquilo e perdendo a paciência.

Mas Astley ainda está agarrada à fechadura com uma mão e agora segura a manga de Katherine com a outra, tentando empurrá-la para longe da porta… *ainda que eu caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei.*…

Katherine se solta e Astley parece se dar conta do que fez, pois larga a fechadura e se ajoelha, dizendo: "Perdoe-me, madame, por favor, perdoe-me".

"Pelo amor de Deus", diz Katherine rispidamente, "levante-se."

A porta abre devagar, revelando a grande cama de dossel, a cortina parcialmente fechada, as cobertas desarrumadas. Uma longa perna pálida se projeta para fora do lençol e sobre ela um braço, a palma para cima, a parte interna do cotovelo exposta, uma veia verde atravessando-o de cima a baixo. *Pois estás junto a mim; diante de mim preparas uma mesa*… A pele está úmida e há um cheiro quente no quarto que é horrivelmente familiar.

"Elizabeth, ela está doente…", diz Katherine perdendo o ar, sua cabeça se enche de pensamentos sobre a doença do suor e as histórias que contam quão rápido pode matar, lembra-se de seus conhecidos que foram levados por ela.

Então percebe que Elizabeth, que parece estar se mexendo agora, não está sozinha; há outra perna mais escura, maior, semiescondida entre as cobertas.

Sua mente leva um instante para se ajustar e tudo que ela consegue pensar é

que foi ela quem bordou a estampa de malvas-rosas naquele cobertor. Ela se lembra de ter feito isso num verão muito tempo atrás em Hampton Court. Concentra-se naquilo — cada ponto, cada flor, cada nó nos fios — para não pensar na segunda perna, pois é uma perna que ela conhece intimamente, cada marca, cada detalhe, a cicatriz de uma espada turca, o pequeno afundado na canela onde ele bateu quando caiu num degrau de pedra.

Alguém abre as cortinas. Deve ser Dot.

Mas Katherine se esforça para se manter de pé, agarra-se na coluna da cama… *felicidade e amor me seguirão todos os dias da minha vida*… Uma enxurrada preta a inunda, girando em sua cabeça.

Ela se sente caindo, depois, nada.

Katherine cai.

Sua cabeça bate com força no chão.

Tudo fica devagar. Dot se abaixa a seu lado. Ela está desacordada, mas respirando.

Seymour pula da cama, seu negócio balançando, agarra um travesseiro, empurra Dot bruscamente para o lado. Ele se abaixa, levanta a cabeça de Katherine e coloca o travesseiro por baixo, acaricia seu rosto. “Meu amor, meu amor.”

Katherine dá um pequeno gemido. Dot torce um pano na bacia e coloca sobre sua testa.

“Tranque a porta”, Seymour ordena a Astley, que está parada com uma mão sobre o peito, os olhos arregalados, inútil.

Agachado daquele jeito no chão, nu e peludo, ele parece meio homem, meio besta. Dot pega as roupas de Elizabeth, que estão espalhadas pelo chão, e as joga para ela. Elizabeth não se move. Parece horrorizada, agarrada ao cobertor que leva até o queixo. Sem dizer-lhe uma palavra, Dot fecha as cortinas.

“Cubra-se”, ela diz para Seymour, sem se importar com seu tom direto nem com quem está falando. “E é melhor ir embora antes que alguém apareça. Vou cuidar da rainha.”

Seymour, mudo de vergonha, junta suas coisas, veste as calças e o gibão, incapaz de olhar para Dot ou para a sra. Astley, que de todo modo estão ocupadas com Katherine. Finalmente, sai do quarto de fininho como um cachorro que fez algo errado.

Katherine não se mexe, parece estar dormindo tranquilamente, mas um

hematoma escuro e inchado começa a aparecer em sua testa onde bateu no chão.

Dot pensa com horror no fato de que levou Katherine até ali. Boatos circulavam na casa havia meses sobre o que estava acontecendo entre Seymour e Elizabeth. Dot tinha tentado contar para ela, mais de uma vez, mas Katherine se recusara a aceitar.

"Ele só está sendo um padrasto carinhoso, Dot", disse ela. "É só uma brincadeira inocente."

Dot sabia que não havia mais ninguém, já que Anne estava longe, que contaria a verdade para Katherine — somente Huicke, talvez. Mas ela deseja agora ter sido mais comedida, e ralha contra sua natureza impetuosa. No entanto nunca tinha imaginado, ao trazer Katherine até o quarto, que encontrariam nada além de Elizabeth no colo de Seymour no banco da janela, trocando carícias — ela nunca tinha imaginado *aquilo*.

Elizabeth aparece, vestida mas descabelada, abre as cortinas da cama e as endireita, arruma os travesseiros — algo que provavelmente nunca fez na vida.

"Ajude-me", diz Dot. "Precisamos colocá-la na cama." Dot pega os ombros e a sra. Astley os pés. Katherine pesa pouco, mesmo grávida é magra, e elas a colocam com facilidade na cama, cobrem-na com uma colcha. Dot abre a janela para deixar entrar ar fresco e sair o cheiro da cópula. Há um fedor de urina, também, e uma mancha escura na lareira, esclarecedora. Os homens, como os cães, urinam onde tiverem vontade. Dot ouve o burburinho das pessoas saindo da capela lá embaixo.

"Chame Huicke", ela diz para Elizabeth.

A garota olha para Dot com impertinência, esperando fazê-la lembrar-se de quem é, mas depois olha para a rainha inconsciente e corre para a porta.

"Espere, Lady Elizabeth", chama a sra. Astley, segurando-a pelo ombro. "Sua touca." Ela a veste na cabeça da garota, amarra-a debaixo do queixo, enfia o cabelo para dentro, e diz: "Vai ter que ficar assim mesmo, Bess".

Dot senta-se ao lado de Katherine, acariciando sua mão, e murmura para ela: "Senhora, acorde. Por favor, acorde".

As pálpebras de Katherine começam a se mexer, e ela puxa uma respiração profunda que parece trazê-la de volta à vida. "O que aconteceu?", diz baixinho, pondo a mão no hematoma. "Está doendo." Parece confusa por um instante, franze a testa e faz uma cara de dor. Depois: "Diga-me que não é verdade, Dot. Diga que eu estava sonhando", pede numa voz rachada, como se as palavras as machucassem.

"Não é um sonho, madame. Sinto muito, muito mesmo, mas não é um sonho."

“Oh, Dot”, é tudo que ela consegue dizer. Seus ombros afundam novamente e seus olhos se fecham; ela parece uma flor que murchou.

Huicke entra no quarto, e Seymour vem com ele.

“O que aconteceu?”, pergunta Huicke.

“Eu já disse”, replica Seymour. “Ela caiu e bateu a cabeça no chão.”

Huicke vê o hematoma, solta um som de desaprovação. Olha para Dot para confirmar.

Ela faz que sim.

“Certo”, ele diz, “deem-me um pouco de espaço.”

Dot se afasta.

“Quanto tempo faz que ela desmaiou?”

“Não mais de dez minutos”, responde Dot. “Ela acabou de acordar.”

“Kit”, ele diz em voz baixa, “como você se sente?”

“Não foi nada”, ela diz, “é só um galo. Mas e o bebê? Ele se machucou?”

O médico pede a Seymour que se retire enquanto ele a examina, em nome do decoro.

Mas Seymour se recusa, vociferando: “Ela é *minha* esposa, não há *nada* que eu não tenha visto”.

Huicke fecha as cortinas da cama, e eles ouvem sua voz baixa fazendo perguntas. “Alguma cólica, alguma coisa estranha na visão?”, e finalmente: “Nenhum dano permanente; é preciso mais que uma queda para perturbar esse bebê, ao que parece”. Ele sai e diz para Seymour: “Alguém precisa ficar ao lado dela durante a noite para ter certeza de que tudo está bem”.

“Eu vou…”, começa Seymour.

Mas Katherine o interrompe. “Eu gostaria que Dot ficasse comigo. Você se importaria, Dot?”

“Sim, sim”, diz Seymour atabalhoadamente. “É claro, são assuntos de mulher.”

Finalmente, depois de fazer questão de apalpar a testa da esposa, acariciar seus cabelos e afofar seus travesseiros, Seymour vai embora, e com ele a sra. Astley e Elizabeth também, que ficou parada na porta como uma vara, sem saber o que fazer. Só Huicke e Dot ficam com a rainha.

Dot guarda uma pilha de joias que Elizabeth tirou com pressa — vários anéis, alguns braceletes, um colar com alguns fios de cabelo presos no fecho — e, ao lado, aberto, virado para baixo, está o novo livro de Katherine. Vê-lo faz Dot sentir outro rompante de raiva pela garota.

Katherine segura o braço de Huicke e diz: “Fui tão tola. Devia ter escutado

você, Huicke. Estava certo, meu marido não é o que parece".

"Todos temos direito a cometer erros", diz o médico, beijando a mão dela.

Ele murmura alguma coisa para ela. Parecem namorados, e Dot pensa que pena Huicke ser um daqueles. (Ela sabe, pois o viu trocando carícias uma vez com aquele escritor atrás do ringue de luta de galos em Whitehall.)

"O que devo fazer?", suspira Katherine.

"Você sabe, Kit. A garota tem que ir embora — nem que seja para proteger a própria reputação. Quanto a seu marido…" Huicke deixa as palavras no ar.

Mas a verdade em seu silêncio paira no quarto — não há nada que ela possa fazer a respeito do marido.

Elizabeth está na sua frente, parecendo mais que nunca uma criancinha, completamente abandonada pela própria confiança.

"Sente-se." Katherine aponta para o assento a seu lado.

Confrontada com ela, Katherine não consegue sentir ódio pela garota; é Seymour quem deve levar a culpa por aquilo. Mas ainda assim ela percebe que o perdão não emerge com facilidade.

Elizabeth se senta, mas não consegue olhar nos olhos de Katherine e brinca com as pérolas do vestido. "Mãe, não sei…", ela começa, murmurando.

Mas Katherine a interrompe; não é capaz de falar sobre o que aconteceu ainda. "Fiz preparativos para você ir para a casa de Lorde Denny em Cheshunt. Lady Denny é irmã da sra. Astley, mas acho que você já sabe disso."

Elizabeth faz que sim. "Farei qualquer coisa que você pedir." De repente ela se ajoelha e enterra o rosto no colo de Katherine. "Não consigo nem começar a descrever quanto me odeio pelo que fiz, mãe." Sua voz sai abafada.

"Levante-se", diz Katherine. "Pare de se esconder. O que foi feito já foi. Precisa aceitar isso." Está surpresa com a própria raiva, pensava que saberia escondê-la melhor.

Elizabeth começa a se levantar. "Farei qualquer coisa para me desculpar."

"O que você deve fazer, Elizabeth, é seguir meu conselho. Estou há muitos anos nesta terra e aprendi algumas coisas. Acharia bom se você também aprendesse essas coisas antes que se arruíne."

"Aprenderei, eu prometo."

"Você precisa entender, Elizabeth, que a paixão é passageira. Não significa muito na ordem das coisas. Você é governada demais por suas paixões. Precisa contê-las."

Elizabeth faz que sim com a cabeça; Katherine mal reconhece essa garota obediente.

“Você tem uma natureza volúvel e precisa encontrar uma maneira de refreá-la — encontre alguma constância, vai ser útil para você.” Katherine sente uma onda de tristeza inundá-la. Sua família está se fragmentando, mas sua raiva fervilha e ela precisa segurar com força para que não escape. “Aquilo que aconteceu… isso…” Ela não sabe como pôr em palavras, não consegue chamar pelo nome — traição. “Há episódios na vida com os quais aprendemos nossas lições mais profundas, e às vezes esses são os episódios de que temos mais vergonha. Esse poderia ser o pivô de sua mudança, Elizabeth. Poderia ser o que definirá você… pense nisso.”

Elizabeth parece desalentada, realmente arrependida, e Katherine acha bom que ela não esteja chorando lágrimas de crocodilo e implorando por perdão ou tentando encontrar formas de justificar seu comportamento.

“Você não quer que as pessoas a chamem de filha de sua mãe. Seria sua ruína.”

“Minha… minha mãe era…” Elizabeth começa a dizer alguma coisa, mas parece mudar de ideia. “Eu não a conheci.”

“Não, nem eu.” Mas Katherine ouviu muito sobre Anne Boleyn. “Só sei o que as pessoas disseram dela, Elizabeth, e não importa como ela realmente era, é assim que lembram. Você não quer ser lembrada por isso, pois vai se prender a você e nunca mais sair.”

“Queria só que não tivesse acontecido. Destruí o amor que você me deu…” Seus olhos perderam o brilho de sempre, parecendo escuros de arrependimento.

“Estou mandando você embora pelo seu próprio bem, não pelo meu. Agora venha.” Ela estende a mão chamando a menina para perto. “Dê-me um beijo, pois não a verei de novo antes de você partir.”

Quando Elizabeth beija seu rosto, ela não consegue não pensar em Judas.

No momento em que a garota está saindo, Katherine diz, como reflexão: “Tome cuidado ao se casar, Elizabeth, pois uma vez que o anel esteja em seu dedo, você perderá tudo. E é uma garota que gosta de estar no controle”.

Depois que a porta se fecha, lágrimas se acumulam nos olhos de Katherine e ela se pergunta se esteve errada o tempo todo sobre ela. Pensava que Elizabeth era incompreendida. Sua irmã Anne não gosta dela — Dot tampouco. Ela se pergunta se tinha simplesmente caído no charme dela, como Meg. Afinal de contas, não resistira ao charme de Seymour — fica mortificada ao pensar nisso agora —, então por que resistiria ao de Elizabeth?

13

Velho solar, Chelsea, junho de 1548

Elizabeth vai embora amanhã, e já vai tarde. Dot mal pode esperar. Katherine age como se nada tivesse acontecido, mas Dot consegue perceber a mudança nela, uma fragilidade por baixo da superfície que já tinha visto antes. Katherine fala sempre sobre o bebê, isso a acalma. Dot sonhava em cuidar daquele bebê, mas isso não vai acontecer, pois ela também está grávida. Não contou a ninguém até que ficou aparente — só para William, que ficou doido de alegria. Ela guardou segredo, mas faz cinco meses agora e não pode mais esconder.

"Você deve ir e preparar sua própria casa. Tem um bebê na barriga para cuidar, e seu marido também", Katherine disse. Estava planejando a mudança para o castelo de Sudeley onde o bebê *dela* vai nascer.

Dot se sentiu totalmente desnorteada diante da ideia de ir embora, protestou, mas Katherine foi firme e Dot sabe muito bem que quando está decidida sobre alguma coisa é inútil tentar fazê-la mudar de ideia. Mas a ideia de abandoná-la com aquele homem a faz se sentir mal. Katherine disse uma vez, na véspera do casamento com o rei, que as coisas muitas vezes acabam do jeito que você menos espera, e Dot tem pensado em quanto isso é verdade. Tanto Katherine quanto Dot se casaram por amor. Uma coisa tola de se fazer, na verdade — e pela ordem das coisas ambas deveriam estar colhendo arrependimentos. Mas Dot nunca esteve mais feliz do que com William Savage. Ela se lembra de como costumava repetir o nome dele de novo e de novo, emendando no dela: Dorothy Savage. Não passava de uma história que tinha inventado sobre seu futuro e não era uma coisa que realmente poderia acontecer. Mas *aconteceu*; ela *é* Dorothy Savage. Só de pensar no marido sua barriga se revira de desejo, mesmo agora, depois de mais de um ano e meio de casados.

Ela conseguiu seu final feliz. Quem teria imaginado, depois de todo aquele tempo pensando que William Savage era um mau caráter, que ele se revelaria a criatura mais bondosa e doce que já passou pela terra? Foi Seymour quem se mostrou ser do tipo ruim.

Então as coisas estão mudando. Katherine e sua comitiva irão para Sudeley, Dot irá para sua casa, Coombe Bottom, em Devon — quem diria, ela em sua

própria casa, com uma dama para servir. Elizabeth já foi para Cheshunt com Lady Denny, que é muito rigorosa, segundo dizem. Dot ajuda Katherine a empacotar as coisas de valor. Depois de tanto empacotar e desempacotar, será provavelmente a última vez. Será um baque abrir mão de tudo aquilo.

"Não há como saber", diz Katherine, "com os homens, qual é a maçã podre. Ou talvez não seja bem isso. Talvez nosso desejo encubra nosso juízo. Seja como for, Dot, estou feliz que tenha seu William Savage."

"Mas e a senhora?", pergunta Dot.

"Uma coisa que aprendi, Dot, é que você nunca sabe o que o destino reserva para você."

Havia um tempo em que teria dito algo mais, como "Você nunca sabe qual é o plano de Deus". Ela mudou. Mas todos mudaram. Dot se lembra da visita à mãe e de como sentiu que não pertencia mais à própria família, que os deixara para trás, sem nem saber. Ela se perguntava se fora a capacidade de ler que a tinha transformado mais ou as semanas em Newgate, ou todo o tempo que passou nos palácios reais vendo todas aquelas coisas.

Dot pensa às vezes em como, quando garota, imaginava o rei e sua corte como Camelot, e depois disso teve a chance de ver por si mesma que não é nem um pouco assim. Camelot é só um lugar em sua imaginação, pois a corte pode ser bonita por fora, mas por dentro é vil como o pecado. Imagina se aquelas histórias de cavaleiros e donzelas são só contos para crianças, e ela passou da idade de ouvir. Um dia, centenas de anos adiante, as pessoas contarão histórias sobre a corte do rei Henry e todo o romance — Henry VIII e suas seis esposas. Mas falarão elas do terror que vinha junto, ela se pergunta, ou farão parecer uma era de ouro?

Estão separando os pares de uma pilha de luvas decoradas com joias, e uma está sem par.

"Para onde vão todas essas luvas perdidas?", Katherine ri, colocando as outras numa caixa. Depois se recosta, põe as mãos sobre a barriga e diz: "Dot, sinta isto". Ela pega a mão de Dot e coloca sobre seu ventre redondo.

Dot consegue sentir o movimento debaixo dos dedos, como um peixe nadando lá dentro. "Ó", exclama, pensando em seu próprio peixinho nadando dentro dela, uma vida inteiramente nova que será vivida, seja como for. "É um garotinho agitado."

Sempre falam dele como um menino, nem mesmo imaginam que possa ser outra coisa.

"Tenho esse pequeno para cuidar, Dot", diz Katherine. "Ele me faz mais feliz

do que eu podia imaginar, e, embora esteja perdendo você, tenho muitos amigos sinceros por perto. E recebi uma carta de Mary.” Ela tira um papel dobrado da bolsa, abre e sacode como que para provar que existe. “Fizemos as pazes. Foi esse menininho”, ela passa a mão na barriga, “que renovou nossa amizade. Ele já está fazendo o bem por todos nós, mesmo antes de nascer. Que bênção ele é.”

“Fico pensando em como vou me sair sem sua sabedoria.” Dot sente o puxão doloroso por dentro, como um dente sendo arrancado, marcando o início da separação.

“Sabedoria!”, Katherine diz com uma risadinha.

Dot não sabe o que ela quer dizer com aquilo, se é que a sabedoria não é tudo aquilo que dizem ou se ela não é tão sábia quanto Dot pensa.

“Olhe.” Katherine pega um bracelete, de ouro com granadas. Segura a mão de Dot e coloca-o no pulso dela. “Fique com isso para dar sorte com o bebê.”

Dot sorri, levanta o braço para admirar. “Obrigada. Não só por isto… quero dizer obrigada por tudo.”

“Não precisa agradecer”, Katherine diz bruscamente, parecendo envergonhada.

Dot se pergunta se ela também está sentindo aquele puxão doloroso da separação.

“Sinto falta do crucifixo de minha mãe, Dot. Fico pensando se aquela mulher o devolverá um dia.”

Dot gira o bracelete no pulso e pensa em seu futuro. Min e sua família já estão instalados em Coombe Bottom, e ela imagina como será viver com a irmã. Sabe tão pouco sobre ela, pois Min mal tinha completado oito anos quando Dot saiu de Stanstead Abbotts. Pensa na vida tomando forma dentro dela e em seu querido William Savage e imagina o futuro deles extenso como um jardim a ponto de florescer, cada canteiro diferente, lavanda aqui e rosas ali, capuchinha, malva-rosa e todas as ervas que vai transformar em remédios, como Katherine ensinou, para cuidar da família. Ao longe, vago e disforme, pois ela não sabe realmente como é, está o mar. William diz que se pode ver o mar dos jardins de Coombe Bottom.

“Imagino que, com o tempo, conseguirei perdoar Elizabeth”, diz Katherine, como se pensando em voz alta.

“Mas *como* a senhora a perdoará?”, pergunta Dot. Não consegue pensar que tal coisa seja possível. Para o que está fazendo — dobrando panos — e olha para Katherine, esperando a resposta.

“Não foi Elizabeth quem tornou Seymour o que é. Ele sempre foi assim.” Ela

olha nos olhos de Dot. “Fui *eu* quem não viu.”

“Mas…”, começa Dot.

A rainha ergue a mão, pedindo silêncio.

“Elizabeth é…” Ela para, dando um suspiro. “Ela só tem catorze anos.” Estica o braço para soltar sua gargantilha; é uma linda corrente de margaridas esmaltadas de amarelo e branco sobre o ouro. Dot passa o cofre, ela abre e coloca a corrente em um dos compartimentos de seda. “Elizabeth sofre mais do que eu pelo que fez. É mais fácil ser traída do que trair, Dot.”

Mas Dot não pode perdoá-la. Ficou horrorizada com o que encontrou naquele dia. Foi como se ela mesma tivesse sido traída. O arrependimento ainda a corrói por ter levado Katherine ao quarto de Elizabeth. William sempre dissera que se intrometer nunca ajuda, e estava certo. Mas Dot não conseguiu se segurar, e era na lealdade a Katherine que estava pensando. Se for sincera, no entanto, também fez aquilo pelo ódio que sente por Elizabeth. Só que acabou sendo Katherine quem se machucou. Teria sido melhor se nunca tivesse sabido?

Dot queria ser mais como Katherine, misericordiosa, em vez de ser do tipo que guarda rancor. Mas ainda culpa Elizabeth pela infelicidade de Meg, até mais do que Murgatroyd. Como explicar? Meg teria dito que Deus estava testando sua fé, como Jó; Dot não consegue ver desse jeito. Nunca entendeu a história de Jó.

Elizabeth é um enigma. No dia antes de ir embora, Dot tinha ouvido sua conversa com Jane Grey no gramado no fundo do pomar. Aquilo fez Dot lembrar como ela e Meg costumavam se esconder no pomar em Whitehall e partilhar segredos.

Dot estava à beira da lagoa com o pequeno Ned Herbert, contando os peixes. Elizabeth passou de braço dado com Jane Grey, sem sequer olhar na direção de Dot — nada de novo. Mas Jane acenou e cumprimentou-a, dando um de seus sorrisos alegres. Dot está contente que Jane Grey vai para Sudeley com Katherine. É uma garota adorável, mesmo que bastante séria. Sempre está com o nariz num livro — geralmente a Bíblia. Nisso é um pouco como Meg, mas costuma sorrir e é bem mais alegre do que a pobre Meg era.

Dot não teve como não ouvir Jane perguntando a Elizabeth sobre ela — de que família vinha Dot? —, e chegou mais perto para escutar, trazendo Ned consigo, dizendo que era uma brincadeira de espionagem.

“O pai dela construía telhados, acredita?”, disse Elizabeth com uma risada, tirando o chapéu, soltando a capa e jogando-se na grama.

Jane deu de ombros. “Seu marido toca como um anjo. E, além do mais, eu gosto dela.”

“É mesmo?”

Jane não disse nada. Às vezes não há como responder a Elizabeth.

A outra puxou uma folhinha da grama, segurou-a entre os dedos, assoprou para fazer um apito. “Se você fosse homem por um dia, o que faria?”

“Não consigo imaginar uma coisa dessas”, respondeu Jane.

“Pense no poder. Eu gostaria dessa sensação, de ter todas as mulheres do mundo para servir você. Seria um bom homem, acho.”

Ficaram em silêncio por um tempo. Dot estava pensando em como todo mundo já fazia o que Elizabeth queria, de todo modo.

“A rainha não quer me ver…”, soltou Elizabeth de repente, e fez uma pausa. Depois continuou: “Você sabe o que foi que eu fiz, Jane?”.

Jane sacudiu a cabeça, sem dizer nada.

“Eu a traí, e ela não quer me ver antes de eu ir embora.”

“Você quer que eu transmita algum recado para ela?”, perguntou Jane.

“Sim”, disse Elizabeth. “Você pode dizer a ela que levei a sério tudo o que me disse e espero que um dia seja capaz de me perdoar?”

“Tenho certeza de que o fará”, disse Jane. “É uma das pessoas mais piedosas que já conheci.”

“Talvez. Mas, Jane, você não sabe o tamanho da traição…” Ela parou para apanhar uma margarida, que ficou girando entre os dedos. “Ela me disse que sou uma garota que gosta de estar no controle. Você acha isso, Jane?”

Jane pegou outra margarida e passou para ela. “Acho que sim. Você não gosta de ser mandada.”

“Isso faz de mim mais homem que mulher, então?” Elizabeth riu amargamente, sem esperar uma resposta, depois confessou de repente: “Você sabe que eu me deitei com o marido dela”.

Jane arfou de surpresa ao ouvir aquilo, cobriu a boca, o constrangimento deixando seu rosto vermelho.

“Não consigo explicar por quê”, continuou Elizabeth. “Já tentei entender, mas não consigo. Às vezes, no entanto, há coisas a que não consigo resistir, mesmo que sejam terríveis.” Ela rolou de bruços, apoiou-se nos cotovelos, o queixo entre as mãos. Tinha partido a margarida e soltou-a no chão. “Faço coisas para me sentir viva, mas depois acabo me sentindo mais morta que nunca.”

Havia lágrimas nos olhos escuros de Elizabeth, uma coisa que Dot não acreditava ser possível. Ela sempre imaginara que Elizabeth era feita de coisas secas e resistentes, e não tivesse uma gota de líquido no corpo.

“*Odeio* aquele homem, mais do que odeio o diabo.”

“Seymour?”

“Sim, ele. E estou tão cheia de arrependimento que não sei o que fazer. Ela é a única mãe que tive. Sou como um menino que arranca as asas das moscas para vê-las sofrer.” Elizabeth piscou para afastar as lágrimas e inspirou antes de continuar. “Você sabe que ele fez a corte a minha irmã Mary, e quando ela o mandou embora ele tentou *comigo*. Deve ter pensado que eu era burra se imaginava que me casaria com ele sem a permissão do conselho, pondo minha cabeça em risco.” Sua voz queimava de raiva. “Então, ele se casou com a rainha.”

“Seymour tentou se casar com Lady Mary *e* com você? Mas pensei que fosse um casamento por amor com a rainha, que estivessem apaixonados…”

“Rá!”, interrompeu Elizabeth, sem deixar Jane terminar. “Amor. O que é o amor? Ambição, é mais isso. Aquele homem não conseguiu uma princesa de sangue, então a rainha era a próxima escolha. O que você acha disso, Jane?”

“Eu… não sei o que pensar.”

“Ele teria se casado com *você*, Jane Grey, se pudesse. Tem uma boa dose de sangue real.”

Jane tinha uma expressão de horror no rosto.

“É brincadeira, Jane, brincadeira”, riu Elizabeth amargamente. “Acho que com onze anos você seria nova demais até para Seymour.”

“Mas…”

“Sem mas, Jane. Aposto com você todo o ouro do mundo que, se a rainha caísse morta, amanhã Seymour bateria na *minha* porta.”

Jane soltou uma exclamação de choque.

“Se você quiser um conselho meu”, continuou Elizabeth, “não se case com ninguém…” Ela parou, deixando as palavras no ar.

Dot imaginou que devia estar pensando em quão inútil era aquele conselho, pois aquelas meninas seriam dadas em casamento a alguém, quer gostassem ou não.

“E você sabe o que mais a rainha me disse? Que as coisas que nos dão mais vergonha também podem dar as maiores lições…” Ela parou, depois perguntou: “Você acredita nisso, Jane?”.

“Se você prestar atenção nas parábolas, é verdade”, respondeu Jane, seus olhos seguindo uma mamangaba que pousava de flor em flor, sem querer olhar para Elizabeth.

“Você é a verdadeira temente a Deus, não é?”

Lá estava seu ferrão, mas Elizabeth é assim, não consegue evitar. Dot pensa

que nunca entenderá a garota — mas, talvez, nem mesmo a própria Elizabeth seja capaz de solucionar seu enigma.

Castelo de Sudeley, Gloucestershire, agosto de 1548

Katherine descansa em um quarto silencioso, à sombra, esperando o nascimento do bebê. Dizem que no confinamento as cortinas devem ser fechadas e as janelas também, mas cada vez que deixam Katherine sozinha com Mary Odell elas escancaram tudo novamente, deleitando-se com a luz do verão e a brisa morna. Debaixo da janela estende-se o jardim geométrico, intricado como um tapete oriental, e na ponta há uma lagoa ornamental com peixes, que faz Katherine se lembrar do sobrinho Ned, que adorava tanto ver as carpas na lagoa em Chelsea. Aquilo por sua vez a faz pensar com uma doce saudade em Dot, que estava sempre ali com ele à beira da água, apontando para os peixes. Mary Odell é bastante bondosa e solícita, ainda que um pouco lenta, mas não é Dot, que, apesar de todos os devaneios e esquecimentos, tinha um jeito de sempre saber o que Katherine queria antes dela própria. Mais próxima que um parente, é assim que ela sempre se lembrará de Dot. Gostaria de receber uma visita da irmã Anne, mas o marido dela faz parte do novo conselho privado e gosta que ela esteja na corte a seu lado. Anne virá quando o bebê nascer.

Katherine consegue ver as ameias de pedra dourada da St. Mary, e adiante o parque ressecado se estendendo ao longe, com árvores antigas espalhadas e bandos de veados. De todos os grandes palácios e castelos onde Katherine morou ao longo dos anos, este é o que mais se parece com um lar, e ela está ansiosa para sair e explorar em volta. Mas precisa ficar encarcerada em seu quarto escuro como uma tumba até a chegada do bebê.

Ao voltar, Lizzie Tyrwhitt reclama bufando enquanto fecha todas as janelas novamente e puxa as cortinas, pedindo a Mary Odell que a ajude, ao que ela obedece, embora os ombros estejam tremendo com o riso contido, pois sabe que, no minuto em que Lizzie sair, Katherine vai pedir que abra tudo novamente. Katherine gosta de Lizzie; passou muito tempo com ela ao longo dos anos. Na verdade, eram cunhadas no primeiro casamento de Katherine com Edward Borough e viveram juntas em Gainsborough Hall por um curto período. Mas Lizzie consegue ser insuportavelmente truculenta quando se trata de qualquer coisa ligada a um nascimento.

Jane Grey vem todas as tardes, e Levina Teerlinc também, ela chegou há

pouco tempo para pintar um retrato de Jane para o rei. Levina sempre se senta para desenhar todos cuidando de suas coisas, com seu cão, Hero, ao lado que apoia a cabeça em seu colo, ambos embalados pelo som do carvão raspando no velino. Ela tem um dom para capturar coisas: o modo como Mary Odell joga o cabelo para trás com as costas da mão; o comportamento agitado de Lizzie; a expressão séria de Jane quando lê *Paráfrases* em voz alta. Jane tem um apetite pelo saber e com frequência gosta de comparar as versões de Erasmo em latim e em inglês. Katherine ainda sente um tiquinho de orgulho por seu papel na tradução e lembra-se, também, dos maridos para quem leu aquele livro — mas não Thomas. Ele mal consegue ficar sentado tempo suficiente para rezar pelo nascimento seguro do filho.

Agora que voltou de Londres para esperar o parto, nenhum homem pode entrar no quarto, a não ser Huicke e Parkhust, o capelão. E ele só permite a entrada dos dois porque não pode recusar a ela um médico nem um padre, mas sempre fica junto quando eles estão lá, olhando feio: seu ciúme atingiu proporções excessivas. Então o jardineiro não vem mais todos os dias com flores frescas, nem mesmo seu camareiro ou o escrevente, pois Thomas não permite. Katherine se lembra de como, não tanto tempo atrás, via o ciúme dele como prova de amor. Quão enganada estava.

Seymour é como o menino no mito grego fadado a olhar sem parar para o próprio reflexo. Como é que se chamava? Ela parece não se lembrar de nada ultimamente. Lizzie Tyrwhitt disse que é porque está grávida. Ela espera que seja mesmo, porque mal consegue chegar ao final de uma sentença sem esquecer o começo.

Thomas está mais atencioso que nunca, no entanto, usando seu charme para fazer as criadas providenciarem e trazerem coisas, frutas frescas do jardim, tônicos de vinho da adega, doces da cozinha, e ele mesmo traz presentes todos os dias, um leque decorado com joias, um livro de poemas, um ramo de violetas; senta-se ao lado dela por horas, lendo em voz alta e comentando boatos de Londres, ainda inflexível, seguro de que vai negociar o casamento de Jane Grey com o rei. Está até mais esperançoso agora que Mary, a rainha da Escócia de cinco anos, está fora do páreo. Ela está noiva do delfim e logo viajará para a França, para viver com a família real. Um dia, será rainha da França e também da Escócia, pobre garota. Enquanto isso, Thomas continua a manifestar a cólera que sente pelo irmão por causa das joias de Katherine. O relacionamento entre eles se deteriorou e Thomas escreve cartas raivosas que são ignoradas.

Mas tudo aquilo já não interessa a Katherine, que deixa as palavras no ar,

escutando pela metade, desatenta. Seus sentimentos por Thomas se transformaram irrecuperavelmente naquele dia em Chelsea; o amor desapareceu como a água escorre por um buraco. Buscando dentro do coração, vê que perdoou Elizabeth e as cartas que a menina mandou, hesitantes e em tom de desculpa, tristes, são tocantes. Katherine tem certeza de aquele erro formará o caráter dela e só consegue pensar naquela menina perdida com ternura. Quanto a seu próprio casamento, ela pensa nele como um casamento arranjado, do tipo que a maioria tem, e tenta vê-lo mais como outro episódio do que como um erro. Afinal de contas, deu-lhe esta criança.

Katherine pensa sem cessar no bebê e se imagina perdoada por Deus — pois essa bênção, depois de todos aqueles anos de ventre vazio, com certeza é um presente dele. Pegou seu *Lamento* para ler e está revisando os próprios escritos, surpresa com a paixão e o fervor que já sentiu, quando tudo era diferente. Pensa naquele período como o "antes"; como Eva antes da queda. Desde então, ela mudou definitivamente, perdeu a certeza sobre as coisas, sobre a fé — mas com esse presente milagroso se formando dentro dela sente-se levada pela correnteza para um lugar melhor. Então escreve para Elizabeth, sua querida ovelha negra, encorajando-a a ler o livro e a aprender com ele como deixar de lado a fragilidade e a vaidade.

"Katherine", diz Thomas, "você está ouvindo?"

"Estava divagando", responde ela. "Pensando."

Estão sozinhos, e ela está deitada na cama vestindo só uma camisola solta, vermelha de calor e sem fôlego. Está enorme agora, há pouco espaço para o ar em seus pulmões, e sente constantemente alguma pressão debaixo das costelas — um pequeno pé ou mão, ela supõe. Não há conforto, seus pés estão dormentes e suas costas doem; está deitada de lado, apoiada em travesseiros, pois se deitar de costas desmaia.

"No que você estava pensando?"

Os olhos azuis dele brilham daquele jeito que ela costumava achar irresistível, mas já não acha; ela vê agora as joias falsas que são. Tem vontade de dizer que estava pensando no desapontamento que ele foi para ela, mas não o faz. "Estava pensando em nosso bebê."

"Nosso menino. Nós o chamaremos de Edward, em homenagem ao rei. Ele fará coisas grandiosas. Filho de uma rainha, primo de um rei, habitará os lugares mais nobres."

"Sim", murmura ela, "os lugares mais nobres." Em segredo, deseja uma filha, mas mal pode admitir para si mesma, pois todo mundo deve esperar um filho.

Chega Huicke, que entra no quarto sem alarde e espera o sinal de aprovação de Seymour ao dizer: “Trouxe um tônico para a rainha”.

“O que é?”, pergunta o marido.

“Ah, algumas ervas para dar saúde.” Ele serve uma medida do vidro e entrega para ela.

Mas Thomas o impede, segura seu braço, pergunta bruscamente “O que é exatamente?” e leva a taça ao nariz para cheirar o conteúdo. “Quero saber o que você está dando a minha esposa.” Está sendo arrogante, como sempre.

No entanto, Seymour só faz isso para se sentir um pouco no controle, pensa Huicke. “É uma infusão de folhas de framboesa, rainha-dos-prados e urtiga”, responde ele.

“E para que servem?”, Seymour pergunta, apertando com mais força o braço do médico.

“As folhas de framboesa ajudam no parto e a rainha-dos-prados alivia o refluxo.”

“E a outra, o que era?”, interrompe ele.

“A urtiga, senhor, dá força.”

Seymour solta o braço fazendo um som de desaprovação e passa a taça para Katherine, que bebe tudo. “De agora em diante *eu* darei o tônico para a rainha, Huicke. Entendido?”

O médico se imagina dando um tapa na cara do sujeito, até mesmo um soco, ou enfiando uma espada nele e observando o sangue escorrer.

“Huicke”, diz Katherine, entregando a taça vazia. “Meus pés estão completamente dormentes.”

“Vou massageá-los para você.” Ele se senta ao pé da cama, põe os pequenos pés dela no colo, esfrega-os entre as palmas enluvadas.

“Eu faço isso, Huicke”, vocifera Seymour, levantando-se. “Saia daí!”

“Como quiser, lorde almirante.” Huicke vai para o lado, observa como Seymour mexe nos pés da esposa desajeitadamente, como se segurasse um par de faisões mortos para serem depenados e eviscerados.

“Um pouco mais firme, querido”, diz Katherine, olhando para Huicke e revirando os olhos com um sorriso sardônico.

Essa é minha Katherine, pensa ele. Ainda não perdeu seu senso de humor.

“Pode ir”, diz Seymour altivamente, fazendo sinal para que ele saia.

Mas então Katherine dá um grito, um som grave animalesco, e sua bolsa se rompe espalhando líquido. Seymour dá um salto, agita os braços, o rosto estampado de asco e de medo.

“Vou chamar a parteira”, diz o médico, rindo por dentro de Seymour, que é conhecido por sua coragem, em pânico de tal maneira.

A água pinga, pinga, pinga no chão.

“Não, não”, Seymour está quase gritando. “Eu vou. Você fica com ela, Huicke.” E sai correndo do quarto.

Quando a porta se fecha, Katherine e Huicke desatam a gargalhar.

Huicke diz: “Homens!”, enquanto arruma os travesseiros para deixá-la confortável.

“Huicke”, ela diz em voz baixa. “Tenho medo deste parto. Não sou jovem…”

Ele põe o dedo sobre os lábios dela. “Shh, muitas mulheres dão à luz em segurança na sua idade. Trinta e seis não é tanto, Kit, e você é forte. Entregue-se, deixe o parto tomar seu rumo.”

Lizzie Tyrwhitt entra apressada e com ela um pequeno exército de damas, incluindo a parteira, de avental e armada com toalhas, lençóis e bacias de água.

“Faça o favor, doutor, nada de homens aqui dentro por enquanto.”

Ele beija Katherine no alto da cabeça, inspira seu perfume de violetas secas e retira-se.

Jane Grey está do lado de fora, seu rosto expressa preocupação. Ela é jovem demais para assistir a um parto. Ele a leva para um banco ao lado da janela e eles conversam por um tempo, escutando Seymour andando de um lado para o outro no corredor abaixo, seus pés batendo no piso de pedra. Os gemidos de dentro do quarto ficam mais fortes e insistentes, e a cada um Jane faz uma careta em silêncio.

“Você gosta da rainha, não é?”, ele diz.

“Ah, sim, fiquei muito afeiçoada a ela.”

“Eu também, Jane, eu também. Ela é uma dessas raras criaturas que é impossível não amar.”

“Dr. Huicke”, ela diz, olhando para ele com seus olhos pálidos, redondos. “Você acredita no novo mapa do universo?”

“Sim”, diz ele, pensando em quão mais velha ela parece do que sua idade.

“Bem, eu penso na rainha como o sol, em torno de quem nós orbitamos.”

“Eu não teria sido capaz de dizer melhor, Jane”, responde ele.

Ele a faz ir embora não muito tempo depois, contra sua vontade, mas os gritos de Katherine ficaram mais urgentes e inquietantes, e Huicke não quer que a garota fique aterrorizada. Não há nada que ele possa fazer, mas não consegue sair dali, então espera e espera, a noite toda e manhã afora. Cada vez que alguém sai do quarto para buscar lençóis limpos, trocar a água ou buscar comida para as

damas, ele se levanta, inquirindo com o olhar. Mas a resposta sempre é uma leve balançada de cabeça. Pobre Kit, está demorando.

Huicke espera, sente-se impotente, sabe que com todo o seu conhecimento médico não há nada que possa fazer para ajudá-la. Outro dia passa, torturantemente lento. Está quente e abafado como se uma tempestade estivesse se formando. A noite cai e ele se dá conta de que não comeu, e acha que não consegue.

Os minutos se arrastam. Os gemidos de Katherine o queimam. Ele se pergunta, pela primeira vez, se ela sobreviverá.

Bem quando começa a ouvir os primeiros pássaros cantando ao amanhecer, Lizzie Tyrwhitt irrompe do quarto, esvaída de exaustão mas sorrindo.

"Doutor, a rainha deu à luz uma filha. Vou chamar o lorde almirante."

Naquele momento ele sente que poderia se afogar nas lágrimas, e só então percebe quão enorme era sua ansiedade.

Katherine tem uma filha.

Ela é mãe.

Castelo de Sudeley, Gloucestershire, setembro de 1548

As pessoas se movem pelo quarto como sombras. Há sussurros e ruídos abafados e o leve tilintar de líquido sendo servido. Põem algo em seus lábios. É frio e escorre por sua garganta. A mente de Katherine vagueia, salta de uma coisa à outra. Ela se sente escorregando nas bordas da consciência. Está quente, queimando, e tem medo de já estar no fogo do inferno, depois se lembra do calor abafado do verão.

"Onde está Huicke?", murmura. "Preciso ver meu médico."

Não consegue se segurar em nada, os pensamentos caem de sua cabeça como pétalas de uma rosa morta. Ela tira as cobertas. Aquele lugar está um forno.

"Abram a janela", resmunga, mas não tem certeza se algum som saiu de sua boca.

Uma garota a abana com um leque; o ar frio gela sua pele onde está úmida de suor, e de repente ela se sente fria.

"Meg?"

"Jane", diz a garota.

E ela consegue ver agora — os olhos redondos e pálidos, o pescoço de cisne; não se parece nem um pouco com Meg.

Escuta fragmentos de conversa em voz baixa. Mary Seymour — lembra-se de ter escolhido Mary como nome do bebê em homenagem à enteada, que está de volta ao seio da família. Minha própria filha, pensa, ainda mal conseguindo acreditar.

"Jane", ela teme de repente pela criança. "Jane, a pequena Mary está bem?"

"Sim, está. Está sendo alimentada pela ama de leite."

"Eu queria segurá-la." Katherine quer apertar seu rosto contra a penugem suave da cabeça de seu bebê, respirar seu cheiro novo.

"Um bebê de uma semana não pode ser perturbado enquanto mama." É a mandona Lizzie Tyrwhitt.

A vontade de Katherine se torna desespero, por tocar sua menininha, sentir o aperto de sua pequenina mão em volta do dedo, ver sua boquinha de botão, inchada de tanto sugar. É insuportável estar separada dela. Tenta se sentar, levantar-se da cama, mas seu corpo é um peso morto.

"Calma, calma." Sente as mãos hábeis de Lizzie empurrando-a para os travesseiros. "Você vai vê-la quando acabar de mamar."

"Onde está Dot?", pergunta. "E Elizabeth? Onde estão minhas garotas?"

"Dot não está aqui", diz Jane. "Ela foi para Coombe Bottom, em Devon, a senhora não se lembra?"

Mas Katherine não consegue se ater às memórias. São como peixes molhados e escorregam dos seus dedos bem quando ela pensa que as apanhou.

"Mas Elizabeth está aqui…"

"Elizabeth está em Cheshunt com Lorde e Lady Denny."

O rosto de Jane entra e sai de foco, como se visto debaixo d'água. Katherine fecha os olhos e se deixa flutuar.

"Febre puerperal…", escuta Lizzie dizendo em voz baixa para alguém. É Seymour ou Henry? Não, deve ser Seymour, pois Henry já não existe.

Então estou morrendo, pensa com uma pontada de medo, imaginando, como costumava fazer, qual marido acompanhará no paraíso — se é para lá que ela vai. Não consegue pensar no outro lugar. Será o maior de seus maridos? Não, Henry certamente terá Jane Seymour a seu lado. Será o mais recente, então, o pai de sua filha? Ela implora em silêncio a Deus para não deixá-la com Seymour por toda a eternidade. Espera que seja Latymer, pois foi aquele com quem passou mais tempo. Querido Latymer, aquele que ela matou; o pensamento intensifica seu medo. O rosto dele paira sobre ela e Katherine se pergunta se veio buscá-la.

Mas é Huicke. Seus olhos estão carregados de tristeza.

Ela imagina por quê, percebendo em seguida que é por ela, lembrando-se de

que está morrendo. Segura o braço dele e o puxa para perto, põe a mão em concha perto de sua orelha.

“Huicke, ele me envenenou.”

Não sabe por que disse aquilo, de onde veio. Mas sente alguma coisa por dentro, alguma coisa de errado que aconteceu com ela. As palavras do marido voltam a sua mente — *Quero saber o que você está dando a minha esposa*.

“Ele quer se livrar de mim para poder se casar com Eliz…”

Não, ela diz a si mesma, interrompendo as palavras. Estou pensando no que fiz com Henry, com Latymer. Mas alguma coisa tomou conta dela e a está minando. Quem plantou aquilo ali? Ela sente a escuridão do outro lugar como uma sombra fria no canto do olho.

“Huicke”, ela sussurra no ouvido dele, “eu envenenei o rei?”

“Não, Kit, você não fez isso.”

Ela o sente acariciar seu cabelo. Está flutuando, escorregando, caindo.

“Estou indo, Huicke. Chame Parkhust. Chegou a hora.”

Então Seymour está a seu lado na cama, segurando sua mão. Ela sente que vai sufocar, tenta se libertar. Lizzie está ali, passando um pano úmido sobre seu rosto. O frio úmido é calmante.

“Não estão cuidando bem de mim”, diz ela para Lizzie. Consegue ouvir o barulho dela enxaguando o pano na bacia. “Aqueles em volta de mim não se importam comigo.” Tenta acenar com a cabeça na direção do marido, pois é dele que está falando. “Riem do meu infortúnio…”

“Como, querida?”, diz uma voz arrastada. “Eu nunca faria mal a você.”

É Seymour. Ele passou um braço em volta dela; é pesado como um grande membro de ferro, apertando-a. Ela o empurra, afasta-se, fica exausta com o esforço.

“Não, Thomas, eu acho que *sim*”, ela se ouve dizendo.

Um soluço abafado. Quem está chorando? Sente lágrimas no rosto onde Seymour acabou de dar um beijo.

“Eu teria dado mil marcos para ver Huicke antes, mas não ousei pedir por medo de desagradar você”, diz, surpresa com quão clara sua voz soa. Continua, murmurando: “Suas lágrimas são de culpa, não de tristeza”.

“Querida…”, ele diz, depois parece ficar sem palavras.

Um sopro de cedro e almíscar a infiltra — o cheiro dele. Sufoca-a insuportavelmente. Não quer que seja o último cheiro que sente na terra.

“Vá”, diz ela, sentindo-se mais leve quando ele se afasta — mais e mais leve, flutuando como um dente-de-leão.

Ali está Parkhust de pé diante dela, sua cruz de madeira balança no pescoço. Katherine fixa o olhar nela, o ponto estável em um mundo que gira. Parkhust segura sua mão, para impedir que ela devaneie.

“Deus me perdoará? Tenho tanto a ser perdoado.”

O hábito dele tem cheiro de velas recém-apagadas. Ela o ouve administrar os ritos, sente sua mão passar suave sobre a testa.

“Você certamente será perdoada”, ele sussurra.

Ela suspira e flutua, expirando.

Epílogo

Coombe Bottom, Devon, março de 1549

A filha de Dot tem quatro meses agora. Ela observa Min na praia em frente à casa com o bebê nos braços e seus dois filhos atrás aos passinhos na beira da água. Dot está no jardim aparando sua horta medicinal. Seu bracelete reluz ao sol; é aquele que Katherine lhe deu quando se despediram. Ela nunca o tira do pulso. Quando ficou sabendo da morte dela foi como um soco no estômago; achou que fosse enlouquecer de tristeza. A simples ideia de que não estivesse mais em algum lugar na terra era demais para suportar. Pensou nas pessoas que tinha perdido: primeiro seu pai que caiu do telhado, e a doce Letty, sua amiga de infância, depois Meg, e agora Katherine, cada um levado na hora errada. Todo mundo dizia: "Vocês estarão juntos novamente um dia".

Mas e se o paraíso e o inferno forem só histórias que as pessoas contam, como as de Camelot? É uma ideia pesada demais para sua cabeça.

Foi o nascimento de sua própria filha, sua querida bebê Meg, que a ajudou a manter a sanidade. E William, é claro; seu William Savage tem sido seu porto seguro e a pequena Meg é a corda que a prende a ele.

"Você não deve pensar tanto, Dot", William diz. "Se deixar esses pensamentos correrem soltos, levarão você à loucura."

Ele está certo, é claro; existem algumas coisas em que não se pode pensar.

Min e as crianças estão agasalhadas contra o vento. A maré está subindo e as pedras da praia estarão debaixo d'água dali a uma hora. Dot desenvolveu um amor pelo mar, seu constante sobe e desce, seu som, como o vento soprando entre as folhas. Min corre em círculos e as crianças vão atrás. Fragmentos de suas risadas chegam entre as lufadas de vento. Min já não é pequena — é uns bons dois centímetros maior que Dot, que já é bastante alta.

Dot gostou de conhecer a irmã. Nunca tinha pensando em quanto a família deixa sua marca em você, como o jeito de Min de ficar com a cabeça nas nuvens metade do tempo e o modo como não tem medo de praticamente nada e às vezes age antes de pensar. "O par impetuoso", é assim que William as chama, pois gostam de tirar os sapatos e as meias e procurar amêijoas entre as pedras com as saias arregaçadas como garotas de fazenda, sem dar a mínima por ficarem

encharcadas de água salgada, e quando nevou no inverno pegaram as maiores bandejas da cozinha e sentaram-se nelas para escorregar colina abaixo até a praia — coisas que damas não deveriam fazer nunca, nunca mesmo.

Mas, em muitas coisas, Min é diferente. Não tem interesse em aprender a ler, não dá a mínima para histórias. É de cantar que ela gosta e costuma acompanhar William à noite quando ele toca o virginal. É Dot quem ensina as crianças a ler, senta-se com elas, debruçada sobre os livros, corrige seus erros, ajuda-as a decorar o alfabeto. Sempre a faz pensar em Katherine, fazendo o mesmo com Meg e Elizabeth.

Não estão tão afastados em Devon a ponto de não terem notícias da corte, pois William é chamado com frequência para tocar para o rei e realizar outras tarefas, e volta cheio de boatos para contar. Seymour está na Torre por ter conspirado casar-se com Lady Elizabeth sem a permissão do conselho, o que é traição.

"Veja, *esse* é um homem que se deixou levar pela ambição", foi o que William disse.

Dot se lembra de ter ouvido Elizabeth no pomar em Chelsea… *Aposto com você todo o ouro do mundo que, se a rainha caísse morta amanhã, Seymour bateria na minha porta*. Ele perderá a cabeça por causa disso, é o que diz William. Elizabeth foi interrogada, chegou perto de perder a cabeça também. Dot quase sente pena da garota apesar de tudo, mandada de um lado para o outro, criada para ser isso e aquilo, receber reverências e mesuras, elevada, deposta, depois criticada por se tornar quem se tornou — e nunca um momento de inocência na vida inteira. Na verdade, se Dot pensar com cuidado, acha que pode ter perdoado Elizabeth. Mas não pensa a respeito com tanta frequência.

Ela se pergunta o que será da filha de Katherine, a pequena Mary Seymour, sem a mãe e com o pai na Torre esperando punição. William diz que ela ficará aos cuidados de Cat Brandon, pois é uma família digna de Mary. Dot deseja que Mary Seymour pudesse vir para Coombe Bottom e ser criada ali, aprender a ordenhar uma vaca, andar de pônei sem sela e catar conchas na praia na maré baixa, imagina-a com as crianças lá embaixo, cujas risadas sobem com o vento. Mas Mary Seymour é filha de uma rainha e deve ser criada como tal.

Dot olha para a água, reconforta-se com a ideia de que Katherine sobrevive, de certo modo, naquela filha bebê, e de como mesmo depois que todos eles tiverem virado poeira, a história continuará através dos tempos — infinita como o mar.

Agradecimentos

Há muitas pessoas a quem gostaria de agradecer e sem as quais *Xeque-mate da rainha* nunca poderia ter existido: a Katie Green por sua clareza e ideias insuperáveis; meus editores, em especial a Sam Humphreys, por acreditar em meu romance e pela sutileza de seu trabalho como editora, e a Trish Todd, que consegue enxergar um anacronismo a cem passos de distância e cuja contribuição foi inestimável; a minha agente Jane Gregory, por me encorajar quando *Xeque-mate da rainha* era pouco mais que uma centelha em meus olhos; a Sarah Hulbert, por sua infindável paciência e precisão; a Catherine Eccles, pelo apoio constante, pela amizade e pelos conselhos construtivos; a Stephanie Glencross, pela paciência com um primeiro rascunho trabalhoso e a Diana Beaumont pela paciência com o segundo; aos escritores da Bafta por me ajudarem a lidar com a matéria-prima; e finalmente ao inimitável George Goodman, por fornecer a inspiração inicial.

Personagens

(Os personagens estão em ordem alfabética pelo nome mais usado ao longo do romance.)

Anne Askew	Abertamente evangelista, suspeita de ligações com a comitiva da rainha; queimada na fogueira por heresia. (*c.* 1520-46)
Anne Boleyn	Ana Bolena, segunda esposa de Henrique VIII; mãe de Elizabeth Tudor; reformadora religiosa. Executada por suspeita de incesto com o irmão e adultério com vários cortesãos, o que era considerado traição, apesar de as acusações provavelmente serem falsas. (*c.* 1504-36)
Anne de Cleeves	Ana de Cleves, quarta esposa de Henrique VIII; seu casamento foi anulado devido à não consumação. (1515-57)
Cat Brandon	Duquesa de Suffolk (Willoughby de Eresby quando solteira); reformadora fervorosa e grande amiga de Catarina Parr; madrasta de Frances Brandon e "vódrasta" de Lady Jane Grey. (1520-80)
Catherine Howard	Catarina Howard, quinta esposa de Henrique VIII; executada quando tinha cerca de dezessete anos por adultério, considerado traição. (*c.* 1525-42)
Catharine de Aragón	Catarina de Aragão, primeira esposa de Henry VIII; antes fora esposa de seu irmão mais velho, Arthur, príncipe de Gales, que morreu antes de ascender ao trono. Mãe de Maria Tudor. Seu casamento foi anulado, o que nunca foi aceito pelos católicos. (1485-1536)
Cranmer	Arcebispo da Cantuária; inveterado reformador. Queimado por heresia durante o reinado de Maria Tudor. (1489-1556)
Denny	Anthony, Lorde Denny. Confidente de Henrique VIII e membro do conselho privado; cunhado da sra. Astley. (1501-1549)
Dot Fownten	Dorothy Fountain; criada de Margaret Neville quando criança; camareira de Catarina Parr quando rainha. Casada com William Savage.
Edward Borough	De Gainsborough Old Hall; primeiro marido de Catatina Parr; morreu antes de 1533.
Edward Tudor	Único filho de Henrique VIII; chegou ao trono como Eduardo VI com apenas nove anos. (1537-53)
Elizabeth Tudor	Filha mais nova de Henrique VIII; considerada ilegítima quando ele se divorciou de sua mãe, Ana Bolena. Tornou-se Elizabeth I. (1533-1603)
Frances Brandon	Lady Frances Grey, condessa de Dorset; esposa do marquês de Dorset; sobrinha de Henrique VIII; filha do duque de Suffolk e da irmã do rei, Maria Tudor; mãe de Lady Jane Grey; reformadora religiosa. (*c.* 1519-59)

Stephen Gardiner	Bispo de Winchester; membro do conselho privado de Henrique VIII; católico fervoroso. Com Wriothesley, tentou derrubar Catarina Parr, o que resultou temporariamente em seu próprio aniquilamento político. (*c.* 1493-1555)
Henry VIII	Henrique VIII, rei da Inglaterra; ascendeu ao trono em 1509. (1491-1547)
Hertford	Edward Seymour, conde de Hertford; mais tarde duque de Somerset e lorde protetor da Inglaterra. Tio mais velho do príncipe Eduardo (mais tarde Eduardo VI); irmão de Thomas e Jane Seymour; cunhado de Henrique VIII; marido de Anne Stanhope; reformador. Executado por traição. (*c.* 1506-52)
Huicke	Dr. Robert Huicke; médico de Henrique VIII e Catarina Parr; foi testemunha no testamento dela. (m. *c.* 1581)
Jane Grey	Lady Joana Grey; filha de Frances Brandon e do marquês de Dorset; viveu sob os cuidados de Thomas Seymour. Mais tarde, foi rainha da Inglaterra por duas semanas, tendo sido executada, com cerca de dezessete anos, por Maria Tudor. Fervorosa reformadora. (1536/7-54)
Jane Seymour	Joana Seymour, terceira esposa de Henrique VIII; mãe do príncipe Eduardo (mais tarde Eduardo VI); morreu após o parto. Henrique escolheu ser enterrado com ela por ser a única esposa que lhe deu um filho. (*c.* 1508-37)
Jane, a bufona	Há registro de uma bufona chamada Jane na contabilidade do tesouro pessoal durante os reinados de Henrique, Maria e Elizabeth. Não se sabe quase nada sobre ela além de que talvez tivesse o sobrenome Beddes ou Bede.
Katherine Parr	Catarina Parr, sexta esposa de Henrique VIII; irmã de William Parr e Anne Herbert. Mãe de Mary Seymour; morreu após o parto; reformadora. (*c.* 1512-48)
Latymer	John Neville, Lorde Latymer. Segundo marido de Catarina Parr; pai de Meg Neville. Envolveu-se de forma controversa e talvez a contragosto no levante católico da Peregrinação da Graça; foi perdoado por Henrique VIII. (1493-1543)
Lizzie Tyrwhitt	Lady Elizabeth Tyrwhitt; dama da câmara privada de Catarina Parr; assistiu-a em seu leito de morte. (m. *c.* 1587)
Margaret Douglas	Condessa de Lennox; sobrinha de Henrique VIII; filha de Margarida Tudor, rainha da Escócia, e seu segundo marido, Archibald Douglas. Meia-irmã de Jaime V da Escócia e tia de Maria, rainha da Escócia. Foi presa devido à ligação com Thomas Howard, meio-irmão do duque de Norfolk, e causou escândalo ao ter um caso com Charles Howard, irmão de Catarina Howard. Casou-se com o conde de Lennox, o segundo na linha de sucessão ao trono escocês, constituindo uma jogada política e tornando-se um ponto de apoio na Escócia para Henrique VIII. (1515-78)
Mary Odell	Criada de Catarina Parr quando rainha viúva. (*c.* 1528-58)
Mary Seymour	Filha de Catarina Parr e Thomas Seymour; criada na casa de Cat Brandon após a execução do pai. (1548-?)
Mary Tudor	Maria Tudor, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão; comprometida com o catolicismo, foi considerada ilegítima. Mais tarde, tornou-se a rainha Maria I, conhecida na história como “Bloody Mary” [Maria Sangrenta]. (1516-1558)
Meg Neville	Margaret Neville; filha de Lorde Latymer; enteada de Catarina Parr; reformadora. (*c.* 1526-*c.*45)

Sra. Astley	Katherine Astley (Champernowne quando solteira); governanta de Elizabeth Tudor; tentou negociar o casamento de Elizabeth com Thomas Seymour, e quase perdeu a cabeça por isso. (*c.* 1502-65)
Paget	Sir William Paget; escriturário do conselho privado; aliado do bispo Gardiner. (*c.* 1506-63)
Robert Dudley	Mais tarde conde de Leicester; favorito de Elizabeth I. (1532-88)
Anne	Anne Herbert (Parr quando solteira); mais tarde condessa de Pembroke; irmã mais nova de Catarina Parr; casada com William Herbert; serviu todas as rainhas de Henrique VIII; reformadora. (*c.* 1515-52)
Stanhope	Condessa de Hertford; mais tarde duquesa de Somerset. Casada com Hertford e portanto cunhada de Thomas e Jane Seymour; notoriamente desagradável e ambiciosa; reformadora conhecida, acreditava-se que tivesse dado pólvora a Anne Askew para acelerar sua morte na fogueira. (*c.* 1510-87)
Surrey	Henry Howard, conde de Surrey; herdeiro do duque de Norfolk. Poeta que acredita-se ter sido responsável, junto com Thomas Wyatt, por introduzir o soneto na Inglaterra. Executado com base em acusações forjadas relativas a seu direito de usar certas armas reais, porém mais provavelmente porque, em seus últimos dias, Henrique VIII temesse que o poder da família Howard fosse extenso demais. (*c.* 1516-47)
Thomas Seymour	Mais tarde barão Seymour de Sudeley e grande lorde almirante. Famoso por sua bela aparência; quarto marido de Catarina Parr; irmão de Hertford e Jane Seymour e portanto cunhado de Henrique VIII. Executado por, entre outras acusações, tentar se casar com Elizabeth Tudor. (*c.* 1509-49)
Udall	Nicholas Udall; autor de teatro e intelectual; escreveu *Ralph Roister Doister*, que acredita-se ser a primeira comédia inglesa; reitor de Eton, um cargo que perdeu por razões “imorais” não especificadas. Amigo de Catarina Parr; reformador. (*c.* 1504-56)
Will Herbert	“Audacioso” Will Herbert; mais tarde conde de Pembroke; marido de Anne Parr e cunhado de Catarina Parr; conhecido como militar brilhante e soldado corajoso; membro do conselho privado; reformador. (1501-70)
Will Parr	Tornou-se conde de Essex, depois marquês de Northampton. Membro do conselho privado; irmão de Catarina Parr; passou muitos anos tentando se divorciar de sua esposa Anne Bourchier por adultério a fim de se casar com Elisabeth Brooke; reformador. (1513-71)
Will Sommers	Bufão da corte de Henrique VIII. (m. 1560)
William Savage	Músico nas cortes de Henrique VIII e Eduardo VI; casado com Dorothy Fountain.
Wriothesley	Sir Thomas Wriothesley; mais tarde conde de Southampton. Lorde chanceler de Henrique VIII; fora aliado de Thomas Cromwell mas alinhou-se a Gardiner diante da morte de Cromwell; tornou-se um fervoroso conservador católico; uniu-se a Gardiner no plano malsucedido para derrubar Catarina Parr. (1505-50)

Procurei, onde possível, permanecer fiel aos fatos, acontecimentos e pessoas conhecidas do período. Somente alguns personagens menores, criados,

camareiros e a boca-suja Betty Melcher são inteiramente de minha invenção. Embora o suplício de Catarina em Snape esteja documentado, Murgatroyd também é uma figura imaginada.

As maiores liberdades foram tomadas com os personagens Dot e Huicke. Não se sabe quase nada sobre Dorothy Fountain a não ser o que está escrito acima. Ela era quase com certeza mais nobre do que a retratei, e não há nenhuma evidência de que o dr. Robert Huicke fosse homossexual. Tendo dito isso, *Xeque-mate da rainha* é um romance, e como tal todos os meus personagens são fictícios.

Desta distância no tempo, mesmo muitos “fatos” históricos são baseados em percepções errôneas e conjecturas, e os pensamentos e sentimentos das pessoas só podem ser imaginados.

Datas importantes

1509	Henrique VIII é proclamado rei (21 de abril). Henrique VIII se casa com a viúva do irmão, Catarina de Aragão (11 de junho). Nasce Thomas Seymour.
1512	Nasce Catarina Parr.
1513	Nasce William Parr.
1515	Nasce Anne Parr.
1516	Nasce Maria Tudor (18 de fevereiro).
1527	Henrique VIII tenta anular seu casamento com Catarina de Aragão, alegando que o casamento dela com seu irmão invalidava sua união aos olhos de Deus; o assunto ficou conhecido como “O grande problema do rei”.
1529	Catarina Parr se casa com Edward Borough (provavelmente no final da primavera).
1533	Henrique VIII se casa com Ana Bolena (25 de janeiro). Morre Edward Borough (primavera). Nasce Elizabeth Tudor (7 de setembro).
1534	Henrique VIII é declarado líder supremo da Igreja Anglicana no Ato de Sucessão (23 de março). O título de Catarina de Aragão muda para princesa-viúva de Gales. Maria Tudor é declarada ilegítima. Catarina Parr se casa com Lorde Latymer (verão).
1535	Thomas Cromwell é reconhecido como o principal secretário do rei e ministro-chefe. Começa a dissolução dos monastérios. Thomas More é executado por se recusar a aceitar o Ato de Sucessão e Henrique VIII como líder da igreja (6 de julho).
1536	Morre Catarina de Aragão (7 de janeiro). Ana Bolena é executada (19 de maio). Elizabeth Tudor é excluída da linha de sucessão. Henrique VIII se casa com Joana Seymour (30 de maio). Peregrinação da Graça; o norte se levanta em protesto contra a Reforma religiosa (setembro-dezembro). Catarina Parr (então Lady Latymer) é feita refém no castelo de Snape.
1537	Duzentos e dezesseis rebeldes do norte são executados. Lorde Latymer é perdoado. Nasce Eduardo Tudor, herdeiro do trono (12 de outubro). Joana Seymour morre de febre puerperal (24 de outubro).
1538	O ato de Cromwell pela dissolução dos grandes monastérios é aprovado. Henrique VIII é excomungado pelo papa (dezembro).
1539	A primeira edição da Bíblia em inglês é publicada (abril).
1540	Henrique VIII se casa com Ana de Cleves (6 de janeiro). O casamento com Ana de Cleves é anulado, devido à não consumação (9 de julho). Henrique VIII se casa com Catarina Howard (28 de julho). Thomas Cromwell é executado.
1541	Catarina Howard é executada (13 de fevereiro).

1542	Os escoceses são derrotados em Solway Moss (24 de novembro). Nasce Maria Stuart (8 de dezembro). Morre Jaime V da Escócia; Maria Stuart torna-se rainha dos escoceses com apenas uma semana de vida (14 de dezembro).
1543	Morre Lorde Latymer (março). Henrique VIII se casa com Catarina Parr (12 de julho). O tratado anglo-imperial é assinado, com o compromisso de atacar a França. Conservadores religiosos, incluindo Gardiner, o bispo de Winchester, estão em ascensão; um estatuto é promulgado restringindo a leitura da Bíblia em inglês às classes abastadas. Três pregadores luteranos são queimados (4 de agosto).
1544	Elizabeth e Maria Tudor são reintroduzidas na linha de sucessão, embora nenhuma das duas seja considerada legítima. Thomas Wriothesley é indicado lorde chanceler (3 de maio). Vitória na Escócia; Edward Seymour, conde de Hertford, queima Edimburgo (3 a 15 de maio). Guerra anglo-imperial contra a França; cerco de Bolonha; Catarina Parr governa como regente (19 de julho a 18 de setembro). O imperador faz um tratado secreto com Francisco I, abandonando portanto a Inglaterra na luta contra a França.
1545	Frotas inglesas e francesas se enfrentam perto de Portsmouth; o *Mary Rose* é afundado (19 de julho).
1546	Anne Askew é queimada por heresia (6 de julho). Gardiner e Wriothesley tentam derrubar Catarina Parr (julho e agosto).
1547	O conde de Surrey é executado (19 de janeiro). Morre Henrique VIII (28 de janeiro). A morte do rei é anunciada três dias mais tarde. Eduardo VI é proclamado rei, com Edward Seymour (que logo se tornaria duque de Somerset) como lorde protetor (31 de janeiro). Thomas Wriothesley (agora duque de Southampton) perde o cargo de lorde chanceler (6 de março). Catarina Parr se casa com Thomas Seymour (agora Lorde Seymour de Sudeley e lorde almirante da Inglaterra) em uma cerimônia secreta (primavera). O bispo Gardiner é preso (5 de setembro).
1548	Elizabeth Tudor é enviada a Cheshunt para evitar um escândalo sobre sua conduta sexual com Thomas Seymour (maio). Nasce Mary Seymour (filha de Catarina Parr e Thomas Seymour) (30 de agosto). Catarina Parr morre de febre puerperal (5 de setembro).
1549	Thomas Seymour é executado (20 de março).

Gostaria de expressar minha gratidão às três biógrafas de Catarina Parr — Susan James, Linda Porter e Elizabeth Norton —, cujas escavações históricas forneceram-me o quadro em torno do qual pude construir *Xeque-mate da rainha*.

Sou grata, também, aos autores listados abaixo, cujas obras me ajudaram a reconstruir algo próximo do mundo da corte Tudor.

BALDWIN SMITH, Lacey. *Treason in Tudor England: Politics and paranoia*. Londres: Pimlico, 2006.

BOORMAN, Tracy. *Elizabeth's Women*. Londres: Vintage, 2010.

DICKSON WRIGHT, Clarissa. *A History of English Food*. Londres: Random House, 2011.

DORAN, Susan. *The Tudor Chronicles 1485-1603*. Londres: Quercus, 2008.

DUFFY, Eamon. *The Voices of Morebath: Reformation and Rebellion in an English Village*. New Haven, CT: Yale University Press, 2001.

EMERSON, Kathy Lynn. *A Who's Who of Tudor Women*. Disponível em: <www.kateemersonhistoricals.com/Tudor-WomenIndex.htm>.

FRASER, Antonia. *The Weaker Vessel: Woman's Lot in Seventeenth-Century England*. Londres: Heinemann, 1984.

FRYE, Susan; ROBERTSON, Karen (Orgs.). *Maids and Mistresses, Cousins and Queens: Woman's Alliances in Early Modern England*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

HAYNES, Alan. *Sex in Elizabethan England*. Stroud: Sutton, 1997.

HUTCHINSON, Robert. *The Last Days of Henry VIII*. Londres: Phoenix, 2006.

HUTSON, Lorna. *Feminism and Renaissance Studies*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

IVES, Eric. *Lady Jane Grey: A Tudor Mystery*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

JAMES, Susan. *Catherine Parr: Henry* VIII*'s Last Love*. Stroud: The History Press, 2008.

MCGRATH, Alister E. *Reformation Thought: An Introduction*. Oxford:

Wiley-Blackwell, 1998.
MIKHAILA, Ninya; MALCOM-DAVIES, Jane. *The Tudor Tailor*. Londres: Bastford, 2006.
NORTH, Jonathan. *England's Boy King: The Diary of Edward vi, 1547-1553*. Welwyn Garden: Ravenhall, 2005.
NORTON, Elizabeth. *Catherine Parr*. Stroud: Amberley, 2010.
PLOWDEN, Alison. *The Tudor Women: Queens and Commoners*. Stroud: Sutton, 1998.
PORTER, Linda. *Katherine the Queen: The Remarkable Life of Katherine Parr*. Londres: Macmillan, 2010.
RIDLEY, Jasper. *A Brief History of the Tudor Age*. Londres: Constable & Robinson, 2002.
SIM, Alison. *Masters and Servants in Tudor England*. Stroud: Sutton, 2006.
SIM, Alison. *Pleasures and Pastimes in Tudor England*. Stroud: Sutton, 2002.
-. *The Tudor Housewife*. Stroud: Sutton, 1996.
SOMERSET, Anne. *Ladies in Waiting: From the Tudors to the Present Day*. Edison, NJ: Castle, 2004.
STONE, Lawrence. *The Family, Sex and Marriage in England 1500-1800*. Londres: Penguin, 1990.
THOMAS, Keith. *Religion and the Decline of Magic*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1971. [Ed. bras.: *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séc. Xvii e xviii*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.]
TRAVITSKY, Betty; CULLEN, Patrick (Orgs.). *The Early Modern Englishwoman*. v.3: *Katherine Parr*. Menston: Scholar, 1997.
WEIR, Alison. *Children of England: The Heirs of King Henry* VIII *1547-1558*. Londres: Vintage, 2008.
-. *The Six Wives of Henry* VIII. Londres: Pimlico, 1992.
WHITELOCK, Anna. *Mary Tudor: England's First Queen*. Londres: Bloomsbury, 2009.
WITHROW, Brandon G. *Katherine Parr: A Guided Tour of the Life and Thought of a Reformation Queen*. Philipsburg, NJ: P&R, 2009.



PHYLLIS CHRISTOPHER

ELIZABETH FREMANTLE é formada em Letras e tem mestrado em escrita criativa. Foi editora de moda da *Vogue*, *Elle* e *Vanity Fair*. Também é autora de *Sisters of Treason*, publicado em 2014 na Inglaterra.

Copyright © 2013 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Queen's Gambit

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Malgorzata Maj/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-1512-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
Epílogo
Agradecimentos
Personagens
Datas importantes
Leitura Adicional
Sobre a autora
Créditos